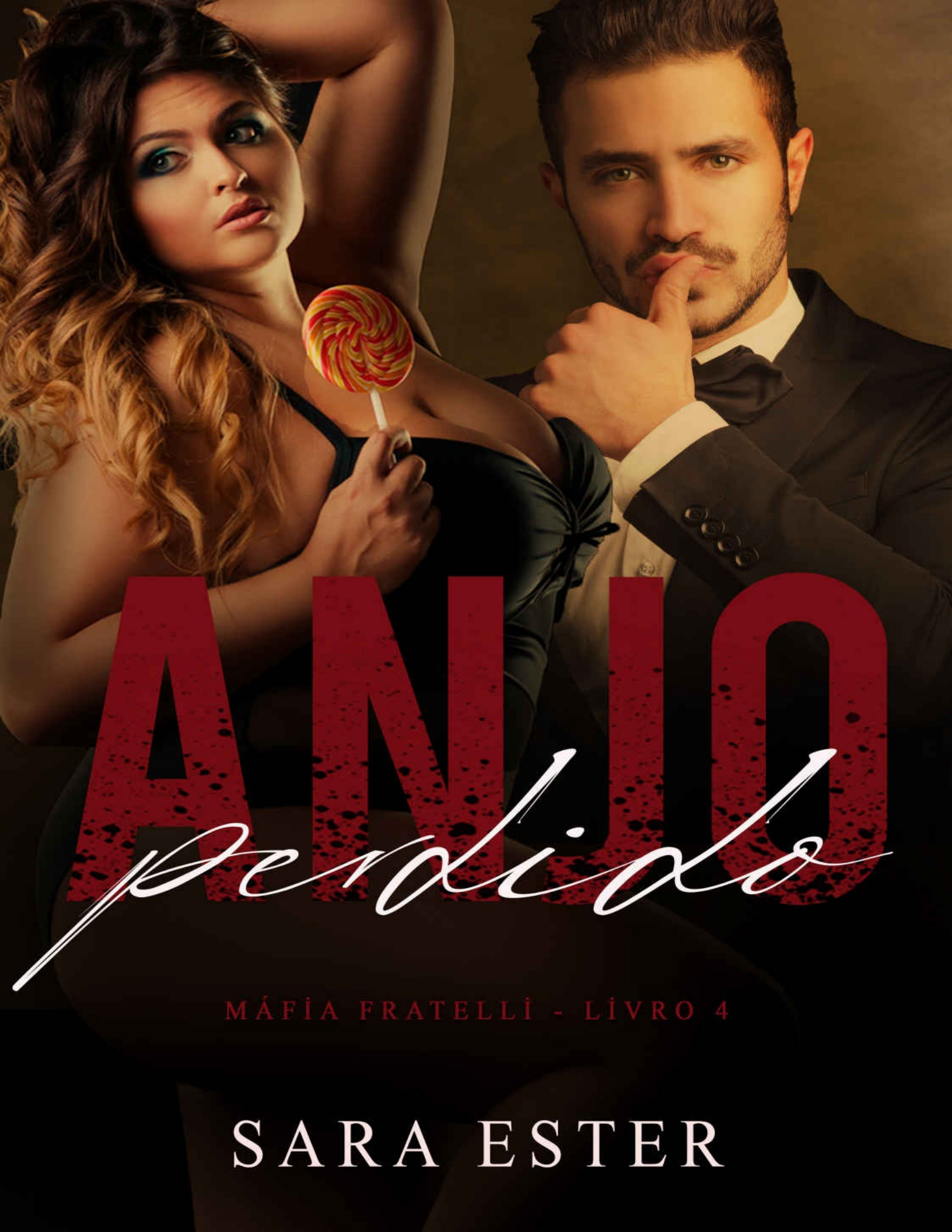
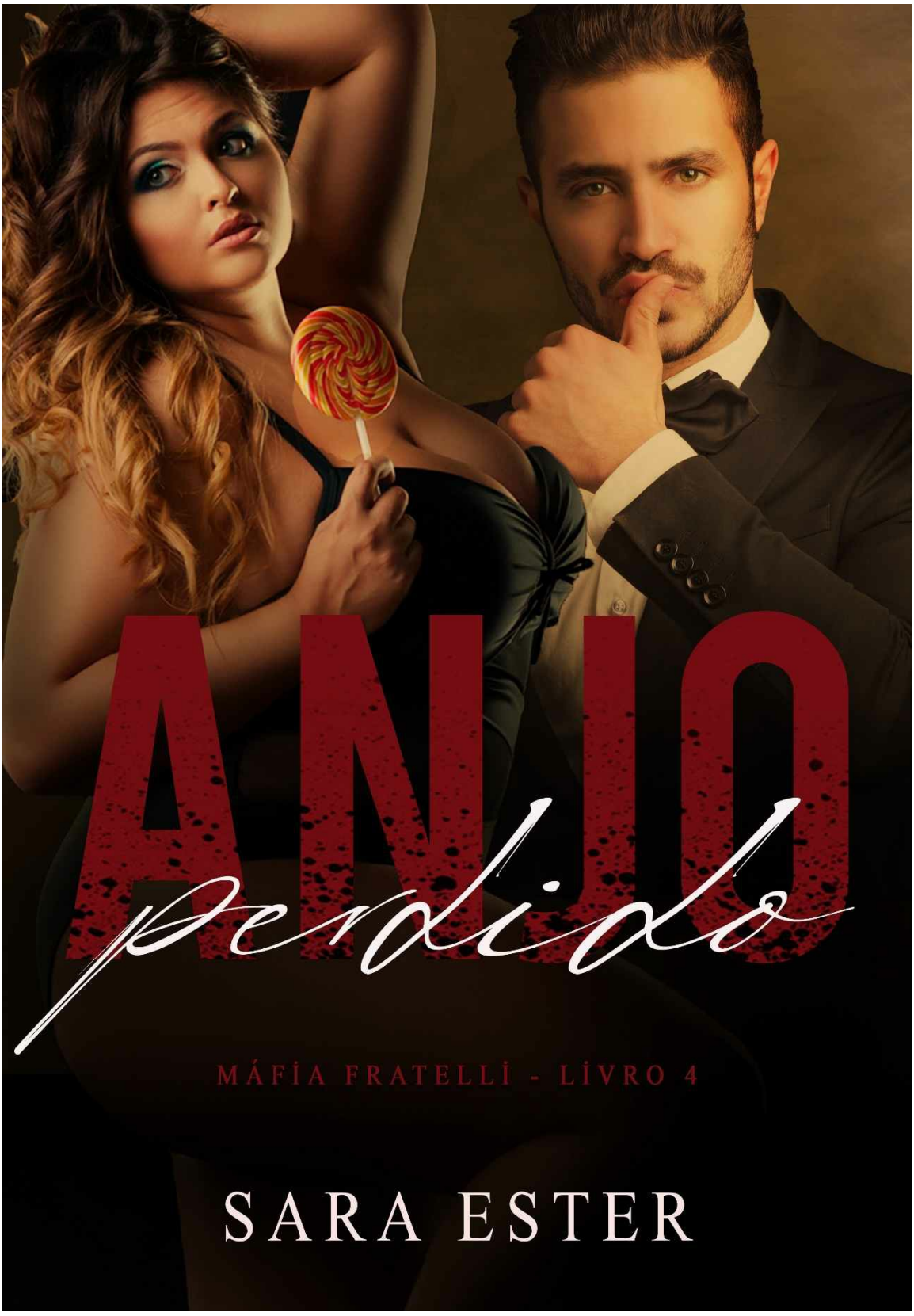


Anjo perdido

MÁFIA FRATELLI - LIVRO 4

SARA ESTER


ANJO
perdido
MÁFIA FRATELLI - LIVRO 4
SARA ESTER

ANJO

MÁFIA FRATELLI - LIVRO 4

SARA ESTER

AVISO: Este é um livro que retrata a violência em diversos níveis, seja na sua maneira física ou psicológica. É um livro não recomendado para menores de 18 anos por conter cenas de sexo, linguajar vulgar.

Observação: A história narrada pela autora sobre a máfia Fratelli é única e, exclusivamente, fictícia; fazendo com que as leis e regras (dentro da trama) não existam de fato. Não condizem com a realidade.

Desejo que você tenha uma prazerosa leitura!

AVISO 2: A leitura do livro 1, 2 e livro 3 (ANJO NEGRO, ANJO INDOMADO e ANJO SELVAGEM) não é obrigatória, mas caso você tenha interesse em conhecer, ambos estão disponíveis aqui, na plataforma da Amazon.

Copyright© 2021 Sara Ester

Capa: Barbara Dameto

Revisão: Sara Ester

Diagramação Digital: Sara Ester

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos é mera coincidência

---

Anjo Perdido
Livro 4 — Irmãos Fratelli

Sara Ester

1ª Edição
Abril — 2021
Imbituba — SC/ Brasil

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sinopse

Cinco irmãos. Um império criminoso.

Rossi, Fillipo, Luca, Mariano e Manuele são os temidos irmãos da máfia Fratelli. Para eles, a família vinha sempre em primeiro lugar e isso jamais mudaria.

A ligação dos irmãos não se fazia apenas pelo laço de sangue, mas também por um trauma que marcou o passado de cada um.

Luca Ricci era o irmão mais novo, consequentemente, o mais atrevido quando o assunto era mulher. Acostumado a estar sempre rodeado pelas mais belas e sensuais garotas, não se preocupava com o assunto: coração.

Entretanto, isso se tornou um problema quando descobriu que sua nova missão seria resgatar a irmã desaparecida de um dos aliados da máfia da família.

Rosa Herrera não era exatamente como as garotas com quem Luca estava acostumado, e isso vai mexer com o coração do caçula dos Fratelli... bem mais do que ele gostaria.



Prólogo

Luca

Inútil.

Essa era a definição perfeita para minha real situação naquele momento. Não que eu estivesse reclamando de ter que cumprir ordens, mas simplesmente não conseguia ver sentido em caçar uma pessoa que, aparentemente, não queria ser encontrada.

Dia após dia, permaneci em Catânia, Itália, observando a casa em que encontramos o filho da Paola, porém não havia qualquer movimentação. A babá não voltou em nenhum momento.

E já se passou mais de mês.

— Droga! — explodi, socando o volante com meus punhos. Estava estressado por ser obrigado a continuar ali, sendo que meu maior desejo era ir para casa e curtir minha vida como sempre curti.

De repente, minha atenção foi desviada para meu celular, que começou a tocar com uma chamada do Fillipo.

— Ainda não tenho nada — resmunguei, assim que atendi.

— *Wou! Que acidez desnecessária, irmão* — comentou, mas senti seu tom zombador.

— “Desnecessária” o meu pau! — revidei, azedo. — Só não vejo sentido em continuar aqui, sendo que a maldita babá fugiu.

— *Prometemos ao garoto, Luca.*

Rolei os olhos.

— Eu não me lembro de ter prometido nada — murmurei, ranzinza, fazendo-o rir.

— *Só respire um pouco* — falou. — *Essa garota vai aparecer, não pode ter desaparecido como num truque de mágica. E até os truques de mágicas têm seus erros.*

Inspirei fundo e soltei o ar aos poucos.

Foi impossível impedir minha mente de recordar do momento que tive com a tal babá no dia da invasão à casa... eu a peguei correndo, toda estabanada. Nossos rostos ficaram próximos quando forcei seu corpo volumoso ao meu. Jamais senti uma conexão tão profunda com uma mulher. Ou melhor, jamais senti tanto tesão por uma mulher, totalmente, fora dos meus padrões. Rosa era uma mulher avantajada, quadris largos, seios fartos e coxas deliciosamente roliças. Estranhamente desejei apertar cada centímetro

de sua pele. Talvez tenha sido culpa da minha breve distração que ela conseguiu escapar, depois que meteu um soco no meu nariz.

Puta que pariu!

Lembrar disso ainda me causava um misto de raiva, frustração e excitação.

— Só sei que essa garota está me custando caro — resmunguei ao Fillipo.

O idiota riu.

— *Custando caro?* — zombou.

— É, seu idiota! Custando o meu tempo e minha paciência — rugi, ao som da risada alta dele. Acabei desligando o telefone.

Novamente soquei o volante, frustrado demais para me controlar.

***

Tinha acabado de chegar — depois que fui comprar algo para comer — no local estratégico o qual escolhi para observar a casa, quando notei um casal saindo. Me recordei da mulher como sendo a cozinheira. Tinha notado a saída de outros funcionários, mas nenhum deles me levou ao paradeiro da garota.

Sem perder tempo, saí do carro e marchei até os dois. Minha mão

estava na pistola o tempo todo, apesar de já ter tido a certeza de que não havia mais homens do Louis pelo perímetro. O desgraçado deixou claro que não pretendia lutar pelo garoto.

Obviamente que eu tinha alguns dos nossos homens espalhados, prontos para me dar cobertura se fosse necessário.

Assim que me aproximei do casal, os olhos da mulher se arregalaram em reconhecimento.

— Se acalme, mulher, não vou machucá-los — falei rapidamente, observando cada detalhe ao redor. Notei que o senhor carregava uma mala. — Eu só preciso de uma informação.

A mulher de idade encarou seu companheiro, franzindo o cenho. Eu podia perceber o desconforto deles, medo talvez.

Eles balbuciaram entre eles, mas não consegui entender muito bem, embora tivesse entendido o sotaque espanhol.

— *Solo quiero informacion* — acrescentei, falando no idioma deles — *La niñera ... el niño necesita al bebé* (A babá... o garoto precisa da babá) — A mulher piscou, negando com a cabeça.

— *No sé de nada!* — exclamou, passando por mim com extrema agitação. — *Rosa ha desaparecido y no tengo ni idea de dónde está.* (Rosa desapareceu e não faço ideia de onde esteja).

— Mas...

— *Por favor no insista!* — disse o homem, falando pela primeira vez. Ele se colocou em minha frente, em uma clara defesa à sua mulher. — Nos deixe em paz! — pediu em italiano. — *Simplemente perdimos el trabajo y la casa que fue nuestra durante muchos años. ¡Respeta nuestro dolor!* (Simplesmente perdemos nosso trabalho e a casa que foi nosso lar por longos anos. Respeite nossa dor!)

Falando isso, eles se afastaram, e eu permiti.

Travando o maxilar, permaneci parado no lugar, apenas observando o casal entrar num taxi. Peguei meu telefone e disquei um número:

— Siga eles! — ordenei a um dos meus capangas.

***

Pouco mais de quarenta minutos depois, chegamos na principal rua comercial de Catânia, no barroco Siciliano. Tinha esse nome, porque quase todos os edifícios e igrejas construídos pelos **arquitetos Vaccarini e Battaglia** eram um exemplo deste tipo de arquitetura. Ao longe, notei o instante em que o casal adentrou a um dos edifícios antigos. Aguardei alguns instantes antes de ir atrás deles. Sabia que podia estar dando um tiro no escuro, mas algo me dizia que eles estavam escondendo alguma coisa.

Mal entrei na casa e já fui notado pelos dois, porém ignorei seus

xingamentos esquisitos e, simplesmente, comecei a vasculhar os cômodos da casa. Quando abri a porta de um quarto e visualizei a silhueta seminua — da cintura para cima — de um homem, com tatuagens negras, não pensei duas vezes e apontei minha pistola em sua direção.

Meus olhos estavam injetados de puro ódio.

— NÃO! — gritou uma voz feminina ao meu lado, forçando as mãos em meu braço.

A garota tentou lutar comigo, tencionando pegar minha arma, mas apesar de toda sua força, a coitadinha não era páreo para mim. Consegui dominá-la contra a parede, forçando uma adaga em seu pescoço, enquanto com a outra mão, voltei a mirar a arma em direção ao homem que, claramente, era um membro dos *Shadows*.

— Ninguém se mexe nessa porra! — rugi, cheio de adrenalina.

Minha atenção estava sendo dividida entre a garota sob meu jugo, e o rapaz assustado sob minha mira. O covarde estava com as mãos erguidas.

— Por favor... — choramingou ela, fazendo-me encarar seus olhos úmidos — não faça isso.

Desci os olhos para baixo, vendo o movimento de sobe e desce do seu peito. A garota estava com os cabelos soltos, e usando um short curto. A blusa de alças evidenciava o decote profundo.

— Dê-me apenas um motivo para não meter uma bala na testa dele — desafiei, olhando diretamente nos olhos dela. — Apenas um.

Rosa umedeceu os lábios carnudos, fazendo-me franzir o cenho pela maneira como meu corpo reagiu a esse mero gesto.

— *E-eu* não sou como eles, cara. — Olhei para o rapaz, que continuava com as mãos erguidas. O desespero era evidente em seu tom de voz.

— Como assim, não é como eles? — expus, confuso. — Por que raios você se filiou a uma organização, se não veste a camisa deles? — Balancei a cabeça, incrédulo. — Isso é mentira! Vocês estão tentando me enganar.

— Ele precisava do dinheiro — a garota se apressou a explicar. — Não é fácil sobreviver as pedradas do destino. Acredite em mim, sei bem do que estou falando — argumentou, com intensidade. — Estou há dois anos longe de casa, porque fui sequestrada e vendida. Só não fui usada como escrava sexual, porque sou gorda.

Choque tomou conta do meu rosto completamente, e precisei dar alguns passos para trás.

— Espere um pouco... — pedi, buscando encher meus pulmões de ar — está me dizendo que foi traficada? — apontei. — Como é seu nome completo?

Ela parecia confusa com minha reação.

— Sim. — Confirmou, olhando de mim para o rapaz, mudo no lado oposto do quarto. — Me chamo Rosa Herrera.

Por um instante, permaneci encarando-a, apenas absorvendo suas palavras, sem saber o que pensar.

Longos meses atrás, passei semanas na Turquia, apenas procurando por ela; por qualquer pista que pudesse me levar ao seu paradeiro. E ali estava a bendita... bem em minha frente.

Respirei profundamente.

— Você precisa vir comigo. — Apontei, com a arma, para ela.

— Não! Me recuso a ir com você para qualquer lugar que seja.

Impaciência brotou dos meus poros.

Mirei a arma acima da cabeça do rapaz assustado e disparei, fazendo com que um arquejo de pavor escapasse dos lábios rosados. A bala raspou a cabeça dele e atravessou a parede logo atrás.

— Isso não é uma opção, *baby*! O próximo, eu não vou errar — rugi, voltando a mirar contra o rapaz trêmulo. — Fui designado a perseguir você, lá atrás. Estou aqui, neste maldito distrito, a quase dois malditos meses, buscando saber onde você estava se escondendo. E hoje... — respirei fundo, tentando me acalmar — era o casamento do meu irmão, e por sua culpa — apontei — não pude comparecer. Então sim, você vai comigo. Por bem, ou

por mal. Você escolhe!

Engatilhei a arma, apenas para dar ênfase ao que eu estava dizendo.

O rosto dela se contorceu em novas lágrimas.

— *Po-por... quê*?

— Luigi — respondi, notando quando seu rosto ganhou uma emoção diferente. — O garoto quer você.

As mãos se ergueram, cobrindo o rosto de modo a aplacar a enxurrada de lágrimas que a abateu.

— E... Angel, seu irmão — complementei, visualizando os efeitos que minha revelação a causou. Dei uma pausa. — E você... — apontei para o garoto de rosto pálido — temos muito o que conversar.



Cap í tulo 1

Rosa

Por muito tempo, me vi acuada e com medo. Não que isso houvesse mudado, porque meu instinto protetor estava sempre aguçado. Felizmente, eu não havia perdido meu ímpeto de lutar *pra* me defender.

Há pouco mais de dois anos, fui roubada de casa; roubada da minha família. Me afastaram de tudo o que eu conhecia como lar e me obrigaram a sobreviver sob o jugo de pessoas desconhecidas e cruéis.

Meu único bálsamo em todo esse tempo foi o garotinho Luigi.

— Qual o seu problema? — soltei a pergunta num resmungo incomodado, dispersando meus pensamentos ao pressentir o olhar do desconhecido sobre mim. Fazia algum tempo que ele estava me encarando, me estudando.

No fundo, nunca me incomodei com o olhar dos homens, até mesmo os que vinham carregado de deboche. Mas com aquele italiano era diferente. Havia algo na maneira intensa como ele me olhava que fazia meu corpo se aquecer descontroladamente...

— Por que acha que tenho um problema? — rebateu em tom de arrogância.

Arqueei as sobrancelhas para ele, que não desviou o olhar do meu. Estávamos — eu, ele, Pietro, Dolores e o marido — viajando para Palermo, onde, segundo ele, encontraríamos com sua família, Luigi e meu irmão. Meu coração parecia sufocado de tanta ansiedade com a constatação de que voltaria a revê-los.

Mesmo nervosa, empinei o nariz e o encarei com igual firmeza. Estávamos sentados um de frente para o outro.

— Porque faz algum tempo que está me encarando como se quisesse me ler — respondi, fingindo um ar de superioridade. Na verdade, não queria demonstrar a ele o quanto me sentia afetada. — O que quer saber?

Dessa vez foi ele quem ergueu as sobrancelhas.

— E vai me contar assim... fácil?

Sacudi a cabeça, achando graça da sua expressão de espanto.

Me ajeitei na poltrona, percebendo que seus olhos desceram para minhas pernas quando eu as cruzei.

Fogo puro e abrasador percorreu por cada centímetro de pele existente em meu corpo.

— Isso é engraçado.

Visualizei sua testa franzir perante meu comentário, o que o deixou ainda mais atraente.

— O que é engraçado? — quis saber, confuso.

Gesticulei.

— Você — apontei. — Está agindo como se eu fosse a criminosa aqui, quando na verdade é você quem está armado. Você quem invadiu a casa em que estávamos. Você quem levou o Luigi para sabe-se lá onde — concluí, sem medo algum. — Agora, por exemplo, pode estar nos levando para uma armadilha.

Ele riu. E sua risada me causou arrepios estranhos.

— Está pensando que pretendo matar vocês? — indagou, parecendo divertido.

Dei de ombros.

— Não sei — murmurei. — Não te conheço.

Suspirando baixo, aprumou o corpo jogando-se para trás e cruzando as pernas. Vi que me estudou por mais alguns instantes, até que resolveu abrir a boca novamente:

— Você disse que foi vendida. Mas também disse que não foi aceita porque é... — voltou a arrastar os olhos pelo meu corpo.

— Gorda? — concluí seu raciocínio. — Pode falar, querido. Não me importo que se refiram a mim dessa forma, pois sou muito orgulhosa da minha aparência. — Abri um sorriso enorme. — Além disso, minha gordura excessiva me salvou de me tornarem uma escrava sexual.

Percebi que seu maxilar tiquetaqueou. Aquele assunto, obviamente, o estava incomodando.

— Como chegou à vida do Luigi?

Inspirei fundo, recordando-me de um passado que me trazia terror, pois pensei que morreria na mão daquelas pessoas.

— Bem, quando cheguei a Turquia, fui parar nas mãos de um homem todo tatuado e esquisito — fiz uma careta com a imagem dele na minha mente — Acabei descobrindo que era ele quem coordenava a seleção das garotas que chegavam dos carregamentos que vinham da Europa. — Comecei a estalar os dedos, nervosa demais com as recordações ruins. — Quando me viu, o desgraçado riu e cuspiu na minha cara, alegando que nenhum homem iria pagar para foder com uma gorda. — Rangi os dentes, furiosa.

O italiano não disse nada, mas eu podia sentir a fúria emanando através do seu corpo tenso.

— Fui deixada dentro de um caminhão por um dia e quase uma noite inteira — continuei narrando. — Pensei que seria morta quando me tiraram

de lá, mas acabei sendo levada para um homem.

— Que homem?

Encarei seus olhos azuis intensos.

— Um todo deformado — respondi, franzindo o cenho. — Fiquei aterrorizada ao colocar meus olhos sobre ele... — arrepios trespassaram todo o meu corpo — o homem parecia o...

— *Frankenstein*? — complementou, num tom que mais parecia uma geleira.

Pisquei, incrédula.

— Sim! — exclamei. — Então sabe de quem estou falando — não foi uma pergunta.

— Claro que sei — levantou-se, inquieto. — Fomos eu e meus irmãos que fizemos aquilo com ele. Louis Moran. — Asco escorreu do seu tom.

Arregalei os olhos, embora estivesse longe de me sentir assustada, visto que nos últimos anos presenciei infinitas situações assustadoras, mais do que podia contar.

— Nem quero saber a história macabra que liga todos vocês. — Estremeci na poltrona. — A única coisa que me importa é que Luigi fique bem.

A risada que escapou de sua garganta soou com desdém, e isso me revoltou.

— Se está tão preocupada assim com o garoto, por que fugiu e o deixou lá na casa?

Travei o maxilar.

— Porque vocês chegaram com armas — respondi na defensiva. — E, no fundo, eu sabia que a verdadeira mãe dele voltaria para pegá-lo um dia. O que queria que eu fizesse? Se eu me permitisse ser presa junto com ele, como poderia ajudá-lo se fosse preciso? — revidei, nervosa. De repente me calei, buscando por ar. — Enfim, depois que escapei de você, consegui fugir com a ajuda do Pietro.

O idiota permaneceu me encarando com aquele olhar intenso, como se acreditasse que eu estivesse escondendo alguma coisa dele.

— Vejo que, pelo que acabou de me contar, você sabia que Luigi tinha sido raptado da verdadeira mãe — apontou.

— Sim. — Soltei o ar aos poucos — Louis me comprou, exclusivamente, para cuidar do Luigi, pois sua esposa, Anna, estava doente e não conseguia mais tratar do menino.

— O que pode me falar sobre essa mulher?

Desviei os olhos, encarando um ponto qualquer.

— Anna era uma boa pessoa — falei com pesar, já que ela tinha partido desse mundo cruel. — Seu único defeito foi não ter sido forte o bastante para fugir do torturador que era seu marido. — Respirei com força. — Ela me disse que, há nove anos, Louis chegou com o Luigi e, simplesmente, a obrigou a cuidar da criança. Simples assim. O dever dela era apenas ser uma esposa obediente. E ela foi.

— Maldito, desgraçado! — Praguejou, socando uma parte do compartimento da aeronave.

Nervosa com toda aquela conversa, decidi me levantar também.

— O que pretende fazer? — perguntou, quando tentei passar por ele. Sua mão se fechou em meu braço causando-me um calor abundante.

— No momento? — Arqueei uma sobrancelha, enquanto levava uma das minhas mãos ao meu decote avantajado. — Tomar um banho, porque como pode ver... — seus olhos atentos desceram para fixar o olhar em meus seios — estou toda suada.

Eu sabia que poderia tomar banho naquela aeronave luxuosa, porque já tinha feito um tour rápido mais cedo.

Prendi a respiração no instante em que aproximou o rosto do meu, arrastando a mão do meu braço ao meu pescoço.

— *O-o* que está fazendo? — perguntei num silvo. Seu toque me fez

sentir todo tipo de reação, desde boas a ruins.

O perfume pungente atingiu minhas narinas, fazendo-me questionar o que significavam os efeitos que ele causava em mim.

— Tentando descobrir o que está fazendo comigo — respondeu com a voz afetada.

Essa mera constatação me fez achar graça.

Espalmando as mãos em seu peito, aproximei os lábios da sua orelha e sussurrei:

— Acho que não sei do que está falando...

Pude senti-lo estremecer imperceptivelmente sob meus dedos antes de me afastar. Mesmo me esforçando para evitar, minhas pernas tremiam mais do que vara verde.

La puta madre! Eu estava perdida!



Capítulo 2

Luca

— *¿Que lugar es ese*? — Ouvi a pergunta da senhora Dolores. O carro tinha acabado de entrar na fortaleza do Rossi.

— *No sé* — respondeu Rosa, com voz desconfiada. — *Y todavía no confío en él* (e ainda não confio nele). — Apontou para mim com a cabeça.

Achei graça das suas palavras.

— *No me importa si confías en mí o no. Mi misión era volver a casa contigo. Es sólo.* (Pouco me importo se confia em mim, ou não. Minha missão era voltar para casa com você. E só). — Falei, me virando para encará-la, no banco de trás do carro.

Rosa se espantou, certamente por não imaginar minha fluência em seu idioma.

— Onde está o Pietro? — perguntou no fim, sem desviar os olhos dos meus.

Não me dignei a responder, e apenas abri a porta do carro descendo do

veículo em seguida.

Fillipo e Manuele vieram me receber.

— Angel já chegou? — intimei os dois.

— Não, mas está a caminho — afirmou Manuele. — E a garota? — questionou, apontando sutilmente para o carro. Nem Rosa e nem a senhora Dolores e o marido desceram. Deduzi que ficaram com medo.

— Nem queira saber. — Resmunguei, revirando os olhos. Em seguida, fui até a porta do veículo e abri. — Saia! — exigi para Rosa, sem paciência.

A garota mal saiu do carro e já foi esmagada pelos braços do Luigi, que surgiu feito uma bala de canhão.

— ¡*Oh Dios mio!* — exclamou ela, tão emocionada quanto o garoto. Ajoelhando-se, amparou o menino em seus braços. — Fiquei com tantas saudades, Lu.

— Eu também fiquei — choramingou ele.

Parado, olhei para trás e visualizei Paola e Mariano; ainda não conseguia acreditar que perdi o casamento deles.

— ¿*Estás bien*? — quis saber ela, enxugando as lágrimas do Luigi, enquanto fungava. — ¿*Te estás cepillando los dientes bien?* (Está escovando os dentes direito?) Olha que consigo sentir o *bafinho*, hein?! — brincou, fazendo cócegas no garoto, igualmente, emocionado.

— *Entonces voy a estar avergonzado*, Rosa. (Assim vou ficar envergonhado, Rosa.) — comentou, sem jeito. Embora estivesse sorrindo.

Nesse meio tempo, Fillipo deu a volta no carro e abriu a porta para que a senhora Dolores e o marido saíssem também.

— Luigi, querido!? — Paola se aproximou, cautelosa. — Que tal entrarmos para você me apresentar a sua amiga? — Eu podia notar o quão intimidada Paola estava com a situação, considerando toda a tensão em seus ombros. Certamente não deveria ser algo fácil para ela, ver o quão entrosado seu filho era com uma completa desconhecida. Entretanto, se fosse analisar bem a situação, Paola também era uma desconhecida para o pobre garoto...

Rosa me encarou, nervosa.

— Seu irmão está a caminho — avisei. — Pode ficar com Luigi agora.

Ela apenas assentiu, apesar de demonstrar, nitidamente, o quanto estava incomodada com tudo aquilo.

Foda-se! Eu também estava.

Mandei a senhora Dolores e o marido acompanharem-na.

Assim que fiquei sozinho com Fillipo, Mariano e Manuele, encaminhei-nos até o outro carro.

— Quem é esse? — Mariano quis saber quando abri o porta-malas, onde Pietro estava. O pavor nos olhos do mexicano era quase doloroso.

— Ele era um dos que trabalhavam na segurança da casa em que Luigi estava sendo mantido — respondi em tom frio. — Ajudou Rosa a fugir no dia em que invadimos o local.

— E por que não o matou? — Manuele rugiu, pegando sua arma da cintura tencionando atirar contra Pietro, mas impedi.

— Não faça isso! — Coloquei a mão na sua arma, forçando seu braço para baixo. — Não subestime minha inteligência, caralho! Se não o matei é porque tenho uma explicação.

— E que porra de explicação é essa? — Fillipo rugiu. — Não vejo sentido em manter um membro da *Shadows* vivo, a não ser que seja para torturá-lo. Essa é a intenção? O que descobriu lá afinal?

Respirei fundo. Estava cansado, não somente da viagem, mas das últimas malditas semanas.

— Ele é do México, assim como o casal — falei, encarando o olhar assustado do Pietro. Ele estava amordaçado e algemado. — Estava na fronteira com os Estados Unidos, esperando para atravessar, quando foi assediado por um homem que trabalha para o Louis. O desgraçado está recrutando qualquer um, sem sequer explicar o serviço direito. — Sacudi a cabeça, revoltado e indignado. — Não estou o isentando... — apontei para Pietro — da culpa pelas suas atitudes e escolhas. Mas está nítido que ele só

queria uma oportunidade de trabalho para poder trazer a família para a Europa.

— E o que pretendia trazendo-o para cá? — intimou Mariano com os olhos chispando nos meus.

Dei de ombros.

— Não sei. — Suspirei, cansado. — Vamos perguntar a opinião do *capo*.

Dizendo isso, fiz sinal ao Enzo para se aproximar e levar Pietro para a sala da segurança.

Pietro gemia descontrolavelmente, mas nem eu e nem meus irmãos nos importamos.

— Você parece exausto. — Observou Fillipo, enquanto caminhávamos em direção a entrada da mansão.

— E estou — resmunguei. De repente parei, e puxei Mariano para um abraço rápido. — Parabéns pelo casamento, irmão! — Colei minha testa na sua. — Sua felicidade é a minha — garanti, sorrindo.

— Valeu! — Devolveu o sorriso.

Entramos na fortaleza e meus olhos logo se fixaram na cena em que Rosa aparecia sentada num dos sofás, com Luigi no meio e Paola na outra extremidade. Os três pareciam estar tendo uma conversa tranquila. Beatrice e

Maya também estavam presentes, mas em silêncio. Assim como a senhora Dolores e seu marido, que não negavam o desconforto com tudo ao redor.

Rossi me viu e me chamou para ir ao seu escritório, mas falei que primeiro precisava de um banho. Pedi para Mariano ir adiantando o assunto a respeito do Pietro.

***

No box do banheiro, espalmei as mãos na parede fria e úmida sentindo meus músculos tenros. De olhos fechados tentei me concentrar em qualquer coisa menos na sensação que tive quando Rosa sussurrou em meu ouvido, horas atrás. Eu não conseguia entender o motivo para que essa garota estivesse mexendo tanto com meus nervos; não conseguia entender o porquê meu corpo reagia tão estranhamente sempre que eu a via, ou quando estava por perto. A garota sequer fazia o meu tipo...

Porra!

Ainda de olhos fechados, ergui a cabeça sentindo a ducha de água fria aliviando minha pele quente. Ignorei totalmente a ereção que se formou entre minhas pernas e desliguei o chuveiro.

Eu precisava transar urgentemente.

***

— Podemos deixar a senhora Dolores como uma das nossas

cozinheiras — argumentou Mariano. — E o marido dela como jardineiro.

— Se não me engano essas já eram as funções que ambos exerciam lá — Fillipo lembrou.

— Sim — confirmei.

— A maior incógnita aqui é: O que faremos com Pietro? — questionou Rossi em tom glacial. — Não me sinto confortável em manter um membro da *Shadows* em nossa casa, muito menos perto da minha mulher e filho.

— Ele pode não ser confiável — Mariano complementou. — Não sei, meu voto é para interrogá-lo e depois...

— Não! — exclamei, interrompendo seu raciocínio. Eu sabia que ele diria que deveríamos matá-lo. — Eu não o trouxe *pra* cá para ser morto, droga! Pietro pode ser útil para nós.

— Útil? Como em que, por exemplo? — Rossi indagou, sarcástico. — Para ser um brinquedo? Admito que estou sentindo falta de ter um cãozinho mesmo. — Seus olhos brilharam, macabros.

Suspirei, sacudindo a cabeça.

— Não sei ainda.

— Então descubra! — rugiu em decreto. — Caso contrário, faço questão de meter uma bala na cabeça dele. Inocente ou não, o idiota carrega uma tatuagem de sombras. Apenas isso já é motivo suficiente para ser

eliminado.

Não falei nada.

Me levantei e segui para a porta de saída.

— Não o quero aqui — ditou, assim que coloquei a mão na maçaneta. — Leve-o com você.

Revirei os olhos, irritado pelo problema que acabei arranjando somente por ter dado ouvidos àquela garota que, por incrível que pudesse parecer, não saía da minha cabeça.

***

O dia mal tinha amanhecido quando Angel chegou na fortaleza. Eu já tinha tomado um banho e estava prestes a sair.

Ao descer as escadas, visualizei a emoção da Rosa, abraçada ao seu irmão, que não via há mais de dois anos. Meus lábios se distenderam num sorriso de felicidade pelos dois. Ao mesmo tempo, também senti uma pontada de inveja, porque nossa Bianca não teve a mesma sorte. Na época, eu e ela tínhamos quase a mesma idade — ela oito e eu nove — mas eu me lembrava de tudo. E isso me assombrava. Aliás, assombrava a todos nós.

— Aonde vai? — Fillipo quis saber ao colocar os olhos sobre mim.

— Vou *pra* casa — respondi, passando por ele.

Embora passasse mais tempo na Fortaleza do Rossi, eu tinha minha própria casa.

— Mas o Angel quer falar com você — alegou. — Quer agradecer por ter trazido a irmã dele.

— Não há necessidade de agradecimentos, pois eu só estava seguindo as ordens do *capo* — resmunguei, franzindo o cenho. — Estarei com o telefone se precisarem de mim.

— Já descobriu o que pretende fazer com o tal Pietro? — se apressou em perguntar, visto que eu já estava na porta de saída.

— Não — falei. — Mas vou levá-lo comigo.

***

Não fazia ideia do tempo que passei dirigindo quando estacionei o carro em um lugar deserto e desci. Dei a volta no veículo e abri a porta para que Pietro pudesse descer também. Arranquei sua mordaça e soltei suas algemas.

— Por que estamos aqui? — perguntou, desconfiado. — Decidiu que vai me matar?

Travei o maxilar, agoniado com aquela luta interna.

— Não sei — fui sincero, enquanto andava de um lado ao outro. — Mas é bom que saiba que meus irmãos decretaram a sua morte. Porém, eu

ainda estou em dúvida. — Encarei-o. — O que pretende fazer para mudar esse quadro, hun? O que tem a oferecer? E não falo apenas de saber manejar uma arma.

O desespero era óbvio em seus poros, contudo, algo que eu gostava nele era que, mesmo estando com medo, me encarava nos olhos.

— Sou piloto — afirmou de repente.

Arqueei as sobrancelhas.

— Estou cheio de motoristas — desdenhei.

— Não sou qualquer motorista — corrigiu-me. — Sou piloto de fuga. Eu piloto qualquer coisa que tenha motor.

Fiquei olhando para ele, duvidoso.

Voltei a inspirar fundo e soltar o ar aos poucos. Olhei ao redor, observando meus homens por perto, cautelosos com minha segurança.

— *Tá* legal, Pietro — encarei o mexicano. — Vamos ver do que é capaz. — Sorri, expectante, antes de jogar as chaves do carro para ele, que pegou no ar.

Tomei o lugar do passageiro.

Fiquei em silêncio, apenas observando enquanto ele girava a chave na ignição e passava as marchas.

Conforme ele acelerava, minha adrenalina aumentava no mesmo nível. Cada manobra radical deixava tudo ainda mais emocionante. Curvas feitas, fechadas, mas o cara tinha total domínio do carro e isso me deixou completamente impressionado.

Algum tempo depois, pedi para ele estacionar no mesmo lugar que estávamos antes. Eu estava eufórico e com o coração batendo descompassado pelo furor que a adrenalina da corrida me causou.

Abri a boca para falar, mas fui impedido pelo toque do meu celular. Percebi que já beirava às dez horas da manhã.

— O que foi? — perguntei ao Fillipo quando atendi.

— *Temos um problema* — respondeu. Franzi o cenho, empertigado com a tensão que senti em seu tom de voz. — *Rosa sumiu.*

— Sumiu? Como assim, sumiu?

— *Angel estava esperando-a se despedir do Luigi para poder levá-la para casa, visto que não poderia se ausentar do Mexico por muito tempo* — começou a explicar — *Mas quando percebemos, ela desapareceu.*

— Que porra! — Soquei o painel do carro.

— *Vem pra cá.*

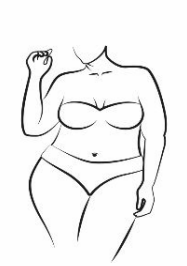
Suspirei.

— Estou a caminho.

Desliguei o telefone.

Olhei para Pietro.

— Hora de usar seu dom de voar, piloto — murmurei, fazendo-o girar a chave na ignição e acelerar para longe dali, fazendo os pneus cantarem.



Capítulo 3

Rosa

Algum tempo antes

Os últimos dois anos da minha vida só foram fáceis de tolerar com a mente sã por causa de uma única pessoa, e eu estava na frente dele naquele exato momento. Luigi tinha sete anos quando o conheci; meu trabalho era me tornar sua babá. Entretanto, cuidar desse garoto era como respirar; não havia dificuldade. Ele era como um anjo.

— Você demorou para chegar — comentou ele, assim que nos ajeitamos num dos sofás da sala espaçosa. Sequer tive tempo de analisar os detalhes daquele casarão repleto de requinte, porque meus olhos não desgrudavam do meu garotinho. — Onde estava?

— Querido... — sua mãe interviu, segurando a mão dele — por favor, não seja indiscreto. Rosa, certamente teve seus motivos, mas o que importa é que ela está aqui agora, hun? — Levou a mão dele aos lábios, onde beijou. De repente, seus olhos perspicazes se fixaram nos meus. Eu não era idiota ao ponto de não entender que a bela mulher deveria ter várias perguntas a meu

respeito, visto a ligação que Luigi e eu tínhamos. — E então? Como foi a viagem?

Sorri, sem jeito.

— Um pouco... — pigarreei, nervosa ao ter minha mente invadida pela imagem do italiano abusado — tensa. — Inspirei profundamente. — Mas não via a hora de chegar aqui para ver meu garotinho lindo e inteligente. — Fiz algumas cócegas na barriga do Luigi, que se encolheu, rindo. — Porém, no fundo, eu sabia que você estaria bem... — acariciei seu rosto — com sua verdadeira mãe. — Voltei a encarar a mulher imponente.

— Amor, por que não vai no seu quarto um pouquinho? — pediu ela. — Rosa e eu precisamos conversar sobre assuntos sérios agora.

— Ah, mas nós ainda nem conversamos — reclamou, olhando para mim, fazendo bico.

Eu entendi que sua mãe estava ansiosa por respostas, então me apressei a ajudá-la na situação:

— Nós teremos todo o tempo do mundo, Lu! — garanti, apertando seu narizinho empinado. — Por acaso tem vídeo game? — Comemorei quando ele assentiu, animado. — Ótimo! Então vá na frente e prepare tudo. Logo vou até você, eu prometo. — Sorri, olhando em seus olhos querendo que ele enxergasse a verdade nos meus.

Puxando-o para um abraço, o apertei em meus braços e beijei sua cabeça perfumada.

Sua mãe e eu ficamos olhando para ele enquanto se afastava da sala, em direção às escadas.

Depois disso, a mulher chamou alguém, cochichando alguma coisa e, em seguida, a senhora Dolores e o marido saíram. Mais cedo conheci duas garotas simpáticas e muito bonitas, Beatrice e Maya. Inclusive, uma delas carregava um lindo bebê nos braços.

Senti-me nervosa e intimidada quando me vi sozinha com Paola.

Por um instante, ela apenas me encarou em silêncio; parecia estar me estudando.

— Você sabe quem eu sou — não foi uma pergunta. — Conhece a história do Luigi.

— Sim. — Confirmei, balançando a cabeça. — Anna descobriu tudo antes de morrer.

Vi a curiosidade estampada em seus olhos claros.

— Me conte sobre ela — seu tom soou como um comando, mas relevei, visto que se estivesse no seu lugar também iria ansiar por respostas que pudessem fechar as lacunas.

Respirei fundo, me ajeitando no sofá.

— Na verdade, não sei muita coisa — contei, olhando para minhas mãos — Fui comprada por um homem chamado Louis, que me disse que minha única missão seria cuidar de um garotinho de sete anos — expus. — Como eu tinha sido raptada e fui parar nas mãos de criminosos perigosos, não lutei contra. Mesmo porque, seria assassinada de qualquer jeito. — Suspirei.

— Entendo — resmungou ela.

— Ao chegar na casa, descobri que a mulher estava doente — continuei narrando minha trajetória. — Leucemia em estágio avançado. — Estalei os lábios, ressentida. — Jamais conheci uma mulher tão amável. — Senti meus olhos marejados com as lembranças. — Anna era como um ser de luz, mesmo tendo sido obrigada a se casar com o próprio demônio — rugi as últimas palavras.

— Então essa mulher era casada com o Louis?

— Sim. — Assenti com a cabeça. — O pai dela negociou seu casamento quando ela tinha dezenove anos. A pobre não teve sequer o direito de escolha — percebi que minhas palavras deixaram Paola tensa, ao meu lado. — Você está bem?

— Sim, estou — coçou a garganta, um pouco empertigada. — O que sabe sobre a chegada do Luigi na vida deles?

Respirei fundo, soltando o ar devagar.

— Bem, ela me disse que num dia qualquer, seu marido, simplesmente, chegou em casa com Luigi enrolado numa manta e lhe entregou a criança — lembrei. — A coitada não tinha direito a fala nem a objeções. — Dei de ombros. — Anna se casou para ser uma esposa troféu, e foi desse jeito que foi ensinada a ser.

— Mas... eu não entendo — resmungou, confusa, enquanto esfregava o rosto. — Luigi tinha uma foto minha. Como... como ele sabia sobre mim?

— Porque Anna contou — expliquei, fazendo-a se confundir um pouco mais. — Embora fosse uma esposa obediente, ela também era esperta. Então começou a ouvir as conversas sempre que Louis estava na casa; passou a pesquisar informações e ir ligando os pontos — narrei. — Anna nunca soube os motivos do sequestro, mas descobriu que você era a mãe do Luigi. E mesmo amando-o como a um filho, ela não pôde deixar de contar a verdade *pra* ele. Anna almejava que, assim que se tornasse um homem, Luigi lutasse contra Louis e fosse em busca da sua verdadeira origem. Ela torcia muito para que vocês dois se reencontrassem, Paola.

Percebi que os olhos claros estavam marejados, embora nenhuma lágrima rolasse.

— Ele me disse que ela foi uma boa mãe.

Sorri, me lembrando de nossos momentos juntos.

— Sim, ela foi.

Continuou me encarando, mas com um olhar mais ameno agora.

— Também não parava de falar de você.

Meu sorriso se abriu um pouco mais.

— Eu amo demais aquele garoto — confessei. — Quando fui sequestrada, pensei que passaria o resto da minha vida sendo obrigada a me drogar e a me prostituir, ou até mesmo ser morta e jogada em qualquer vala ou beco por aí — me calei, buscando engolir a saliva que se acumulou em minha boca — Mas, ao invés dessa realidade assustadora, me vi em uma realidade alternativa. Uma realidade que sequer passou pela minha cabeça. Me tornar a babá do seu filho foi a melhor coisa que me aconteceu. — Minha voz embargou. — Luigi é um tesouro. Um anjo.

Dessa vez, a mulher imponente se permitiu se emocionar. Entretanto, foi algo bem sutil.

— Eu sei — revidou, se levantando e estendendo a mão em minha direção. — Acho que nossa conversa terminou por agora — afirmou. — Nosso anjo está esperando no quarto dele. — Sorriu abertamente.

Apertei sua mão estendida, incapaz de não lhe devolver o sorriso.

***

— Ele dormiu? — ouvi a pergunta sussurrada da Paola. Me virei em

direção a sua voz e a encontrei em pé, parada no arco da porta do quarto do Luigi.

Voltei a olhar para ele, enquanto me ajeitava para fora da cama.

— O coitadinho acabou adormecendo com o controle do vídeo game nas mãos — comentei, achando graça. Já fora da cama, me preocupei em cobri-lo melhor com as cobertas. Em seguida, me inclinei e depositei um beijo leve em sua testa. — Estava bem cansado.

Sem jeito, voltei a encarar Paola, que continuava na porta.

—Acabei ouvindo que hoje foi seu casamento. — Caminhei até ela, que deu um passo para o lado *pra* que eu pudesse passar. — Espero que minha chegada não tenha atrapalhado nada.

Paola apagou as luzes do quarto e encostou a porta com cuidado.

—A cerimônia aconteceu mais cedo, não se preocupe. — Afirmou, sorrindo com leveza. De repente, apontou para nossa frente — Vamos, vou te levar até seu quarto. — Gesticulou.

Apenas assenti, e caminhamos lado a lado até ela parar em uma porta. O quarto era espaçoso, assim como o de Luigi. Paola comentou que eles não moravam ali — pois ela tinha sua própria casa — mas explicou que passavam a maior parte do tempo na mansão.

Soltei um suspiro exausto enquanto olhava ao redor, sentindo o

cansaço dominando cada músculo existente em meu corpo.

— Rosa? — Olhei para Paola, que me encarava com olhos amenos — Eu não disse antes, mas quero falar agora — se aproximou a passos firmes e buscou minhas mãos, apertando-as nas suas — Muito obrigada por amar meu filho — murmurou com a voz rouca. — Obrigada por ter cuidado dele com tanto amor.

Como eu era uma chorona sem fim, meus olhos já estavam marejados outra vez. Não falei nada e apenas a puxei para um abraço apertado.

Não havia o que agradecer.

— Amo o Luigi de graça — brinquei, fazendo-a rir.

— Está certo. — Se afastou, limpando a leve umidade abaixo dos seus olhos. Nas últimas horas, observei que Paola era uma mulher de postura quase impenetrável. Os únicos momentos em que notei uma leve ruptura em suas emoções foram quando Luigi e um dos irmãos se aproximava dela. Deduzi que fosse seu marido. — Vou deixar você descansar.

Sacudi a cabeça, sorrindo.

— Obrigada. — A segui até a porta. — Boa noite.

— Boa noite! — devolveu. Fechei a porta.

Sozinha naquele quarto enorme, eu, finalmente, me dei conta da minha nova realidade. Minha mente fervilhava com os acontecimentos recentes, me

questionando sobre os próximos passos. Dentro de poucas horas, reencontraria meu irmão, e a mera constatação já era suficiente para fazer meu coração aquecer de amor.

Inspirei forte.

Dispersei os pensamentos aleatórios quando ouvi um barulho vindo do corredor. Como ainda estava recostada na porta, me afastei e abri uma pequena fresta de modo a espiar. Acabei vislumbrando a silhueta de alguém de costas. Todo meu corpo se arrepiou em reconhecimento.

Era o Luca.

Ele estava de costas, então não me viu espiando enquanto caminhava pelo corredor. Não fazia ideia de como seu perfume atingiu minhas narinas, marcando o ambiente completamente, mas aconteceu. Sem que pudesse controlar, me peguei mordendo os lábios conforme espionava a maneira como suas pernas batiam contra o chão a cada passo firme; as coxas musculosas e fortes. O homem podia ser um completo estúpido, mas não havia como eu negar sua beleza estonteante.

Nervosa com o rumo dos meus pensamentos, decidi fechar a porta.

Varri o quarto em busca do banheiro.

— Banho frio! — exclamei, agitada. — Preciso de um banho frio.

***

Desde o momento em que fui tirada da minha casa, eu tive a certeza dentro de mim de que jamais voltaria a rever os meus. Meu peito sufocava de saudades e dor.

Dor pela perda — em vida.

— Irmão... — minha voz falhou, enquanto minhas pernas travaram nos últimos degraus da imensa escadaria.

Angel estava de costas para mim, conversando com os irmãos da casa, porém se virou quando ouviu minha voz.

Pude ver a umidade abundante em seus olhos, equiparando-se a mesma emoção que eu sentia.

— Oh, *mi corazón!* — exclamou ele, com a voz embargada, rumando até onde eu estava parada. Seus braços me apertaram com força, como se quisesse ter certeza de que eu realmente estivesse ali. — *No puedo creer...* — afastou-se um pouco, apenas para me olhar nos olhos, enquanto enxugava minhas lágrimas que desciam sem parar — *tu estás aqui* — fiquei em dúvida se era uma pergunta ou não, mas respondi mesmo assim:

— *Sí yo estoy.*

Segurando minha mão, ele me levou até a sala. Angel era doze anos mais velho do que eu, e sempre o considerei o melhor irmão do mundo. Eu tinha dezesseis anos quando fui roubada da nossa casa, mas jamais deixei de

pensar no quanto ele e nosso pai estariam sofrendo com minha ausência.

— *¿Dónde está papi?* (Onde o papai está?) — questionei, ansiosa para revê-lo também.

Com a morte precoce da nossa mãe, Angel, papai e eu sempre fomos muito unidos.

Senti a tensão do Angel antes mesmo de ele falar qualquer coisa que fosse. Automaticamente, meu rosto se contorceu com novas lágrimas quando o entendimento se fez presente em minha mente.

— Não... — neguei com a cabeça. — Ele... se foi? — questionei, visualizando o olhar pesaroso do meu irmão. Continuei negando com a cabeça, levando as mãos à boca, incrédula e relutante em acreditar. — Não! Não! Não!

— Vai ficar tudo bem, *corazón.* — Angel voltou a me puxar para seus braços fortes — *Estoy aqui contigo.*

Respirei fundo, num esforço para parar de chorar, mas era impossível. Estava numa miríade de emoções.

Por um lado, sentia-me radiante por estar nos braços do meu irmão. Mas por outro, estava devastada por descobrir que nosso pai morreu e eu nem tive o direito de me despedir.

***

Meus olhos estavam inchados e minha cabeça latejava sem parar quando fui até o quarto em que Luigi estava. Meu garotinho ainda estava dormindo quando me aproximei da sua cama.

Sentando-me lentamente, me inclinei para cheirar seus cabelos perfumados.

— Quero que saiba que sempre vou me lembrar de você — soprei, sentindo o engasgo do choro dominar minha voz.

De repente, os lindos e perspicazes olhinhos claros se abriram e ele me encarou com desconfiança.

— Do que está falando, *Loquita*? (Louquinha) — Sua voz soou rouca, enquanto se ajeitava para poder me encarar. Não aguentei a risadinha que escapou da minha garganta ao ouvir seu apelido dado a mim. — Você está com cara de quem vai aprontar.

Acariciando seu rosto, beijei sua bochecha e, em seguida, puxei-o para meus braços. Queria poder gravar seu cheirinho e sua voz em minha memória para sempre.

— Eu preciso ir — declarei, segurando o choro. — E sei que você ficará seguro aqui. Sua mãe o ama. Essas pessoas amam você, Lu.

Ao encarar seus olhos novamente, notei a tristeza causada por minhas palavras.

— Não estou entendendo... — choramingou. — O que houve? Terá que voltar para casa com seu irmão?

Neguei com a cabeça, esforçando-me para não me debulhar em lágrimas na frente dele.

— Você está feliz? — perguntei, acariciando seu rostinho lindo. — Está se sentindo seguro?

Mesmo desconfiado, ele assentiu com a cabeça.

— Estou — respondeu.

Alívio brotou dos meus poros.

— Então é isso que importa — soprei num murmúrio. — Vou embora com o coração tranquilo. — Uma lágrima furtiva desceu, mas a enxuguei rapidamente. — Não posso continuar aqui. Não posso trazer perigo para vocês nem para meu irmão.

— *No estás hablando* coisa com coisa, Rosa — se queixou, angustiado.

Rapidamente me ergui, afastando-me da cama. Fui até a janela e espiei o lado de fora do casarão.

— *Mi Ángel...* (Meu anjo) — comecei, sem desviar os olhos — por acaso sabe de um jeito fácil para eu sair dessa casa?

Seu silêncio me forçou a olhar para ele, ainda sentado na cama.

— Isso é sério mesmo?

— Luigi, eu...

— Só me fala que está certa disso, Rosa — cortou-me, agitado. Apenas assenti com a cabeça. Vi quando respirou fundo, pensativo. — Promete que vai ficar bem? Promete que vai se cuidar?

Suas palavras me desarmaram completamente e não consegui mais ser tão forte — como gostaria — contra as lágrimas.

Fui até ele, ajoelhando-me em sua frente. Meu garotinho inteligente estava sentado sobre a cama, com as pernas para fora.

— Prometo! — Amparei seu rosto triste. — Prometo que vou me cuidar.

De olhos fechados, Luigi colou a testa na minha. Suspirou baixinho.

— Se é isso o que quer, então vou te ajudar — afirmou. — Hoje, como é quarta feira, chega um furgão da lavanderia. Eu consigo distrair o motorista e você entra no veículo.

— Não quero que você faça nada, Lu — neguei, nervosa em colocá-lo numa situação ruim. — Eu acho que...

— Está combinado! — exclamou, saindo da cama e ignorando totalmente minhas palavras. — Só vou lavar o rosto e escovar os dentes.

Não falei nada. Mesmo porque estava nervosa demais para raciocinar com clareza.

***

Não foi difícil passar despercebido quando Luigi e eu descemos ao andar de baixo. Comentei que iria procurar a senhora Dolores para me despedir dela também, e nesse meio tempo segui na direção em que meu garotinho falou. O rapaz do furgão estava conversando com dois seguranças, enquanto uma funcionária separava as peças de roupas, tapetes e cortinas. Minhas mãos começaram a suar, porque não encontrei nenhuma brecha para entrar no veículo sem ser vista.

De repente, Luigi surgiu correndo com um cachorro em seu encalço. Meu garotinho fingiu escorregar e começou a chorar. Isso distraiu as pessoas que estavam ali. Foi minha oportunidade.

Me enfiei dentro do veículo grande e me escondi entre as diversas caixas e bolsas. Meu coração batia descompassado.

Era dor.

Era mágoa.

Não havia outro jeito. Infelizmente, minha presença na vida do meu irmão apenas lhe traria complicações. E isso também se aplicava à nova família do Luigi.

Eu sabia que não demoraria muito para Louis vir atrás de mim. E quando isso acontecesse, não desejaria que ninguém, além de mim, se machucasse.



Capítulo 4

Luca

Assim que Pietro estacionou o carro na Fortaleza, peguei a chave da mão dele.

— Não saia daqui! — exigi, deixando implícita, uma ameaça sombria em meu tom de voz.

Fora do veículo, fiz sinal *pra* dois seguranças para que ficassem de olho nele.

Marchei até o casarão, sentindo-me estranhamente agitado por causa da informação recebida a respeito da Rosa.

— Chegou rápido! — observou Fillipo, encontrando-me logo na entrada. Percebi que espiou o lado de fora, enrugando a cara no processo. — Sério que ainda não se livrou daquele bosta? — perguntou, referindo-se ao Pietro.

— Ele está comigo — foi a única coisa que mencionei.

— Rossi não vai gostar — revidou. — Ele disse que era *pra* você dar

um jeito e...

Travei o maxilar, incomodado com a conversa.

— E eu vou dar, caralho! — rugi. — E, enquanto isso não acontece, Pietro vai ficar comigo. Trabalhando, exclusivamente, para mim — expliquei. — Depois me entendo com o *capo*.

Arqueando as sobrancelhas, Fillipo apenas ergueu as mãos, como se estivesse se rendendo.

Respirei fundo, sacudindo a cabeça e continuando a seguir em direção ao som de todo falatório que vinha da sala.

— O que houve, afinal? — cheguei perguntando.

— Rosa desapareceu — Mariano disse o óbvio.

Quase revirei os olhos, impaciente.

— Isso, eu sei — murmurei numa bufada. — Estou perguntando o que aconteceu, e como aconteceu.

— Tínhamos terminado de conversar, e eu expliquei a ela que deveríamos voltar *pra* casa, pois eu não podia me ausentar do México por tanto tempo — explicou Angel. — Então, Rosa disse que só iria se despedir do garotinho e da tal senhora Dolores, mas... não voltei a vê-la depois disso.

— Ela não comentou nada com você? — Rossi perguntou, sério. —

Falo de algo relevante do passado dela. Talvez, algo que pudesse explicar o fato de ela ter fugido logo no momento em que se reencontraram.

O mexicano parecia inconformado e devastado.

— Não! — exclamou num arquejar, andando de um lado ao outro. — Nós apenas... — se calou, soltando um suspiro cansado — conversamos sobre nossa família.

— Isso está muito estranho — Manuele comentou, tão confuso quanto todos nós. — Por que essa garota fugiria assim, de uma hora para outra? Não faz sentido.

— E se ela não quisesse voltar ao México? — veio a pergunta do Fillipo, que estava ao meu lado.

Enquanto eles discutiam os possíveis motivos que levaram aquela doida a desaparecer outra vez, meus olhos se depararam com Luigi, que passou correndo para o lado de fora da casa. O garoto estava com o Thor.

Minha mente deu um estalo e não pensei duas vezes antes de ir atrás dele.

Ao chegar no jardim, me deparei com ele jogando um graveto para que Thor pegasse.

— Se veio querer saber da Rosa, eu não sei de nada — resmungou, me encarando de soslaio. — Pega, garoto! — Jogou o graveto outra vez.

Sorri, ciente de que estava no caminho certo.

— Por que será que não acredito em você?

Deu de ombros.

— Não sei. — Estalou os lábios, numa postura tranquila. — Estou dizendo a verdade, mas não posso forçá-lo a acreditar em mim.

— Por quê? — Semicerrei os olhos para ele.

Luigi me encarou, permitindo-me admirar seus traços tão parecidos com os da Paola.

— Porque cada um acredita no que quer acreditar, ora — respondeu, dando de ombros.

— Por que está protegendo a fuga dela? — insisti, deixando claro que tinha certeza de que ele sabia bem mais do que queria me fazer acreditar. — O que Rosa falou *pra* você? — Franziu o cenho, nervoso. Mas não disse nada, então continuei: — Garoto, sei que quer protegê-la, mas o que você não sabe é que nós também. O irmão dela está preocupado com o que pode ter acontecido. Então se sabe de algo, precisa nos dizer.

Thor voltou com o graveto na boca. Luigi sorriu para ele, acariciando os pelos macios do cachorro.

— Não direi nada a você — admitiu, me deixando espantado.

— Qual o seu problema comigo? — questionei, ainda chocado com sua sinceridade.

— Nenhum — respondeu, jogando o graveto novamente para o Thor ir buscar. — Eu só não gosto da maneira como você julga as pessoas.

Arqueei as sobrancelhas.

— E eu faço isso?

— Direto — confirmou, me fazendo arregalar os olhos. — Sobretudo, com a Rosa. — Nesse momento, ele olhou para mim — Você deixou claro que odiou o fato de ela ter fugido de você na primeira vez; fez questão de demonstrar toda sua insatisfação em ser obrigado a ficar em Catânia para procurá-la.

— Tudo bem, você está certo — soprei, coçando a garganta, incomodado com sua leitura sobre mim — Mas isso não me qualifica como um julgador.

Puta que pariu! Eu não conseguia acreditar que estava mesmo tendo aquela conversa com um garoto de apenas nove anos.

— Sim, porque você a julgou desde o começo — apontou, extremamente chateado — Julgou o fato de ela ter fugido. E, a está julgando agora por ela ter fugido outra vez — decretou. — Não preciso te falar o quanto esse comportamento é errado, porque sou apenas uma criança. Mas

sei que é errado. Ninguém conhece os motivos dela.

Eu estava sem palavras.

— Mas de uma coisa, eu tenho certeza — continuou, visto que fui incapaz de pronunciar qualquer palavra que fosse — Rosa é uma das melhores pessoas que já conheci, e eu jamais iria trair sua confiança.

Dizendo isso, simplesmente, chamou o Thor e virou em seus calcanhares, dando a conversa por encerrada.

Pisquei, esforçando-me para raciocinar rápido.

— Tá legal, garoto! — exclamei, correndo até ficar em sua frente. Meu coração estava agitado, assim como todo meu corpo. — Na maioria das vezes, eu não sou uma boa pessoa, e sinto muito por isso — fui honesto. — Você tem todo o direito de não gostar de mim, o que não dou a mínima — ele ergueu as sobrancelhas nesse instante, mas ignorei — Mas precisa entender que, sua lealdade com a Rosa pode colocá-la em perigo. E eu posso ajudar. Posso garantir a segurança dela.

Permaneceu me olhando, mas sem nada dizer.

— Por quê? — intimou de repente, fazendo minha testa vincar. — Por que esse interesse todo?

Não entendi seu questionamento muito bem, mas tentei raciocinar a respeito.

A imagem daquela garota invadiu meus pensamentos, tornando tudo ainda mais confuso dentro da minha cabeça.

— Vou pedir para minha mãe me ensinar a lutar — alegou ele, o que piorou meu estado de confusão.

— E o que isso tem a ver com o assunto?

Deu de ombros.

— Apenas para o caso de você magoar o coração da Rosa — avisou, sério. Um ensaio de sorriso tomou conta dos meus lábios, mas disfarcei. Entendi que a ligação deles era extremamente forte, intensa e inquebrável. Passando por mim, Luigi parou e resmungou: — Ela fugiu no furgão que veio mais cedo para buscar as roupas.

Arregalei os olhos, absorvendo suas palavras enquanto o garoto continuava seu caminho, me deixando parado no lugar.

Piscando, disquei o número do Fillipo e rumei em direção ao meu carro.

— *O que foi?* — Fillipo atendeu.

— Rosa fugiu no furgão da empresa do Dante — avisei num fôlego só. Ele me perguntou como eu sabia disso, mas ignorei e continuei: — Liga *pra* ele e peça para localizar o motorista. Estou indo *pra* lá agora.

Desliguei e entrei no meu carro.

— Dirija! — ordenei ao Pietro, entregando-lhe as chaves.

***

Dante Bellini era um dos nossos associados que jamais nos causou problemas. Sua empresa trabalhava, especificamente, com carga e descarga — de todo tipo. Além disso, mantinha uma lavanderia onde trabalhava com sua família.

Pietro estacionou em frente ao edifício e, em seguida, retirei a chave da ignição, ao mesmo tempo em que algemava o seu pulso ao volante.

— Precisa mesmo disso? — questionou, tedioso perante minha atitude. — Acha mesmo que pretendo fugir e correr o risco de ser caçado por vocês? Tecnicamente, eu seria caçado por duas organizações, a sua e a do Louis.

Rolei os olhos, ignorando suas palavras.

— Você ainda não ganhou minha confiança — foi a única coisa que saiu da minha boca antes de eu descer do carro e deixá-lo lá.

Caminhei em direção à entrada do prédio, analisando o cenário ao meu redor. Sabia que todo o cuidado era pouco, ainda mais com tantos ataques sendo sediados pelos malditos *Shadows*.

A maioria do pessoal que trabalhava para o Dante já me conhecia, assim como ao restante dos meus irmãos. Então minha entrada era livre.

— Meu irmão já falou com você? — perguntei, assim que entrei na

sala do Dante. Ele estava numa ligação, mas logo desligou quando me viu.

— Falei com ele há alguns minutos — respondeu, se levantando e pegando um pedaço de papel. — Não consegui contato com o funcionário que esteve na fortaleza do *capo*, mas aqui está o Itinerário dele. — Entregou-me o papel.

Assenti com a cabeça, enquanto pegava o papel da sua mão.

— E como estão os negócios? — perguntei, analisando os endereços descritos naquela pequena folha.

— Perfeitamente bem! — exclamou com alegria.

Sorri.

— Manda um abraço para sua mãe — pedi, me encaminhando para a saída. — Diga que estou com saudades daquela torta de carne.

Ele também devolveu o sorriso, alegando que daria o recado.

***

Novamente no carro, soltei os pulsos do Pietro e, em seguida, lhe entreguei as chaves.

— Temos que encontrar um furgão com essa placa. — Mostrei o papel a ele. — Mas para isso, precisamos percorrer alguns endereços até localizá-lo.

— Ok — disse apenas.

Encarei-o de relance, notando toda sua tensão. Eu sabia que ele não estava confortável com a situação em que o impus, mas era o melhor que eu podia fazer por ele no momento.

***

Pouco mais de quinze minutos depois, Pietro e eu encontramos o furgão.

— Encosta! — Gesticulei ao motorista, quando coloquei a cabeça para fora da janela do carro. O homem me conhecia, obviamente, então não demorou a fazer exatamente o que pedi.

Desci do carro, e marchei para a parte de trás do furgão.

— Algum problema, senhor Fratelli? — perguntou ele, visivelmente preocupado. — Fiz alguma coisa errada?

Neguei com a cabeça, enquanto gesticulava para a porta de trás do veículo.

— Nada com você, *caro* — declarei. — Mas alguém importante desapareceu da nossa casa depois que você saiu de lá — expliquei — e, eu desconfio que ela esteja aí dentro. — Apontei.

Assustado, ele abriu a porta rapidamente.

Semicerrei os olhos, analisando o conteúdo do veículo. Haviam muitos caixotes e sacos.

— Sei que está aí, Rosa — murmurei, soando tranquilo. — Melhor não complicar as coisas, pois você sabe muito bem que não sou um homem paciente, *baby*.

— *La puta madre! Carajo!* — xingou em tom baixo.

— Está tentando me afrontar, querida? — zombei, achando graça dos seus xingamentos.

De repente, a fujona saiu de onde estava e nossos olhos se conectaram.

Foi estranhamente intenso.

Essa garota parecia ter o dom de se conectar comigo de uma maneira única. E eu não falava apenas do tesão exorbitante que estava sentindo por ela, mas de algo mais...

— A única coisa que eu estava tentando fazer, mas que você, *gilipollas* (idiota), atrapalhou, era fugir! — resmungou, dando alguns passos para sair do furgão.

Antes que pudesse descer, acabou tropeçando num dos sacos e se desequilibrou. Só não caiu, porque a segurei, considerando que eu estava na beirada do veículo.

Seu corpo quente se chocou contra o meu, igualmente fervendo. Pude

sentir seu aroma de pêssego em meu rosto e o vai e vem que o arfar da sua respiração fazia em seu peito, fazendo-me sentir a pressão dos seus seios fartos em meu peitoral.

Nunca tive uma mulher como ela em meus braços... toda volumosa.

Era extremamente excitante sentir sua carne sob minhas mãos.

— E por que pretendia fugir? — soprei, esforçando-me para ignorar os efeitos que nossa aproximação estava causando em meu corpo e mente. Seus lábios cheios estavam me fazendo quase insano com o desejo de mordê-los.

Piscando, nervosamente, se afastou dos meus braços. Sua ausência me causou um incômodo nunca sentido antes.

— Não é da sua maldita conta! — rugiu, malcriada.

Irritado e sem paciência, segurei em seu braço.

— Então foda-se! — rosnei no mesmo tom. — Apenas entre no carro. — Apontei.

Os olhos cor de mel se chocaram com os meus e enxerguei uma vulnerabilidade que me deixou desarmado. Não gostei do que vi.

— Por favor... não me obrigue a voltar — implorou com a voz chorosa, embora não estivesse chorando de fato.

Enruguei a testa, tentando entender seu medo.

— Mas... — me calei por um instante, raciocinando — aconteceu alguma coisa? Seu irmão fez algo? — Fúria evaporou dos meus poros com a mera possibilidade, o que me deixou ainda mais confuso por estar sentindo tal coisa.

— Não. É só que... — de repente, se agitou, olhando para além de nós dois — Por favor, policial! — Empurrou-me com força, de modo a se desvencilhar dos meus braços. — Este homem está tentando me levar a força. — Forçou um choro melancólico.

Pisquei, assustado e incrédulo com o que estava presenciando.

O carro da polícia parou na mesma hora, e um único policial desceu. Obviamente que eu poderia cuidar dele facilmente, mas estávamos em via pública. Uma amostra grátis do poder que nossa família exercia apenas atrairia uma atenção desnecessária.

Sendo assim, me deixei ser levado pelo idiota de farda, quando o mesmo entendeu que eu denotava perigo à “frágil garota”, que, enquanto eu estava sendo preso, não perdeu a oportunidade de fugir outra vez.

Droga!

Garota irritante do caralho!



Capítulo 5

Rosa

Um mês depois

— Temos mais um pedido de *Pozole* para a mesa 1 — avisou a senhora Violetta. — Ainda não acredito que, acrescentar comida mexicana ao cardápio do restaurante, faria tanto sucesso — confidenciou, alisando as mãos em contentamento. — Você é um gênio da culinária, querida.

Sorri, contagiada pela sua alegria.

Fazia pouco mais de trinta dias, desde que consegui escapar do italiano abusado. Me senti completamente em desespero, culpada e sem rumo. Jamais tive a intenção de causar problemas a alguém, pelo contrário, minha intenção era evitar esse tipo de coisa, por isso fugi.

Em meio ao caos do pavor, me deparei com um pequeno restaurante nos arredores de Palermo; havia uma placa alegando que estavam precisando de um cozinheiro. Obviamente que minha meta era desaparecer da Itália e ir para o mais longe que conseguisse, mas para isso, precisava de dinheiro.

Então ali estava eu... fazendo o que mais gostava na vida, que era cozinhar.

— O pessoal está elogiando bastante o prato novo, Rosa — comentou o senhor Gabriel. Ele era o marido da senhora Violetta. Ambos eram pessoas tão amáveis quanto generosas. Assim que iniciei o trabalho, falei que não tinha para onde ir, então me ofereceram o quartinho dos fundos do restaurante. Ao menos até eu conseguir coisa melhor.

No pouco tempo em que eu estava convivendo com o casal, percebi que eram sozinhos, tendo somente um ao outro para se apoiar. A única coisa que tinham se resumia a uma casa simples e o restaurante. Contudo, a felicidade dos dois transbordava sempre que se olhavam. Era um amor invejável.

— Eu sabia que iriam gostar do *Mole* — murmurei, zanzando de um lado ao outro na pequena cozinha — O *mole* é uma iguaria mexicana, um dos pratos com sabor mais marcante entre as comidas típicas do México.

— Na verdade, querida, suas mãos são mágicas — murmurou ele, fazendo meu coração se aquecer.

Voltei minha atenção para o fogão, entretanto, me assustei quando ouvi um estardalhaço logo atrás de mim. Ao esticar o pescoço me deparei com o senhor Gabriel caído no chão, morto com um tiro no peito.

Gritei de pavor, deixando a vasilha cair das minhas mãos. Houve

outros disparos no salão, fazendo meus batimentos cardíacos quase ensurdecedores.

Meus olhos nublaram com lágrimas não derramadas, enquanto me abaixava ali mesmo, na bancada. Respirando com dificuldade, me esforcei ao máximo para raciocinar sobre uma maneira de sair daquela enrascada. Mas a adrenalina não deixava. Tudo o que minha mente me mostrava era o senhor Gabriel caído no chão... morto por minha culpa, e bem ali... a poucos metros de onde eu estava. E a senhora Violetta? Pelos disparos que ouvi há pouco, ela, certamente, acabou tendo o mesmo fim que o marido. Tal percepção fez meu coração sangrar e meu estômago se contorcer.

Eu não era idiota; sabia que aqueles criminosos estavam atrás de mim.

Rastejando-me, me concentrei em rumar para os fundos. Tinha uma saída através do quarto em que eu ficava.

Peguei uma faca e me preparei para escapar, mas não fui muito longe. Assim que me ergui, fui barrada por um dos homens.

— Você é Rosa Herrera? — perguntou num sotaque esquisito. O cano de uma pistola quase colava em minha testa. Fiquei em choque, enquanto soluçava sem parar. — Não vou perguntar de novo — rosnou, engatilhando a arma.

— *E-eu*... não quero morrer. — Choraminguei, com as mãos erguidas.

A faca ainda estava entre meus dedos — Por favor...

— Onde está? — rugiu a pergunta, segurando meu braço e forçando a pistola em meu rosto. Sua impaciência era nítida. — ONDE ESTÁ? — gritou, sacudindo meu corpo fazendo com que a faca caísse da minha mão.

Eu só sabia gritar e chorar e gritar...

De repente, houve outro disparo, o que me fez segurar a respiração. Trêmula, me desvencilhei das mãos que me seguravam, enquanto o homem perdia seu fôlego de vida bem em meus braços. Pisquei diversas vezes, tentando entender o que tinha acabado de acontecer. Ao virar a cabeça para a porta, me deparei com Luca.

Guardando sua arma, marchou até onde eu estava, ainda travada no lugar. Suas mãos vieram para meu rosto, arrastando-as pelos meus braços como se quisesse ter certeza de que eu estivesse bem.

— Está ferida? — quis saber, sério. Parecia totalmente normal perante todo aquele cenário de filme de terror a nossa volta.

Neguei com a cabeça. Porém, por dentro? Estava dilacerada.

— Ótimo! — exclamou, firmando uma das mãos em minhas costas. — Temos que sair daqui.

Parei, freando os passos, enquanto olhava para trás. Especificamente, para o senhor Gabriel.

— Mas... — apontei para ele, sentindo meu coração doer.

— Ele se foi — declarou, seco. — Assim como a mulher dele. — Arregalei os olhos, chocada. — Há muitos corpos no salão, o que apenas reforça a minha pressa em nos tirar daqui.

Fiquei tão em choque que sequer reclamei quando ele, praticamente, me arrastou para fora daquele lugar como se eu fosse uma boneca de pano.

Do lado de fora, dei um grito de susto quando, perto do carro, o qual Luca estava me levando, fomos alvejados. Fiquei desesperada no instante em que vi Pietro atirando no criminoso que estava tentando nos matar, enquanto Luca se preocupava em me proteger de alguma maneira.

— Entrem no carro! — exclamou meu amigo, coberto de adrenalina. — Aposto que têm mais desses filhos da puta a caminho.

Amortecida, esforcei-me para entrar no veículo, querendo não pensar que, sem querer, acabei trazendo a morte de várias pessoas inocentes, sobretudo, do casal que me acolheu com tanto amor e carinho.

***

— Que lugar é esse? — perguntei num murmúrio, assim que chegamos a uma casa espaçosa e de alto requinte. Não havia qualquer toque feminino ali; o ambiente parecia frio e sem vida.

— Minha casa — respondeu Luca, suspirando de forma exausta. Fiquei

parada no meio da sala, observando tudo ao redor, mas sem enxergar nada de fato.

Minha mente estava presa naquele restaurante.

Pensei ter ouvido Luca conversando alguma coisa com Pietro, como se o estivesse agradecendo, mas não tive certeza.

— Vai ficar tudo bem, *Loquita (louquinha)*. — Pisquei, sentindo as lágrimas deslizarem por minhas bochechas, enquanto o rosto do meu amigo se materializava perante meus olhos. Pietro me encarava com pesar, como se soubesse exatamente como eu estava destruída por dentro. — Você não teve culpa de nada. — Afirmou, se inclinando para poder beijar minha testa.

— Fique por perto, Pietro — soou a voz impaciente do Luca, fazendo meu amigo se empertigar. — Não tente nenhuma gracinha, porque tenho diversos pares de olhos em cima de você.

Revirando os olhos, Pietro se afastou de mim e seguiu para fora da sala em que estávamos.

Sacudi a cabeça, irritada e repleta de sentimentos e sensações confusas.

— Qual é o seu maldito problema, *cara*? — Me revoltei, apontando o indicador para ele, que apenas arqueou as sobrancelhas. — Não sei se você se lembra, mas Pietro nos salvou lá na saída do restaurante. Se não fosse por ele, nós poderíamos estar mortos agora!

— Quer mesmo saber qual é o meu problema? — rugiu de volta, tão irritado quanto. — Você! — Apontou, se aproximando. — Você se tornou o meu problema antes mesmo de eu saber que estava em Catânia! Você se tornou um inferno na minha vida, que antes era fácil, e agora se resume a estar o tempo todo atrás de você. Eu fui para a cadeia por sua culpa! E, independentemente, de estar fora daquele lugar, continuo preso, pois minha missão, segundo meu irmão e chefe, é encontrar você e manter a sua segurança. Então, por favor, garota, pare de dar chilique!

Quando terminou de falar, ele estava tão perto de mim que pude sentir seu aroma conforme suas narinas infladas deixavam o ar sair. Seus ombros tensos me fizeram enxergar o que estava escrito em sua expressão, toda a fúria evaporando por seus poros.

Foda-se! Eu também estava irritada.

— Não pedi para ter uma babá! — revidei, malcriada. Não movi um dedo, assim como fui incapaz de desviar o olhar do seu. Os olhos azuis intensos estavam nos meus o tempo todo, como se quisesse enxergar minha alma; como se quisesse enxergar bem mais do que eu mostrava. — Não pedi para ter você no meu pé como uma maldita sombra! Quero mais é que você e sua família se fodam, *carajo*! — rugi, sentindo a fúria me dominar completamente.

Dizendo isso, dei meia volta e rumei para a porta de saída disposta a sumir dali o mais rápido possível.

— Vou embora daqui.

— O caralho que vai! — ditou, marchando até mim e segurando meu braço.

Começamos uma briga ridícula, onde eu me esforçava para me soltar do seu agarre. Eu podia ser grande, mas, incrivelmente, não era páreo para a força exorbitante daquele homem.

— Pare com isso! — exclamou, conforme eu continuava a me debater em seus braços. Em determinado momento, irritada, estapeei seu rosto com toda a força que fui capaz de exercer. Os olhos azuis se tornaram escuros e pude ver as pupilas dilatando gradativamente.

Arquejei quando, sem demonstrar qualquer esforço físico, ele me empurrou de costas contra a parede ao lado da porta. Raiva brilhava em seu olhar, assim como brilhava no meu.

— Me solta — exigi, num sopro falho. A verdade é que todo aquele contato com ele já estava me deixando nervosa. — Prometo que vou ficar quieta, então pode me soltar agora.

Enquanto eu falava, os olhos perturbadores se fixaram no movimento dos meus lábios, e isso de certa forma começou a dificultar minha respiração.

Por dentro, eu estava numa mistura de emoções e sensações.

— Você tem o incrível poder de me irritar na mesma proporção com que me excita — declarou, fazendo meu coração acelerar ainda mais com sua confissão. — E isso é chato *pra* caralho!

Me soltou, parecendo desnorteado consigo mesmo pelas palavras recém ditas.

Aproveitei sua distração e voltei a tentar abrir a porta, mas dessa vez, ele agarrou minha cintura, enrolando um dos braços musculosos ao meu redor.

— *Porca miseria*! — xingou em seu idioma.

Furiosa, me desvencilhei de seu aperto e me virei, mas suas mãos logo voltaram para meu corpo.

Numa tentativa desesperada de me livrar dele, afundei o rosto na dobra do seu pescoço e mordi sua pele, o que o fez urrar de dor. Seu rosnado, perto do meu ouvido fez com que todos os pelos do meu corpo se arrepiassem.

Segurando meus dois braços no alto da minha cabeça, ele forçou minhas costas contra a porta e pressionou uma de suas pernas entre as minhas, de modo a me impedir de atingir sua virilha com meu joelho.

Ambos estávamos respirando com dificuldade, nitidamente, nos esforçando para provar nosso ponto um ao outro.

— *Sei decisamente la ragazza più insopportabile che abbia mai incontrato* (Definitivamente, você é a garota mais insuportável que já conheci) — murmurou, pausadamente, em seu idioma quase sem fôlego.

Depois disso, avançou a boca na minha, pressionando sua língua com urgência na costura dos meus lábios, de modo a exigir uma entrada que, por incrível que pudesse parecer, eu estava mais do que disposta a dar. Seus lábios famintos devoravam os meus com sofreguidão, conhecendo cada canto...

Sugando.

Lambendo.

Chupando.

Jamais fui beijada com tanto tesão por alguém antes. Aliás, jamais sequer senti tanto calor com apenas um beijo. E essa mera constatação me deixou desesperada.

Desesperada por mais...

E isso... era um território muito perigoso.



Capítulo 6

Luca

Dos meus irmãos, eu podia, facilmente, ser considerado o mais esquentado e impaciente. Por ter dezenove anos, minhas atitudes condiziam com a impulsividade da adolescência. Embora, eu não suportasse ser taxado pela minha idade. Me sentia muito mais homem do que muitos por aí, que sequer honravam as próprias calças.

Costumava dizer que, a facilidade da vida estava em se permitir ser você mesmo, independente do pensamento dos outros.

Mas por incrível que pudesse parecer, essa metodologia não se aplicava quando o assunto era a Rosa e tudo o que tivesse a ver com ela. Não teve um maldito segundo — enquanto estive detido na delegacia do Romano — que eu não a tenha xingado, verbalmente e, mentalmente. E piorou depois que Fillipo e Manuele foram me resgatar, pois ambos começaram a fazer piadas sobre o ocorrido.

— Luca, o conquistador, sendo passado para trás pela garota perdida — zombou Manuele, na ocasião.

— Oh, Don Ruan, por que fostes tão mau comigo? — complementou Fillipo no mesmo tom de zombaria.

— Vão se foder, caralho! — rugi aos dois, tão irritado que meu único pensamento era encontrar aquela maldita garota e encher seu traseiro de palmadas.

Droga!

Depois disso, passei as últimas semanas sendo obrigado a seguir seus rastros como um maldito cão farejador, e isso, somado a minha impaciência fez meu sangue ferver e minha raiva inflar dentro do peito feito um balão.

Quando fui preso, Pietro foi atrás da minha família e se mostrou disposto a trabalhar comigo para que, juntos, encontrássemos o paradeiro da Rosa. Em meu íntimo, ainda não conseguia acreditar nele, visto que os *Shadows* não eram confiáveis. Então era difícil separar as coisas.

Depois de longos dias, finalmente, conseguimos rastrear a fujona, em um restaurante. Porém, não fomos os únicos. Rosa estava sendo caçada, e sua segurança se tornava primordial a cada dia.

Desnorteado, dispersei os pensamentos, me concentrando, exclusivamente, nos lábios carnudos e chamativos a minha frente. Essa garota insuportável não deveria ter esse poder sedutor sob mim. Ela não deveria me excitar tanto dessa maneira.

Perdendo o controle, simplesmente, avancei a boca na sua ignorando todos os alertas; ignorando a certeza de que me arrependeria no instante em que a soltasse.

Me surpreendendo, Rosa correspondeu ao beijo com igual desejo; a raiva exalando de nossos poros era evidente, mas também havia o tesão. Ambos estávamos fervendo.

A maciez de seus lábios me deixou encantado e os gemidinhos que deixavam sua boca conforme a minha a devorava pioraram meu estado de excitação. Meu desejo era morder cada centímetro dela toda... provar seu sabor de todas as formas possíveis e inimagináveis.

Essa constatação me deixou zonzo e, num estado atordoado.

Parei o beijo, encarando a garota entregue sob meus braços. As bochechas rechonchudas estavam rubras, deixando-a ainda mais atraente e sedutora. Nenhum de nós dois foi capaz de falar qualquer coisa que fosse. Não havia o que falar.

Meu coração batendo tão depressa... e a enorme ereção que latejava entre minhas pernas já me diziam o suficiente... que tudo aquilo foi um maldito erro.

Resfolegante, peguei meu celular — ainda mantendo Rosa sob meu jugo — e disquei o número do meu chefe de segurança.

— Reforcem a segurança na porta — avisei, sem desviar os olhos da Rosa, que continuava em silêncio. — Não quero que deixem a garota escapar!

Dizendo isso, me afastei. A dificuldade de fazer isso me irritou enormemente, porque não conseguia entender qual era meu problema. O que essa garota tinha para mexer tanto comigo?

Confuso, me virei nos calcanhares e segui em direção ao andar de cima sem lhe dirigir uma única palavra. Ela também não disse nada, então... foda-se!

***

No meu quarto, fechei a porta e, em seguida, levei a mão até meu bolso em busca do celular. Minha testa estava pingando suor; ainda podia sentir os efeitos do calor — em todo meu corpo — causado pelo maldito beijo.

— *Onde você está?* — Fillipo perguntou quando atendeu minha ligação.

— Estou em casa — respondi, caminhando pelo cômodo enquanto esfregava meu rosto e bagunçava meus cabelos curtos. — A garota está bem, mas foi por pouco.

— *Como assim? O que houve?*

Narrei a ele tudo o que aconteceu na última hora, deixando de fora,

claro, o momento do beijo. Ninguém precisava saber desse detalhe em específico.

— Vou ficar com ela aqui esta noite. Mas preciso que Angel venha para a Itália — expliquei. — Estou cansado de ter uma responsabilidade que não é minha. A garota é irmã dele, então ele que assuma todos os problemas dela.

— Sei disso, mas as coisas parecem estar complicadas lá no México — confidenciou ele em um suspiro. *— E ao que tudo indica, Rosa está tão fodida quanto ele no quesito encrenca. Então, precisamos ter calma.*

Me deixei cair sobre a cama, louco para expor todos os xingamentos que estavam engasgados na minha garganta.

— E eu preciso de outro propósito na minha vida, além de ficar atrás de uma garota irritante, porra! — rugi, encerrando a chamada.

Joguei o telefone sobre o colchão e, em seguida, esfreguei meu rosto, sentindo-me ainda mais frustrado. Meu coração batia descompassado e estava suando frio.

Levantei e arranquei minha camisa, sentindo o suor escorrendo por toda a extensão das minhas costas. Precisava de um banho frio. Eu estava pegando fogo de dentro para fora.

Pressionei minha ereção em riste, gemendo no processo.

Merda do caralho!

***

Não fazia ideia de quanto tempo demorei no banho até conseguir acalmar meus ânimos, mas quando desci ao andar de baixo, não vi nenhum sinal da Rosa. Não havia sequer vestígios dela.

Preocupado, fui ao lado de fora e conversei com Pietro e os outros, mas todos garantiram que ela não tentou fugir.

Novamente na casa, decidi voltar ao andar de cima.

Minha casa não era tão espaçosa quanto a dos meus irmãos, considerando que eu passava a maior parte do tempo na Fortaleza do Rossi. Além do mais, eu não era muito apegado à bens materiais.

Passei pela porta do meu quarto e fui direito para a única porta disponível. Só haviam dois quartos ali.

Dei duas batidas, mas não esperei por respostas e já fui abrindo. Vislumbrei a silhueta da Rosa na cama. Ela estava sentada no colchão, de costas para a porta do quarto.

Cauteloso, entrei e fui até ela.

Seu rosto virou em minha direção quando me aproximei; precisei segurar a respiração para aguentar a enxurrada de emoções que seu olhar me causou naquele momento.

— Imaginei que eu pudesse pegar um quarto para descansar — comentou num sopro.

Havia certa zombaria em seu olhar, o que me deixou um pouco sem entender.

— Sem problemas — resmunguei, esforçando-me para mascarar minhas verdadeiras emoções. — Iremos passar a noite aqui, e amanhã veremos o que fazer. Ao que tudo indica seu irmão não poderá viajar no momento.

Vi seus olhos se arregalarem.

— Por quê? O que houve com ele?

— Com ele, eu não sei — dei de ombros — mas com você? Quase foi morta hoje. — Me sentei ao seu lado, analisando suas reações. Eu queria tentar encontrar algo em seu olhar... qualquer coisa que me fizesse ver que ela também estava tão afetada quanto eu por causa do nosso beijo. Mas não encontrei nada. — O que está escondendo? Por que estão atrás de você?

Nesse momento, ela franziu a testa e baixou a cabeça. Notei a tensão em seus ombros.

— Não estou escondendo nada — murmurou. — Talvez Louis esteja querendo me matar, porque tem medo do que eu possa ter ouvido na época em que estive em seu território com o Luigi. — Voltou a me encarar. — Não

era sempre, mas ele visitava o menino e, às vezes, realizava pequenas reuniões com alguns homens.

Semicerrei os olhos, duvidoso. Algo me dizia que tinha algo a mais naquela história.

— Por que está mentindo? — indaguei. — Por que não está permitindo nossa ajuda? Do que tem medo?

Nervosa, se colocou de pé, fazendo-me desviar os olhos para seu traseiro avantajado que ficou de frente para mim. Engoli em seco, sentindo a excitação me dominar outra vez.

— Não estou com medo — revidou, agitada. — Só não entendo o porquê estão me perseguindo — se virou para mim, com o indicador apontado — e isso se equivale a vocês também! Sou muito esperta e capaz de cuidar de mim mesma. Sozinha.

Todo o calor da excitação que eu estava sentindo, instantes atrás, evaporou, transformando-se em pura raiva.

— Ah, jura? — zombei com cinismo. — Pelo que me lembro, havia um homem apontando o cano de uma pistola bem no meio da sua testa quando a encontrei naquele restaurante — argumentei, duro. — Você se acha autossuficiente, mas está mais do que óbvio que é um perigo a si mesma. — Me levantei, nervoso demais para continuar sentado. — E enquanto não

descobrirmos o motivo para estarem atrás de você, continuará comigo, sob minha proteção.

Seu rosto estava vermelho.

— Oh, então devo me sentir lisonjeada? — desdenhou, com as mãos na cintura.

— Eu não faço a menor ideia de como você deve se sentir, garota. — Me voltei em sua direção, revoltado. Já nem sabia se estávamos falando do mesmo assunto. — Só sei que você é a minha missão. Você é a porra da minha missão!

Dizendo isso, virei em meus calcanhares na intenção de abandonar o quarto, mas sua voz me parou:

— É por isso que está com raiva? — Continuei de costas.

— Acredite em mim quando digo que tenho planos melhores, do que continuar sendo babá de alguém — resmunguei em tom baixo.

— Pois eu discordo. — Novamente sua voz freou meus passos. Eu estava com a mão na maçaneta, porém estagnei no lugar. Dessa vez, virei o corpo em sua direção, me deparando com ela bem perto de onde eu estava. — Acho que está assim, todo eriçado, porque me beijou e não está sabendo lidar com o fato de estar sentindo tesão por mim. — Chegou mais perto, rebolando aquela bunda enorme diante dos meus olhos atentos. — Olha *pra* você... —

gesticulou — o típico homem *badboy* pegador... — deu uma risadinha rouca. — Deve estar sendo difícil administrar toda essa bagunça aí dentro, hun? — Apontou para minha cabeça. — Difícil aceitar que seu corpo quer a mim, uma garota gorda!

Demorei a absorver suas palavras, porque, na verdade, não conseguia acreditar em tudo o que ouvi. Admitia sim, que jamais me relacionei com mulheres que não fossem magras, mas isso não era uma regra. Nunca foi.

Chegava a ser triste o quão baixo Rosa pensava de si mesma.

Encurtei o espaço entre nós dois.

— Não vou negar que sinto tesão por você, porque sinto. — Peguei sua mão e a pressionei em meu pau duro ansiando que soubesse o efeito que vinha causando em meu corpo. — Você é uma mulher linda e gostosa *pra* caralho, independentemente do tamanho da roupa que veste. Eu gosto de mulher, Rosa, e é isso que você é para mim, uma mulher. Não uma mulher gorda como acabou de se intitular. — Nossos olhos estavam fixos um no outro, entretanto, seu rosto estava isento de emoções. Zero. Eu era incapaz de decifrá-la. — Acredito que nosso beijo foi errado sim, mas não pelos motivos que pensa...

— E quais motivos são esses? — perguntou, tentando não demonstrar o quão afetada ficou com minhas palavras.

Arqueei as sobrancelhas.

— Você acredita que estou arrependido, porque você é gorda — falei, desafiando-a a me desmentir. Porém, ela não disse nada, então continuei: — E está enganada em pensar assim. Não me arrependi de tê-la beijado, pelo contrário, me arrependi de ter parado... — ergui a mão e toquei seu queixo, deslizando o polegar em seu lábio inferior — mas não podemos. Minha missão é proteger você e garantir sua segurança — afirmei com convicção. — Posso ter todos os defeitos do mundo, mas jamais me aproveitaria da vulnerabilidade de uma mulher.

Inclinei o rosto e inspirei seu aroma. Ouvi seu gemidinho antes de — com muito custo — me afastar e sair do quarto.

Acabaria adquirindo guelras de peixe, de tanto banho frio que vinha tomando ultimamente.



Capítulo 7

Rosa

Sempre escutei piadinhas a respeito do meu peso e da minha aparência, mas como era uma menina não me importava. Porém, isso mudou com a chegada da puberdade. Desde que me tornei adolescente, as palavras de ofensa passaram a se tornar mais pesadas... mais duras; e mesmo que me esforçasse para ignorar, não conseguia ser tão forte o tempo todo. Minha mãe faleceu quando eu ainda era uma garotinha, então fui criada somente pelo meu amado pai. Éramos ele, meu irmão e eu.

Uma garota no meio de dois homens.

Nem todo o assunto, eu podia conversar com eles; temia falar dos importunos que sofria com alguns colegas da escola e piorar ainda mais a situação se acaso meu irmão resolvesse defender minha honra. Angel sempre foi um irmão protetor.

Aos poucos, desenvolvi uma armadura sob minha pele, totalmente impenetrável; à prova de tudo quanto era tipo de bullying. Quando me chamavam de gorda, eu ria junto... embora por dentro, sentisse meu coração

sangrando. As pessoas não deveriam ser taxadas pela aparência, mas por aquilo que tinham dentro de si... sua verdadeira essência.

Estava com dezenove anos, e, obviamente, que meu histórico de relacionamentos era quase escasso, entretanto tive algumas experiências. Mas seria hipócrita em não admitir que Luca me deixou completamente desestabilizada.

Tanto por dentro quanto por fora.

A princípio, me deixei levar pelo nosso beijo, acreditando que estivéssemos na mesma sintonia..., mas sua mudança brusca me desmotivou. Fiquei uma bagunça de emoções. Com a cabeça cheia de perguntas.

Não foi difícil deduzir que ele se arrependeu do que fez assim que me olhou melhor. Essa constatação me irritou tremendamente, porque pela primeira vez, eu quis que um homem me desejasse do jeito que eu era.

Droga!

Rolando de um lado ao outro na cama, me peguei atordoada com tantos pensamentos embolados. Os acontecimentos das últimas horas estavam me deixando inquieta, e por mais que meu corpo estivesse cansado, a minha mente não queria descansar.

Meus pensamentos se embolavam em minha mente, destruindo meu psicológico e meu autocontrole. Quando o sono, finalmente, me pegou, já

beirava o amanhecer.

***

Eu tinha acabado de sair do quarto quando me esbarrei com Luca saindo do seu; a força do seu olhar arrancou meu ar, travando minha respiração na garganta. Era sempre desse jeito... com essa mesma intensidade.

— Bom dia — soprei num esforço para não parecer tão afetada pela sua presença. No fundo, ainda me sentia chateada e confusa com o que aconteceu entre nós, horas atrás.

— Bom dia. — Saudou de volta, dando alguns passos para perto de onde eu estava. Observei que verificou a hora em seu relógio de pulso.

— Eu... — pigarreei, torcendo as mãos na frente do corpo — gostaria de saber o que faremos hoje — declarei, nervosa com sua aproximação.

Seus olhos perspicazes atingiram os meus.

— Por quê? Tem algum plano? — Arqueou as sobrancelhas em desafio.

Empertiguei-me.

— Na verdade, tenho sim. — Comentei, sentindo um bolo se formar em minha garganta. — O que aconteceu com todos aqueles corpos lá no restaurante? — Minha voz soou quebradiça.

Luca franziu a testa, talvez confuso pelo meu interesse.

— Eu pedi para que nossa equipe de limpeza fosse até lá — respondeu simplesmente, dando de ombros.

Não entendi.

— Equipe de limpeza? — Fiz uma careta.

Assentiu, me encarando.

— Pessoas que são pagas para limparem a cena do crime, apagando qualquer vestígio que possa nos incriminar — explicou.

Baixei a cabeça, pensativa, enquanto absorvia sua declaração.

— Aquele casal não tinha ninguém — contei com a voz embargada. — Eu cheguei na vida deles de repente e, aconteceu isso... — me calei, sofrendo com a imagem na minha mente.

— Você não teve culpa de nada — ditou, agoniado com meu choro. — Não tinha como saber que aqueles malditos invadiriam o lugar daquela maneira.

— Está enganado — argumentei, entre lágrimas. — Eu sabia que me encontrariam — admiti em desespero. — Eles vão me encontrar sempre.

Os soluços me atingiram, roubando meu fôlego.

Surpreendendo-me, Luca se aproximou um pouco mais e me amparou

com seus braços fortes. O calor do seu corpo no meu me fez sentir tão protegida que, por um momento, senti como se aquele fosse meu lugar seguro.

— Por favor, não chore — pediu, nervoso. — Não sei como agir ao ver uma mulher chorando — queixou-se, sem jeito.

Fungando, me afastei de seus braços, mesmo que a perda do contato, estranhamente, tenha me incomodado um pouco. Passei as mãos no rosto, para limpar o rastro das lágrimas.

— Posso te fazer um pedido? — soprei a pergunta, encarando seus olhos intensos.

Mesmo desconfiado, assentiu.

— Eu quero enterrá-los — decretei, engasgada. — Quero dar um enterro digno a eles. É o mínimo que posso fazer pelos dois.

Luca estalou os lábios, pensativo. Parecia estar travando uma luta interna enquanto me encarava, sério.

— Não garanto nada — murmurou num suspiro. — Mas se você acha que esse gesto poderá amenizar sua dor, então farei o possível para recuperar os corpos.

Mordi os lábios, tentando engolir o choro.

— Obrigada — soprei com sinceridade.

Apenas assentiu, sem jeito, enquanto desviava os olhos dos meus. De alguma maneira, parecia incomodado com meu olhar.

— Agora vamos descer — ditou, coçando a garganta. — Você precisa se alimentar.

Não o contradisse, porque realmente estava faminta.

***

Dois dias depois, Luca me levou para um cemitério na cidade. Meu coração já batia descompassado antes mesmo de descer do carro.

Caminhando lentamente, o italiano me mostrou o local onde eu pude ver duas lápides. Uma ao lado da outra.

Meus olhos nublaram na mesma hora, com a emoção que me abateu naquele momento.

Sentindo as pernas fracas, encurtei o espaço que me separava delas e me ajoelhei, tocando as pedras e lendo os nomes dos dois, Gabriel e Violleta.

— Me perdoem — soprei, sentindo meu coração apertado. — Eu realmente sinto muito.

O choro irrompeu, fazendo meu corpo todo chacoalhar. Era doloroso demais saber que de nada adiantou fugir, pois acabei trazendo a desgraça para outras pessoas. E pessoas que foram tão boas comigo.

Não era justo.

Com o coração apertado, fiquei ali... conversando com eles. Em determinado momento, Luca me estendeu duas rosas vermelhas. Não disse nada, apenas me ofereceu as flores.

Aceitei. Em seguida, depositei-as, uma ao lado da outra... homenageando-os.

Não sabia dizer quantos minutos se passaram, mas continuei ali... Luca permanecia em silêncio, de pé e logo atrás de mim. Eu sabia que ele estava incomodado com tudo aquilo, entretanto, se esforçou para fazer aquele gesto tão bondoso... e eu jamais me esqueceria disso.



Capítulo 8

Rosa

Eu estava há pouco mais de uma semana na casa do Luca, e nossa convivência era, no mínimo, estranha. Não éramos melhores amigos, aliás, eu nem sabia definir o que éramos. Em um momento, ele agia como um doce cavalheiro — um exemplo disso foi o fato de ter garantido o enterro do meu casal de amigos —, mas no outro parecia fazer questão de me afastar.

Desde o episódio do beijo, optamos por não falar do assunto, embora, isso não significasse que minha mente não fizesse questão de me lembrar constantemente. Aliás, o meu corpo insistia em me fazer lembrar das sensações prazerosas... do sabor daqueles lábios...

Do toque forte daquelas mãos...

Do calor devastador daqueles braços.

Eu sabia que não deveria insistir nisso, considerando que nós dois sequer tínhamos qualquer chance. Além do mais, era só uma questão de tempo até meu irmão vir me buscar. Entretanto, era uma situação que estava acima da minha vontade... bem acima.

Nervosa com meus pensamentos, mais uma vez sentia a dificuldade de dormir. E isso piorou quando comecei a escutar o barulho de trovões. Eu odiava trovoadas. Odiava os sons que vinham junto das tempestades.

Nervosa e trêmula, joguei as pernas para fora da cama e caminhei para fora do quarto. Não fazia ideia do horário, mas ainda era de madrugada. Estremeci quando um raio trovejou fazendo-me dar um pulinho de susto. Não pensei duas vezes e abri a porta do quarto ao lado do meu. Estava escuro, mas consegui ver a silhueta do Luca; ele estava deitado.

Me aproximei da cama, sentindo minhas pernas amolecidas. Luca se eriçou na mesma hora, apontando uma pistola em minha direção, bem na minha cara. Arquejei de pavor, erguendo as mãos em rendição.

— *So-sou* eu — gaguejei, temendo não aguentar meu próprio peso sob minhas pernas. Tremi ao som dos trovões lá fora.

— Puta que pariu, Rosa! — exclamou, escondendo a arma. — Caramba, garota! Eu podia ter atirado em você — resmungou, sacudindo a cabeça e se sentando. — O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Nesse momento, inspirei o ar, girando a cabeça e fixando os olhos na paisagem fora da janela.

— É que... — engoli com dificuldade, tentando não chorar — está chovendo e...

— Não gosta do barulho dos trovões — não pareceu uma pergunta.

Apenas neguei com a cabeça, juntando as mãos em frente ao corpo, esfregando-as uma na outra.

— Não, eu não gosto — respondi mesmo assim. — Será que eu poderia... — gesticulei para a cama, embora estivesse sem jeito.

Piscando, ele não demorou a entender o que eu queria.

— Claro. — Jogou as pernas para fora do colchão. — Vou dormir no chão.

— Não, por favor — o interpelei antes que saísse da cama. — Preciso sentir que terá alguém comigo — implorei.

Odiava me sentir tão vulnerável, mas o medo tinha esse poder.

Nervoso, ele se arrastou para o outro lado do colchão, o que foi minha deixa para juntar-me a ele.

Estava tremendo tanto que até mesmo os meus dentes rangiam.

Pensei em me aninhar de costas, mas achei melhor ficar de frente para ele. Luca estava sem camisa, então foi possível observar seu amontoado de músculos. Cobri meu dorso com o cobertor e me esforcei para parar de tremer conforme obrigava minhas emoções a se manterem controladas. De olhos fechados, busquei inspirar e expirar lentamente.

Podia sentir o olhar do italiano sob mim, mas preferi ignorá-lo. Preferi ignorar o fato de ele estar tão perto... optei por ignorar o detalhe de estar aninhada na cama dele... entre seus lençóis.

Porque meus traumas eram bem maiores.

***

Fui a primeira a acordar ao amanhecer do dia.

Assim que abri os olhos, me deparei com a visão daquele homem irritantemente bonito e sedutor. Ainda deitada, passei a descer o olhar por aquele corpo sexy... tinha consciência de que não deveria ficar espionando-o dessa forma, aliás, sequer deveria estar na cama dele. Mas ignorei todos os alertas que berravam aos meus ouvidos.

Lembrava-me vagamente de meu irmão ter muitas tatuagens em sua pele, mas Luca... era recheado delas. Junto dos desenhos também haviam cicatrizes. Senti meus dedos coçando com o desejo de tocar cada uma, mas me segurei.

Nervosa e, sentindo minha respiração irregular, decidi acabar com aquela palhaçada. Me levantei, tentando não fazer muito barulho, e caminhei para fora do quarto.

Entrei no quarto ao lado e segui direto para o banheiro. Lavei meu rosto e ajeitei meus cabelos. Olhei para minhas roupas concluindo que, com

toda a confusão que houve no restaurante — dias atrás — saí sem nenhum dos meus pertences, contudo, Luca se preocupou em trazer algumas peças para mim. Meu coração se apertou com a lembrança dos meus amigos, senhor Gabriel e senhora Violetta. Esperava que me perdoassem de onde quer que estivessem.

Deixei o quarto e fui ao andar de baixo.

A casa estava silenciosa e fria; estremeci com o calafrio que uma rajada de vento me causou através da fresta da janela. Fui até a vidraça e a fechei.

— Rosa?

Me virei para trás a tempo de ver Pietro se aproximando.

Tranquilidade inundou meu peito naquele momento e corri para abraçá-lo.

— Ah, é tão bom ter você aqui, sabia? — murmurei, num suspiro. — Fico aterrorizada com a ideia de que possam querer matá-lo.

— Eu também! — exclamou, acariciando minhas costas e, em seguida, beijando minha cabeça. — Mas estou vivendo um dia de cada vez.

Me afastei, encarando seu rosto. Pietro era dois anos mais velho do que eu, e era um homem muito atraente. Desde que nos conhecemos, há um ano, nossa amizade aconteceu espontaneamente. Éramos duas vítimas do destino. Talvez por isso que nos dávamos tão bem.

— Vamos até a cozinha? — perguntei.

Pietro assentiu, e seguimos para lá juntos.

— Você está pronta para me contar o motivo para ter fugido, dias atrás? — intimou, insistente.

Na verdade, desde que fui encontrada por ele e Luca — no restaurante — Pietro vinha tentando compreender o porquê fugi do meu irmão no exato instante em que nos reencontramos, sendo que voltar para casa sempre foi meu maior desejo.

— Eu sabia que seria perseguida, então fugi — contei, enquanto revirava os armários em busca de algo *pra* fazer para o café da manhã. — Não me perdoaria se trouxesse perigo para as pessoas que amo. — Meus olhos se encheram de lágrimas ao me lembrar do casal que me ajudou. — E no fim das contas, aconteceu justamente isso. O senhor Gabriel e a senhora Violetta... eles...

Meu amigo se aproximou e me puxou para seus braços, amparando-me conforme os soluços me tomavam por completo. A culpa pulsava em meu peito, juntamente com a dor de tê-los condenado àquele fim. Os dois não mereciam.

— *No te culpes*, querida — disse, esfregando meus cabelos. — Já estava escrito, e você não poderia fazer nada para impedir.

— Para começar, eu poderia não ter entrado na vida deles... — resmunguei, afastando o rosto do seu peito.

— Oh, por favor, sintam-se à vontade na minha casa. — Ouvimos a voz sarcástica do Luca.

Girei a cabeça em sua direção e me deparei com o homem, ainda sem camisa e com os cabelos bagunçados. A expressão do seu rosto estava carrancuda, o que me fez deduzir que ele, claramente, estava de mau humor.

Pietro se afastou de mim, sentindo-se sem jeito.

— Eu acordei e encontrei a senhorita Rosa na sala — comentou meu amigo. — Então pretendia auxiliá-la na preparação do café da manhã.

Passando as mãos no rosto, enxuguei as lágrimas.

— Não precisa se explicar, Pietro — resmunguei baixinho. — Nós não estávamos fazendo nada demais. Somos amigos, independentemente, de qualquer coisa.

Cruzando os braços, o italiano me encarou com os olhos semicerrados.

— Engraçado...

Dei a volta no balcão que compunha a Ilha no meio da cozinha e fixei o olhar no Luca, que não desviava os olhos dos meus.

— O que é engraçado? — intimei.

— Eu pensei que, pelo fato de você ter dormido nos meus braços a noite toda, acordaria menos arredia comigo — zombou, sorrindo feito um libertino.

Meu rosto esquentou na mesma hora.

Levei os olhos ao Pietro, nervosa com o que pudesse pensar de mim, mas ele estava com a cabeça baixa, tenso com a revelação que acabou de ouvir.

— Vou me retirar agora, senhor. — Afirmou, encarando o Luca, que apenas assentiu com a cabeça.

Quando ficamos sozinhos, marchei até ele, possessa de raiva.

— Que *carajo* pensa que está fazendo? — perguntei, apontando o indicador contra sua carinha bonita. — Eu não dormi nos seus braços!

Baixando a cabeça, ele começou a inspirar seu próprio aroma.

— Então por que estou sentindo seu cheiro em meu corpo?

A maneira como pronunciou a pergunta fez meus pelos se arrepiarem completamente. Meu coração passou a acelerar gradativamente. Luca tinha o dom de me fazer uma manteiga derretida somente com seu olhar, que parecia saber exatamente o que se passava dentro da minha mente e coração.

— Porque você é um tremendo libertino, e não consegue pensar com a cabeça de cima, apenas com a de baixo! — sibilei, esforçando-me para não

demonstrar estar tão afetada.

Sua risada piorou meu estado de excitação.

— *Tá* legal, *baby*! — exclamou, passando por mim e seguindo para a geladeira. — Não posso ir contra sua análise sobre mim. — Sorriu de maneira cafajeste.

Engoli em seco, aprumando o corpo, embora estivesse parada no mesmo lugar.

— Quais são os planos para hoje? Vou continuar aqui? — questionei, ácida.

Vi que ele pegou uma maça e deu uma mordida generosa enquanto caminhava para mais perto de onde eu estava.

— Gosto da ideia de tê-la por perto — confessou, o que me fez arquear as sobrancelhas, surpresa.

— Pensei tê-lo ouvido dizer que não gostava do fato de ser responsável por mim — lembrei-o de sua declaração de dias atrás, usando um tom de desafio. — O que mudou?

Encurtando o espaço entre nós dois, Luca levou a maçã novamente à boca mordendo a fruta lentamente, sem deixar de me encarar. Minha respiração engatou e minhas mãos suaram frias.

— Você mudou isso — admitiu com a voz rouca. — O nosso beijo

mudou isso... — chegou mais perto, aproximando os lábios da minha orelha, apenas para poder sussurrar: — O seu cheiro em meus lençóis mudou isso.

La puta madre!

Não consegui raciocinar nada. Fiquei totalmente travada.

Como se soubesse o estado em que me deixou, o idiota se afastou sorrindo, enquanto mastigava sua maçã tranquilamente.

Minha mente se tornou uma bagunça, tal qual, minha maldita calcinha.



Capítulo 9

Luca

Nunca escondi o quanto apreciava uma boa libertinagem. O prazer de estar com uma bela mulher sempre inflamou meus sentidos. Entretanto, jamais desejei dividir minha cama com alguma delas; minhas sacanagens ficavam fora da minha casa, local sagrado para mim.

Desde que fui incapaz de resistir ao desejo de beijar a Rosa, meu cérebro pareceu ter bugado; uma chama ardente passou a crescer dentro e fora de mim, causando-me uma miríade de emoções. Com o passar dos dias, sua presença em meu cotidiano vinha dificultando meu autocontrole; dificultando minha capacidade de raciocínio sempre que sentia o aroma de seu perfume espalhado por cada canto da minha casa.

Quando ela correu para minha cama, na noite passada, por causa da tempestade, algo em meu peito se apertou, porque percebi a grandiosidade dos seus traumas. A garota possuía um vasto histórico de dor e sofrimento, e, estranhamente, a vontade de protegê-la de tudo e todos fervia no meu peito. Talvez tenha sido por isso que resolvi fazer sua vontade quando me pediu

para enterrar seu casal de amigos. Embora, no fundo, eu soubesse exatamente como ela estava se sentindo, porque todos, eu e meus irmãos, nos sentíamos culpados pelo que aconteceu no passado com nossa irmã.

Não que eu fosse do tipo romântico e bonzinho, mas algo insistia em me puxar para ela como a um maldito imã... não conseguia ignorar. Ou melhor, não queria ignorar. Não depois de ter provado do sabor dos seus lábios... e tê-la sentido em meus lençóis. Sequer dormi direito.

Apesar dessa certeza, odiava me sentir tão à mercê de alguém; meu maior orgulho sempre foi minha liberdade. A liberdade de poder escolher com quem ficar, sem peso na consciência no dia seguinte. Sem sentimentalismo. Sem remorsos. Sem emoções.

E com Rosa as coisas estavam diferentes... aliás, tudo com ela era diferente do que eu estava acostumado. Percebi isso a partir do momento em que me senti enciumado ao observar seu entrosamento com Pietro. Nunca senti ciúmes de nenhuma mulher. Nunca, caralho!

— Pode me falar para onde estamos indo? — sua pergunta me tirou do torpor de minhas divagações.

Olhei para o lado, admirando suas belas feições.

Pietro estava dirigindo, então optei por acompanhar Rosa no banco de trás do carro.

Observei que ela estava nervosa com minha proximidade, era visível o quão afetada se tornava conforme meus olhos a estudavam.

Longos minutos atrás, em minha casa, depois que admiti que a queria por perto, percebi que Rosa se retraiu um pouco mais, talvez assustada com a velocidade de como as coisas entre nós vinha acontecendo. Não sabia dizer.

— Estamos indo para a fortaleza do *capo* — respondi.

Suas sobrancelhas se arquearam em dúvida.

— Aquele casarão que estive antes? — quis saber. Nos últimos dias, ela permaneceu, exclusivamente, na minha casa. Assenti com a cabeça, sem deixar de encará-la. Percebi que eu gostava de admirá-la. — Meu irmão está lá?

— Não — respondi, soltando um suspiro baixo. — Parece que Angel está impossibilitado de sair do México nesse momento. — Vi quando respirou aliviada com minha resposta, o que me deixou desconfiado. — O que há de errado?

Seus olhos se fixaram nos meus.

— Como assim? Não entendi.

Me ajeitei contra o encosto do banco, cruzando as pernas e firmando meus olhos sobre ela.

— Você pareceu aliviada quando falei que seu irmão não viria para

buscá-la — comentei, tentando entender. — Tem algum problema com ele?

Vi quando se empertigou.

— Claro que não! — exclamou, quase ofendida. — Amo meu irmão.

— Então o que está escondendo?

Franziu a testa, se ajeitando e desviando o rosto para a paisagem fora da janela.

— Só não quero trazer problemas *pra* ele. Apenas isso — disse, mas não me convenceu.

O silêncio reinou por alguns minutos. Pietro se mantinha calado, mas eu podia notar sua tensão. Infelizmente, eu ainda não consegui decifrá-lo... não tinha chegado a uma conclusão a respeito do destino dele.

— Vou poder ver o Luigi? — questionou ela, de repente.

— Não — respondi. — Ele viajou com Paola e Mariano. A viagem seria para uma lua de mel, mas a Paola não aceitou deixar o filho.

— Entendo — resmungou, sorrindo. — Os dois já passaram muito tempo afastados.

Apenas sacudi a cabeça, concordando com seu raciocínio.

Logo, chegamos a Fortaleza, e Pietro estacionou perto da entrada.

Saímos do carro.

— Fique perto do carro — ordenei ao Pietro. — Meus irmãos não gostam de você.

O mexicano revirou os olhos, impaciente.

— Não muito diferente de você — resmungou, chateado.

— A diferença é que, no momento, eu não quero te matar. — Pisquei um olho, fazendo-o engolir em seco. Voltou a entrar no carro.

— Por que não o deixa ir? — Rosa questionou assim que começamos a andar, lado a lado, em direção a entrada da casa. — Pietro é um bom rapaz, você já deve ter percebido isso.

Franzi a testa, irritado por ouvi-la implorando pela vida dele.

— Por que sempre tenta protegê-lo? — rosnei a pergunta, incapaz de controlar a irritação na voz. — Por acaso vocês dois têm algum envolvimento? — Minha boca se entortou com a pergunta.

— *¡No seas estúpido!* — exclamou com impaciência. — Pietro é meu amigo, e apenas desejo o melhor para ele — defendeu-se, nervosa demais para sequer me encarar nos olhos.

Parei de caminhar e a segurei pelo braço, trazendo seu rosto para perto do meu.

— *¿Está seguro?* (Tem certeza?) — quis me certificar. — Não foi o que me pareceu mais cedo... — lembrei. — Você e ele pareciam bem íntimos

lá na minha cozinha — acusei, sem esconder o desprazer da lembrança. Fora que, nos últimos dias, percebi que os dois viviam cheios de intimidade.

A princípio, ela piscou, esforçando-se para absorver minhas palavras. De repente, seus lábios se distenderam num sorriso convencido. Num safanão, soltou-se do meu agarre em seu braço.

— Está com ciúmes?

Engoli em seco, frustrado e irritado com tal acusação. Uma coisa era eu admitir para mim mesmo, em pensamento. Outra, totalmente diferente, era ouvir isso da boca de outra pessoa.

Não falei nada.

Abri a porta e saí caminhando, deixando-a para trás. Sabia que ela me seguiria.

Fillipo logo surgiu em meu campo de visão, estranhando minha carranca.

— O que houve? — perguntou, mas nem me esperou responder, pois passou por mim e foi cumprimentar a Rosa. — Você está bem, querida? — indagou a ela. — Se Luca fez alguma coisa estúpida, pode me dizer, viu?

— Isso mesmo, Rosa! — Nós nos viramos para encontrar a Maya vindo em nossa direção, sorrindo. — Todos nós sabemos o quanto Luca pode ser inconveniente, entende? — Foi no embalo do meu irmão, fazendo-me

revirar os olhos. — Talvez seja a idade dele. — Deu de ombros, me irritando.

Odiava quando ela se referia a mim como se eu fosse um menino.

Piorou quando ouvi a risada da Rosa e do Fillipo.

— Vão se foder vocês! — rugi, me afastando deles e seguindo para o escritório. Sabia que encontraria o Rossi lá.

Mal entrei no escritório e já fui me servir com uma boa dose de conhaque. Rossi não estava ali, mas não demorou a chegar. Seus olhos se espantaram ao notar meu descontrole.

— Parece nervoso. — Observou com os olhos semicerrados. — O que aconteceu? Não acredito que ainda está irritado com o fato de ter que cuidar da irmã do Angel?!

Terminei minha bebida num gole só e soltei o ar, sentindo a queimação em minha garganta causada pelo líquido ardente.

— Não importa — concluiu, sem me deixar responder. Aproximou-se da sua mesa e tomou sua poltrona. — Falei com Angel agora a pouco, e decidimos que você vai levar a irmã dele para o México, já que ele não pode deixar o país.

Arregalei os olhos, sentindo o impacto da informação.

Apesar de estar sentindo meu coração dolorido pelo fato de que, logo teria que me afastar da Rosa, me esforcei para não transparecer isso ao meu

irmão e líder.

— Qual o real problema?

Rossi esfregou o rosto, jogando-se contra o encosto da sua poltrona.

— Surgiu um inimigo em potencial — respondeu. — O homem quer tomar a liderança, então está agindo na surdina. Angel precisa estar por perto, reforçando as alianças e cuidando de seus negócios.

Assenti com a cabeça, embora me questionasse se realmente seria um bom momento para levar Rosa *pra* lá, no meio de todo esse conflito. Mas optei pelo silêncio.

Mesmo que no fundo, tudo o que meu âmago ansiava era escondê-la comigo, entre meus braços.



Capítulo 10

Rosa

Acabei ficando paralisada ao acompanhar Luca se afastando de nós. Não sabia o que fazer, considerando que era uma completa estranha naquele casarão.

— Não ligue para ele. — Levei os olhos para a linda garota, de olhos, absurdamente, grandes e azuis. — Esses irmãos tendem a ser dramáticos na maioria das vezes — zombou.

— *Wou*! — exclamou o rapaz ao meu lado. Ainda não tinha gravado o nome de todos eles. — Não seja má, Maya — ralhou, piscando de modo maroto. Acabei dando uma risadinha da sua expressão engraçada. — Vou atrás dele. — Apontou, se afastando de nós duas.

Fiquei sorrindo enquanto assistia a interação dos dois.

— Então você é a garota que vem infernizando a vida do Luca — não foi uma pergunta. Franzi o cenho, incomodada com a forma como ela colocou a situação. — No bom sentido, claro — acrescentou, talvez percebendo meu incômodo. — Estou adorando a maneira como aquele idiota

vem agindo ultimamente. — Sorriu, meio maquiavélica. — Você está o deixando maluco, garota. — Piscou, divertida.

Minhas bochechas se tornaram rubras.

— Não sei do que está falando — comentei, sem jeito. — Luca e eu não temos nada. — Engoli com dificuldade, desviando o olhar do seu, inquisidor.

— Está certo... — soprou, deixando sua desconfiança no ar — Vem comigo — pediu, tomando o caminho da escada. Voltei a encarar seus lindos olhos, piscando rapidamente. — Preciso amamentar meu bebê. — Sorriu.

Espelhei seu sorriso, porque amava crianças.

— Na última vez que estive aqui, não perguntei muito dele — comentei, enquanto a seguia. — É o seu primeiro filho?

A linda garota assentiu, demonstrando todo seu orgulho em falar dele.

— Sim — confirmou. — Benjamin chegou sem ser convidado, mas se tornou minha razão de viver. — Seu sorriso se alargou. — O pai dele e eu somos, extremamente, apaixonados pelo nosso bebê.

Fiquei pensativa por uns instantes.

— Acho lindo quando o casal se completa dessa forma — comentei, fazendo-a me encarar. — Posso ver o quanto você e seu marido se amam. Porém acredito que deve ser difícil ser a esposa de um *capo*.

Chegamos em frente à porta do seu quarto. Assim que abriu, meus olhos se depararam com um cachorro. Lembrava-me dele da outra vez.

— As dificuldades de um casamento são muitas, Rosa, mas o segredo é enfrentá-las focando no que é mais importante... — gesticulou para além de nós, e observei o bebê nos braços da senhora Dolores — a família e o amor.

Absorvi suas palavras, mas optei por não fazer nenhum comentário.

— *Niña*, Rosa! — exclamou a senhora Dolores, demonstrando alegria ao me ver. Depois de entregar o pequeno Benjamin aos braços da mãe, ela veio em minha direção. — *Te extrañé, querida*. (Estava com saudades de você, minha querida).

Amparei-a em meus braços, beijando seus cabelos grisalhos. O tempo que passamos, juntas, naquela casa em, Catânia, foi o suficiente para criarmos um laço, não somente pela nossa nacionalidade, mas também por nossa convivência diária.

— *Yo también* — respondi a seu carinho. — *¿Como esta? ¿Se convirtió en el cuidador del pequeño?* (Como está? Se tornou a cuidadora do pequeno?) — Gesticulei para Maya, que amamentava o filho, sentada sobre a beirada da cama.

Ouvi sua risadinha.

— Não entendi muito bem o que falou, mas posso confessar que a

senhora Dolores foi um verdadeiro milagre nas nossas vidas. — Declarou Maya, sorrindo amavelmente para minha amiga, que ficou sem jeito. — Jamais quis contratar alguém de fora para me auxiliar com o *Ben*, pois tenho dificuldade em confiar nas pessoas. Mas Dolores é uma mulher muito doce e sábia, e tem me ajudado bastante.

Senti-me muito feliz por suas palavras, porque isso significava que Dolores e seu marido tinham conseguido um novo lar. Eu me preocupava com os dois, assim como com Pietro.

— Ela é maravilhosa mesmo. — Voltei a puxá-la contra meus braços, enchendo seu rosto de beijos estalados.

Começamos a conversar, até sermos interrompidas por alguém, o qual, eu conhecia mais do que gostaria.

— Precisamos ir — avisou Luca, parado no batente da porta. Nossos olhares se chocaram, e precisei engolir em seco para não transparecer o quão afetada ficava sob seu olhar.

— Vai me ignorar, garoto? — zombou Maya, fazendo com que ele desviasse o olhar do meu, para poder encará-la. Benjamin se esperneou nos braços dela, talvez por ter escutado a voz do tio. — Não acredito que ficou *magoadinho* com meu comentário de minutos atrás?!

A risada dele me causou todo tipo de sensações.

— Já estou acostumado com sua falta de educação, querida — revidou ele, cheio de sarcasmo. Maya apenas deu risada. Aproximando-se dela, pegou o bebê, que dava gritinhos alegres. — E como está o príncipe dessa casa, hun? — Balbuciou, apertando as bochechas rosadas do sobrinho, que só sabia rir. Fiquei fascinada diante da cena inusitada. Luca era um *homenzarrão*, todo coberto de tatuagens e selvageria..., entretanto, naquele momento, parecia apenas um *meninão*.

— Vocês só sabem mimá-lo. — Maya resmungou, mas um sorriso orgulhoso pairava em seus lábios carnudos.

— Para onde vamos? — perguntei ao Luca.

— Para o México — respondeu, devolvendo a criança para a mãe. — Ficou decidido que seu irmão não poderá vir buscá-la, então vou levar você até ele.

Algo dentro do meu peito se apertou, mas não consegui discernir meus reais sentimentos naquele momento.

Sem opções, apenas assenti.

Em seguida, voltei a abraçar Dolores, beijando-lhe a bochecha. Depois me despedi da Maya.

— Espero que jamais se esqueça da sua força interior — sussurrou ela, em meu ouvido. — Todas nós somos incríveis, e capazes de realizar coisas

grandiosas.

Senti meus olhos umedecerem, mas não me permiti chorar. Apenas assenti, sorrindo.

Em seguida, me obriguei a seguir o meu, autodeclarado, protetor.

***

— Por que estamos aqui? — intimei, estranhando o fato de estarmos em um shopping.

Fazia pouco mais de trinta minutos desde que deixamos o casarão do seu irmão. O trajeto foi feito em completo silêncio.

— Você precisa de roupas novas — resmungou, sem me encarar nos olhos. — Ainda não decidi nosso itinerário, então quero, ao menos, garantir seu conforto.

Arqueei as sobrancelhas, surpresa com sua escolha de palavras.

— Se quer garantir meu conforto, por que não me deixa ir embora e seguir meu próprio caminho? — não resisti a alfinetada.

Encarando-me, pude enxergar a ira em seus olhos claros.

— Porque não deixo missões inacabadas — rugiu, trazendo lágrimas aos meus olhos, embora eu não tenha chorado de fato.

— Entendi — soprei, magoada. — É isso que sou... apenas uma

missão. Um maldito empecilho.

Engoli em seco antes de passar por ele e seguir em frente, sabendo que estaria logo atrás de mim. Sequer entendia o motivo para minha mágoa.

Dentro do shopping, começamos a zanzar de um lado ao outro à procura de lojas de roupas femininas; sempre tive dificuldades em encontrar lugares que vendiam roupas do meu tamanho.

— Você não precisa ficar tão perto — reclamei, assim que entramos numa loja. Pietro acabou ficando no carro, com dois seguranças. Luca e eu também estávamos sendo amparados por mais alguns de seus homens. — Sou perfeitamente capaz de fazer compras sozinha.

— Você já escapou de mim uma vez... — lembrou —, então não me culpe por não conseguir confiar.

Revirei os olhos, esforçando-me para ignorar sua presença.

Nos próximos minutos, fui passeando por entre as araras, escolhendo as peças de roupas de acordo com meu gosto e necessidade. Em alguns momentos, observei — disfarçadamente — a postura do italiano ao meu lado; ele estava muito tenso e desconfortável. Parecia que explodiria a qualquer momento.

— Vou experimentar estas. — Avisei, gesticulando para as roupas em minhas mãos.

Apenas assentiu, sério.

— Fique por perto.

Voltei a rolar os olhos, mas me dignei a ficar quieta. Sentia-me exausta psicologicamente.

Fui em direção ao provador, sabendo exatamente que estava sendo vigiada.

Demorei mais tempo do que o necessário, e quando saí, não encontrei Luca em lugar algum.

Estranhei seu sumiço, visto que parecia bem preocupado com minha segurança. Decidi dar uma volta pela loja, a fim de encontrá-lo.

De repente, esbarrei em uma moça sem querer.

— Oh, me desculpe — murmurei.

A garota loira, se virou para mim, massageando seu ombro. O rosto bonito estava enfeitado por uma carranca.

— Não consegue olhar por onde anda, sua idiota?! — rugiu, maldosamente. Fiquei tão assustada com sua agressividade, que permaneci estática no lugar, sem conseguir revidar às suas palavras. — Não vai falara nada? Além de gorda e feia, ainda é surda!

Minha garganta se fechou, então apenas assisti o momento em que ela

se afastou, resmungando palavrões.

Ainda em choque, dei um pulinho de susto quando tive meu braço agarrado por alguém. Estremeci na mesma hora.

— Mas que porra, garota! O que foi que eu te falei sobre se afastar de mim desse jeito? — Luca rugiu, impaciente. — Até quando vai continuar agindo como se não estivesse correndo perigo, hein? — Podia sentir a fúria exalando por todos os seus poros.

Minha mente pensou em explicar que, na verdade, quem se afastou foi ele, considerando que não o encontrei quando saí do provador, mas nenhuma palavra deixou meus lábios. Tudo o que fiz foi permitir que minhas emoções se tornassem livres...

As lágrimas ganharam vida, sem que eu pudesse controlá-las. Assustado, Luca arregalou os olhos, me encarando sem saber o que fazer para me amparar.

Infelizmente, perdi a luta contra minhas emoções.



Capítulo 11

Luca

Não conseguia sequer explicar a preocupação que senti quando me perdi da Rosa por um pequeno descuido meu; tinha recebido uma ligação do Fillipo informando sobre meu itinerário de viagem, o que me obrigou a sair de perto do provador da loja. Esse mínimo detalhe fez com que meu coração batesse acelerado quando percebi o sumiço da garota; algo dentro do meu peito se apertou de uma maneira quase agonizante.

Não deveria ter gritado com ela, sabia disso, mas fui dominado pela ira causada pela preocupação. Jamais me perdoaria se algo acontecesse ao seu bem-estar. Rosa era minha única prioridade no momento.

— Ah, caralho... não chora, mulher — resmunguei, incomodado com a visão do seu rosto molhado pelas lágrimas. Olhei para todos os lados, sem saber o que fazer para acalmá-la. — Me desculpe...

Rosa, simplesmente, permanecia parada, soluçando sem parar. Não saía nada da sua boca, além daquele som doloroso do choro.

Agindo por instinto, me aproximei e a puxei contra meus braços de

modo a ampará-la. Ignorei todos ao nosso redor, que nos encaravam sem entender nada, e me foquei apenas nela. Desejava arrancar sua dor com minhas próprias mãos.

— Shiiii... — soprei próximo ao seu ouvido — está tudo bem. — Por dentro, eu estava me xingando por ter sido tão estúpido.

Depois de alguns minutos, Rosa se afastou e me encarou enquanto passava os dedos abaixo de seus olhos, enxugando o rastro das lágrimas. Me odiei por ter sido o causador do seu descontrole.

— *E-eu...* — coçou a garganta, desviando o olhar para as roupas em suas mãos — gostei dessas.

Pisquei, forçando minha mente a raciocinar rápido.

— Ok. — Assenti, fazendo sinal para que um dos meus homens se aproximasse. — Pague por estas roupas. — Entreguei a ele. — Seguiremos para o estacionamento.

Depois disso, espalmei uma das mãos no meio das costas da Rosa e, em seguida, nos encaminhei para fora da loja, e do shopping.

***

— Rosa? — Pietro demonstrou preocupação assim que chegamos ao carro. — Esteve chorando? *¿Qué sucedió?*

Por mais que eu houvesse me esforçado para manter o controle, foi

impossível não escutar meus dentes rangendo pelo ciúme que senti.

— Nada que seja da sua maldita conta, rapaz! — rugi, me colocando em sua frente ao abrir a porta de trás para Rosa entrar no veículo. — Agora nos tire daqui.

Sua expressão se tornou anuviada, mas o idiota não retrucou minhas ordens.

Me ajeitando na parte de trás também, ao lado da Rosa, visualizei o instante em que ela esticou o braço e apertou o ombro do amigo.

— *Estoy bien, Pietro, no te preocupes* — declarou, passando por cima das minhas recentes palavras e arrogância.

Garota irritante!

Rangi os dentes, tentando não deixar meu incômodo visível. Minutos depois, o carro foi colocado em movimento. Rosa se espremeu no canto, e permaneceu encarando a paisagem fora da janela. Não chorava mais, porém eu podia sentir que continuava magoada.

No fundo, eu gostaria de conversar com ela sobre o que aconteceu na loja, mas não sabia como; nunca fui bom com palavras.

Que porra eu deveria dizer, afinal?

***

Chegamos em minha casa e desci do carro no instante em que Pietro estacionou. Meu telefone começou a tocar sem parar, mas ignorei as ligações. Silenciosa, Rosa passou por mim e subiu às escadas. Pensei em interpelá-la, mas entendi que ela precisava de tempo e espaço.

Recebi outra ligação, e decidi atender de uma vez:

— O que foi?

Era Manuele.

— *Algum problema?* — intimou.

Franzi a testa, levando o olhar para a escada, pensando na Rosa.

— Nenhum — respondi, tentando me convencer disso. — E então?

— *Tudo resolvido* — disse. — *Vocês irão em um jato fretado, exclusivamente, para essa viagem.*

— Certo. Qual o horário?

— *Dentro de três horas* — respondeu. — *Mandarei as coordenadas cinco minutos antes.*

— Ok! — exclamei.

Agradeci e, em seguida, desligamos.

Guardei o celular no bolso de trás da minha calça jeans. Buscando uma respiração profunda, tomei o caminho das escadas.

No andar de cima, fui direto para a porta do quarto de hóspedes. Dei duas batidinhas na porta antes de abrir uma fresta.

— Posso entrar? — tentei ser gentil.

Rosa estava cabisbaixa, sentada na cama. Percebi que passou as mãos no rosto, provavelmente, para enxugar as lágrimas.

— A casa é sua, ora! — resmungou, malcriada.

Mordi o maxilar, agoniado com todo aquele clima tenso.

Cauteloso, me aproximei e me sentei na ponta da cama, tomando uma distância considerável.

— Você está bem? — perguntei.

Vi quando sorriu, mas foi um sorriso amargo.

— Engraçado essa pergunta vir do homem que, minutos atrás, gritou comigo como se eu fosse um maldito subordinado — ironizou.

— Admito que me excedi um pouco, mas fiz isso porque me preocupei com você — defendi-me.

— Jeito estranho de se preocupar... — ergueu o olhar para me encarar — Quando saí do provador, você não estava por perto. Depois veio me acusar de estar me colocando em risco, diretamente. — Os lindos olhos caramelos se tornaram úmidos. — Você gritou comigo! Me fez parecer uma criança! Me

fez parecer insignificante! Qual é o seu problema, cara?

Pisquei, esforçando-me para absorver e raciocinar sobre suas palavras. Não me preparei para sua explosão.

Nervoso e inquieto, me coloquei de pé; passei as mãos na nuca, bagunçando os cabelos no processo.

Dei meia volta — para sair do quarto —, mas acabei desistindo. Num movimento súbito, trilhei o espaço até ela e, em seguida, enrolei um dos braços em sua cintura e a ergui, sentindo seu corpo contra o meu. Antes que tivesse tempo de pensar e, ou desistir, eu pressionei nossos lábios. Gemi ao sentir seu sabor em minha língua... sua boca macia me causou todo tipo de frenesi. Com a mão livre, firmei sua cabeça e afundei os dedos em seus cabelos soltos e sedosos; ditei o ritmo do beijo, me deleitando com os sons que escapavam de sua garganta. A princípio, suas mãos estavam espalmadas em meu peitoral, entretanto, logo foram ganhando confiança e, passei a senti-las deslizando por minhas costas, até descansar em minha nuca, onde passou a puxar meus cabelos gentilmente.

Ousado, deslizei as mãos por suas costas, apertando sua carne farta, o que apenas piorou meu estado de tesão. Descobri que era uma sensação deliciosa ter onde apertar, no corpo de uma mulher. Apalpei seu enorme traseiro, forçando seu corpo contra mim de modo a moer seus quadris no

meu... foi impossível não gemer de puro contentamento.

Foi ela quem freou o beijo, respirando com dificuldade contra minha boca. Me recusei a me afastar.

— *O-o* que foi isso? — soprou a pergunta.

Fascinado, passeei os olhos pelos lindos traços de seu rosto, acariciando seus lábios carnudos com meu polegar.

— O melhor beijo da sua vida — respondi, fazendo-a jogar a cabeça para trás, rindo.

— Convencido! — exclamou entre risos.

Também ri, obrigando-me a sair de perto dela, pois quis dar-lhe um pouco de espaço. Vi quando seus olhos desceram para minha ereção, o qual fiz questão de não esconder. Queria que ela visse o quanto me deixava excitado.

Quase ri do rubor em suas bochechas.

— Essa foi sua forma de me pedir desculpas? — indagou, fazendo uma carinha fofa.

— Funcionou? — entrei na brincadeira.

Sua risada fez algo no meu peito se aquecer estranhamente.

Mordeu o lábio inferior, fazendo com que meus olhos se fixassem em

sua boca outra vez.

— Em partes — afirmou, meio envergonhada sob meu olhar intenso. — Mas ficarei melhor depois de comer alguma coisa. — Confessou, rindo. — A comida me acalma.

Espelhei seu sorriso, adorando a expressão sapeca que tomou conta de seu rosto. Fiquei feliz por ter conseguido, ao menos por um momento, arrancar a tristeza de seus olhos.

— Gosto da ideia de comer... — insinuei, cheio de malícia, fazendo seu rosto ruborizar ainda mais. Dei uma risadinha, então acrescentei: — porque meu estômago está faminto.

Voltando a sorrir, ela disse:

— Então vou preparar algo para nós dois.

***

Depois que descemos, fiquei observando enquanto Rosa zanzava de um lado ao outro na cozinha; era uma sensação agradável tê-la tão à vontade em minha casa.

— O que vai preparar? — perguntei, quando a vi aquecer uma frigideira.

— Burritos de carne — respondeu, me encarando de soslaio. — Já experimentou?

— Não que eu me lembre. — Dei de ombros. — Mas sei que toda comida típica do seu país vai bastante pimenta.

Ouvi sua risadinha.

— É verdade. — Confessou, jogando pedaços de cebola sobre a frigideira. — Costumo dizer que, para confrontar um mexicano, é preciso estar disposto a se queimar — insinuou.

Na mesma hora, arrepios trespassaram todo meu corpo.

— Gosto de como isso soa... — murmurei com os olhos faiscando.

Seus olhos encontraram os meus e ficamos nos encarando por um breve momento, até ela quebrar o contato.

— Você já sabe o horário que iremos viajar? — perguntou, mudando totalmente o rumo da conversa. — Ainda não entendi o porquê meu irmão não pode vir me buscar. Ele está com problemas?

Me remexi na banqueta em que estava sentado, sentindo-me incomodado. Na verdade, eu não sabia, ao certo, o que vinha acontecendo com seu irmão.

— Pode não acreditar em mim, mas não sei de muita coisa — fui honesto. — A única informação que recebi foi que eu deveria levá-la até o México, porque Angel vem enfrentando dificuldades com um inimigo. Então se ele sair do país deixará o trono vulnerável, e os traidores bem à vontade.

Vi quando inspirou fundo.

— Meu irmão nunca quis assumir ao comando — declarou, fazendo-me arquear as sobrancelhas, surpreso. — Lembro-me que, antes de eu ser raptada, nosso pai o estava treinando para ser o sucessor dos negócios dele, pois Angel precisava passar por alguns testes. Então não entendo quem esteja tentando usurpar o trono. Acredito que nosso povo não aceitará isso muito bem.

— Por que afirmou que Angel não queria ser o líder?

Parou de sovar a massa que estava preparando e me encarou.

— Porque é a verdade — disse. — Meu irmão tinha outros sonhos, sonhos estes que nada tinham a ver com o Cartel.

Assenti.

Me levantei e dei a volta na bancada, ficando perto da Rosa.

— Nunca parei para pensar sobre o rumo que minha vida tomaria se acaso não houvesse herdado, juntamente com meus irmãos, o império criminoso do meu pai — admiti. — E isso é bem estranho.

Rosa espalmou a bancada, me encarando com intensidade. Suas mãos estavam sujas de trigo.

— O que gosta de fazer nas horas livres?

Franzi o cenho, pensando numa resposta:

— Ah, gosto de fode... — me calei assim que percebi a besteira que estava prestes a falar. Rosa ruborizou, baixando os olhos. Cocei a garganta: — Gosto de cantar — confessei. Eram poucas as pessoas que conheciam esse meu lado.

Rosa ficou tão surpresa que seus lindos olhos se arregalaram, brilhantes em minha direção.

— Você canta? — Parecia incrédula.

Apenas balancei a cabeça, confirmando. Estava me divertindo com sua expressão.

— Não acredito! — exclamou, pegando um pano de prato e limpando as mãos. — Então cante uma música para mim — exigiu, animada.

Pensei por alguns instantes.

— Não. — Neguei, fazendo-a piscar, sem acreditar em minha resposta. — A não ser que faça algo por mim.

Desconfiada, deitou a cabeça de lado e me encarou com os olhos semicerrados.

— O que quer?

— Quero que me conte exatamente o que aconteceu naquela loja —

decretei, notando a mudança brusca em sua postura. Analisei suas reações. — Sei muito bem que fui um estúpido com você, então não pense que estou tirando minha parcela de culpa sob seu descontrole, porque não estou. Mas algo me diz que tem mais coisas... e preciso saber.

Desviando os olhos, Rosa se recostou na bancada; ficamos lado a lado, mas em silêncio por alguns instantes.

— É difícil explicar — alegou num silvo.

— Tente... — instiguei.

Suspirando, notei que uniu as mãos e começou a estalar os dedos de maneira nervosa.

— Sempre fui humilhada por ser fora do padrão — explicou, ainda mantendo o tom de voz baixo. — Sofro bullying desde criança por causa do meu corpo e, embora eu tenha adquirido uma armadura contra esse tipo de comentário ofensivo, às vezes, eu sinto. E dói. — Me encarou, e pude enxergar a dor em seu olhar. — Sou uma garota gorda, Luca, e me amo do jeito que sou. Porém, minha autoestima não é indestrutível, entende? É impossível ser forte o tempo todo.

Minha mente começou a trabalhar conforme absorvia sua declaração. Esforcei-me para me lembrar de todos os detalhes do momento em que estávamos na loja, querendo recuperar todos os detalhes perdidos.

— Alguém te ofendeu quando eu não estava por perto? — indaguei num rugido engasgado.

Sacudiu a cabeça, afirmando.

— Uma garota.

Minha fúria foi tanta que acabei socando a bancada, fazendo com que Rosa desse um gritinho de susto. Fiquei tão surpreso quanto ela com minha explosão.

— Que filha da puta! — rosnei, me afastando e ficando de costas. — Por que não me contou? — Voltei a encará-la subitamente.

— Por que contaria?

— Como, por quê? — revidei, cético. — Porque estou aqui para protegê-la, esqueceu? Eu poderia ter feito algu...

— Poderia ter feito o que, droga!? — interrompeu-me. — Metido uma bala na cabeça da infeliz? É isso? — indagou, um pouco impaciente. De repente, soltou o ar. — Você pode ter se autodeclarado meu protetor, Luca, mas não poderá me defender o tempo todo. Há batalhas que somente eu terei de lutar.

Fiquei a encarando, lutando contra meu instinto — que berrava aos meus ouvidos — para ir até ela e escondê-la de tudo o que ameaçava lhe fazer mal.

Entendi o que ela quis dizer..., porém não concordei. Enquanto eu vivesse, jamais permitiria que alguém a ofendesse e, ou a magoasse na minha frente.

— *“You look so wonderful in your dress” ...* (Você está tão maravilhosa neste vestido — comecei a cantarolar a música, Tenerife Sea, Ed Sheeran. — *I love your hair like that* (Eu amo seu cabelo deste jeito) *The way it falls on the side of your neck* (O jeito como cai ao lado de seu pescoço) *Down your shoulders and back* (E sobre seus ombros e costas) — pausei por um instante. — *We are surrounded by all of these lies* (Estamos cercados por essas mentiras) *And people who talk too Much* (E pessoas que falam demais) *You got the kind of look in your eyes* (Você tem um olhar em seus olhos) *As if no one knows anything but us* (Como se ninguém soubesse de nada, só nós) — Nesse momento, cheguei mais perto dela, amparando seu rosto com minhas duas mãos, deslizando-as para trás, em sua nuca. Meus olhos jamais abandonavam os seus enquanto cantava, especialmente para ela. — *And should this be the last thing I see* (Esta deveria ser a última coisa que vejo?) *I want you to know it's enough for me* (Quero que você saiba que é o bastante para mim) *'Cause all that you are is all that I'll ever need* (Pois tudo o que você é, é tudo o que preciso) *I'm so in love, so in love, so in love, so in love* (Estou tão apaixonado, tão apaixonado, tão apaixonado) ...

Minha voz se perdeu quando não resisti ao desejo de beijá-la. Nossos

lábios se encaixaram com tanta perfeição que, naquele momento, desejei jamais deixá-la partir...



Capítulo 12

Rosa

Eu estava em êxtase... ou melhor, flutuando...

Na verdade, não conseguia descrever a verdadeira sensação que tomou conta de meus sentidos quando Luca cantou, especialmente, para mim. Sua voz rouca, porém, sensual, deixou meus pelos arrepiados e minha calcinha em estado de lastima. O que esse homem tinha para mexer tanto comigo?

Sabia exatamente que esse italiano era daquele tipo de homem de quebrar corações... devastando a maioria das mulheres que passavam por sua cama..., mas, eu me via seguindo em sua direção, como uma mariposa cega pela luz. Era mais forte do que eu...

Gemendo, senti seus lábios descendo para meu pescoço desnudo, considerando que estava usando um dos vestidos de alças que comprei mais cedo.

— *E-eu...* — gaguejei, sem fôlego enquanto sentia seu toque em todos os lugares — estou suada.

— Não me importo — revidou num rosnado arrepiante.

Luca rugiu ao descer uma das alças do meu vestido, embora não tenha permitido que o tecido deslizasse completamente. Arquejei no instante em que ele começou a lamber minha pele, chupando cada centímetro dela. Sua boca se arrastava dos meus lábios, queixo e colo... não havia uma ordem exata. Ele parecia faminto, assim como eu. Minhas duas mãos apertavam em sua cabeça, exigindo mais do seu toque... eu estava desesperada.

Podia sentir o aperto de seus dedos em minha cintura e traseiro, beliscando minha carne com sofreguidão. O raspar de seus dentes em minha pele apenas piorava minha excitação.

— Luca... — gemi em desespero, erguendo uma das pernas para circular sua cintura.

Sentindo minha agonia, ele segurou minha coxa e pressionou sua protuberância contra o meio das minhas pernas, que latejava sem parar.

— Você está me deixando louco — confessou roucamente, chupando meu lábio inferior. Amparei seu rosto com uma das minhas mãos, encarando-o quase bêbada de tesão.

Pegando-me desprevenida, me ergueu com facilidade, deixando-me sentada sobre a bancada.

— Por mais desesperado que eu esteja para fazê-la minha, não acho

que este seja o momento certo — murmurou, arrastando as mãos por minhas coxas, por baixo do vestido. Seus olhos não deixavam os meus. — Mas posso acabar com sua dor aqui embaixo... — esfregou levemente minha virilha, mas sem me tocar de fato — Deixe-me tocá-la... — pediu. — Deixe-me experimentar seu sabor na minha língua, *baby*...

Afundei meus dedos entre os fios de seus cabelos, esforçando-me para raciocinar rapidamente. Eu conseguia enxergar a mesma luxúria espelhada em seus olhos.

— Sim... — choraminguei. — Oh, por favor, sim...

Ergui-me e afastei a calcinha; Luca tomou a frente e deslizou a peça para fora do meu corpo deixando-a jogada em qualquer canto, no chão. Meu rosto estava fervendo, assim como o restante do meu corpo.

Com minhas pernas abertas, Luca voltou a me prensar contra si; exigindo minha boca na sua. Gemi em seus lábios quando seus dedos encontraram meu pontinho pulsante.

— Gostosa demais — soprou ele, sugando e mordendo meu lábio.

Sabia que minha pele ficaria toda marcada por causa da sua selvageria, mas pouco me importava. Aliás, nada mais me importava naquele momento, além de estar com ele.

Amontoando a barra do meu vestido em minha cintura, Luca se

inclinou ficando cara a cara com minha intimidade. Me vi num misto de timidez e excitação, considerando que não estava totalmente depilada.

Ameacei fechar as pernas, mas Luca não permitiu e afundou o rosto de modo a acariciar-me com sua boca e língua. Só não desfaleci, porque estava sentada.

— Essa é a primeira buceta que vejo com pelos — comentou mais para si mesmo.

De olhos fechados, me concentrei em seus movimentos.

— E isso é ruim? — perguntei, apertando sua mão, que estava beliscando um dos meus seios por cima do vestido.

— Não — murmurou, causando-me arrepios por causa da sua proximidade com meu nervo latejante. De repente, senti o toque de seus dedos em meu canal, porém superficialmente. — É natural. Tudo em você me desperta um desejo primitivo. — Abocanhou-me com devoção; parecia um animal faminto devorando sua presa.

Precisei firmar minhas mãos contra a bancada de modo a controlar os espasmos que começaram a tomar conta de todos os meus músculos e nervos, levando-me a cair do alto de um cume imaginário. Não havia palavras suficientes para expressar o que senti quando olhei para baixo e vi Luca me observando enquanto me chupava com fervor. Fui incapaz de não clamar

pelo seu nome quando o orgasmo chegou, me devastando de dentro para fora como uma bomba de prazer exorbitante.

Fiquei sem ar.

Fiquei sem voz.

Fiquei sem forças.

Luca me ajudou a descer, fazendo com que meu corpo se esfregasse no seu... então pude sentir a sua dureza.

Eu estava resfolegante, mas ainda tive forças para dizer:

— Isso foi... incrível!

Os lindos olhos me encaravam com tanta intensidade que me senti desnuda, embora estivesse com roupas. Observei o instante em que ele levou os dedos — que outrora estavam em mim — aos lábios e os chupou.

— Concordo. — Garantiu, sorrindo sacana, enquanto saboreava meu gozo em seus dedos. Não sabia que podia ficar ainda mais vermelha. — Vou tomar uma ducha gelada agora — avisou, se afastando um pouco.

Meu olhar logo recaiu em sua braguilha, curiosa sobre o que tinha entre as pernas e que me chamava como a um imã.

— Mas...

Ele não me deixou concluir:

— Sei o que vai dizer, mas não se preocupe comigo, *baby* — declarou, dando uma piscadinha. Referia-se ao fato de não ter gozado. — Cuidarei disso e, em seguida, poderemos comer.

Sem esperar por uma resposta minha, simplesmente, saiu da cozinha. Fiquei sem entender o que tinha acabado de acontecer ali.

***

— Você não precisa me levar para o México — comentei de repente, durante nossa refeição. Tinha passado pouco mais de quarenta minutos desde nosso momento quente na bancada. Dei uma mordida no *Burrito,* deliciando-me com o sabor. — Eu... — cocei a garganta, nervosa — poderia ficar aqui... com você.

Vi quando parou de comer, tenso com meu pedido.

— Ficar... aqui? Comigo? — repetiu pausadamente, como se estivesse testando as palavras na língua.

Sacudi a cabeça e, em seguida, limpei a boca com o guardanapo.

— Sim — respondi, incerta. — Eu não... — voltei a arranhar a garganta antes de continuar: — estou te pedindo em casamento nem nada do tipo... só estou pedindo para ficar aqui, entende? Em Palermo... com você. — Meu rosto esquentou.

Fechando os olhos, notei quando mordeu o maxilar, incomodado com

alguma coisa, o qual não entendi.

— Não sou um príncipe encantado — rosnou num engasgo. — Está enganada sobre mim, garota. — Ergueu-se, ficando de pé diante da mesa. — Eu apenas a fiz gozar, não me apaixonei por você!

Meus olhos se encheram de lágrimas automaticamente.

— Mas eu não...

— Partiremos dentro de vinte minutos — decretou, cortando minhas palavras outra vez.

Sequer tive forças para falar qualquer coisa que fosse.

***

— Estou a caminho, Manuele — ouvi Luca conversando ao telefone com seu irmão. Ele estava dirigindo, então o celular estava ligado ao sistema bluetooth do carro. Pietro não veio conosco. — Riccardo já me avisou sobre a carona. Falei com ele há alguns minutos.

Fixei os olhos para fora da janela, deslumbrada com as lindas paisagens da Itália. Na verdade, estava tentando ignorar a criatura ao meu lado; tentando ignorar o fato de ele ter me rejeitado depois dos incríveis momentos que compartilhamos. Estava sendo tola, sabia disso, considerando que Luca nunca me prometeu corações e flores, mas... ah, nem mesmo eu conseguia me entender.

— Nosso embarque será feito na Sicília — disse, de repente. — Um amigo partirá em seu jato, com sua esposa para *Acapulco*. Aproveitaremos para ir com eles. — Me dignei a encará-lo, mas não falei nada. — Pensei que gostaria de saber.

Revirei os olhos, sacudindo a cabeça, incrédula.

— Agradeço por sua consideração — zombei. — Me sinto bem melhor agora — meu tom escorria rancor e mágoa.

Ouvi seus dentes rangerem.

— Não me culpe por estar cumprindo ordens, *cazzo*!

— Pois escute isso... — olhei para ele com fúria — enfie essa sua subordinação bem lá... onde o Sol não bate, *cabrón*!

Vi seu maxilar endurecer, embora não tenha falado nada.

Meu peito subia e descia por causa da raiva fervendo em minhas veias.

Estava irritada.

Estava frustrada.

Estava magoada.

Os próximos minutos foram feitos em completo silêncio; nem mesmo a música que tocava baixinho era capaz de amenizar a tensão pairando entre nós dois.

De repente, entramos em um aeroclube. Luca estacionou e desceu; fiquei observando enquanto ele conversava com alguns homens. Em seguida, pegou o celular e ligou para alguém.

Instantes depois, retornou ao carro.

— Riccardo e sua esposa já estão na pista nos aguardando — avisou, porém não falei nada.

Acelerou o carro e nos encaminhou para a parte de trás do enorme terreno. Era um clube extremamente requintado, certamente, apenas para os engravatados e de bolsos cheios.

Antes mesmo de chegarmos perto da pista, Luca deu uma freada brusca, fazendo-me levar um susto.

— Ei?! — reclamei. — Qual é seu maldito problema?

Olhei para ele, vendo sua expressão preocupada. A mão do câmbio foi para o porta-luvas, em busca da sua arma. Meu coração começou a bater acelerado. Pisquei, desviando o olhar para nossa frente. Ao longe, podia ver a aeronave, e, também algumas pessoas. Gritei quando todos começaram a ser alvejados como em uma verdadeira chacina. Na mesma hora, Luca engatou a marcha ré e nos tirou dali. Disparos começaram a acertar a lataria do nosso carro, fazendo-me gritar.

Luca acionou o telefone e discou um número:

— Fomos descobertos — falou quando a pessoa atendeu. — Riccardo e sua esposa acabaram de serem assassinados! Mas que porra! — Explodiu, socando o volante.

— *Onde vocês estão?* — reconheci a voz do seu irmão Manuele. Havia tensão por trás dela. — *Porca miseria!*

— Consegui ver toda a movimentação, então nos tirei de lá a tempo — alegou Luca, nervoso.

— *Não pare agora* — ordenou Manuele. — *Vou averiguar o que aconteceu; descobrir como as informações vazaram.*

— Certo!

Encerraram a ligação.

Eu estava apavorada, mas ainda assim, fui capaz de sentir a preocupação de Luca. Suas mãos tremiam sob o volante.

Inspirei com força, buscando me controlar.

— Acha que foi uma emboscada? — perguntei.

— Tenho certeza de que foi.

Engoli em seco, ainda mais nervosa por sua resposta.

— Mas não se preocupe — acrescentou, querendo amenizar meu medo —, porque vai ficar tudo bem.

Franzi o cenho.

— Não pode me garantir isso — resmunguei, esfregando as mãos em minha calça, sentindo-as suando frio.

Arquejei quando sua mão tocou a minha, apertando-a devagar.

— Posso. — Afirmou com convicção, encarando-me por um instante. — Enquanto eu viver, garantirei sua segurança.

Minha respiração se tornou entrecortada enquanto minha mente absorvia o peso de sua declaração.

Esse homem tinha um claro prazer em me confundir.



Capítulo 13

Luca

Estava nervoso e preocupado, pois as coisas não estavam seguindo conforme meus planos. Aliás, desde que conheci Rosa, nada mais fez parte de um padrão; eu me via pensando e fazendo coisas que jamais cogitei.

Sentia-me preso num redemoinho de emoções e sensações, aos quais, jamais senti antes.

Rangendo os dentes, notei quando um carro começou a se aproximar rapidamente de nós.

Voltei a ligar para o Manuele:

— Estão nos seguindo — avisei quando ele atendeu.

— O quê? — Rosa se sobressaltou, mas a ignorei e me concentrei em minha conversa com meu irmão.

— *Estão em quantos?* — quis saber ele.

Olhei pelo retrovisor.

— Dois carros — respondi. Encarei a Rosa: — Segure o volante.

Mesmo, nitidamente, apavorada, fez o que pedi.

— *O que vai fazer, Luca?* — Manuele se sobressaltou. — *Mas que porra! Ainda não consegui averiguar todas as informações. Mas mandei o Fillipo e alguns homens para o Aeroclube.*

Abri o vidro do motorista e, em seguida, troquei tiros com quem estava atrás de nós; os disparos foram recíprocos.

— Não vou dar conta sozinho, irmão — confessei, sentindo-me de mãos atadas. Encarei Rosa: — Fique abaixada! — Retomei o controle do volante. — Estamos perto da região em que estivemos para capturar o Giacomo Ferrari, no vinhedo — avisei para facilitar de nos encontrarem depois. — Vou desligar agora e retirar o chip para conseguirem nos localizar se necessário. Tentarei entrar em contato dentro das próximas horas.

— *Toma cuidado, irmão.*

— Tomarei!

Encerrei a ligação.

— Luca! — Rosa exclamou, olhando para um dos carros que se colocou ao nosso lado esquerdo.

— Fique abaixada! — implorei, acelerando e jogando o veículo na direção do outro de modo a tirá-los da pista.

Os disparos continuaram, porém eu não podia fazer muita coisa, já que

precisava dirigir.

Desde a morte da Bianca, nunca me senti tão impotente na vida.

Minhas mãos tremiam, apenas em notar o quão assustada Rosa estava; eu não ia me perdoar se algo acontecesse a ela.

— Eles estão atrás de mim — choramingou em descontrole. — Estão atrás de mim.

Travando o maxilar, tentei fazer uma manobra arriscada, entretanto um dos tiros atingiu o pneu e isso fez com que o carro perdesse o controle. Acabamos capotando e caindo numa ribanceira da estrada.

A adrenalina invadiu meu sistema nervoso, causando-me todo tipo de sensação. Demorei um pouco para voltar a realidade depois que senti o impacto do veículo contra as árvores. Olhei para o lado, ansiando encontrar a Rosa.

— *Vo-você* está bem? — perguntei, esforçando-me para me livrar do cinto. Percebi que ela estava meio aérea.

— *E-eu* não sei — resmungou, em choque.

— Ok. Preste atenção, *baby*... Nós precisamos sair daqui agora! — alertei, auxiliando-a na retirada do seu cinto. Com a arma em punho, desci do veículo e observei a mata ao nosso redor. Certamente os homens que estavam atrás de nós, não descansariam. Dei a volta e fui até a porta do carona. — O

carro pode explodir a qualquer momento — falei, sentindo cheiro de gasolina.

Assim que saiu, gritou desesperadamente. Meu olhar recaiu em seu ombro deslocado.

— Puta que pariu! — exclamei, pesaroso.

Havia mais escoriações em seu corpo, porém não tão graves quanto a luxação do ombro.

— Preciso tirar você de perto do perigo primeiro — expliquei, esforçando-me para parecer controlado. — Depois cuidaremos do seu ombro.

Fungando, estendeu sua mão trêmula e segurou a minha, e ambos caminhamos para longe do carro, mais para dentro da mata fechada diante de nós.

Alguns minutos depois, ouvimos o barulho da explosão do veículo, e isso fez com que Rosa se encolhesse, assustada. O pânico em seu rosto me deixou devastado.

Sentia-me um incompetente por ter permitido que aquilo estivesse acontecendo com ela.

Chegando mais perto, analisei seu rosto e o restante do corpo em busca de mais ferimentos.

— Você se machucou? — preocupou-se comigo, mesmo estando com

dor. Analisou-me. Eu estava com alguns cortes na perna e no supercílio, mas nada agravante. — Está sangrando.

Arranquei minha camiseta.

— Me escute... — a encarei. — Vou precisar colocar seu ombro no lugar — declarei, vendo seus olhos se arregalarem. — E vai doer *pra* caralho, mas é preciso.

Com os lábios tremendo, ela me encarou com medo e indecisão enquanto amparava o ombro ferido com a outra mão.

Respirando fundo, me permitiu tocá-la. Dei minha camiseta para que pudesse morder o tecido quando eu forçasse seu braço; eu já tinha deslocado o ombro diversas vezes durante os treinos com meus irmãos, então sabia fazer o procedimento corretamente sem acarretar em mais danos.

Tentei não demonstrar o quanto seu sofrimento estava mexendo comigo, mas era impossível. No fundo, eu queria poder arrancar sua dor com minhas mãos.

— Pronto! — exclamei, minutos depois, nervoso com seus gritos de dor. — Por favor, me perdoe, *baby*. — Segurei seu rosto e beijei seus lábios com carinho, enxugando as lágrimas que escorriam por suas bochechas. Peguei minha camiseta e rasguei o tecido de modo a fazer uma tipoia.

— Agora vejo que me odeia — murmurou com a voz engasgada.

Franzi o cenho, porém relaxei quando visualizei o resquício de um sorriso em seus lábios. Entendi que estava brincando.

Também sorri.

— Só odeio quando você não obedece a regras.

Segurando em sua mão, do braço bom, comecei a nos tirar dali.

— Prometo me lembrar disso de agora em diante — ironizou, gemendo um pouco conforme pisávamos sob o solo desnível.

Dei uma risadinha.

— Você acha que aqueles homens ainda estão atrás de nós? — Mudou de assunto.

— Espero que não — respondi. — Mas é só uma questão de tempo para descobrirem que nossos corpos não estão naquele carro em chamas.

— Estou cansada dessa perseguição toda — admitiu, fazendo-me encará-la. — Às vezes, me sinto como um enorme pedaço de bacon sendo disputado por várias pessoas.

Tentei, mas foi impossível resistir a gargalhada, mesmo sob tanta tensão.

— Estou falando sério, ora! — resmungou, entre risos. — Nunca foi tão difícil ser... eu.

— Só posso dizer que... — a encarei — adoro bacon! — Pisquei, fazendo-a estapear meu braço, fingindo estar ofendida.

Passamos os próximos longos minutos caminhando mata adentro. Eu não fazia ideia de onde estávamos.

— Você por acaso sabe para onde estamos indo?

Parei por uns instantes, olhando para a direção do Sol. Estava me orientando por ele.

— Não.

Ouvi seu resmungo indignado.

— Uau! Fiquei até aliviada agora — zombou.

Sacudi a cabeça, achando graça. Rosa era a única garota que me desafiava, sem me causar incômodo. Pelo contrário, eu gostava.

— Quando criança, meu pai nos treinou sob diversos níveis de periculosidade — comecei a contar. — Eu e meus irmãos precisávamos aprender a nos defender e a estar aptos para lutar pela nossa sobrevivência em quaisquer circunstâncias, em defesa da família e dos negócios. Entretanto, nós não ficávamos juntos em todos os treinamentos, cada um de nós teve seu momento; sua vez. Lembro-me quando fui levado pelo general Andrés, um amigo do meu pai, para um rigoroso teste de sobrevivência na selva; eu tinha quatorze anos. Não foi algo fácil, mas aprendi muita coisa, porque Andrés era

um excelente militar e exímio caçador. — Virei o rosto para encará-la. — Então, ainda posso não saber com exatidão onde estamos, *mia cara*, mas confie em mim quando afirmo que sei lidar com a situação. Vou nos tirar daqui em breve.

Ela piscou, absorvendo tudo o que acabei de narrar.

— Você foi colocado numa selva, aos quatorze anos? — indagou, incrédula.

Sorri.

— Sim, eu fui — respondi, analisando o lugar ao nosso redor, observando todos os detalhes. Percebi um pequeno caminho de água. De repente, enxerguei uma cabana logo além de nós. — Olhe — apontei — um lugar para descansarmos.

Cauteloso, peguei minha pistola e fui na frente. O lugar estava vazio e era simples, porém, seria aconchegante para passarmos as próximas horas, visto que o Sol estava se pondo.

— Acha seguro ficarmos aqui? — perguntou ela, caminhando pelo pequeno espaço. Notei o quanto estava resfolegante. — E se essa cabana for de algum selvagem? Não morri no nosso acidente, e não admito morrer no meio da selva!

Novamente me arrancou uma risadinha. Me aproximei dela,

preocupado com o tom rosado de suas bochechas.

— Está febril. — Travei o maxilar, sentindo-me nervoso com tal constatação. — Precisa descansar um pouco. Venha.

Havia uma cama ali, então ajudei Rosa a se deitar. Depois disso, respirei fundo, olhando ao redor. Notei uma lareira.

— Vou dar uma saída para buscar lenha e água — avisei. — Vi um caminho de água logo antes de encontrarmos a cabana.

— Não demora — soprou ela fracamente. — Se me deixar aqui e eu morrer, juro que volto para te assombrar, seu italiano, abusado.

O canto dos meus lábios se distendeu num sorriso e, em seguida, abri a porta e saí da cabana.

***

Não fazia ideia do tempo que levei para pegar tudo o que precisava, mas quando cheguei na cabana, encontrei Rosa ardendo em febre. Rapidamente, acendi a lareira, agradecido por ter um isqueiro no meu bolso. Coloquei a água que peguei, com o auxílio de uma garrafa, e a despejei numa panela grande e, em seguida, a depositei sobre as chamas.

Fui até Rosa, que tremia descontroladamente.

— *Baby*? — Me sentei ao seu lado, sentindo sua temperatura — O que está sentindo?

Nada coerente saiu de seus lábios.

Suspirei.

— Vou precisar tirar sua roupa, tudo bem? — declarei, embora soubesse que ela mal estava me entendendo. — Preciso ver se está ferida em outros lugares, além do ombro.

Ela apenas gemeu, balbuciando palavras desconexas enquanto eu deslizava seu jeans para baixo de suas pernas. Notei que havia cortes superficiais em suas coxas e um corte fundo na lateral da sua barriga. Me levantei, fuçando em cada canto daquela cabana em busca de panos. Em seguida, tirei a panela de água do fogo e mergulhei o pano dentro dela. Voltei para a cama e comecei a deslizar o tecido úmido sob a pele da Rosa, limpando todo o sangue. Depois, mergulhei outro pano em um pouco de água fria e coloquei-o sob sua testa quente.

Procurei meu mini kit de primeiros socorros dentro do meu bolso — algo primordial e indispensável para mafiosos como nós — e retirei agulha e linha. Sabia que precisava verificar meus ferimentos também, considerando que minha perna estava latejando, mas Rosa vinha em primeiro lugar. O bem-estar e a segurança dela eram primordiais para mim.

— Angel... — gemeu, quando comecei a costurar o corte em sua costela.

Vê-la daquela forma doía fundo em mim.

— Estou aqui, querida — falei. — Vai ficar tudo bem.

Remexendo-se, ela me obrigou a parar o que fazia, já que eu não queria machucá-la sem querer.

— *¿Do-donde... está*? — questionou de repente.

— *¿Que querido?* (O que, querida?) — repliquei, confuso. Aproveitei que se ajeitou e continuei a costurá-la. — *¿A quién estás buscando?*

— *El ... el italiano* — respondeu, fazendo-me encará-la com curiosidade. Seu olhar estava fixo no meu. Pisquei, sentindo meu peito sufocado. — *Yo creo que...* ele está precisando de ajuda... — começou a chorar — Houve um *accidente de coche (*carro*) y...* você precisa encontrá-lo — afirmou, agitada, misturando os idiomas. — Luca pode estar... ferido.

Finalizei a costura, passando um pano úmido em seguida.

Meus batimentos cardíacos estavam acelerados em decorrência de tudo o que tinha acabado de ouvir. Em seus delírios, ela clamava por mim, preocupando-se com minha segurança. Por quê? Sinceramente, eu não me achava digno dessa mulher.

— O que esse Luca é para você? — perguntei, mas ela franziu o cenho.

— *No entiendo...*

— *¿Qué es esto Luca para ti?* — repeti a pergunta, mas em espanhol dessa vez.

Vi o momento em que seus lábios me presentearam com um lindo sorriso.

— *Alguien que esta aqui* (Alguém que está aqui) — apontou para sua cabeça — *es aqui* (e aqui). — Tocou seu peito, sob o coração.

O ar fugiu dos meus pulmões e algo dentro de mim se acendeu. Eu não deveria...

Não deveria tê-la tocado...

Não deveria sequer ter me aproximado...

Não deveria... ter me apaixonado.



Capítulo 14

Rosa

Abri os olhos lentamente, porém a claridade me incomodou, então os fechei. Meu corpo todo estava dolorido, sobretudo, o ombro. Gemi um pouco, esforçando-me para me sentar, mas sem sucesso.

Senti alguns panos úmidos em torno do meu pulso e sob minha testa. Pisquei algumas vezes, até me acostumar com a luz. Percebi que estava apenas de camiseta e calcinha. Havia um corte na lateral da minha barriga; dolorido, mas nem tanto. Luca tinha costurado.

Arquejei de susto quando a porta da cabana se abriu e ele entrou, se surpreendendo ao me ver acordada. Tentei me cobrir, mas de nada adiantou.

— Bom dia! — saudei, envergonhada, embora já houvéssemos compartilhado intimidade.

— Bom dia. — Devolveu, fechando a porta atrás de si. — Como está se sentindo? — Caminhou até a pequena mesa, servindo-se de um copo com água. Em seguida, veio até onde eu estava, arrastando os olhos sob meu corpo desnudo. — Beba! — exigiu, entregando-me a água. — Precisa se

hidratar depois de toda a febre que teve durante a noite.

— Por que estou sem a calça? — indaguei, antes de beber o líquido fresco. Senti-me revigorada.

— Eu precisava ver se havia outros ferimentos graves em você, além do ombro. — Gesticulou. — Por sorte, somente esse corte em sua barriga.

Olhei para baixo, analisando a ferida.

— Cuidou de mim a noite toda? — Encarei seus olhos, tentando entendê-lo. Vi quando deu de ombros, esquivando-se do meu olhar.

— Apenas o suficiente para mantê-la viva e em segurança.

Revirei os olhos, jogando meus pés para fora da cama. Minha vontade era de xingá-lo. Italiano teimoso e idiota! Sempre dava um jeito de estragar nossos momentos.

— Onde estava, afinal? — questionei, meio rude. — Quando vamos sair daqui? Quero estar logo com meu irmão.

Ele me encarou num misto de confusão e algo que não entendi.

— Então agora quer ir para o México? — Seu tom soou como uma cobrança. — Até ontem, não parecia tão animada para ir.

— Pois, agora quero ir! — exclamei, nervosa, enquanto, com dificuldade, vestia minha calça. — Não aguento mais todo esse cenário de

perseguição. E, principalmente, não aguento mais estar em um lugar, com alguém que não suporta minha presença.

A testa dele ganhou um vinco.

— Mas eu nunca falei que não gostava de estar com você — defendeu-se, confuso. — Rosa, por acaso não se lembra do que me disse ontem?

Foi minha vez de ficar confusa.

— Do que está falando?

Piscando, ele baixou os olhos e sacudiu a cabeça, parecendo descrente. Deu uma risadinha amarga e, em seguida, se colocou de pé.

— Esqueça — alegou, um pouco irritado. — Enfim, enquanto estava dormindo, aproveitei para dar uma estudada na área quando o dia amanheceu — contou. — Já sei para onde temos que ir.

Segurei minha calça, mordendo o lábio inferior.

— Será que você... — cocei a garganta, nervosa — poderia me ajudar a abotoar minha calça? — pedi, considerando que estava com um braço imobilizado.

Em silêncio, se aproximou sem deixar de me encarar. Nossos olhos se mantiveram fixos enquanto circulava minha cintura de modo a ajeitar minha calça corretamente. Em seguida, puxou o zíper e abotoou. Foi impossível ignorar o efeito causado pelo calor da sua proximidade. Desci o olhar para

seu peitoral desnudo, já que sua camiseta tinha sido usada como tipoia para meu ombro ferido.

— Você está repleto de cicatrizes do acidente de ontem. — Observei, tocando sua pele. Hesitei quando o senti tenso com meu toque.

— Tudo bem... — soprou, segurando minha mão e depositando-a em seu peito. — Gosto de sentir suas mãos em mim — confessou, me encarando nos olhos.

— Por quê? — intimei num engasgo.

Vi quando parou um pouco para absorver minha pergunta.

— Porque me sinto seu.

O ar sumiu de meus pulmões e meus olhos se encheram de lágrimas na mesma hora.

— Então... — engasguei — por que você está sempre me afastando? Por que está me levando para longe?

Erguendo a mão, amparou meu rosto.

— Porque acredito que você ficará mais segura lá no México, sob a proteção do seu irmão — declarou com fervor. — E sua segurança é a única coisa que importa para mim, *baby*.

— Sinto interromper esse momento fofura... — ambos nos assustamos

com a voz desconhecida e de forte sotaque americano. Luca me colocou para trás de suas costas, ameaçando ir até sua arma, que estava logo ao lado — É melhor não fazer nenhuma besteira, italiano, ou juro que meterei uma bala bem na sua cabeça — avisou, me fazendo arrepiar da cabeça aos pés. — E não quero isso.

— Quem é você? — Luca perguntou. — O que quer? — Podia sentir a tensão em seus ombros largos, conforme me escondia do visitante indesejado.

Ainda com a arma apontada para nós, o homem de aparência sinistra respondeu:

— Ryan. Estou aqui pela garota. — Gesticulou com a arma.

Me encolhi contra as costas do Luca, apavorada.

— Luca... — gemi.

— Você só irá tocá-la por cima do meu cadáver! — Meu italiano rugiu, empertigado.

— Seu desejo é uma ordem! — Engatilhou a pistola, porém antes que tivesse a chance de atirar, Luca avançou sobre ele, derrubando a arma no chão.

Os dois começaram a lutar entre si, quebrando tudo o que viam pela frente. Fiquei tão desesperada que não sabia o que fazer, além de ficar parada feito uma idiota chorona. De repente, visualizei a arma rolando pelo chão,

então corri para pegar.

Com a mão trêmula, a ergui, sentindo as lágrimas banhando minha visão.

— PAREM COM ISSO! — gritei, assustando-os. Ambos estavam sangrando bastante. Fiz do desconhecido, minha mira, porém, ele foi rápido o suficiente para retirar uma faca de dentro da sua bota e pegar Luca desprevenido. A lâmina foi parar em seu pescoço. A cor sumiu do meu rosto. — Solte-o — pedi, com meu corpo todo tremendo, inclusive, minha voz. — *O-ou* juro que... vou atirar.

Ele riu.

— Atire! — Estimulou, pressionando a lâmina na pele de Luca — Atire e levarei seu namoradinho comigo para o inferno!

— FUJA, ROSA! — ordenou Luca. — FUJA AGORA!

Com os lábios tremendo, perguntei num silvo:

— E se eu for com você? O deixará livre?

— *Che fottuta ragazza testarda*! (Mas que porra de garota teimosa!) — rugiu Luca, mas o ignorei.

— Lhe dou a minha palavra — decretou o desconhecido.

— Está bem. — Aceitei o acordo, selando meu destino.

— Ótimo! — exclamou. Luca continuava resmungando, mas minha decisão já tinha sido tomada. O homem de nome Ryan, simplesmente, forçou o braço em seu pescoço, apagando-o.

— Você... você... — as palavras mal soavam da minha boca, porque a dor de pronunciar tal frase era imensurável — o matou?

— Não seja ridícula! — disse. — Apenas o fiz desmaiar.

Colocando-se de pé, caminhou até mim com a mão estendida.

— Dê-me a arma, querida.

Eu estava tão atordoada que sequer pestanejei em lhe entregar. Tremia tanto que mal parava em pé.

— *O-o* que quer comigo? — perguntei, observando-o alinhar sua roupa. Estava com o rosto todo machucado e sangrando.

— Há uma recompensa por você — contou. — Alguém do alto escalão do submundo quer algo que você roubou.

Franzi a testa.

— Mas não roubei nada — murmurei, ofendida.

— Essas foram as informações que recebi, querida — declarou, abrindo a porta da cabana. — E, na verdade, pouco me importa. A única coisa que me interessa é o dinheiro que vou receber ao levar você. Agora

vamos. — Gesticulou para o lado de fora. — Temos uma longa caminhada pela frente.

Contorci o rosto, tentando não chorar, mas era uma luta vã. Meus olhos se fixaram no Luca, desmaiado; sentia-me devastada por nossa história ter terminado dessa forma. Eu deveria...

Deveria ter sido mais honesta.

Deveria ter sido mais corajosa.

Deveria ter me declarado... apaixonada.



Capítulo 15

Rosa

Minhas pernas doíam tanto quanto meu coração cada vez que me distanciava do Luca; cada vez que eu entendia que minha sina era sempre ser usada como moeda de troca dos outros.

Isso não estava certo.

Eu não merecia isso.

— Já que estou sendo raptada a troco de uma recompensa, posso ao menos saber quanto estou valendo? — indaguei de repente.

— Cem mil euros. Para ser capturada viva, claro — respondeu, fazendo-me arquejar de puro espanto. Ryan me encarou de soslaio. — Eu não sei o que você fez, mas se tornou um item muito valioso.

— Não sou um maldito item! — rugi, indignada. — Sou uma pessoa, um ser humano com sentimentos e emoções.

Sua risadinha desdenhosa me incomodou.

— Uma pessoa muito valiosa então — reformulou a frase, mas não

perdi o toque sarcástico em seu tom.

Revirei os olhos, enquanto o seguia.

Por alguns instantes, comecei a observá-lo; era um homem de aparência excêntrica. Os cabelos eram escuros e na altura dos ombros, porém completamente bagunçados. Imaginei que pudesse ser da mesma altura do Luca, ou um pouco maior. A barba rala destacava o escuro dos seus olhos, tirando o foco dos lábios, que eram finos.

— Afinal de contas, quem é você? — indaguei, ansiando conhecê-lo um pouco. — Tem família? Filhos?

— Sou um caçador de recompensas.

— Isso já ficou claro para mim — revidei, impaciente. — Estou perguntando sobre a pessoa por trás dessa casca de homem mau.

— Não sou um homem mau, senhorita — afirmou com veemência. — Não machuco inocentes.

Dessa vez, eu ri, mas foi uma risada amarga.

— Então como me qualifica? — praticamente rugi a pergunta. — Está me levando como uma moeda de troca. O que acha que irão fazer comigo? Por acaso acha que vão me tornar uma princesa do crime? — zombei, enojada. — Por favor, não seja hipócrita, senhor! — Entortei os lábios.

— Por que estão atrás de você? — se esquivou da pergunta.

Travei o maxilar, tensa.

— Não sei — menti. — Talvez seja por causa do meu falecido pai, o antigo líder do Cartel Sánchez — experimentei mudar o foco.

Ele freou os passos e me encarou com curiosidade.

— Você é filha do Sebastian Herrera? — parecia incrédulo.

— Conheceu meu pai? — Semicerrei os olhos.

Assentiu com a cabeça, retornando nossa caminhada.

— No passado — respondeu sem dar muitos detalhes. — O conheci numa época diferente da minha vida. — Senti que seu tom se tornou nostálgico.

Mordi os lábios, pensativa.

— Então vocês foram amigos — não foi uma pergunta.

— Não sou homem de ter amigos — resmungou, seco.

Franzi o cenho.

— Você me parece solitário.

Não disse mais nada, então entendi que tinha dado a conversa por encerrada.

***

— Estou cansada — reclamei, sem fôlego. — Estamos caminhando há

um bom tempo, e minhas pernas estão latejando. — Parei, buscando uma respiração profunda.

Ryan parou, virando-se para mim; me encarou com impaciência.

— Você é muito sedentária, garota — rosnou, me entregando um cantil. — Beba um pouco de água.

Rangi os dentes para ele.

— Não, sou gorda mesmo! — exclamei, irritada, porém, aceitando a água. — E estou com dor no meu ombro, recém deslocado. Vamos fazer uma pausa.

Bufando, voltou a se virar de costas para mim, jogando os braços no ar. Meus olhos, automaticamente, se fixaram em sua pistola, no cós da sua calça jeans.

Num súbito movimento, de coragem e impulsividade, avancei com minha mão boa e peguei a arma, apontando-a em sua direção, que se virou ao sentir meu furto.

Mal consegui manter minha mão firme sob a pistola.

Os olhos negros me encararam num misto de surpresa e zombaria.

— Pare com isso, senhorita... — começou a dar passos em minha direção, enquanto eu dava para trás — nós já passamos dessa fase.

— Não se aproxime! — avisei com a voz abafada por conta do pavor da situação. — Se chegar mais perto, vou atirar.

— Não vai! — desdenhou, rindo e continuando a encurtar o espaço entre nós dois. — Agora pare com isso e me dê essa arma antes que um de nós saia machucado. Ninguém aqui precisa se ferir.

— Errado! — rugi com fúria. — Eu serei machucada se continuar seguindo você. Somente eu!

— Já chega disso... — avançou em minha direção, porém seu movimento acabou me assustando e a arma disparou.

— *Ay Dios mío!* — exclamei sem fôlego, desesperada pelo que acabara de acontecer.

— *What the fuck*! (Mas que merda) — xingou em inglês, embora eu não houvesse entendido o que significava. — Você atirou em mim...

— *E-eu*... eu... — gaguejei, enquanto encarava o sangue escorrendo em sua barriga. — Por favor, me perdoe.

Dando passos para trás, acabou desfalecendo e recostando numa grande árvore.

Olhei para a arma em minha mão e a joguei longe, não querendo acreditar que, possivelmente, tinha acabado de me transformar em uma assassina.

— Não se apavore, garota — disse com a voz resfolegante, enquanto erguia a camiseta para verificar a gravidade do ferimento. — A bala não perfurou nenhum órgão — avisou, instantes depois.

— Como sabe? — duvidei, sentindo o engasgo do choro querendo me dominar.

— Porque não há sangramento descontrolado nem derrame de conteúdo intestinal — explicou. — Mas tem um problema...

Eu estava andando de um lado ao outro, angustiada com a ideia de ter matado uma pessoa.

— *O-o* quê?

— A bala ficou alojada e não consigo tirar — afirmou, me encarando — Você vai ter que tirá-la para mim.

Pisquei, absorvendo seu pedido e tudo o que vinha compilado a ele.

Passei a mão no rosto, enxugando as lágrimas que desciam sem parar, em seguida, busquei uma respiração profunda.

— Eu sinto muito, mas não posso fazer isso — decretei, sentindo o remorso me corroer por dentro.

— O quê? — revidou, incrédulo. — Não seja medrosa, garota, será algo simples. Já fiz isso diversas vezes.

— Não estou falando disso. — Ele me encarou. Demorou a entender o que eu estava tentando dizer, mas quando entendeu, travou o maxilar. Caminhei até onde estava o revólver e o peguei. — Se eu te ajudar, você vai me entregar para a pessoa que está me caçando como um animal. Não posso deixar isso acontecer. Preciso lutar pela minha sobrevivência, entende?

Visualizei seu sorriso, enquanto sacudia a cabeça.

— *Motherfucker*! — voltou a xingar em seu idioma. — Se me deixar aqui, eu posso morrer.

Meus olhos nublaram com novas lágrimas.

— Prometo que peço ajuda — afirmei. — Mas não posso ficar com você.

Dizendo isso, simplesmente, virei em meus calcanhares e retornei o caminho que havíamos feito anteriormente na esperança de encontrar com Luca.

Precisava voltar para ele.

Precisava me reunir novamente com meu italiano.



Capítulo 16

Luca

— Luca? Luca? Acorde, irmão! Irmão? — Abri meus olhos ao som de uma voz conhecida, piscando algumas vezes para entender o que estava acontecendo. — Você está bem? — Encarei Fillipo, que me olhava com extrema preocupação. Percebi que havia alguns de nossos homens ali com ele. — O que aconteceu aqui? Onde está a garota?

Na mesma hora, meu cérebro deu um estalo e me coloquei de pé num pulo. Toda a cena da Rosa sendo levada se fez presente em minha mente e eu quis socar alguém, tamanho o ódio que estava sentindo.

— Ela foi levada por um maldito caçador de recompensas — sibilei, entre dentes, sentindo meu sangue fervendo. Tomado de adrenalina, segui até minha pistola e a coloquei no cós da minha calça. Tudo dentro e fora de mim doía apenas em pensar no que pudesse estar acontecendo com minha garota.

Minha...

— Caçador de recompensas? Como assim? — perguntou, me seguindo quando saí da cabana a passos rápidos. Não tinha mais tempo a perder. —

Por que não me explica isso direito?

Minha cabeça estava uma maldita bagunça, e meu raciocínio não estava funcionando direito. Nada, além da Rosa, tinha importância para mim naquele momento.

— Como me encontrou, afinal? — quis saber.

— Depois que estive no Aeroclube, segui pela estrada a fim de explorar a área em busca de vocês dois, já que estavam incomunicáveis há algum tempo. Então encontramos o carro...

Assenti, sabendo o quão preocupados todos eles ficaram com o nosso sumiço do radar.

— Meu celular descarregou — expliquei, olhando para todos os lados e analisando as pegadas. Não fazia ideia de quanto tempo fiquei apagado. — Eles não podem estar muito longe... — comentei mais para mim mesmo, estudando o cenário ao nosso redor.

— Luca? — Se colocou em minha frente, forçando meu olhar no seu — Pode, por favor, me explicar o que aconteceu?

Irritado, fechei as mãos em sua camiseta e o agarrei.

— O que aconteceu antes, não interessa, porra! — rugi, sem paciência alguma. — Rosa foi capturada por um homem, alegando que há um prêmio pela cabeça dela. Então não temos tempo para perder.

O empurrei para longe e continuei seguindo, quase correndo na verdade. Meu coração batia descompassado, enquanto tudo o que minha mente sabia pensar era na única e, exclusiva, missão: deixar a Rosa segura.

Ouvi meu irmão praguejando baixo. Resmungou algumas ordens para os capangas que nos acompanhavam, em seguida, se aproximou de mim novamente.

— O que acha que essa recompensa por ela significa? — questionou. — Por acaso conseguiu descobrir alguma coisa durante o tempo de vocês, juntos?

Franzi o cenho, frustrado.

— Ela não me disse nada — murmurei. — Toda essa perseguição ainda é uma incógnita para mim também. — Rangi os dentes, furioso por estar de mãos atadas. — Tudo o que sei é que aquela emboscada no Aeroclube era para nós dois. Sabiam que estaríamos lá.

— Não foram os *Shadows* — declarou, fazendo-me parar e encará-lo com curiosidade. — A segurança do clube foi comprometida depois que um dos funcionários vendeu informações.

— Para quem?

— Mexicanos.

Arregalei os olhos, chocado.

— Mexicanos? — Pisquei, tentando raciocinar. O medo de perder a Rosa estava enlouquecendo minha mente.

— Há boatos de que alguém está acusando Angel e a irmã de terem armado a emboscada para o pai, apenas para que ele ocupasse o trono antes da hora.

— O quê? Mas que porra é essa? — indaguei, incrédulo. — Então aquele ataque foi arquitetado pelo próprio povo deles? — Meu sangue ferveu nas veias.

— Ao que tudo indica, sim.

Parei de caminhar, inspirando o ar para meus pulmões; a fúria estava ameaçando me sufocar.

— Essa merda fede mais a cada dia, irmão — resmunguei, abrindo e fechando meus punhos. — Por que aquele idiota mandou levar a irmã ao México, sabendo de todo esse cenário de horror dentro da própria organização?

Fillipo retirou seu colete e me entregou.

— Isso não é um problema nosso.

— Como, não é?! — Aceitei o colete, já que estava sem camiseta, há horas. — Rosa não sairá da Itália! — decretei.

Retomei a caminhada acelerada, sentindo toda a adrenalina dominando

meus sentidos.

— Mas que caralho, Luca! — praguejou atrás de mim. — Não pode ir contra as ordens do *capo* — lembrou, nervoso. — Sei que se apegou a garota, mas precisa entender que Rosa não é nada nossa, e...

Cortei suas palavras, encarando-o com os olhos injetados.

— Ela é minha! — sibilei, abrindo e fechando os punhos conforme minha mente absorvia aquela declaração. Senti-me liberto. Fillipo me encarou de olhos arregalados. — Enquanto eu viver, Rosa será minha prioridade.

— Puta que pariu! Não acredito que se apaixonou. — O espanto brilhava em seu rosto, assim como o desejo de rir. — Acho que o inferno vai acabar congelando. — Riu.

— Vá se foder!

Sua risada aumentou, mas ignorei. Meu foco e concentração estavam em rastrear os passos da minha garota.

Em determinado momento, ouvi quando Fillipo fez uma ligação para o Manuele, explicando toda a situação. Pediu para não alarmar o Angel, ao menos por enquanto, a respeito do desaparecimento da Rosa.

De repente, começamos a ouvir o som de passos se aproximando, então paramos. Fillipo e eu fizemos sinal para os homens circularem a área, a fim

de armarem uma emboscada, enquanto nos preparávamos para meter bala em quem quer que surgisse em nosso campo de visão.

Com a arma em punho, me mantive concentrado em nossa frente, porém, o ar fugiu dos meus pulmões quando me deparei com minha garota.

— Rosa... — guardei a pistola no cós da calça, na parte de trás, e corri para encontrá-la.

— Ah, não acredito que encontrei você. — Choramingou, me abraçando apertado. Me contive para não a apertar, porque sabia que seu ombro ainda doía. — Fiquei com tanto medo...

Fechei os olhos, suspirando baixo; aliviado por estar com ela sob meus braços outra vez. Cheirei seus cabelos, ansiando mantê-la comigo para sempre.

— O que aconteceu? — Me obriguei a me afastar para poder entender a situação. Aproveitei para observar se não havia nenhum ferimento, ao menos, visível em seu corpo. — Onde está aquele homem? Ele fez alguma coisa com você? Por acaso, ele... — rangi os dentes, não querendo pronunciar tal frase — tocou em você?

Nervosa, negou com a cabeça, enquanto enxugava as lágrimas insistentes. Em todo esse tempo que estávamos juntos, percebi que ela era uma garota bem sensível.

— Na verdade, fui eu quem o feri.

Meu irmão e eu nos encaramos, sem acreditar.

— Ele se tornou confiante quanto minha subordinação, então assim que tive uma chance, peguei sua arma e atirei nele — narrou a história, completamente apavorada. Olhou para mim com sofrimento nítido. — Mas juro que não foi proposital, eu juro. — Os soluços a tomaram. — Ele me pediu para ajudá-lo, disse que eu deveria retirar a bala, mas se eu fizesse isso, ele... ele... ia me vender, entende?

Angustiado com seu sofrimento, a puxei para meus braços outra vez, ansiando arrancar seu desespero com minhas mãos.

— Me tornei uma assassina, Luca... sou uma pessoa horrível...

Olhei para Fillipo, que nos encarava com curiosidade.

— Se acalme, *baby*... — a afastei para poder fixar meus olhos nos seus — Onde ele está? Onde você o deixou?

Com lábios trêmulos, girou o corpo e apontou para a direção em que veio, gesticulando.

— Por ali... — indicou.

— Tudo bem. — Sacudi a cabeça, travando o maxilar.

— Não se preocupe — afirmou Fillipo, tomando a dianteira — vou

pegar o idiota. — Avisou, fazendo sinal para alguns dos homens. — Leve cinco deles com vocês; há um atalho para a estrada, onde nossos carros estão. — Se aproximou de mim e tocou meu ombro, em seguida, colou a testa na minha. — Depois que tudo isso acabar, vamos nos sentar e conversar, irmão. Se cuide, idiota.

Dei uma risadinha. Fillipo e eu éramos muito ligados um com o outro, assim como Manuele era com Mariano.

— Faço das suas, as minhas palavras.

Dizendo isso, ambos tomamos caminhos opostos. Uni meus dedos com os da Rosa e comecei a nos tirar daquela maldita mata.

***

— Eu pensei que iríamos para a casa daquele seu irmão. — Rosa comentou, assim que estacionei na garagem da minha casa, pouco mais de uma hora de viagem. Desci do carro, dei a volta e abri a porta para que ela pudesse sair também. Seus olhos brilharam em minha direção.

Não falei nada. Apenas entrelacei nossos dedos e caminhei com ela para dentro de casa.

— Você está estranho...

Abri a porta e a empurrei, gentilmente, para dentro.

— É porque estou ansioso para fazer isso... — segurei seu rosto e uni

minha boca na sua num beijo faminto.

A princípio, Rosa demorou a entender o que estava acontecendo, mas logo entrou no ritmo e passou a me acompanhar. Com as duas mãos, amparei seu rosto enquanto devorava sua boca macia, sem forças para deixá-la ir.

Eu não queria deixá-la ir.

— Você tem razão... — soprei contra seus lábios, encarando seu olhar confuso e pesado de luxúria — fui um covarde com meus sentimentos em relação a nós dois — admiti, sem fôlego.

— Então isso quer dizer que...

— Quer dizer que estou apaixonado por você — confessei em voz alta. — A amo tanto que a ideia de manter você longe de mim é como um ácido me corroendo de dentro para fora. Ter visto você sendo levada por aquele mercenário me causou pânico e terror, pois não pude fazer nada para salvá-la.

Com os olhos lacrimejando, ela amparou meu rosto com sua mão livre.

— Tem certeza de que não está brincando comigo? Promete que não vai despedaçar meu coração?

Franzi o cenho, magoado com seu questionamento, embora compreendesse seu medo.

— Jamais brincaria com algo tão sério, *baby* — jurei, porque era verdade. — Você foi a única mulher que fez meu coração bater num ritmo

diferente. Nunca me apaixonei antes, mas acredito que desejar sentir a dor do outro significa amor, hun?

Sorriu em meio as lágrimas.

— *Sí*! — exclamou em seu idioma, tocando nossos lábios. — *También estoy enamorada de ti* — confessou o mesmo, trazendo alegria e alívio ao meu coração.

Voltamos a nos beijar, com mais urgência dessa vez. Passei a caminhar com ela, que estava de costas, em direção às escadas.

De repente, pausou o beijo, rindo de forma descontraída.

— Sei que já compartilhamos uma intimidade..., mas... — mordeu o lábio inferior de maneira safada — Tradicionalmente, mulheres mexicanas tendem a ser conservadoras, esperando um relacionamento sério antes de partir para atividades sexuais.

Pisquei, absorvendo sua declaração.

— Então terei que pedir sua mão em casamento, ao seu irmão.

Rosa jogou a cabeça para trás numa gargalhada.

— Seu sem-vergonha... — soprou sem fôlego, porque minha língua estava fazendo círculos em seu pescoço.

Em algum lugar da casa, comecei a escutar o barulho do telefone, mas

ignorei completamente. Sabia que era Rossi, pois eu deveria ter seguido direto para a fortaleza..., entretanto, nada mais me importava naquele momento, além de ficar sozinho com minha garota.

Somente nós dois.

Somente eu, e meu Anjo perdido.



Capítulo 17

Luca

Assim que entramos no quarto, me obriguei a parar de beijá-la.

— Antes de qualquer coisa, nós dois precisamos de um banho — comentei num sussurro, acariciando seu lindo rosto — Vou cuidar de você, *baby*...

Mordendo os lábios, ela apenas assentiu.

No banheiro, lentamente, retirei minha calça e cueca, não perdendo o lindo rubor que surgiu em suas bochechas quando fixou o olhar no meu pau. Sorri, sacana, enquanto retirava o colete que me foi dado pelo Fillipo.

— Posso? — Apontei para sua roupa, ansiando ajudá-la a se despir. Com um aceno de cabeça, Rosa me deu permissão, apesar de senti-la um pouco tensa com a ideia de ficar nua em minha frente.

Devagar, desamarrei os nós — que fiz com minha camiseta em seu braço ferido —, em seguida, foi a vez da sua blusa. Rosa ainda sentia muitas dores em seu ombro, então tomei o cuidado para fazer tudo com calma.

Depois, me ajoelhei e levei as mãos ao botão da sua calça jeans. Meus olhos não desviavam dos seus em nenhum momento, porque eu queria que ela enxergasse o quanto mexia comigo.

Vagaroso, desci o tecido grosso por suas pernas torneadas; Rosa me ajudou no processo, erguendo os pés para facilitar a retirada.

Com a respiração irregular, espalmei as mãos em suas coxas e arrastei a palma de modo a sentir a textura da sua pele bronzeada; de olhos fechados, aproximei o rosto e deixei vários beijos molhados pelo caminho. Rosa arquejou, estremecendo levemente.

Novamente a encarei, num pedido silencioso para retirar sua calcinha. Apesar de estar, nitidamente, nervosa, ela permitiu.

Enrolando os dedos na barra da pequena peça, a desci por suas pernas, revelando a delícia rosada, o qual, já tive a honra de experimentar.

Voltando a ficar de pé, circulei sua cintura com meus braços e desabotoei o fecho do seu sutiã. Uma vez fora de seu corpo, me afastei um pouco para poder admirar a perfeição que era aquela mulher. obviamente que meu histórico de garotas era extenso, mas jamais me senti daquela forma... como se soubesse que com Rosa nunca seria suficiente... sentia que, com ela sempre iria querer mais.

— Luca... por favor, pare de me encarar assim — murmurou ela,

fazendo-me piscar. Percebi que estava tentando se cobrir dos meus olhos, envergonhada. — Não gostou do que viu?

Meu cérebro demorou um pouco para absorver sua pergunta. Porém, quando entendi, fiquei enraivecido. Não com ela, mas com as pessoas vazias e preconceituosas que a fizeram pensar assim; que a fizeram se sentir tão inferior a si mesma.

Encurtei o espaço entre nós e amparei seu rosto com ambas as mãos.

— Você é a mulher mais linda que já vi — declarei com fervor, olhando diretamente em seus olhos para que visse, e sentisse, a verdade em minhas palavras. — Gosto do fato de você ter carnes fartas, porque isso significa que terei onde pegar e apertar... — circulei sua cintura e afundei o rosto em seu pescoço — e morder... — chupei sua pele ouvindo seu arquejo. — Não consegue ver o quanto me deixa ensandecido de tesão? — Peguei sua mão e a fechei em meu pau. — E me causa isso exatamente do jeitinho que é... gostosa na medida certa... — levei a boca na sua e suguei seu lábio inferior.

Nos levei para debaixo da ducha do chuveiro e peguei o sabonete líquido. Rosa estava expectante enquanto me observava.

Roubando a bucha das minhas mãos, ela passou a ensaboar meu corpo, começando pelo peitoral.

— Você é tão lindo... — ergueu os olhos para encarar os meus — tão atraente com todas essas tatuagens... — desceu o olhar para o movimento da sua mão. — Ainda é estranho pensar em nós dois juntos...

— Por quê? — indaguei, incomodado com a ideia de não estarmos na mesma sintonia.

Deu uma risadinha.

— Porque somos o oposto um do outro — respondeu, subindo a bucha para meu pescoço. — Você é como uma explosão da natureza.

Foi minha vez de rir.

— E você é minha calmaria. — Aleguei, tocando seu rosto e trazendo sua boca para mim.

Passei os próximos minutos lavando seu corpo, massageando seus músculos tenros e doloridos depois de tudo o que passamos. Depois de prontos, saímos do box e eu a enxuguei com calma e delicadeza.

— Tenho algo para dizer...

Já estávamos no quarto.

— O quê? — soprei a pergunta, enquanto caminhava com ela para minha cama. Não conseguia parar de olhar para ela.

— Essa não será minha primeira vez — confessou num fôlego só. —

Já transei antes, embora a experiência não tenha sido boa.

Deitei-a sobre a cama, entre os travesseiros. Meus olhos se arrastaram, sem pressa, por cada detalhe do seu lindo corpo. Meu coração chegou a parar uma batida.

Pairei sobre ela, encarando seu rosto, que parecia tenso por causa da sua recente confissão. Sorri para aliviar sua agonia.

— Nesse caso, também tenho uma confissão a fazer... — murmurei, cheio de suspense — Não sou mais virgem. Perdi minha virgindade há alguns anos.

Sua risada aqueceu meu coração e me senti satisfeito quando não enxerguei mais a tensão em suas belas feições.

— Palhaço! Estou falando sério, Luca! — exclamou, zangada. — Não faça piada.

Também ri, desenhando seus traços com meus dedos.

— Quando vai entender que nosso passado não interessa, hun? — soprei, me deitando de modo a não colocar meu peso sob seu corpo. — Para mim, o que importa é a nossa conexão... nós dois. Apenas nós dois. E a partir do momento em que eu a fizer minha, seremos um do outro para sempre.

— Para sempre... — pareceu testar as palavras na língua — Isso parece ser muito tempo — zombou, rindo, apenas para me irritar.

— *Soy un hombre intenso, baby* — expus, arrastando a boca para seu queixo. — Uma vez você me disse que, se mexer com uma mexicana deveria estar disposto a se queimar... e aqui estou eu, totalmente pronto!

— Oh, *sí*... — gemeu quando abocanhei um dos seus seios fartos, amassando o outro com minha mão.

Me concentrei naquelas carícias por alguns minutos, até começar a explorar um pouco mais. Estava ansioso para descobrir cada centímetro daquele corpo que, dali em diante, seria somente meu e de ninguém mais.

Não resisti ao desejo de morder sua carne, excitado demais para conseguir controlar esse ímpeto; senti-me quase um canibal. Os gemidos da Rosa estavam piorando meu estado faminto... desde a primeira vez que provei do seu beijo, entendi que com ela seria diferente... sabia que jamais me sentiria satisfeito. Rosa tinha algo que me instigava a querer conhecê-la mais e mais... eu ansiava ser o único; ser a sua base segura. Queria ser a sua escolha quando as coisas estivessem ruins.

Assim que cheguei em seu umbigo, o circulei com minha língua, enquanto Rosa se remexia feito uma lagartixa; eu estava adorando tirá-la do eixo dessa forma. Arrastei as mãos até suas coxas roliças e as abri, exigindo visualizar a delícia entre suas pernas; olhei para Rosa e a peguei com os dentes entre os lábios, embora estivesse com os olhos pesados em mim,

observando minhas ações. Havia expectativa e ansiedade em seu olhar.

— Desde a primeira vez que chupei sua boceta, jamais me esqueci do sabor dela. — Comentei, ansioso, abrindo seus grandes lábios para dar uma lambida generosa, de baixo para cima. Minha garota deu um grito de satisfação, remexendo o corpo abaixo de mim. Eu adorava o fato de ela manter alguns pelos ali embaixo.

— Luca... Oh, *Dios mio!*

Dei uma risadinha, soprando levemente em seu amontoado de nervos, observando seus tremores.

— *Dios no tiene nada que ver con eso, querida* — comentei em seu idioma.

Trazendo a mão para minha cabeça, escondeu os dedos em meus cabelos, forçando-me cada vez mais para a sua bocetinha, que piscava diante dos meus olhos famintos. Rugi, feito um maldito selvagem. Sempre fui tarado por mulher — de todo tipo, formato e cores —, entretanto, Rosa tinha algo que me enfraquecia... ela me fazia querer estar com ela a todo o momento... e não apenas no sexo. Nenhuma mulher me fez desejar isso.

Somente minha mexicana.

Desesperado para fazê-la gozar, afundei o rosto entre suas pernas e comecei a lamber, chupar, sugar e morder... não, necessariamente, nessa

ordem. Minha sede por essa mulher estava me enlouquecendo; sentia que Rosa tinha se tornado minha *kriptonita*.

Depois de alguns minutos, e de ter lhe proporcionado dois orgasmos seguidos, comecei a subir seu corpo com beijos molhados. Tinha certeza de que, no dia seguinte, ela reclamaria das marcas que minhas mordidas estavam deixando em sua pele.

Beijei sua boca, que estava entreaberta por ainda estar se recuperando de todo o prazer que a proporcionei.

— Gostosa demais... — suguei seu lábio inferior — Apetitosa... — mordi seu queixo — E minha... somente minha!

Pulei da cama por um instante, apenas para pegar minha carteira do bolso da minha calça e retirar uma camisinha de dentro. Ao me voltar para a cama, observei que Rosa estava encarando minha bunda, o que me fez sorrir.

— Você tem uma bundinha tão linda, sabia?

Alarguei o sorriso, enquanto engatinhava pela cama, voltando a me colocar sobre seu corpo.

— Não tem nada de “inho” em meu corpo, *baby* — esclareci, fazendo-a gargalhar — Apenas “ão”, de grandão. — Me ajeitei, abrindo suas pernas com as minhas.

— Ah, você é tão arrogante — gemeu, abraçando-me pela cintura.

— Está preparada? — soprei a pergunta, aproveitando para lhe roubar mais beijos; não me cansava de beijar aquela boca carnuda.

— Sim, estou — murmurou. — Faça-me sua, italiano.

— *Con mucho gusto querida* — exclamei, deslizando meu pau em sua entrada escorregadia.

De olhos fechados, Rosa declarou:

— Adoro quando você fala em espanhol.

Também fechei meus olhos, sorrindo da sua confissão.

— Aposto que também vai adorar a maneira como a farei revirar os olhos com meu pau, *baby*...

Arquejei quando meu pau entrou todo dentro dela; tive que me segurar ao máximo para não gozar apenas pela sensação majestosa. Sua boceta era tão apertada que estava me esmagando, o que dificultava meu autocontrole. Depois de alguns instantes parado, Rosa abriu os olhos e me encarou com a testa franzida.

— Qual o problema?

Travei o maxilar, sofrendo com a vontade de gozar.

— O problema é que sua boceta está me enlouquecendo... — admiti. — Estou quase gozando e ainda nem comecei a me movimentar. — Sacudi a

cabeça, rindo. — Você parece uma bruxa que me enfeitiçou, sabia? Nunca tive uma mulher tão deliciosa como você.

Avancei em seus lábios, beijando-a com toda a fome que me dominava. Mais controlado, iniciei os movimentos de vai e, vem, adorando a maneira como Rosa me recebia, vindo de encontro às minhas investidas. Em determinado momento, suas pernas envolveram minha cintura, então senti-me afundar um pouco mais em seu calor.

Nos tornamos um só.

Fiquei de joelhos na cama, agarrei suas coxas e impulsionei o quadril contra o seu com um pouco mais de velocidade. Nossos gemidos se misturaram; ambos estávamos perdidos na própria bolha de prazer.

— Olhe para mim, Rosa — exigi, fazendo-a me encarar com aqueles olhos caramelos que me fascinaram desde a primeira vez que vi. — *Quiero que me mires cuando te haga venir* (Quero que esteja me olhando quando eu a fizer gozar).

— *Estoy mirando*... — soprou sem fôlego.

No instante seguinte, visualizei a maneira como suas pupilas dilataram e se reviraram um pouco conforme seu corpo todo se contorcia abaixo do meu.

Sorri, arrogante, por estar lhe proporcionando todo aquele prazer.

Aumentei a intensidade da penetração e me concentrei em meu próprio orgasmo. Todo o meu corpo começou a sentir pequenos choques em algumas partes; e minha respiração se tornou mais acelerada e ofegante. Quando me libertei, foi como se estivesse caindo de um cume, mas sem me ferir de fato. Foi o melhor orgasmo da minha vida.

Exausto, me deixei cair ao lado, entretanto, sem me desvencilhar da Rosa, que também estava respirando irregular.

— Caramba! — exclamou, se virando em minha direção. — Vou considerar essa como sendo minha primeira vez.

Meus lábios se distenderam num sorriso.

— Por favor... — comentei, divertido. Toquei nossos lábios gentilmente.

Permanecemos assim por algum tempo, apenas nos acariciando sem qualquer pressa.

— O que vai acontecer agora? — quis saber, quebrando o silêncio.

Respirei fundo, porque era óbvio que a realidade iria bater em nossa porta.

— A única certeza que tenho é de que quero você *pra* caralho — declarei com toda a intensidade que fui capaz. Ajeitei seus cabelos para trás da sua orelha, aproveitando para acariciar sua pele no processo. — Quero

você aqui... comigo.

Emocionada, ela me beijou.

— Então vou ficar — afirmou com convicção. — Não conseguiria ficar longe de você nem se quisesse — admitiu, estremecendo de leve com a ideia.

Apertei-a contra mim, não querendo imaginá-la longe. Nunca.

***

Tinha terminado de sair do banho quando escutei a chegada de alguém na minha casa. Sabia que era algum dos meus irmãos, pois eram os únicos com autorização para entrarem.

Desci as escadas, sem camiseta, enxugando meus cabelos com uma toalha. Surpreendi-me ao me deparar com não somente um, mas com todos os meus irmãos na minha sala. E Rossi não parecia nada feliz.

— Já está descansado? Acredito que tenha precisado de um tempo para se restabelecer, considerando que me deixou esperando como um idiota — rugiu com a voz parecendo uma geleira.

Trilhei o espaço até eles, cumprimentando-os.

— Não sabia que você e Paola já tinham chegado de viagem — comentei ao Mariano, antes de colar nossas testas.

— Chegamos há algumas horas — explicou, dando uns tapinhas em meu ombro.

Fui até Fillipo.

— E o caçador?

Meu irmão sorriu maquiavélico.

— Já está na masmorra — respondeu. — Rossi chamou o doutor Frank para tratar o ferimento da bala, porque precisamos que ele sobreviva se quisermos informações.

Assenti, compreendendo o ponto.

— Por que não cumpriu a ordem que mandei, Luca? — Rossi insistiu, parecendo ainda mais irritado por eu estar lhe ignorando.

Travei o maxilar.

— Porque Rosa precisava de um banho e um tempo para descansar — rosnei, tentando controlar minhas emoções. — Eu não podia, simplesmente, levá-la para sua casa, sabendo que a garota não estava bem, nem física nem psicologicamente. Não tive a intenção de afrontá-lo, *capo*.

Apesar de contrariado, apenas sacudiu a cabeça.

Sentou-se no sofá.

— Afinal de contas, o que houve? — quis saber.

Me sentei no sofá adjacente e, em seguida, comecei a narrar todos os recentes acontecimentos, claro que, deixando minha intimidade com a Rosa de fora.

— Tem algo de muito esquisito com essa garota — comentou Manuele, pensativo — Até hoje não entendo o porquê ela fugiu quando se reencontrou com o irmão. Por que quando foi encontrada, estava sendo atacada por criminosos de outras organizações?

— Sem falar no tal Ryan, o caçador, que disse que estava atrás dela pela recompensa — Mariano complementou.

— A maior incógnita de toda essa história é que não sabemos o motivo para essa recompensa — Fillipo justificou. — Estamos no escuro aqui, e isso é bem foda.

Olhei para minhas mãos, sentindo-as atadas.

— O que Angel falou? — questionei, curioso.

— Não falamos sobre o ataque — Rossi respondeu. — Apenas expliquei que houve um imprevisto, mas que sua irmã viajaria para o México o quanto antes.

Uma fúria avassaladora tomou conta de todas as minhas células naquele instante e me coloquei de pé.

— Rosa não sairá da Itália! — ditei.

Na mesma hora, Rossi fechou a expressão, tornando-a assustadora.

— Quem dita as ordens aqui, sou eu — lembrou, frio. — E a ida dessa garota para o México já foi decidida há tempos. Ela vai e pronto!

— Pois então temos um problema — rosnei, fechando os punhos e me aproximando dele, que se colocou de pé também, sem se intimidar. — Rosa só sairá do meu lado por cima do meu cadáver.

— *Wou*! Que porra é essa?! — Manuele me puxou para longe do Rossi, contudo, me soltei do seu agarre. Estava irritado demais. — Desde quando brigamos entre nós?

— Qual é o seu problema, Luca? O que foi que eu perdi aqui? — indagou Mariano.

Olhei para eles, mas não precisei falar nada, já que Fillipo abriu a boca, primeiro:

— Ele está apaixonado pela garota. Esse é o problema.

— Puta que pariu! — exclamaram juntos.

Ambos se deixaram cair no sofá, incrédulos.

Levei as mãos nos cabelos molhados, bagunçando-os.

— Isso explica tudo. — Rossi comentou, passando as mãos no rosto e se inclinando de modo a apoiar os cotovelos sob as pernas. — Por que não

nos disse antes?

Franzi a testa.

— Porque acabei de descobrir — fui honesto. — O fato de quase tê-la perdido me fez enxergar meus reais sentimentos. E agora, não me imagino longe dela. Nunca.

— Angel vai ficar uma fera. — Mariano comentou, rindo.

— Pois eu quero mais é que ele se foda! — sibilei em revolta. — Sequer deveria querer a irmã no México com tudo isso que está acontecendo.

— Não temos autonomia para meter o dedo nos negócios nem em nada que tenha a ver com a família dele...

— Rosa pode ser a irmã dele, mas também é a minha garota — cortei a fala do Rossi, que me encarou com os olhos semicerrados. Ele odiava ser interrompido. — Daqui... ela não sai.

— Mas não temos nada! — Manuele lembrou. — Você quer ficar com ela, para protegê-la, porém, nós não sabemos com o quê e nem com quem estamos lidando.

— Por que estão atrás dela? O que ela tem de tão precioso, afinal? — Foi a vez de Fillipo questionar.

— Informações. — Ambos nos viramos para a entrada da sala quando ouvimos a voz da Rosa. — Eu tenho informações — repetiu. Suspirando,

caminhou até nós, retirando o cordão que usava no pescoço. — Antes de morrer, Anna me entregou isso dizendo que, um dia, poderia ser minha carta de alforria. — Sorriu triste, como se estivesse se lembrando. Em seguida, abriu o pingente, que na verdade era um *pendrive*.

— E quem é essa Anna? — Manuele quis saber, confuso.

— A falecida mulher do Louis Duran — Rosa respondeu. — É isso que eles querem. — Apontou para o pequeno objeto. — Provavelmente, Louis descobriu que tenho essas informações, então colocou um prêmio pela minha cabeça.

O ar fugiu dos meus pulmões.

Puta que pariu! Quando teríamos paz?



Capítulo 18

Rosa

Quando saí do banheiro e percebi a ausência do Luca no quarto, resolvi ir atrás dele no andar de baixo.

Minha pele ainda queimava com a sensação das suas mãos sobre mim... ao olhar no espelho, percebi as marcas de suas mordidas, prova de toda sua selvageria.

Em toda minha vida, sonhei em encontrar alguém para amar, embora jamais o imaginasse como Luca, um homem tão intenso e complicado. Entretanto, não podia estar mais feliz por ter o amor dele. Saber que ele também me amava me fazia sentir única e completa.

Com um sorriso bobo nos lábios, me sentia flutuar enquanto caminhava em direção ao andar de baixo, porém, parei no alto da escada. Comecei a ouvir uma pequena discussão, e fiquei entristecida quando percebi que Luca e seus irmãos estavam brigando, e pior, por minha causa.

Não podia permitir que isso acontecesse; jamais me perdoaria em ser a causadora de uma ruptura na união deles. Por isso, confessei meu segredo;

aquele, o qual, tanto me esforcei para manter escondido — pela segurança de todos.

— Não entendo o porquê não contou sobre isso antes — Luca comentou, confuso.

— Preciso de um computador. — Mariano murmurou, ansioso para descobrir o conteúdo dentro daquele objeto.

— Mesmo não fazendo ideia do tipo de informação que tem nesse *pendrive*, eu sabia que me causaria problemas e, consequentemente, para as pessoas ao meu redor — contei meu temor. — Por isso fugi do meu irmão quando o reencontrei. Jamais quis trazer destruição às pessoas que se aproximassem de mim. — Me abracei, sentindo-me angustiada.

Luca se aproximou e me puxou para seus braços, ignorando a presença dos seus irmãos.

— A culpa não foi sua, *baby* — soprou em meu ouvido, antes de me dar um selinho. Sorri, emocionada. Naquele momento, entendi que sua família já sabia sobre nós, e esse detalhe me encheu de alegria.

— Você disse que foi a falecida mulher do Louis que entregou isto a você... — encarei um dos irmãos, que era gêmeo do outro. Não tinha gravado o nome de todos eles ainda. — Sabe como ela conseguiu? É bem esquisito pensar que aquele demônio tinha uma esposa. — Fez uma careta.

Funguei, enxugando algumas lágrimas intrusas que deslizaram em minhas bochechas.

— Não faço ideia de como ela fez isso... — fui honesta. — Anna só me entregou este cordão em seu leito de morte; ela acreditava que eu pudesse escapar daquela casa, juntamente, com o pequeno Luigi. Disse que eu precisaria me equipar com todas as armas se quisesse sobreviver aqui fora.

— Não sei dizer se ela foi uma mulher corajosa... ou tola — resmungou Fillipo.

— E então, Mariano? — Rossi intimou, agoniado. — Afinal de contas, o que tem aí?

Estávamos todos ansiosos e, curiosos para saber o que tinha naquele *pendrive*.

Mariano suspirou, frustrado.

— Não sei.

— O quê? Como assim, não sabe? — indagou seu gêmeo. — Eu pensei que você fosse o cérebro da computação aqui da família.

Sacudiu a cabeça, jogando as mãos no ar.

— E, eu sou — defendeu-se. — Mas acontece que os arquivos estão fortemente protegidos, e é uma proteção que nunca tinha visto — explicou. — Tentei de tudo, mas não consigo entrar. — Bufou.

— A mulher não mencionou nada? — Luca quis saber. — Algum tipo de senha ou chave...? Não faz sentido ela ter dado um *pendrive* a você, mas não ter explicado a maneira de abrir as informações.

Franzi o cenho, pensativa.

— Duran — lembrei, piscando. — Foi isso que ela disse.

Luca ficou ainda mais confuso. Não somente ele, mas seus irmãos também.

— Infelizmente, isso não esclareceu nada — reclamou Fillipo. — E de nada vai adiantar ter esse objeto, se não conseguirmos abrir.

— Pela primeira vez, podemos ficar um passo à frente do Louis, mas para isso acontecer, precisamos abrir essas pastas.

— Sei de alguém que pode fazer isso — disse o gêmeo Mariano, pegando seu telefone. — Vou ligar para a Paola e pedir *pra* ela chamar a garota da sua equipe.

— A Simona? — perguntou Fillipo, num tom animado. Pude ver o brilho diferente em seus olhos.

— Sim — confirmou Mariano, totalmente alheio à euforia do irmão. — Ela é um "*hacker*", excelente, ainda mais do que seus parceiros Antonio e Pasquale.

Tirei o foco da minha atenção deles e me concentrei no Luca, que ainda

estava comigo em seus braços.

— Eu quero te fazer um pedido — murmurei, fazendo-o olhar para mim.

— Diga...

— Deixe-me falar com meu irmão. — Visualizei a fúria nítida em seus belos olhos. — Sei que vocês dois têm suas divergências, mas Angel é minha única família.

Embora estivesse com o maxilar travado, acabou pegando seu telefone e discando o número do meu irmão.

Sorri, emocionada.

— Obrigada — agradeci. — Vou subir para poder conversar com mais privacidade.

Assentiu, voltando a me roubar um selinho.

Corri para o andar de cima e entrei no quarto, fechando a porta atrás de mim. Em seguida, apertei no botão de “ligar”.

No segundo toque, meu irmão atendeu:

— *Onde está a minha irmã, italiano?* — sua voz rugiu do outro lado da linha. Automaticamente, meus olhos ficaram úmidos. — *Algo aconteceu e vocês não estão me contando, sei disso.*

Funguei, fazendo-o se calar por um instante.

— *Rosa?*

Decidi caminhar até a cama e me sentar.

— *Sí Hermano...* — assenti — *soy yo.*

— *Oh, irmã... O que está acontecendo aí, querida?* — questionou em nosso idioma. — *O que estão escondendo de mim?*

Passei a mão no rosto, de modo a enxugar as lágrimas que desciam sem controle.

— Nós fomos atacados no Aeroclube — contei, ouvindo-o xingar diversos palavrões — Luca percebeu a emboscada e conseguiu agir rápido. Mas durante a fuga, nós sofremos um acidente e acabamos tendo que nos esconder numa mata.

— *Puta que pariu! Por que raios esses fodidos não me contaram nada disso? Por que decidiram que eu não deveria saber sobre o que aconteceu com você, irmã?* — Estava muito indignado.

— Certamente que para não o preocupar — defendi-os. — No pouco tempo que estou com eles, percebi que são unidos e muito perspicazes. — Mordi os lábios, tentando criar coragem para falar do Luca.

— *Isso não os isenta da minha fúria* — rebateu, ainda mais irritado. — *Você sempre foi minha prioridade, irmã, e Rossi sabe disso. Ele deveria ter*

me deixado a par de tudo o que estava acontecendo. Eu tinha o direito de saber.

— O que está acontecendo aí no México, afinal? — resolvi mudar o foco. — Por que não pode sair do país?

Soltando um suspiro, ele demorou um pouco para falar:

— *Problemas que estão me desgastando dia e noite* — admitiu, fazendo meu coração se apertar por ele. — *Com a morte do nosso pai, acordos que ele fez em vida estão vindo à tona.*

Franzi a testa.

— Que tipo de acordos?

— *Nos negócios, claro* — respondeu. — *Porém...* — se calou, o que me fez angustiada.

— O que foi, irmão? Por que se calou?

— *Onde você está exatamente?* — quis saber, desviando da pergunta.

Mordi os lábios, olhando ao redor, no quarto.

— Estou na casa do Luca.

— *O irmão mais novo dos Fratelli.*

— Isso — respondi. — Foi ele quem me encontrou depois que fugi de você.

— A propósito, por que fugiu? Até agora não entendi. Por acaso teve medo de mim, querida?

— Não! Claro que não! — exclamei mais do que depressa. — Eu o amo, irmão. Você e o papai foram a minha luz em todo o tempo que vivi subjugada.

— Então o que houve?

Respirei fundo, me preparando para explicar.

— Este é um assunto para falarmos pessoalmente, mas o que posso dizer é que... tenho algo que me qualifica como um alvo.

— Como assim? O que você tem? — sua voz não passou de um silvo ameaçador.

— Informações — respondi. — Informações que foram roubadas, não por mim, do Louis Duran, chefe da máfia Shadows — expliquei. — E ele sabe que as tenho, por isso colocou um alvo na minha cabeça. Estou sendo caçada por todo tipo de criminoso.

— Puta que pariu! — praguejou.

— Foi por isso que fugi de você... — continuei explicando — não queria lhe trazer problemas, irmão.

— Os Fratelli sabem disso que está me contando?

— Acabaram de descobrir — murmurei. — Estão tentando decifrar o *pendrive*.

— *Você deveria ter me contado, Rosa* — reclamou, em tom chateado.

— E em que isso lhe ajudaria? — rebati. — Apenas acrescentaria mais peso em cima de você, que já está carregado de problemas. Não queria isso. Não depois de ter acabado de voltar para sua vida, irmão.

— *Rosa*... — sua voz soou quebradiça.

— Há outra coisa que quero lhe dizer — cortei-o, buscando ar para meus pulmões — Não tem uma forma fácil de dizer, então vou falar de uma vez... Luca e eu estamos juntos.

Houve silêncio do outro lado da linha, então continuei:

— Entendo que, dentro da nossa organização, há regras a serem cumpridas, mas com você na liderança, espero que consiga fazer algumas mudanças. Não escolhi me apaixonar por ele, mas Luca se tornou muito mais que meu protetor. Ele se tornou meu coração todinho.

O silêncio continuava.

— Quero ficar com ele, Angel — insisti. — E quero a sua aprovação, porque te amo e te respeito. Por favor, irmão...

De repente, sua voz soou, mas a tensão que senti arrepiou todos os meus pelos.

— Antes de morrer, papai fez história no México quando criou nossa organização. Nossa família está no topo da hierarquia, porém os negócios funcionam como uma pirâmide...

— Por que está me falando isso?

— Houve uma divisão da seguinte forma: grupos e subgrupos — continuou a falar, ignorando-me *— Cada grupo tem um líder, e cada um desses líderes cuida de um subgrupo. E todos eles, precisam responder a mim, o chefe unânime. E eu? Eu preciso responder ao conselho, formado por cinco pessoas de extrema influência em nosso país.*

— Angel! — exclamei, irritada por ouvi-lo falar, mas sem entender nada.

— O nosso pai entregou sua mão em casamento para o filho do líder de um dos grupos — declarou, arrancando meu ar. *— Não sei como aconteceu, mas eles ficaram sabendo do seu retorno, e agora estão cobrando o cumprimento do acordo. As coisas estão bem tensas aqui, porque eu, como chefe, preciso fazer cumprir a lei. Há rumores de que sou um traidor; há rumores de que estão tentando me derrubar do trono...*

— Oh, Angel... — o choro voltou a me tomar —, então é com isso que está lidando aí? Não acredito que, mesmo me esforçando pelo contrário, acabei causando problemas para você... — choraminguei.

— *A culpa não é sua!* — rugiu com ferocidade. — *Estou lutando para arrumar uma saída. Não vou permitir que se case com um homem que não quer. Não depois de tudo o que passou nos últimos dois anos.*

Funguei.

— Mas como fará isso? Não quero que se prejudique ainda mais, irmão. As coisas podem ficar sérias e não me perdoarei se algo acontecer a você.

— *Não se preocupe comigo* — ditou. — *Vou conversar com o Rossi e pedir para que a mantenha na Itália por mais algum tempo. Ao menos até eu conseguir resolver tudo por aqui.*

— Angel...

— *Fica tranquila, irmã* — cortou-me. — *Amo você para sempre.*

Dizendo isso, desligou.

— Eu também — soprei, encarando o visor do aparelho por alguns instantes, me esforçando para absorver e administrar tudo o que descobri.

Mal terminei de enxugar as lágrimas do rosto quando ouvi batidinhas na porta.

— *Loquita?*

Na mesma hora, meu coração inflou de amor quando reconheci a voz

infantil.

Luigi estava parado na porta, sorrindo para mim. O sorriso mais lindo do mundo.

— *Ven, mi amor...* — pedi, ansiosa para ampará-lo em meus braços. — Só não aperta muito, porque machuquei o ombro — murmurei, enchendo sua cabeça de beijos.

— Senti muitas saudades — confessou ele.

— Eu também — soprei, emocionada. — Muito.

Não tive forças para ignorar toda a enxurrada de emoções que me abateu naquele momento. Passado, presente e futuro pareciam estar se colidindo um no outro dentro da minha mente, e tudo no que eu conseguia pensar, com clareza, era em como ficaria minha relação com Luca depois que ele descobrisse.

Como ele iria reagir ao saber que eu tinha um noivo me esperando lá no México?



Capítulo 19

Luca

Quando Paola chegou na minha casa, com a garota da sua equipe a tiracolo, não me passou despercebido a maneira como Fillipo reagiu a sua chegada. Na verdade, desde a primeira vez que ele a viu, meses atrás, seus olhos brilharam de uma forma diferente; conhecia meu irmão, então sabia que Simona tinha mexido com ele. A garota, de estonteante beleza negra, conseguiu a proeza de desestabilizá-lo.

— Obrigado por ter vindo rápido, *baby*. — Mariano comentou, sorrindo para sua mulher. Paola piscou, devolvendo-lhe o sorriso, mas mantendo sua postura de soldado.

O pequeno Luigi se aproximou, varrendo o olhar em volta.

— Qual é, garoto? — Chamei sua atenção. — Está procurando pela Rosa, suponho?

Os lindos olhos infantis me encontraram.

— Onde ela está? — intimou. Segurei o sorriso, pois senti sua tentativa

de intimidação.

Gesticulei para a escada.

— Está lá em cima, no quarto — respondi, cruzando os braços na frente dele. — Ela vai adorar rever você, *moleque*.

— O único moleque que vejo aqui é você — rosnou, irritado, antes de se virar nos calcanhares.

Fiz uma careta.

— Ei?! — resmunguei, empertigado. — Que folgado!

— Meu filho é perspicaz, Luca — comentou Paola, com um ar de orgulho. — Você deve ter feito alguma coisa que o fez duvidar... o que foi, hein?

Sacudi a cabeça.

— Ele está *apaixonadinho*. — Manuele zombou, rindo. — Agora se tornou um homem comprometido.

— Devo parabenizar a garota? — Paola perguntou, divertida, enquanto se deixava cair no sofá. — Ou será que preciso dar meus pêsames para a coitada?

Fechei a cara na mesma hora.

— Bem que acordei sentindo um pouco de frio hoje... — Fillipo

complementou no mesmo tom de zombaria — Acho que o inferno congelou.

A risada foi unânime.

— Se quiser, eu mostro o que vai congelar daqui a pouco... — sibilei, me aproximando dele, entretanto, fui barrado pela Simona.

Seu semblante irritado me fez piscar, curioso pela situação.

— Não saí da minha casa para presenciar briguinha ridícula de irmãos — rosnou entre dentes. — Estou aqui para trabalhar, não para servir de plateia para vocês.

— Agradeço por me defender, *gata* — alegrou-se Fillipo, ganhando a atenção da garota enraivecida —, mas a situação estava sob controle.

Simona não se dignou a falar nada, apenas rolou os olhos para ele, que franziu o cenho, incomodado. Não resisti à risada.

— Não precisa bater tão forte, Simona. — Rossi comentou, em tom divertido, zombando da cara de bunda do Fillipo. — Mas agradeço pelo "chega pra lá". — Riu abertamente.

— O que tem *pra* mim, Paola? — questionou ela, parecendo ignorar meu irmão mais velho. Era como se não se sentisse à vontade na presença de homens.

Paola tomou o laptop das mãos do Mariano e o ofereceu para a amiga.

— Sente-se aqui, ao meu lado — convidou.

— Precisamos descobrir as informações contidas nesse *pendrive*, mas a segurança dele é, extremamente, forte e não consegui abrir os arquivos — Mariano explicou.

Assentindo, a garota se ajeitou ao lado da Paola e começou a digitar rapidamente. Todos nós permanecemos em silêncio, expectantes e ansiosos.

— Seria interessante se vocês não ficassem me pressionando com todos esses olhares — reclamou ela, tensa.

— Certo! — Paola exclamou. — Deem licença para que Simona consiga se concentrar sem toda essa testosterona de vocês.

Embora resmungasse, Rossi se levantou e seguiu para minha cozinha, seguido por Manuele, Mariano, eu e Fillipo.

— Quem essa garota pensa que é para nos confrontar dessa maneira? — resmungou Fillipo em tom azedo.

— No momento, ela é a única capaz de abrir aqueles arquivos. — explicou Mariano com uma bufada. — Então sou capaz de buscar água no Egito se ela pedir.

— E no fundo, você só está irritado, porque ela feriu seu ego, Fillipo, admita. — Comentei, seguindo até o armário a fim de pegar uma bebida para nós. — Está nervosinho, pois ela parece ser imune ao seu charme barato. —

Ri.

— De onde Paola a conheceu, afinal? — Rossi quis saber, olhando para o Mariano.

Peguei uma garrafa de uísque e copos. Em seguida, depositei sobre a bancada.

— Ela não me deu os detalhes de como conseguiu reunir sua equipe. Mas sei que os caras, Antonio e Pasquale, foi depois que eles realizaram um assalto digno de cinema, e escaparam — contou. — Já a Simona, entrou para a equipe bem depois. Ela trabalhava como garçonete num bar, e parecia sofrer muito assédio. Paola disse que a convidou para ir com ela, prometendo dinheiro e proteção.

— E sobre as origens dela? — Fillipo rebateu, curioso.

Mariano deu de ombros.

— Não sei — disse ele. — E duvido que Paola saiba também — complementou. — Simona tem jeito de ter muitos segredos escondidos. Eu mesmo, só percebi que ela era boa em programação, porque a observei invadindo a segurança do site de uma empresa super renomada. A garota conseguiu essa proeza em questão de minutos. Nem mesmo seus parceiros de equipe, Antonio e Pasquale, são tão bons.

— Todos nós temos nossos próprios fantasmas para lidar — disse

Rossi, fazendo-me olhá-lo. Sabia que estava se referindo a morte da Bianca.

Por muitos anos, ele, por ser o irmão mais velho, se culpou pelo que houve com nosso anjinho, Bianca, nossa única irmã. E com a culpa, vinha o autoflagelo; Rossi jamais aceitou o que fizeram com ela, e isso se perdurou por longos e dolorosos anos... até a chegada da Maya, sua mulher.

Eu e ela tínhamos nossas desavenças bobas, mas a amava como parte da nossa família, e era, extremamente, grato por ela amar e cuidar tão bem do meu irmão.

— A propósito, Charles Pierce me ligou mais cedo avisando que Louis pediu uma enorme quantidade de armas — disse Manuele. — O desgraçado está tramando alguma coisa.

— E as investigações do idiota do delegado? — perguntei, me servindo com uma dose de uísque. — Não é possível que esse homem nunca saiba de nada.

— Ele fez algumas prisões nos últimos meses, mas nada significativo — alegou Rossi. — Nenhuma cabeça grande.

— E o que Jack descobriu sobre o homem de cicatriz que trabalha para o Louis? — perguntou Fillipo. Jack era nosso investigador particular. — Algo me diz que esse homem é como as mãos e pés daquele demônio.

Rossi bufou.

— Nada ainda.

— Por que pagamos esse americano infeliz mesmo? — rosnou Mariano, tão frustrado quanto.

O silêncio nos abateu por alguns instantes.

— Luca? — Ergui os olhos para o Rossi, que me encarava com seriedade. — Tem certeza sobre a garota? — Não precisava ser um gênio para saber que se referia a Rosa.

Minha testa ganhou pequenos vincos.

Observei que Manuele acendeu um cigarro, puxando uma banqueta para se sentar.

— Por que a pergunta?

— Só queremos ter certeza sobre a briga que teremos que enfrentar com o irmão dela quando ele descobrir, irmão. — Complementou Manuele, antes de tragar e soltar a fumaça do cigarro pelas suas narinas.

— Se você a ama, então nós também a amaremos e lutaremos por ela como uma família — afirmou Mariano, tomando minha atenção para si.

— Certamente que aquele mexicano folgado não vai gostar nenhum pouco da ideia de você ter deflorado a irmãzinha dele... — comentou Fillipo, entre risos —, mas saiba que se você realmente estiver disposto a ficar com ela, então nós o apoiaremos cem por cento.

— Porém, se estiver com a intenção de brincar com a garota, então teremos um problema — Rossi avisou em tom frio. Seus olhos me diziam que eu realmente teria um problema, e dos grandes. — Rosa é irmã de um dos nossos principais aliados atualmente, e isso faz dela um alvo fora dos limites. Ali, o negócio é para sempre. Tem consciência disso?

Todos os olhares se voltaram para mim.

Eu não precisava sequer pensar, porque Rosa estava em todo o meu corpo, pele, coração e pensamentos.

— Nunca pensei que, um dia, falaria algo do tipo — comecei —, mas sim, estou completamente apaixonado por aquela garota. Talvez, nem ela mesma saiba a grandeza do meu sentimento, porque seus traumas antigos não a permitem enxergar quão merecedora é. Na verdade, sou o fodido que não a merece. Entretanto, também sou egoísta demais para deixá-la ir. Não posso deixá-la ir. Nunca. Jamais.

— Então não deixaremos! — afirmou Rossi, intenso. — Rosa é sua garota, e parte da família agora.

Um sorriso despontou no canto dos meus lábios ao encarar meus irmãos.

Apenas assenti, agradecido por tê-los ao meu lado.

Nos servimos com mais uma dose de uísque, e permanecemos em

silêncio por alguns minutos, perdidos nos próprios pensamentos.

***

— Eu consegui invadir — Simona avisou, depois que retornamos à sala.

— E o que tem no *pendrive*, afinal? — Rossi perguntou o que todos queríamos saber.

A garota sacudiu a cabeça, frustrada.

— Ainda não sei — alegou.

— Como assim não sabe? — Mariano perguntou, confuso. Tomou o assento ao lado dela, pegando o laptop da sua mão. — Acabou de dizer que conseguiu entrar.

— Eu passei pela segurança, mas acontece que há uma criptografia fortíssima em cada pasta. São quatro pastas no total — explicou ela. — O software usado é o *Ransonware*.

— E que caralho é isso? — Manuele perguntou.

— Um software nocivo, usado para bloquear dados de computadores e servidores através do uso de algum tipo de criptografia. Esse malware é usado por hackers para exigir resgates, normalmente cobrado em criptomoedas como o *bitcoin*, para que os dados sejam novamente liberados — foi Mariano quem explicou.

— Mas que porra! — resmungou Rossi.

— Você não consegue *descriptografar*? — Fillipo perguntou, fazendo-a encará-lo.

— Até consigo, mas preciso de tempo e dos equipamentos certos — respondeu, dando de ombros.

— Lá no *búnquer* — afirmou Paola. Simona confirmou.

— Ótimo! — exclamou Rossi. — Leve o tempo que precisar.

— Deixaremos vigilância com você vinte e quatro horas por dia — complementou Mariano.

— Por quê? — intimou ela, arisca. — Por acaso estão desconfiando de mim? — questionou. De repente, encarou a Paola: — O que significa isso?

Paola segurou a mão dela.

— Não é nada disso, querida — explicou em tom manso. — É apenas para garantir a sua segurança, porque as informações dentro deste *pendrive* são muito importantes. Tão importantes que os criminosos mais perigosos dariam tudo para colocar as mãos nesse objeto.

Piscando seus enormes cílios, ela acabou assentindo, mas não fez nenhum comentário.

Não tinha percebido que o telefone do Rossi tocou, apenas quando ele

se aproximou de nós, desligando o aparelho, parecendo tenso.

— O que foi? — perguntou Mariano.

— Era o delegado — disse. — Tem informações.

— Luca e eu vamos até lá, então — avisou Fillipo.

— Vou com a Paola e Simona até o *búnquer*. — Mariano se ergueu do sofá.

Neste momento, Rosa e Luigi desciam as escadas, entre risos. A conexão dos dois era linda de se ver.

— Rosa precisa de segurança — ditei. — Acho melhor ela ir para a fortaleza.

Rossi sacudiu a cabeça, ajeitando seu paletó branco.

— Ela pode ir comigo — declarou.

— Pietro vai levar vocês — avisei, fazendo seus olhos se tornarem vermelhos de raiva.

— Por que raios esse cara ainda está vivo? — sibilou a pergunta.

— Porque ainda não tive tempo para pensar sobre o destino do infeliz — rugi de volta. — E, enquanto isso, prefiro ir usando o idiota a meu bel prazer. — Rolei os olhos.

— Acho que vou junto com Luca e Fillipo — avisou Manuele. Apenas

assenti.

— Não me responsabilizo pela integridade física do teu funcionário, Luca. — Rossi rosnou ao passar por mim. Travei o maxilar, nervoso com a situação.

Entendia a sua fúria relacionada ao Pietro, pois ele foi membro da organização que tirou a vida da nossa irmã. Entretanto, havia algo que me freava sempre que cogitava mandar o infeliz para o inferno.

Na verdade, esse “algo” tinha nome e sobrenome...

— O que está acontecendo? — perguntou a garota que me roubou para si, sem um pingo de esforço. — Seu irmão mais velho parece prestes a matar alguém. — Estremeceu imperceptivelmente.

Sorri da sua expressão fofa.

— E ele está — confirmei. — Cabe a você convencê-lo do contrário durante o trajeto de vocês para a fortaleza. — Ela me encarou em confusão, então acrescentei: — Preciso dar uma saída, porém, ficarei mais tranquilo sabendo que estará segura. Então, Pietro levará você para casa com o Rossi.

— Por isso que seu irmão ficou irritado?

Neguei com a cabeça.

— A irritação dele não tem nada a ver com você, querida, mas com a presença do Pietro.

— O que vocês têm contra ele, afinal? — perguntou numa bufada, enquanto entregava meu celular.

— Um dia desses, eu te conto a história — murmurei, respirando fundo de modo a espantar as recordações dolorosas. — E como foi a conversa com seu irmão?

Pensei ter visualizado um tormento em seus lindos olhos, porém, foi breve, porque seu sorriso surgiu em seguida.

— Foi maravilhosa! — exclamou. — Explicou que logo poderá vir para a Itália *pra* me ver.

Sorri, contagiado com sua emoção.

— Ele que não ouse vir para buscá-la, porque terá que me levar junto. — Puxei-a contra mim, colando nossos corpos. O som da sua risada foi tão gostoso que senti meu coração superaquecer.

Naquele momento, entendi que seria capaz de qualquer coisa para arrancar-lhe mais e mais risadas como aquela.



Capítulo 20

Rosa

Ao contrário do que imaginei, o irmão do Luca não quis vir comigo no mesmo carro; optou por ir em outro.

Luca parou ao lado da porta do Pietro e deu duas batidinhas, exigindo que abrisse a janela.

— Siga direto para a fortaleza do *capo* — avisou num rosnado que chegou a me arrepiar. — Meu irmão estará no carro logo atrás. — Apontou.

Pietro apenas assentiu.

Afastando-se, Luca veio para mim. Baixei o vidro da minha janela.

— Pedi para alguém comprar uma tipoia — entregou-me. — É importante que você mantenha o braço imobilizado. — Me auxiliou na colocação. — De qualquer forma, o médico da família está esperando por você lá na fortaleza. Quero ter certeza de que você está bem depois de tudo o que houve. — Seu cuidado comigo era comovente.

— Obrigada — soprei, sorrindo.

Sorriu de volta.

— Mais tarde volto *pra* você, *baby* — avisou, se inclinando e tocando meus lábios com os seus.

Pietro ligou a chave na ignição e, em seguida, passou a primeira marcha. Fiquei encarando Luca, através do retrovisor, conforme o carro se afastava. Meu coração se apertou com o fato de ter omitido do meu italiano algo tão importante sobre mim. Mas como falaria que tinha um noivo me esperando no México?

Fora dos portões, soltei um suspiro.

— Não entendo o motivo para que eles tenham tanta raiva de você. — Resolvi focar em outro assunto para não enlouquecer. Olhei para meu amigo, que estava dirigindo. — O que você fez de tão errado para merecer a morte? — Vi que seu maxilar travou. — Ter se filiado a outra organização? Não entendo isso.

— Acredito que o problema não seja minha filiação com outra organização, mas tem a ver, exclusivamente, com a escolha da organização — explicou ele. — Percebi que esses irmãos têm um passado muito ruim com os caras da máfia *Shadows*.

— Essa *Shadows* é a máfia liderada pelo Louis Duran — não foi uma pergunta. — Será que é porque o homem sequestrou Luigi? — Fiquei

pensativa.

— Não faço a menor ideia — resmungou. — Teu namorado não te contou ainda? — Franzi o cenho ao sentir certa rispidez vindo do seu tom.

— Por que senti que você parece incomodado com o fato de Luca e eu estarmos juntos?

Visualizei sua expressão carrancuda e a maneira como suas mãos se fecharam com força no volante.

— Isso é você quem está dizendo, Rosa — revidou, sem tirar os olhos da estrada. Estávamos conversando no nosso idioma ali. — Mas já que entrou no assunto... — se calou por alguns instantes — não acha que é muito cedo? Sua relação com ele começou rápido demais.

Senti-me incomodada com seu comentário.

— Por que diz isso? O amor não escolhe um momento certo para acontecer, Pietro, ele, simplesmente, acontece.

— Como pode ter tanta certeza de que aquele cara te ama? — Me encarou rapidamente. — Ele e os irmãos são criminosos; acostumados a enganar e a terem todas as mulheres que desejarem.

— Está dizendo que Luca pode estar me enganando? Por que ele faria isso?

— Ah, sei lá, Rosa — murmurou, impaciente. — Talvez por fetiche.

— Fetiche? — Pisquei, tentando absorver suas palavras.

De repente, ele desviou os olhos da estrada e me encarou nos olhos.

— Não consigo acreditar que aquele italiano esteja realmente apaixonado por você — declarou.

Meu rosto se contorceu em pura mágoa.

— Por quê? Seja claro, Pietro. — Entortei os lábios.

Ele coçou a garganta, empertigado.

— Fale de uma vez, caralho! — rosnei. — É por que sou gorda, né? É isso? — explodi em revolta. — Acha que não tenho capacidade para conquistar um homem como o Luca? Fala logo, porra!

— Não disse isso.

— Nem precisou dizer — murmurei, enojada.

O silêncio nos dominou por alguns instantes.

— Eu pensei que fôssemos amigos, Pietro — declarei num fiapo de voz. Estava me esforçando para não chorar. — Pensei que você torcesse pela minha felicidade, assim como sempre torci pela sua.

— Mas eu torço! — exclamou mais do que depressa. — É por isso que me preocupo, porque você pode sair ferida nesta história. Não entende?

— Quem está me fazendo chorar aqui? — Me voltei para ele, fazendo-

o enxergar a umidade em meus olhos.

Praguejou alto.

— Puta que pariu! Não tive a intenção de magoar você...

Me virei para a paisagem fora da janela e não falei mais nada. Estava tão magoada que sequer estava aguentando olhar para ele.

Longos minutos depois, ele precisou entrar num posto de combustível para abastecer. Percebi que o carro que nos seguia também parou. Permaneci quieta, apenas aguardando.

Tudo pronto, Pietro voltou a colocar o veículo na estrada. Entretanto, uma rápida movimentação tirou meu fôlego... dois carros se atravessaram em nosso caminho, um na lateral do Pietro, forçando-o a frear; e outro na minha lateral.

Meu coração estava tão acelerado de medo, que pensei que acabaria sofrendo um infarto bem ali. Gritei quando um homem desceu, rendendo o Pietro e batendo com o cano da arma em sua cabeça. Meu amigo desmaiou na hora.

Minha porta foi aberta e um homem mascarado me obrigou a descer.

— Seja boazinha e venha comigo — disse ele em meu idioma. — Não me force a machucá-la.

Notei que os capangas que estavam com o irmão do Luca, no carro de

trás, começaram a atirar na intenção de acertar os pneus. Porém, a operação foi tão rápida que quando percebi já estava sendo jogada dentro do carro desconhecido.

Um dos homens foi atingido por um disparo e começou a sangrar muito.

— Acho que o homem no carro de trás é o *capo* dos Fratelli — comentou um deles.

Desesperada, me virei para trás ansiando ver meus amigos — pelo para-brisas. Apesar da minha visão nublada, consegui ver o instante em que o carro em que Rossi estava fora atingido, fazendo-o capotar na pista.

— NÃO! — berrei em desespero.

— Pare o carro — avisou o homem ao meu lado. — Vamos ver se o *capo* sobreviveu.

Tentei sair, me debatendo, porém, acabei sendo agredida no rosto. Meu nariz sangrou.

— Eu já mandei você ficar quieta — rugiu entre dentes. — É melhor colaborar se não quiser se machucar.

Fiz um bico de choro, tentando a todo custo não chorar, mas foi uma luta em vão.

— Quem são vocês? — perguntei com a voz embargada. — Por acaso

são homens do meu irmão?

— Chefe... — o motorista chamou a atenção do homem que estava ao meu lado direito.

Voltei a olhar para trás, pelo para-brisas traseiro, e vi o Rossi saindo do carro que estava tombado no meio da pista. Mesmo cambaleando, ele pegou sua arma e apontou para a direção em que estávamos, provavelmente, para atirar nos pneus.

— A queda vai ser bonita — disse o homem ao meu lado, em tom de zombaria. Todos os outros riram.

Só entendi depois que visualizei o segundo carro que veio com eles, acelerando com a intenção de atropelar o Rossi.

— SAI! — gritei, sem saber se ele conseguiria me ouvir. — SAI DAÍ! SAI!

— Já chega — declarou o homem que parecia estar no comando ali. — Vamos embora!

Conforme o carro, em que eu estava, se afastava, eu tentava desviar os olhos da cena, mas não conseguia. Era mais forte do que eu.

As lágrimas escorriam sem parar, nublando minha visão.

Antes de nos afastar totalmente, eu vi... Pietro acordou e acelerou com tudo contra o carro que tinha a intenção de atropelar o Rossi.

— É melhor apagar ela — ouvi alguém dizer, mas não me importei.

Nada mais me importava naquele momento. Tudo o que minha mente conseguia pensar era no que aconteceu com Pietro e com o irmão mais velho do Luca.

O que seria de nós dois dali para frente?

Estava tão devastada que sequer lutei quando pressionaram um pano, embebido em alguma substância química, contra meu nariz.

Dei boas-vindas a inconsciência.



Capítulo 21

Luca

— Olha só... veio a família toda — ironizou o delegado Romano, quando entramos em sua delegacia. — Por acaso ficaram com medo?

— Medo de quem? — questionei em ironia. — Só se for da sua secretária. — Gesticulei, sorrindo com zombaria. Seu rosto se tornou uma carranca. Dei uma piscadinha para a senhora que, sorriu envergonhada. A mulher trabalhava para ele há alguns meses.

— O que tem para nós? — perguntou Manuele, com nítida impaciência.

— Por favor, sentem-se! — Apontou para as poltronas em frente a sua mesa. — Querem beber alguma coisa?

— Não — negou Manuele. — Só queremos que vá direto ao ponto.

Optei por permanecer de pé.

— Certo. — Se jogou contra o encosto da sua cadeira de couro e nos encarou com afinco. — Nesta madrugada, nós fizemos uma operação nos

locais em que aconteceram as chacinas, semanas antes, e capturamos dois meliantes.

— E...? — Fillipo quis saber, impaciente. — Seja específico, delegado!

Romano travou o maxilar, incomodado. Bufou em frustração.

— Eles estavam com um depósito de armas — contou. — E no depoimento, disseram que as mortes pela cidade continuariam, mesmo com a prisão deles.

— Que porra! — Manuele exclamou.

— Disseram mais alguma coisa? — Fillipo perguntou.

— Sim — respondeu, com o rosto endurecido. — Alegaram que estão fazendo isso como uma forma de expulsarem os Fratelli de Palermo.

Meus dentes rangeram de fúria.

— Isso só pode ser coisa do Louis — sibilei. — Você por acaso notou se esses homens têm alguma tatuagem de sombras pelo corpo?

O delegado franziu o cenho.

— Não notei — murmurou, pensativo. — Mas podemos verificar isso agora mesmo. — Se levantou. — Venham comigo.

O seguimos para a parte de trás da delegacia, para as celas em que os presos ficavam, provisoriamente.

Manuele tomou a frente, quando os dois traficantes de merda se aproximaram das grades com a nossa chegada.

— Ora, ora... então Louis está tão desesperado assim, para se aliar com a escória do submundo? — zombou meu irmão. — Mas nem me surpreendo, considerando que os *Shadows* são criminosos sem honra.

Um deles começou a rir.

— E criminoso tem honra desde quando?

— Não vou perder meu precioso tempo explicando o "*bê-á-bá*" do crime para um verme como você — rugiu meu irmão. Em seguida, se aproximou das grades um pouco mais. — O que Louis está tramando?

— Por que falaríamos alguma coisa para vocês? — indagou o outro, que até então estava em silêncio. — Nunca nos deram moral — sibilou, amargurado. — Sempre dominaram a cidade, superfaturando em cima de todos os negócios e proibindo os menores de lucrarem também.

— A maneira como vocês querem lucrar é recrutando crianças e adolescentes para a criminalidade, além de ameaçar inocentes — Fillipo rugiu. — Não é dessa forma que trabalhamos.

— Na verdade, vocês são o lixo que nos esforçamos para limpar — declarei com um sorriso no canto dos lábios.

— Levantem as camisetas — ditou o delegado. — Queremos ver se

têm alguma tatuagem suspeita.

— Não há necessidade de confirmar o óbvio, Romano — alegou Manuele. — Esses idiotas não fazem parte da *Shadows*. Nem o Louis quis recrutá-los. — Virou as costas, ameaçando sair.

Ouvimos o praguejar dos dois.

— Vocês não sabem de nada, seus fodidos, filhos da puta! — reagiu um deles, fazendo Manuele rir, satisfeito consigo mesmo. Ele tinha feito de propósito, atiça-los.

— Ah, sério? — continuou zombando, pisando no ego dos infelizes. — Que tipo de valor vocês dois teriam?

— Até o desgraçado do Louis tem um padrão na escolha de seus membros — alegou Fillipo, seguindo a linha do Manuele.

Eu apenas sorria. Romano só observava.

— Nós não trabalhamos para ele — explicou —, mas trabalhamos com ele. É diferente.

Manuele deu uma risadinha.

— E o que vocês, dois merdas, têm para oferecer ao chefe da *Shadows*? — indagou Fillipo.

— Lealdade — disse o mais quieto dos dois. Os olhos claros brilharam

em nossa direção. Levou a mão aos cabelos revoltos, deslizando a palma para sua barba rala.

— Quando a mudança chegar, nós queremos estar do lado vencedor — alegou o outro.

Franzi a testa.

— Mudança? Do que está falando, maldito?

Os dois riram.

— Não adianta... — murmurou o delegado — eles não vão falar mais nada.

Caminhamos para fora da sessão das celas, e voltamos para o escritório.

— Senhora Lombardi? — Romano chamou sua secretária. — Por favor, traga-me os documentos das investigações do caso das chacinas.

Voltou a tomar seu lugar.

— Já aviso que não me sinto nada confortável com isso — gesticulou dele para nós — Entretanto, entendi que essa parceria é importante se quisermos manter o equilíbrio por aqui.

— É aquela velha frase, *mio caro*... — mencionou Fillipo — Não pode lutar contra seu inimigo, então una-se a ele. — Sorriu abertamente.

De repente, peguei meu celular para verificar o horário. Estava ansioso para interrogar o Ryan, o maldito que ousou capturar a Rosa.

— Vocês dão conta de tudo aqui — resmunguei depois de me inclinar para falar perto do ouvido do Manuele — Vou para a fortaleza resolver aquele outro problema... — deixei no ar, mas os dois sabiam que eu estava me referindo ao caçador de recompensas. — Vou de táxi.

Manuele sacudiu a cabeça, assentindo.

— Tudo bem, vai lá — disse. — Qualquer coisa, basta ligar.

Me despedi deles, e saí. Minhas mãos chegavam a suar com o desejo de colocá-las sobre o tal caçador de recompensas.

***

Assim que cheguei na fortaleza, estranhei a ausência do Rossi e da Rosa.

— O *capo* ainda não chegou? — perguntei ao Enzo.

— Não, senhor.

Mesmo estranhando a demora, optei por continuar no meu foco.

Segui direto para a masmorra.

Ryan estava sentado, algemado nos pés e mãos. O rosto pálido deixava claro o quanto o tiro que levou da Rosa o deixou em maus lençóis.

— Apreciando a hospedagem? — perguntei em tom de zombaria.

Sua risada baixa tomou conta do ambiente.

— Estava esperando pela sua visita, italiano — comentou com tranquilidade.

— Por que tinha tanta certeza de que eu viria? Não subestime a fúria do *capo*, *mio caro* — murmurei entre risos. — Meu irmão poderia ter te matado sem nem pestanejar.

Peguei uma cadeira e a depositei em sua frente, sentando-me com as pernas abertas, contra o encosto.

— Você não o deixaria me matar sem me interrogar primeiro — afirmou, sem um pingo de dúvida. — Está ansioso para saber tudo o que eu sei.

— Não tenho poder de comando, *caro* — declarei, me inclinando contra o encosto, descansando os braços. O encarei por um segundo. — Mas você está certo quanto a minha ansiedade em descobrir seus segredos. — Cocei o queixo.

Se ajeitando, ele ergueu os joelhos para apoiar os braços.

— Que garantias eu tenho aqui?

Estalei os lábios.

— Depende do que me disser.

Sacudiu a cabeça.

— As coisas não funcionam assim, italiano — murmurou. — Minha vida é muito valiosa para mim.

O sorriso tomou conta dos meus lábios.

— O que você tem para mim, que seja mais valioso do que sua própria vida?

Travando o maxilar, ele me encarou por alguns instantes. Parecia pensativo sobre o que falaria em seguida.

— O que quer saber?

— Quem te contratou para caçar a garota?

Franziu o cenho.

— Ninguém me contratou — respondeu, firme. — Trabalho sozinho.

— Mas então como soube da recompensa por ela?

— Através do mercado negro, claro — explicou, soltando um gemido quando ajeitou seu corpo recém ferido. — O valor era exorbitante. Mas não sei dizer quem colocou o prêmio.

— E para onde a levaria depois que a roubou de mim lá na mata?

— Para o lugar de coleta — explicou. — Em Enna, uma província da

região de Sicília — contou. — Há um número de telefone, juntamente, com um código que, depois de acionado, expira dentro de algumas horas.

— Então você acionou o código?

Assentiu.

— Eles sabem que a garota foi encontrada, porque acionei o código, mas como expirou, perceberam que a pessoa que estava com ela, a perdeu — complementou.

Pensativo, me levantei, trilhando o espaço.

— Conte-me sua história, Ryan — pedi, encarando-o com atenção.

— Por que quer saber? Não sou interessante.

Sorri.

— Você nos encontrou dentro daquela mata, no meio do nada — lembrei. — Então, para mim, isso o caracteriza como um homem, no mínimo, peculiar.

Dessa vez, foi ele quem riu.

— Sou apenas a casca de um homem... — seu rosto se tornou obscuro de repente.

Abri a boca para falar, mas fui impedido pelo toque do meu celular.

Era o Fillipo.

— Estou ocupado — expus quando atendi.

— *Luca...*

Meu coração acelerou na mesma hora devido a tensão que senti em seu tom de voz. Algo tinha acontecido.

— O que houve? — perguntei mais do que depressa, caminhando para fora da masmorra. Ryan me chamou, mas o ignorei.

— *Rossi acabou de ligar...*

— Puta que pariu, Fillipo! Fala logo o que está acontecendo...

— *Houve um ataque na estrada, próximo de um posto de combustível* — explicou, com a voz pesada — *Dois carros, com quatro homens cada...* — meu corpo todo começou a tremer conforme eu caminhava — *Pietro foi atingido, e o carro em que Rossi estava também.*

Abri a boca para falar, mas minha voz não saía. Estava tão aterrorizado que meu estômago chegava a se retorcer.

— *O carro em que Rossi estava foi capotado, mas ele conseguiu escapar...* — alívio brotou em meus poros ao saber que nosso irmão estava bem — *Pietro acelerou contra o outro veículo que tencionava atropelar o Rossi, que ainda cambaleava na estrada...*

— E... a Rosa, irmão? — perguntei num fiapo de voz.

Ele se tornou silencioso.

— Fillipo...

— *Foi levada* — declarou com pesar. — *Eu sinto muito, Luca, mas eles a levaram. Rossi falou que eram mexicanos.*

Nesse momento, desliguei o celular, esbarrando o aparelho contra a parede mais próxima. Meus olhos arderam, automaticamente, com o desejo de chorar.

Tudo, dentro e fora de mim, passou a queimar.

Era fúria.

Era ódio... daqueles do mais puro e sanguinário.

Ninguém tocaria no que era meu e ficaria vivo para contar a história...

Ninguém!

Nem mesmo Angel Herrera.



Capítulo 22

Rosa

Abri meus olhos, sentindo minha cabeça pesada. A claridade me incomodou um pouco, mas forcei minha visão de modo a entender onde eu estava. As lembranças se embaralharam um pouco em minha mente, mas não demorei a ter meus pensamentos chacoalhados com as recordações dos últimos acontecimentos.

— Luca! — exclamei, me sentando com tudo. Meu ombro doeu devido ao movimento brusco, então gemi.

— Não deveria fazer esforço, querida — soou uma voz desconhecida, fazendo-me pular de susto. Ele falou no meu idioma.

Olhei para meu lado esquerdo e me deparei com um homem jovem, sentado, com as pernas cruzadas. Usava um terno de tom azul marinho. Os cabelos eram grandes, castanhos claros; e seus olhos eram verdes. Era muito atraente.

— Quem é você? — perguntei. — Onde estou?

— Não reconhece a sua casa? — rebateu, deitando a cabeça de lado e me encarando com curiosidade.

Me ajeitei sobre a enorme cama, confusa.

— Você disse... casa? — Pisquei, absorvendo essa informação. — Mas então quer dizer que... estou no México?

O desconhecido sorriu. Mas um sorriso que não chegava aos olhos. Havia algo nele que me deixava receosa.

— Sim — confirmou. — Você voltou para casa.

Joguei as pernas para fora da cama e observei o quarto em que estávamos. As lembranças do passado se atropelavam em minha mente; por um bom tempo, nos últimos dois anos, revivi cada detalhe da casa em que nasci e cresci... dos meus tempos de escola; dos momentos em família... das brincadeiras com meus pais e meu irmão...

Angel!

— Onde está meu irmão? — intimei, virando a cabeça na direção do homem silencioso, que continuava sentado com uma tranquilidade torturante. — Ainda não compreendi o motivo para ele não ter vindo me ver depois de todo o trabalho que teve para me trazer para cá.

O desconhecido permaneceu me encarando por alguns instantes, o que me deixou desconcertada.

— Você é dona de um rosto, absurdamente, lindo — declarou, me arrancando o ar, pois fui pega desprevenida. — É sensível e perspicaz. Não nega as suas raízes.

De repente, ficou de pé, ajeitando o paletó. Seu porte físico era impressionante.

— Não entendo o que diz...

— Ora, querida, estou apenas te elogiando — murmurou, dando uma risadinha. — Não gosta de elogios?

Sua fala mansa me causava todo tipo de sensação esquisita.

Cocei a garganta.

— Gosto, mas é que... — pigarreei, nervosa — não estou compreendendo o motivo para... tudo isso. — Gesticulei. — Horas atrás, fui arrancada do carro em que estava sendo levada para o forte dos Fratelli, e agora acordo e descubro que estou no México. Eu não conheço você, então preciso falar com meu irmão.

— Sei que precisa — alegou, com os olhos nos meus. Aproximando-se, ergueu a mão para acariciar meu rosto, mas me afastei automaticamente. — Mas ainda não é o momento — ditou, parecendo não ter gostado da minha recusa.

Franzi a testa, sem entender.

— Como assim não é o momento? Por que não posso ver o Angel? Por acaso, ele está sem coragem de me encarar depois do que fez?

Revoltada, passei por ele, marchando até a porta de saída do quarto.

— Pois ele vai ter que me ouvir, e vai ser agora! — rugi, mas tive meu braço segurado.

— Nada disso! — exclamou, impedindo-me. — Você não está em condições de sair deste quarto.

Meu rosto se contorceu em pura ira.

— Me tornei uma prisioneira?

Sacudiu a cabeça, rindo.

Deitei a cabeça de lado.

— Por acaso falei alguma piada, senhor? Aliás, você não me disse seu nome.

— Não, você não é uma prisioneira, minha querida Rosa. — Arrastou sua mão pelo meu braço, até amparar minha mão na sua, quente. — Apenas acredito que, antes de qualquer coisa, você precisa de cuidados. Estou apenas querendo o seu bem. — Sorriu. — Me chamo Gael Flores. — Levou minha mão aos lábios, onde a beijou delicadamente.

Fiquei de boca aberta, sem saber o que dizer.

Depois disso, ele foi até a porta e abriu, chamando alguém do lado de fora. Logo, uma jovem surgiu em meu campo de visão.

— A senhorita Rosa está precisando de ajuda — avisou ele, me encarando e oferecendo-me outro sorriso. — Quero que fique com ela e a auxilie no que precisar. — Seu olhar se intensificou no meu. — Seu irmão estará disponível para você ao anoitecer.

Dizendo isso, se afastou e deixou o quarto.

Pisquei algumas vezes, tentando entender tudo o que acabou de acontecer ali. Ameacei sair também, mas a garota me segurou.

— Por favor, senhorita... — implorou — não saia deste quarto.

Arregalei os olhos, espantada.

— Mas... — gaguejei, dando passos para trás — o que está acontecendo aqui, afinal?

Mordendo os lábios, ela fechou a porta.

— Que tal se eu a ajudar no banho? — convidou, mudando de assunto. Foi até o closet, vasculhando entre a infinidade de roupas. — Podemos escolher um vestidinho, porque o dia está bem quente.

— Como você se chama?

— Belinda — respondeu, fazendo algumas escolhas de peças de roupas

e as jogando sobre a cama. Parecia muito concentrada na sua tarefa. — O que acha dessa cor? — Gesticulou para um vestido vermelho.

— Que porra está acontecendo aqui, Belinda? Onde está meu irmão? — insisti, sem paciência para sua tagarelice sobre meu vestuário.

Nervosa, ela juntou as mãos em frente ao corpo e as torceu.

— Eu... — pigarreou — não sei.

Fechei a cara.

— Está mentindo!

— Por favor, senhorita, vamos tomar um banho — praticamente implorou. — Não posso perder meu emprego. E é isso que vai acontecer se a senhorita sair deste quarto agora.

Seu desespero acabou me deixando com pena. No fim das contas, me dei por vencida... por hora.

***

— A senhorita tem cabelos lindos. — Afirmou ela, enquanto penteava os fios com delicadeza. — O que houve com seu braço?

Automaticamente, meus pensamentos me levaram para meu italiano... foi impossível não imaginar o que estaria acontecendo na Itália... o que ele estaria pensando a respeito do meu sumiço.

— Um acidente de carro — resolvi ser honesta.

Estava sentada na cama, com a garota atrás de mim, penteando meus cabelos.

— A senhorita não parece feliz em estar aqui — comentou. — Sinto que está em agonia.

— Estou preocupada — expus. — Nervosa com todo esse mistério ao meu redor. Não foi dessa forma que imaginei meu retorno.

— Sou nova aqui, então não conheço a história da sua família — alegou, terminando e pegando um pouco de creme para passar em meu braço. — Apenas fui designada para cuidar da senhorita quando chegasse, além de mantê-la no quarto por algumas horas.

— Então estou realmente presa aqui — não foi uma pergunta. — Por quê?

Negou com a cabeça.

— Não tenho permissão para falar mais nada — desculpou-se.

Rolei os olhos, irritada.

— Ao menos tem um celular que eu possa usar?

Voltou a negar.

Me joguei para trás, no colchão, cobrindo meu rosto com o travesseiro

e soltando um grito de frustração.

— Não acredito que meu irmão está fazendo isso comigo — resmunguei, abismada. — Ele prometeu que cuidaria de tudo. Prometeu que lutaria pela minha felicidade.

— E a sua felicidade não está aqui, né?

Olhei para a garota ao meu lado, que me oferecia um sorriso compreensivo.

— Não — neguei. — Está lá na Itália.

***

Depois de longas horas, sendo obrigada a ficar no quarto, finalmente, pude sair.

Belinda me auxiliou na escolha do vestido; o escolhido foi um em tom preto, de alças largas, com brilho nas laterais. A cintura não era marcada, deixando a peça leve em meu corpo.

— Meu irmão está lá embaixo? — sussurrei a pergunta para a Belinda, que me acompanhava.

— Não sei, senhorita.

Tive vontade de bater nela, mas me contive. A coitada só estava cumprindo ordens.

Durante o caminho, meus olhos se fixavam em cada detalhe daquele enorme casarão, que me remetiam à infância. Momentos felizes... momentos tristes...

Meu coração se encheu de dor e rancor... Angel e eu sempre cuidamos um do outro; sempre nos respeitamos. Então era surreal pensar no que ele foi capaz de fazer.

— Você precisa ir além daquelas portas, senhorita. — Belinda chamou minha atenção. Olhei para a direção em que ela apontava.

— Ok.

Respirando fundo, retomei os passos. Em todos os lados que olhava, eu via um capanga armado, deixando claro para mim que não havia nenhuma chance de fuga.

Assim que fiquei frente a frente com as portas duplas, um deles se aproximou e as abriu, revelando-me a sala de jantar.

Meus olhos aumentaram de tamanho quando me deparei com diversos rostos desconhecidos; ninguém naquele lugar me era familiar.

— Angel... — soprei em desespero, procurando por ele, mas não o encontrando em lugar nenhum.

— Boa noite, querida Rosa.

Aquela voz mansa...

Virei a cabeça para o lado, e me deparei com Gael, oferecendo-me seu braço.

— Você está deslumbrante. — Elogiou, sorrindo galante.

— Não estou vendo meu irmão — reclamei, sentindo a garganta seca.

— É porque ele não está aqui — disse, normalmente.

Minha testa vincou em confusão.

— Como assim, não está aqui? — questionei. — Você me disse que ele estaria disponível para mim ao anoitecer — alterei-me.

Colocando-se em minha frente, Gael segurou meus ombros.

— Angel está preso.

Pisquei, incrédula, cobrindo a boca com a mão livre da tipoia. Não tive fôlego para tecer nenhum comentário.

— Seu irmão foi acusado de traição pelo nosso povo — continuou falando, mesmo presenciando meu terror. — Então eu, como seu futuro marido, tomei a liberdade de buscá-la do seu cativeiro...

— Eu não estava em cativeiro!

— Sei que passou por momentos tensos e difíceis, que a desestabilizaram, querida — ignorou minha declaração completamente. — Mas agora estou ao seu lado, e irei cuidar de você. Não apenas de você, mas

do nosso povo também.

— Que porra está dizendo? — Voltei a me alterar, chamando a atenção dos demais. — Angel é o verdadeiro líder...

— Pare de escândalos e seja boazinha — sibilou entre dentes. O olhar gentil deu lugar a um assustador. — Ou seu irmão vai pagar com a vida.

Engoli com dificuldade, esforçando-me para não chorar.

Naquele momento, eu entendi tudo... Angel não tinha culpa de nada.

Tanto eu quanto ele fomos vítimas de um lunático. Meu coração sufocou com a incerteza do meu futuro... do futuro do meu irmão.

Luca... o que seria de nós?



Capítulo 23

Luca

Eu estava explodindo de dentro para fora quando Manuele e Fillipo chegaram na fortaleza. Pietro surgiu logo atrás, com Rossi.

Meu coração batia tão descompassado que sequer estava conseguindo raciocinar direito.

— Mandou chamar o Frank? — perguntou Manuele, assim que desceu do carro, desesperado.

— Sim! — exclamei em resposta.

Todos nós corremos para o carro em que Rossi estava.

— Eu estou bem — soprou, descendo com a ajuda do Pietro. Seu terno branco estava todo manchado de sangue.

— Ele está com um hematoma feio na coxa direita — confidenciou Pietro, fazendo meu irmão fulminá-lo.

— Não adianta me olhar de cara feia! — rugiu, sem qualquer paciência. — O senhor quase foi atropelado quando quis agir como se fosse

um super herói, apontando a pistola.

— Posso não gostar do cara, mas ele está certo — complementou Fillipo, enquanto apoiava o braço do Rossi em seu ombro. Manuele ocupou o outro lado, tomando-o de Pietro. — O que pensou em fazer, afinal?

— Tentei acertar os pneus. — Gemeu, enquanto caminhávamos para dentro de casa. — Não podia deixar que a levassem.

Travei o maxilar, sentindo a raiva emanando da minha pele.

Dentro de casa, Maya surgiu em nosso campo de visão, desesperada quando percebeu o alvoroço.

— Rossi! — exclamou com terror. — O que aconteceu? — Correu até o marido. — DOLORES? — gritou pela empregada.

— Não foi nada, mulher — resmungou meu irmão, não querendo preocupá-la.

— Como não foi nada? Ficou doido? Estou vendo você todo ensanguentado!

Dolores surgiu, com os olhos assustados.

— Por favor, leve o Benjamin para cima. — Maya entregou a criança para a empregada.

Eu estava tão desnorteado que as palavras não saíam da minha boca;

era como se eu fosse um mero expectador ali.

Rossi foi colocado no sofá, enquanto o doutor Frank se aproximava. A calça do meu irmão teve que ser arrancada para facilitar a visualização do ferimento.

— Não foi um corte muito profundo. — Afirmou o médico, retirando seus apetrechos cirúrgicos de dentro de uma maleta.

— Ainda estou esperando alguém me explicar que porra aconteceu com meu marido — rugiu Maya. Encarou a todos nós. — Luca, você estava aqui, por que não me disse nada?

Fiz uma careta para ela.

— Porque assim como você, eu também estou esperando uma explicação — comentei num sibilar. — Neste ataque, Rosa foi levada.

Vi seu semblante se anuviar.

— Oh, meu Deus! — exclamou, apavorada. — Coitadinha.

Deixou-se cair ao lado do marido, no sofá.

Manuele se afastou de nós no instante em que seu telefone começou a tocar.

Rossi olhou para mim, com uma expressão pesarosa. Eu não queria que ele se sentisse culpado. Não era culpa dele.

— Não consegui salvá-la... — soprou, em agonia — A ação deles foi muito rápida, então não tivemos tempo de planejar um contra-ataque.

— O que eles disseram quando arrancaram a Rosa do carro? — perguntei ao Pietro, que estava no canto, em silêncio.

Cruzou os braços, mas sua tensão era nítida.

— Nada — respondeu. — Só me apagaram. — Deu de ombros. — Quando acordei, só tive tempo de acelerar contra um dos carros que tencionava atropelar o irmão de vocês. — Gesticulou para o Rossi. — Pena que conseguiram fugir.

— Fomos pegos desprevenidos, e isso é inadmissível — Rossi rugiu, indignado. — A facilidade com que Rosa foi roubada de nós...

— A culpa não foi sua — murmurei, andando de um lado ao outro, buscando me controlar. Minha mente não parava de trabalhar. — Foi aquele desgraçado — sibilei entre dentes. — Só pode ter sido o Angel.

— Por que ele faria isso? — Fillipo questionou.

— Os raptores eram mexicanos — comentou Pietro.

— Por que esse cara está fazendo parte da conversa? — rugiu Fillipo, revoltado com a intromissão do Pietro.

— Ele salvou minha vida — lembrou Rossi.

— Então isso já é motivo suficiente — complementou Maya.

Manuele retornou à sala, guardando o celular.

— Mariano acabou de dizer que está tentando contatar todos os nossos conhecidos e aliados, que têm, ou que saibam quem têm pistas de voo clandestinas — avisou. — Se os homens que pegaram a Rosa estão com a intenção de levá-la para o México, vão de avião. Nesse caso, teremos uma chance de pegá-los — explicou, chegando perto do Rossi. — E você, como está? — Sentou-se. — Ele vai ficar bem, doutor?

— Vai sim — respondeu o velho Frank. — Já estou finalizando aqui. — Ele estava costurando. — Poderia ter sido pior, o que eu não me surpreenderia. — Sacudiu a cabeça. — Vocês tendem a se colocar em perigo muito fácil.

Cruzei os braços, num esforço de controlar o ímpeto de sair correndo e ir atrás da Rosa, sozinho.

— Ossos do ofício, Frank. — Rossi murmurou, deixando a cabeça cair contra o encosto do sofá. Maya levou a mão ao seu rosto, preocupada. Foi impossível não os invejar, porque eu não tinha mais a Rosa comigo.

— Já sabemos que Rosa não foi levada por ninguém de outras organizações — comentou Manuele, chamando nossa atenção. — Pelo sotaque dos caras, ficou óbvio que a ordem veio de dentro do cartel

mexicano.

— Não acredito que tenha sido a mando do Angel, porque isso não faz o menor sentido — alegou Fillipo. — Além disso, como explicar o ataque que fizeram no Aeroclube? Por que Angel colocaria a própria irmã em risco, sendo que estávamos com a intenção de levá-la para ele?

— Isso está muito estranho... — completou Manuele — E se for o tal inimigo com o qual ele vem lidando nos últimos meses?

— Parem de tentar encontrar uma desculpa para o óbvio! — explodi, assustando-os. — Angel é o único culpado, e a hora que eu colocar as mãos nele... — rangi os dentes como um animal — não vai sobrar nada. Absolutamente nada!

— Pare você de falar besteiras, Luca! — disparou Rossi, sem paciência. Agradeceu ao doutor quando ele terminou de costurar sua ferida. — Poucos minutos antes do ataque, recebi uma ligação do mexicano. — Arregalei os olhos. — Ele me disse que estava prestes a ser capturado em uma emboscada.

— Como assim? — indaguei, confuso.

— Há alguns dias, Angel me confidenciou que seu falecido pai, ainda em vida, prometeu Rosa para o filho do líder de um dos grupos principais da organização.

— O quê? — murmurei, ainda desnorteado. — Rosa estava noiva?

— Sim. — Suspirou. — Desde que descobriram que ela foi encontrada, a família começou a cobrar o cumprimento do acordo, o que fez Angel travar quase uma guerra fria dentro da sua organização.

Levei as mãos ao rosto, esfregando-o em frustração.

— A família do noivo passou a tentar envenenar o Angel para o conselho, alegando que o líder estava descumprindo um juramento que foi dado há anos — Rossi continuou contando.

— Então está dizendo que Rosa foi raptada por esse noivo? — perguntei, sentindo minha voz pesada. — É isso que está dizendo?

— Ao que tudo indica sim — respondeu. — Mais cedo, quando me ligou, Angel só teve tempo de avisar que seria neutralizado, e que nós seríamos a única segurança da sua irmã.

— Puta que pariu! — Fillipo rugiu, tão chocado quanto todos nós.

— Que porra do caralho! — praguejei, sentindo-me um estúpido.

— Depois do ataque que resultou na captura dela, tentei ligar para ele, mas o telefone não dá mais sinal — Rossi complementou. — Algo muito fodido aconteceu, ou melhor, está acontecendo lá no México.

— E a Rosa está indo *pra* lá... — comentei mais para mim mesmo, sentindo o medo querendo dominar minha mente.

— Na verdade, ela já ia de qualquer maneira, Luca — declarou Rossi, deixando-me abismado. — Você pode ter se apaixonado por ela, mas Rosa é a irmã do chefe do maior cartel do México, e precisava resolver suas pendências antes de assumir a relação de vocês dois.

— Você estava planejando mandá-la para o México sem minha permissão? — rugi em revolta.

— Não preciso pedir sua permissão para fazer meu trabalho — ditou, usando seu tom de *capo*. — Existem regras a serem cumpridas, então não pense que nós, os Fratelli, estamos acima dos outros. — Senti-me endurecer. — Eu dei minha palavra de que a levaria em segurança para o México, porque estava agindo de acordo com meu papel. O que queria que eu fizesse? Que falasse que, porque você se apaixonou, eu não a devolveria? Vá se ferrar, Luca!

— Já chega! — Maya se intrometeu. — Que briga desnecessária é essa? — zangou-se. — Enquanto estão perdendo tempo com isso, Rosa está sabe-se lá onde!

— Ela está certa — apoiou Fillipo. — Agora é hora de nos unirmos. Antes de qualquer coisa, precisamos descobrir o que houve com Angel.

— Que pistas nós temos?

Cruzei os braços e me recostei na parede. Precisava digerir tudo o que

tinha acabado de ouvir.

— Nada que seja esclarecedor — afirmou Rossi.

Em seguida, falou alguma coisa para o doutor Frank, quando ele terminou de cuidar de seus ferimentos. Maya se levantou e seguiu com o médico, perguntando sobre os cuidados corretos para que o marido tivesse uma boa recuperação.

— Então será como encontrar uma agulha no palheiro — concluiu Fillipo.

De repente, minha mente deu um estalo e me empertiguei.

— Sei de alguém que pode ajudar — falei, chamando a atenção deles para mim. — O caçador de recompensas. — Franziram a testa, confusos. Revirei os olhos pela lerdeza deles. — Ryan, o prisioneiro que está na masmorra.

Rossi fez uma careta.

— Por que acha que ele pode ajudar? — indagou.

— Porra! O cara foi capaz de nos encontrar naquela mata, no meio do nada — lembrei. — Certamente, isso o qualifica como um excelente rastreador.

— E por que tem tanta certeza de que ele vai aceitar trabalhar para nós?

Sorri, lembrando-me da conversa que tive com o cara, longos minutos atrás.

— Porque ele é um homem esperto — respondi com veemência. — E afirmou que não quer morrer. Além disso, é apaixonado por dinheiro.

Meus irmãos se entreolharam, meio duvidosos.

Nesse momento, o telefone do Manuele começou a tocar.

— O que foi Mariano? — Atendeu. No instante seguinte, sua expressão se tornou tensa. — Como assim? — continuou ouvindo. — Mas conseguiram entrar?

Rossi, Fillipo e eu nos tornamos tensos, sem saber o que estava acontecendo.

Instantes depois, Manuele desligou a chamada e se colocou de pé.

— O *búnquer* foi atacado — declarou, fazendo Rossi se empertigar. — Felizmente, não conseguiram entrar, mas isso indica que já sabem que estamos com o *pendrive*.

Com o rosto endurecido, Rossi ditou, dirigindo-se ao Manuele:

— Vá até o *búnquer* e auxilie Mariano e Paola com tudo. Traga-os para cá. Prepararemos uma sala com todos os equipamentos necessários para que Simona continue trabalhando no *pendrive*. — Voltou-se para nós, Fillipo e eu. — Vocês vão até a masmorra conversar com o tal caçador de

recompensas. Dou carta branca para embarcarem para o México em buscado paradeiro do Angel. Não tomaremos nenhuma atitude em relação a garota antes de o encontrarmos para entender o que de fato aconteceu.

Assenti, sentindo meu sangue correndo mais rápido nas veias.

Não havia outra imagem dentro da minha mente... apenas o rosto dela...

Rosa, meu anjo perdido.



Capítulo 24

Rosa

— Não comeu quase nada, querida... — alguém comentou, forçando meu olhar para a direção da voz. — Está sem fome?

A raiva e frustração estavam borbulhando em cada uma das minhas células.

— Por que a surpresa? — revidei, sem conseguir me controlar. — Acha que por eu ser gorda, sou obrigada a comer feito uma esfomeada? — sibilei, irritada.

A mesa estava repleta de rostos desconhecidos; pessoas que faziam parte do conselho da organização. Não me lembrava de nenhum deles, considerando que, como mulher, jamais fui permitida a estar presente em reuniões do cartel. Sempre foram apenas papai e Angel.

Meu suposto noivo deu uma risadinha, certamente que, para quebrar o clima tenso que se estabeleceu com meu comentário. Como estava ao meu lado, na mesa, depositou sua mão sobre a minha e a levou aos lábios.

— Por favor, senhores, perdoem minha noiva — pediu, exalando aquele ar manso. — Ela ainda está confusa com tudo... — trouxe os olhos para os meus — sofreu muito, a coitadinha...

Odiei a sensação do seu toque, mas precisei engolir tudo a seco, pois sua ameaça ao Angel, longos minutos atrás, ainda ecoava em minha mente.

— Deve estar sendo difícil para você... — fixei minha atenção em uma mulher atraente, sentada ao lado do que supus ser seu marido — ter passado por tudo o que passou, depois ter sido raptada pelos irmãos Fratelli e agora voltar para casa e descobrir que o irmão é um traidor...

Fiquei olhando para ela por alguns instantes.

— Como é seu nome, querida? — indaguei, utilizando de toda ironia que pude.

Percebi que ali, todos estavam agindo por interesse, poder e dinheiro.

— Guadalupe — respondeu com um sorriso maior que o rosto.

Neste momento, decidi livrar minha mão do toque asqueroso do Gael, e inspirei fundo.

— Certo, Guadalupe... — me inclinei para frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa, ignorando os bons modos — e quem lhe deu essa informação equivocada?

Os olhos de cílios artificiais piscaram desesperadamente, enquanto

olhava para o marido ao seu lado. Coincidentemente, o mesmo homem que fez o comentário sobre minha comida intocada no prato.

— Bem... — pigarreou, nervosa — foram os boatos que ouvi. — Sorriu, sem jeito.

Tiquetaqueei meu maxilar, ouvindo o som dos meus dentes trincando.

— Bom, pois saiba que são boatos falsos! — exclamei, revoltada. — Há dois anos, fui sequestrada e vendida. Recentemente, os irmãos Fratelli me encontraram, a pedido, exclusivamente, do meu irmão.

— Rosa...

— Fui salva por eles, e muito bem tratada — continuei a falar, ignorando a tentativa do Gael em me silenciar — Diferente de agora, em que estou me sentindo coagida de todas as formas. Onde está o meu irmão?

— Acalme-se, querida! — insistiu Gael, segurando meu braço, mas me esquivei com um safanão.

— Se alguma coisa acontecer com ele, sei exatamente o nome do culpado! — Fixei o olhar no seu rosto, que parecia estar espumando de raiva.

Dizendo isso, simplesmente, me retirei da mesa.

Não fazia o menor sentido continuar ali, confraternizando com as pessoas que apunhalaram meu irmão pelas costas.

Com lágrimas nos olhos, deixei a sala de jantar, entretanto, ao invés de rumar escada acima, decidi seguir para a porta de saída. Mas era óbvio que eu seria barrada pelos capangas.

— Saia da minha frente, soldado! — rugi, nervosa. — Sou a filha de Sebastian Herrera, e exijo que me deixe sair. Agora!

Nada.

O homem não fez qualquer menção.

Irritada, comecei a socá-lo, mesmo com um braço imobilizado. Obviamente, que minhas agressões não faziam qualquer diferença na postura dele, que continuava inabalável.

— Desse jeito, você vai acabar se machucando, minha querida.

Me assustei ao som de uma voz que ouvi bastante durante o jantar. Não que eu houvesse prestado atenção em todos os assuntos mencionados, considerando que minha mente estava focada no meu irmão, mas percebi que o homem em minha frente tinha bastante influência entre os demais presentes.

— Por favor, Juan... — aproximou-se de mim, oferecendo-me o braço — Abra espaço, porque a senhorita Herrera e eu vamos fazer um passeio pelo jardim.

Não entendi aquilo como um pedido.

Trêmula, enrolei o braço no seu e, juntos, saímos para o lado de fora.

O silêncio foi nossa companhia nos primeiros minutos. Todos os meus músculos estavam tensos, devido ao entendimento da minha nova realidade.

— Por que estou aqui? — minha pergunta não passou de um murmúrio. A noite estava gloriosamente linda.

O homem, de estatura mediana e cabelos grisalhos, sorriu, mas sem mostrar os dentes. Seu olhar continuou no chão, como se sua mente estivesse longe.

— Durante o jantar, eu a observei — começou —, e percebi que você ainda não entendeu a gravidade de tudo o que vem acontecendo aqui. — Finalmente me concedeu seu olhar. — Sou Esteban Flores, líder de um dos grupos do Cartel Sánchez.

— Meu pai me ofereceu em casamento para seu filho — não foi uma pergunta, mesmo assim, ele assentiu com a cabeça.

— Quando vivo, Sebastian me garantiu a união de nossas famílias, alegando que isso traria uma visibilidade maior para os negócios, firmando a continuação do legado com os fundadores da organização — contou com tranquilidade. — E, eu fiquei esperando; sendo sempre o melhor membro do Cartel, tendo em mente que minha hora ia chegar. Porque, além de tudo, seu pai me afirmou que com o casamento, eu também ganharia um lugar no

conselho.

Fiquei em silêncio.

— Então você foi sequestrada. — Minha testa franziu com as lembranças intrusas. — Logo depois disso, Sebastian foi vítima de uma emboscada e acabou falecendo. Por lei, automaticamente, o sucessor é o filho. E assim, Angel assumiu o controle do maior Cartel do México.

Paramos de caminhar quando chegamos perto de alguns bancos.

— Não posso negar que o garoto fez um excelente trabalho, porque fez. Isso é notório! — assumiu. — Ainda em vida, Sebastian garantiu que seu filho seria um sucessor à altura, fazendo jus ao seu nome.

Nos sentamos, um ao lado do outro.

— Nunca tive dúvidas de que meu irmão seguiria os passos do nosso pai, fazendo um trabalho tão bom quanto — comentei, com o coração repleto de orgulho.

— E ele fez — reafirmou o que já tinha dito antes. — Porém, as coisas desandaram quando os boatos sobre seu retorno surgiram. Angel deixou claro, depois que soube do acordo de casamento, que não tinha o desejo de cumprir a promessa dada pelo pai de vocês.

Sorri, orgulhosa do meu irmão.

— Alegou que você já tinha sofrido demais com o sequestro, e que

obrigá-la a se casar com um desconhecido apenas terminaria de destruir seu coração — falou com desdém. — Veja bem, até entendi o posicionamento dele... — me encarou — como irmão; é compreensível que Angel queira protegê-la. Mas um acordo nos negócios vai muito além de família e laço sanguíneo. Estamos falando de algo que foi selado pelo conselho do Cartel.

De repente, as palavras do meu irmão, na última vez em que nos falamos, vieram em minha mente.

Há rumores de que sou um traidor; há rumores de que estão tentando me derrubar do trono...

Arregalei os olhos, sentindo-me enojada.

— Então foram vocês que começaram a envenenar todos sobre meu irmão — acusei. — Vocês que tramaram para a queda do Angel. — Eu estava sem ar.

— Você colocando assim, fica parecendo que agimos por debaixo dos panos, querida. — Sorriu com ironia.

Irritada, me levantei.

— Então me explique o sentido de tudo o que fizeram se não foi para derrubar o Angel para que seu filho se tornasse meu marido, e de quebra, assumisse ao comando do Cartel?

Continuando a sorrir, o idiota cruzou os braços.

— A verdade é que esperei durante anos, sempre paciente e submisso às ordens do Sebastian — de repente sua expressão se tornou sombria. — E quando pensei que, finalmente, receberia meu lugar no conselho com a união das nossas famílias, o idiota do seu irmão se recusa a cumprir o acordo feito com o pai de vocês?! Não! Jamais aceitaria uma injustiça dessas!

— Injustiça? — repeti, enojada. — O que o senhor sabe sobre injustiça?

Colocando-se de pé, ele ajeitou o paletó.

— Apenas quando a injustiça acontece comigo e minha família — respondeu com zombaria. — O resto que se foda!

— O que fizeram com meu irmão? — perguntei com a voz embargada. — Onde ele está? Vocês... — meu coração doeu com a ideia de ele ter sido morto — o mataram?

Sacudiu a cabeça.

— Claro que não — respondeu. — Ele é nossa garantia de que você será boazinha e fará exatamente o que mandarmos. — Deu uma risadinha. — O casamento acontecerá dentro de algumas semanas. Então é bom que mude sua postura em relação ao matrimônio com meu filho.

As lágrimas desceram por minhas bochechas.

— Não espere que serei uma noiva receptiva — murmurei, entre

lágrimas.

Seu olhar se arrastou por todo meu corpo, com nítido desdém.

— Não se preocupe... — ironizou. — Você não é exatamente o padrão do meu filho — usou toda sua maldade. — Não preciso explicar para você sobre o que estou falando.

Dizendo isso, se afastou... me deixando ali... sozinha.

Humilhada.

Ferida.

Magoada.

Sem esperança.



Capítulo 25

Luca

Assim que chegamos ao México, fomos recepcionados pelo Daniel e seu grupo de motoqueiros; Rossi tinha pedido para que eles nos dessem suporte, considerando que estavam no país à negócios.

Ao descermos do jato, na pista clandestina, observei Daniel recostado em um carro esportivo, enquanto Ethan, Oliver e Joshua estavam em suas motos chamativas.

— Então quer dizer que o México será palco para nossa aventura da vez? — zombou Daniel, quando me aproximei dele. Enrolei a mão na sua, puxando-o para dar uma batidinha em suas costas. Em seguida, foi a vez do Fillipo, que estava logo atrás de mim.

— Ao que tudo indica, sim — comentou meu irmão. — Mas antes de qualquer coisa, temos um problema.

— Quem é aquele? — Desconfiado, Daniel indicou Ryan com a cabeça.

— Uma peça importante no jogo — respondi com o maxilar trincado. Cruzei os braços. — Angel Herrera está desaparecido, e precisamos dele conosco para a missão principal.

— E que missão é essa, italiano? — questionou Ethan, o vice-presidente do moto clube Lobos.

Meus olhos brilharam.

— Resgatar minha garota — respondi com toda intensidade existente em mim.

— *Wou*! — exclamou Joshua, capitão da estrada, do clube. Deu alguns tapinhas no seu capacete, parecendo eufórico. — Adoro essas missões de resgate às mocinhas indefesas. — Esfregou uma mão na outra. — Porque tenho a chance de esmagar algumas bolas... — seu tom de voz soou assustador.

Eu não conhecia, com afinco, a história de cada um deles — principais membros do moto clube Lobos —, mas sabia de boatos a respeito do passado de Joshua... diziam que ele teve que assistir sua mãe e irmã sendo violentadas, depois de ter assistido o pai ser assassinado. Podia imaginar o peso do seu trauma, considerando o que aconteceu na minha família, com Bianca. Mesmo sendo um menino quando a levaram, eu me lembrava...

— E o outro, quem é? — perguntou Daniel, apontando para Pietro.

Franzi o cenho.

— Apenas alguém que trouxemos de carona — respondi, ajeitando meu colete. — Ele vai ficar aqui.

— Senhor... não quero me separar da família — arrulhou Pietro, fazendo-me encará-lo. — Deixe-me continuar trabalhando para o senhor.

Franzi a testa, sem entendê-lo.

— Você não precisa provar mais nada para mim, ou para meus irmãos, rapaz — decretei. — O que fez pelo *capo*, salvando a vida dele, nos provou sua honra conosco. É um homem livre agora.

— Está em casa, Pietro — complementou Fillipo. — Pode ir.

Seu semblante parecia aflito.

— Não quero ir — declarou com fervor. — Em todo esse tempo que estou convivendo com vocês, aprendi a respeitá-los, não por medo, mas por mérito. Além do mais, quero ajudar no resgate da Rosa. — Semicerrei os olhos para ele, fechando meus punhos automaticamente. Sentia o ciúme efervescendo em mim. — Ela estava comigo quando foi levada, então me sinto em dívida.

— Não sei se contei a vocês, mas eu cobro por hora — comentou Ryan, interrompendo minha conversa com Pietro. — Então, a menos que o assunto seja construtivo para o que precisamos fazer, não vejo motivo para

continuarmos parados aqui, no meio do nada.

— Quem é esse cara mesmo? — intimou Oliver, demonstrando irritação.

Revirei os olhos.

No fim das contas, não falei mais nada..., porém, Pietro insistiu em vir conosco.

***

Era final de tarde quando chegamos em Xochimilco, localizada a 20 km da capital, Cidade do México. A região é conhecida como Veneza mexicana, graças aos seus canais navegáveis. Bastava pensar nos barquinhos italianos e depois adicionar um pouco — ou muita — cor, música ao vivo com mariachis, alguns petiscos apimentados, uma boa e gelada michelada e muita gente animada.

— Ainda não entendi o porquê estamos aqui — resmunguei, enquanto caminhávamos pelas traineiras.

— É sério que tem gente que paga para ouvir esses mariachis tocarem? — Oliver parecia chocado.

Fillipo deu uma risadinha.

— Conheço o dono de um dos barcos — alegou Ryan, respondendo ao meu comentário.

— E...? — insisti, ainda sem entender sua lógica.

— Precisamos utilizar um dos canais para chegar até a *Ilha das bonecas*.

— O quê? — Pietro, praticamente, gritou. Ao olharmos para ele, deu para perceber o pavor estampado em seu rosto. — Você ficou louco?

Ryan soltou uma risadinha, entretanto, não parou de caminhar.

— Vai me dizer que você, um homem feito, ainda tem medo de histórias de terror?

Em seguida, parou, quando encontrou quem estava procurando. Conversou rapidamente com o homem, dono do barco, depois se aproximou de nós.

— Hora de iniciar o passeio, rapazes. — Gesticulou num convite.

Levou somente alguns minutos para zarparmos.

— Agora fiquei curioso sobre a história dessa Ilha — comentou Daniel, encarando o Pietro, que continuava com a expressão assombrada. Chegava a ser engraçada.

— Não há uma palavra melhor para descrever aquele lugar... — comentou o dono do barco — do que... assustador!

Ryan apenas riu, sacudindo a cabeça.

— A história começou 70 anos atrás, quando o único morador da ilha, Sr. Julián de Santana, encontrou o corpo de uma menininha afogada. A partir daí o solitário Julián, não teve mais sossego. Choros e gritos de crianças ecoavam a todo instante. Então, ele teve a ideia de aplacar o sofrimento da alma daquela garotinha que ainda vagava pela ilha, colocando bonecas nas árvores para ela brincar. Toda vez que os gritos recomeçavam, lá ia seu Julián buscar mais bonecas. Isso durou anos até o dia em que Julián morreu afogado, no mesmo local que encontrou o corpo da menina. Essa ilha inspirou o diretor Tom Holland a criar Chucky, o boneco assassino — contou Pietro, tendo calafrios.

— Gritos e choros ainda podem ser ouvidos por aqueles que passam perto da ilha — complementou o senhor que pilotava o barco — Se desembarcar é fortemente aconselhável levar uma boneca para ser deixada em algum lugar. Não tente fazer o contrário... pelo seu bem! — afirmou o mexicano.

— Puta que pariu! — exclamou Ethan, abismado. — Por que não disseram isso antes?

— Não quero mais descer nessa porra — murmurou Joshua, estremecendo.

— Fala sério! — Ryan rolou os olhos, impaciente. — O mal só entra

nos corações quebrantados. E que eu saiba, vocês são uns fodidos do caralho, repletos de sombra e escuridão. — Nos encarou em desafio. Ninguém disse nada.

Era óbvio que nossas almas não tinham salvação. Não com a vida de crime que levávamos.

— Por que estamos indo *pra* essa ilha, afinal? — indaguei com um pigarro.

Suspirando, Ryan levou os olhos para além de nós.

— No passado, conheci Sebastian Herrera — contou, deixando-me surpreso. — Não há necessidade para se entrar em detalhes, mas conheço os esconderijos e prisões do Cartel Sánchez. A Ilha das bonecas é usada por eles para esconder os prisioneiros mais temidos e importantes. Então se Angel ainda estiver vivo, e sendo mantido refém, certamente, o lugar é esse.

— Mas... — Joshua coçou a garganta — por acaso tem alguma bonequinha perdida aqui pelo barco?

A risada foi unânime.

— Deixa de ser *bundão*, Josh. — Brincou Oliver, segurando-o pelo pescoço e esfregando sua cabeça como se ele fosse um menino.

Ri mais um pouco, enquanto observava a cena.

De repente, Rosa voltou a invadir minha mente tirando meu foco e todo

meu controle físico e emocional.

Ela não deveria ter tanto domínio sob mim..., mas tinha.

Com uma facilidade assustadora, aquela mexicana atrevida se perdeu em minhas entranhas, marcando-me como dela para sempre.

***

Assim que descemos na tal Ilha foi impossível não sentir o espanto do lugar macabro. Havia uma grande quantidade de bonecas penduradas em todos os cantos; decapitadas, em decomposição, penduradas em espetos e árvores… era realmente tenebroso.

— É melhor ficarmos juntos. — Comentou Joshua, arrancando outra onda de gargalhada do grupo.

— Não imaginei que você fosse tão medroso, Josh — disse Fillipo, entre risos.

— Acho melhor andarmos em uma fila indiana — zombou Oliver, sem conseguir controlar o deboche.

— Silêncio, seus idiotas — rugiu Ryan, se abaixando perto de uma moita de mato, e gesticulando para fazermos o mesmo. Mais a frente, podíamos ver uma construção em destroços, apesar de estar em claro uso. — É ali. — Apontou com o queixo.

Nos dividimos e cercamos o perímetro. Fillipo e eu ficamos juntos,

armados com nossas pistolas, nove milímetros.

Me concentrei e fiz sinal para meu irmão, indicando o número três. Em seguida, me lancei para frente, em direção aos três homens, com Fillipo me dando cobertura. Rolei, acertando a perna do primeiro, seguido por um tiro na sua cabeça. Fillipo finalizou os outros dois.

O som dos disparos começou a se tornar ensurdecedor no instante em que os outros integrantes do nosso grupo iniciaram a invasão. Em determinado momento, gelei quando ouvi o som de um gatilho atrás de mim, porém, antes que o pior acontecesse, o homem caiu morto. Ao me virar, me deparei com Pietro e sua arma apontada. O filho da mãe tinha acabado de salvar minha vida.

Gesticulei para ele, em agradecimento.

A porta do lugar foi estourada, em seguida, iniciamos o massacre dos homens que protegiam o lugar pelo lado de dentro.

— Angel está sendo mantido refém pelos próprios homens da sua organização — Daniel comentou, incrédulo. — Que bando de traidores do caralho!

Joshua chegou massacrando qualquer um que surgisse em sua frente, feito um trator desgovernado. Ryan era, impressionantemente, ágil em suas manobras e ataques. Oliver, com sua mira certeira, não perdia um alvo.

A construção envelhecida era composta por uma sala, um corredor e quatro celas.

Ao chegarmos no corredor, me deparei com um rapaz magricela; o idiota ameaçou atirar contra mim, mas fui mais rápido e chutei a arma da sua mão. Em seguida, segurei-o pelo colarinho da camiseta e esbarrei seu corpo contra a parede próxima.

— *¿Dónde está* Angel? — indaguei num rugido, enquanto cravava meus dedos em seu pescoço.

Sem fôlego, ele apontou para uma porta no final do corredor. Sentindo a adrenalina me dominando, forcei o punho e quebrei seu pescoço.

Fillipo e eu avançamos na direção indicada, depois de pegarmos as chaves.

Angel atingiu meu rosto com um chute quando abri a porta.

— Mas que porra! — exclamei em revolta.

Os olhos, idênticos aos da Rosa, se espantaram.

— Vocês? — Parecia incrédulo ao nos ver ali. Estava com as mãos algemadas.

— Uau! Adorei a recepção. — Ironizou meu irmão, aproximando-se dele. Fillipo tinha pegado as chaves da porta e das algemas.

Esperei que o mexicano estivesse solto, para só então, devolver o golpe. Mirei um soco bem em seu nariz.

— *¡Hijo de puta!* — praguejou, cuspindo um pouco de sangue.

Passei a mão no canto dos meus lábios, limpando o rastro de sangue.

— *¡Ahora estamos a mano!* (Agora estamos quites) — declarei num sibilar.

Mal terminei de falar, e o desgraçado rumou em minha direção como um leão solto; rolamos pelo chão, com ele por cima, tentando me acertar no rosto.

Consegui mudar nossas posições, ganhando vantagem na luta, entretanto, fui puxado por Fillipo.

— Vão se foder vocês dois, caralho! — Meu irmão rosnou, me soltando e socando meu peito. Se colocou entre nós dois. — Temos coisas mais importantes para cuidar no momento, do que essa merda de rincha dos dois.

Angel estava respirando com dificuldade, com o corpo inclinado e as mãos apoiadas em seus joelhos. Os olhos estavam injetados em minha direção.

— Seu irmão tocou na minha irmã — sibilou, entre dentes. — Eu a confiei a vocês, e esse pedaço de merda se achou no direito de tocá-la! —

berrou.

Daniel e os outros logo se juntaram a nós, mas ficaram em silêncio, apenas assistindo ao show.

— Nós nos apaixonamos, seu idiota — revidei, revoltado com sua maneira de expor as coisas. — Não fale como se eu houvesse a forçado. — Trinquei os dentes. Jamais faria isso com Rosa nem com qualquer outra mulher. Preferia ter meu pau arrancado.

— Este é um assunto para ser resolvido em outro momento — avisou Fillipo com a voz carregada. — E sob a presença da nossa família.

Angel tiquetaqueou o maxilar, erguendo-se e pressionando o nariz machucado. Não relaxei a postura em nenhum momento.

Observei que o mexicano encarou os demais, fixando os olhos em Ryan e Pietro.

— Quem são esses?

— Não vem ao caso agora — concluiu Fillipo. — O importante agora é sairmos daqui o quanto antes, ou não conseguiremos resgatar sua irmã.

— Como assim, resgatar minha irmã? — sobressaltou-se. O pânico tomou conta do seu rosto e da sua voz. — O que houve com a Rosa?

Rangi os dentes, esforçando-me para não descontar nele, minhas frustrações.

— Foi raptada por seus homens — respondi com asco. — Ela está aqui, no México.

— O casamento... — balbuciou para si mesmo.

Franzi a testa.

— O que tem o casamento? — perguntei, sentindo meu peito doer.

— Se ela foi trazida para cá, então, certamente, veio para se casar com Gael Flores — contou com a voz fervendo. — A cerimônia não pode se realizar.

— Não gostei da maneira como você falou — Fillipo murmurou.

— Se a cerimônia acontecer perante o conselho, não poderei fazer mais nada. O destino da minha irmã estará selado para sempre, junto da família do seu marido.

Todo meu ar fugiu dos pulmões naquele momento...

Eu não permitiria que nada daquilo acontecesse... seria capaz de ir até o inferno se fosse preciso, apenas para resgatar minha garota.

Meu Anjo perdido.



Capítulo 26

Luca

Ao sairmos da Ilha das bonecas, em Xochimilco, voltamos para a Cidade do México. Daniel nos levou até um bar de um de seus conhecidos.

— Tem certeza de que é seguro ficarmos aqui? — Angel intimou, olhando em volta com desconfiança.

O lugar era grande, repleto de mesas de sinuca e máquinas de jogos.

— Sim — respondeu Daniel. — Juan é de confiança — referiu-se ao dono do bar, que nos encarava sem entender, considerando que estávamos falando em italiano.

As portas foram fechadas, e Juan ofereceu bebidas para nós.

— E então? Por que não nos explica o que de fato aconteceu, cara? Por que você foi preso pelo seu próprio povo? — Oliver perguntou o que todos queríamos saber.

Cada um se sentou em uma das cadeiras espalhadas. Havia um som ligado, tocando uma música em tom baixo.

— Preciso de um celular não rastreável — ditou, ignorando a pergunta de Oliver.

Joshua enfiou a mão no bolso e retirou um aparelho.

Ofereceu ao Angel, que aceitou e, rapidamente, digitou um número e levou o celular ao ouvido.

— Javier? — falou quando a pessoa atendeu. — Sou eu. Conseguiu encontrar? — Permaneceu escutando por alguns instantes. — Ótimo! Voltarei a entrar em contato para combinarmos tudo.

Desligou, fixando os olhos em todos nós.

— O que está havendo? — questionei, já sem paciência. — O que culminou na sua prisão e acusação de traição?

Soltando um suspiro, o mexicano se ajeitou na cadeira.

— Há algumas semanas, descobri que meu pai, ainda em vida, tinha feito um acordo prometendo a mão da minha irmã em casamento — começou a contar. — A promessa foi feita para o líder de um dos grupos da organização, Esteban Flores. E quando os boatos, de que Rosa havia sido encontrada se espalharam, fui pressionado a cumprir o acordo feito pelo meu pai.

— Sebastian sempre foi um homem com visão — comentou Ryan. — Certamente, viu potencial nesse Esteban.

— Conheceu meu pai? — Angel surpreendeu-se.

— Foi há muito tempo — respondeu, sem maiores detalhes.

Angel assentiu.

— Enfim, seja o que for que meu pai tenha visto nesse homem, se enganou — complementou com amargura. — Acontece que, com toda pressão para eu tomar uma atitude em relação ao casamento e ao retorno da minha irmã, decidi investigar a vida do Esteban e seu filho.

— E o que descobriu? — perguntei, curioso.

Suspirou.

— Quando jovem, Esteban sempre almejou tomar a liderança do grupo em que faz parte, ficando no lugar do seu pai, que já é falecido, mas que na época era o líder. Porém, descobriu que o velho não tinha a intenção de passar a liderança para ele, mas sim para seu irmão mais novo.

— Uau! — exclamou Ethan com uma risadinha. — Já até imagino o final da história — zombou, bebendo sua cerveja.

— Na época, anos atrás, o irmão mais novo desapareceu, sendo dado como morto — Angel continuou narrando. — Ninguém nunca soube o que aconteceu, porque nem mesmo o corpo do rapaz foi encontrado.

Respirei fundo, impaciente.

— História interessante — resmunguei. — Mas ainda não entendi o que isso tem a ver com o problema da Rosa.

— Em minhas investigações, descobri que Esteban foi o mandante do desaparecimento do irmão — explicou, fazendo-me arquear as sobrancelhas. — Por inveja, e visando a liderança, ele decidiu sumir com seu único irmão para não ter concorrência no cargo do pai. Entretanto, não teve coragem de matar seu próprio sangue, então o deixou escondido. Como seu prisioneiro por todos esses anos.

— Puta que pariu! — praguejamos juntos.

— Com um irmão desses nem precisa ter inimigo fora de casa — murmurou Joshua, espantado.

— E o que houve quando descobriu tudo isso? — Fillipo indagou.

— Eu ainda estava reunindo provas — respondeu com pesar. — E Esteban tinha pressa para conquistar mais poder.

— Foi quando ele te deu a rasteira. — Daniel adivinhou, fazendo Angel assentir.

— O desgraçado reuniu o conselho e me deu um ultimato, alegando que eu estava descumprindo um acordo que foi selado há anos — sibilou, claramente revoltado com as recordações. — Fui pressionado a decidir o destino da minha irmã e, óbvio que optei pela liberdade dela. Como

resultado, fui taxado como traidor e imprudente, ao colocar a família na frente dos negócios da organização.

— E como você ainda não tinha reunido as provas para desmascarar o maldito, teve que se entregar — concluí seu raciocínio.

— A maioria dos meus homens tentou impedir, mas não permiti — declarou. — Não havia necessidade de um derramamento de sangue tão grande, quando eu sabia que era só uma questão de tempo para a verdade vir à tona.

— Mas diz aí, mexicano... — pediu Joshua, bebendo sua cerveja tranquilamente. — Qual prova que você tem sobre toda a história que acabou de nos contar?

Angel sorriu, jogando-se para trás em sua cadeira.

— Eu tenho o irmão ressuscitado — declarou em tom irônico. — O homem *pra* quem liguei, minutos atrás, é um dos meus informantes na mansão, e de minha extrema confiança. O deixei a par de tudo, além de ter lhe dado a missão de descobrir o paradeiro do irmão que foi dado como morto.

— Nada garante que ele vá querer colaborar com você, mexicano — comentou Ethan, referindo-se ao homem desaparecido. — O coitado pode até ter enlouquecido depois de todo esse tempo sendo mantido como um

prisioneiro.

— Tenho certeza de que o sabor da vingança vai ser mais forte na língua dele — alegou Angel. — E é com isso que estou contando.

Eu também — pensei.

***

Ao contrário da nossa ida para a Ilha das bonecas, naquele momento, estávamos resguardados com uma boa equipe de homens do Angel. Ele nos garantiu que eram pessoas de sua total confiança, diferente daqueles que o mantiveram prisioneiro.

O informante do mexicano afirmou que o irmão do Esteban estava sendo mantido refém em uma casa na cidade de San Miguel de Allende, no Estado de Guanajuato.

A cidade era linda; com ruas estreitas e charmosas, as casas e estabelecimentos, extremamente, coloridos. Também podíamos encontrar muitos jardins. Inclusive, jardins secretos, escondidos em edifícios coloniais.

— Alguém já avisou para esse pessoal que estamos no século vinte e um? — zombou Oliver, ao observar a maneira como tudo naquele lugar parecia ter parado no tempo. — Puta que pariu! Olhem aquele taxi? — Apontou. — Velho e *quadradão,* com um tom de verde-escuro que lembra o século passado. — Fez uma careta.

— Em 2013, a revista *Condé Nast Traveler* fez uma pesquisa com 1,3 milhão de leitores *pra* eleger a melhor cidade do mundo. O primeiro lugar da lista ficou longe de metrópoles como Londres, destinos de charme como Florença e também não foi *pra* vencedora de 2012, a americana Charleston, na Carolina do Sul. Quem ganhou foi essa pequena cidade aqui — gesticulou — San Miguel de Allende, no estado mexicano colonial/cultural/gastronômico de Guanajuato — murmurou Ryan, com arrogância.

Oliver o encarou com as sobrancelhas arqueadas.

— E quem é você? Uma enciclopédia ambulante?

— Sou apenas um homem informado — exibiu-se. — Preciso conhecer todos os lugares, porque nunca sei quando vou precisar visitá-lo.

Oliver ponderou.

— Bem sábio da sua parte. — Gesticulou.

— É ali. — Angel apontou para uma escadaria de pedra. Havia um casarão escondido logo acima. — Pela foto que Javier mandou, o lugar é esse.

Assentimos.

— Certo! — exclamei. — Vamos nos separar e...

— Espere... — Pietro me interrompeu, fazendo-me encará-lo — Eu

conheço aquele rapaz. — Apontou para um dos guardas. — Crescemos juntos.

Franzi o cenho.

— Acha que consegue alguma coisa com ele? — Fillipo perguntou.

— Posso tentar.

Dizendo isso, seguiu pelas escadas, enquanto permanecíamos escondidos e atentos a tudo e todos ao nosso redor. Não podíamos descartar a hipótese de uma emboscada, considerando que, provavelmente, Esteban já deveria estar sabendo da fuga do Angel da prisão.

Pouco menos de trinta minutos depois, Pietro retornou, com um sorriso idiota no rosto.

— E então? — Angel intimou.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntei, ávido por respostas.

— Ele, obviamente, não pode nos ajudar a entrar na casa. Mas em consideração a nossa amizade, me contou que, daqui a pouco, o homem fará uma saída para um jardim que tem logo atrás daquelas pedras — indicou. — Estará acompanhado de apenas cinco guardas.

Sorri, animado.

Soquei o ombro do Pietro, orgulhoso dele.

— Mandou bem, *mio caro!* — reconheci seu mérito.

Fillipo fez a mesma coisa, estapeando seu braço.

O jovem sorriu, satisfeito consigo mesmo.

Depois disso, nos encaminhamos para o local indicado e ali permanecemos por longos minutos. Era uma espécie de jardim escondido e, exclusivo da casa.

Eu estava agoniado com a demora, pois cada minuto que se passava era um minuto a mais longe da Rosa. Fora que aqueles caras já estavam começando a me irritar.

— Porra, hein?! — resmungou Ryan, olhando para Joshua e Oliver. — Vocês são chatos *pra* caralho!

Tive vontade de rir, pois eu compartilhava o mesmo sentimento de frustração do Ryan.

O falatório se intensificou, sendo dispersado apenas quando Angel avisou sobre a movimentação no jardim.

Gesticulando para seus homens, a ação foi tão rápida que até mesmo eu tive dificuldade em acompanhar.

Com o perímetro livre, nos aproximamos do homem desarmado e assustado no meio do jardim, com as mãos na cabeça.

Angel não abaixou a pistola quando chegou mais perto dele.

— *¿Eres Martín Flores?* — indagou, fazendo o homem piscar.

— Sim — respondeu no mesmo idioma. — Por quê? Quem é você? O que está acontecendo? O que pretendem fazer comigo?

Fazendo sinal para nós, Angel cruzou os braços — ainda com a arma empunhada — e suspirou. Nós cercamos a vítima, para deixar a situação ainda mais assustadora para ele.

O restante da equipe se concentrou em cuidar da nossa retaguarda.

— Seu destino será decidido agora — ditou Angel, friamente. — Cabe a você optar pelo melhor caminho — instruiu. O pavor do homem dava para sentir emanando da sua pele. — Sou Angel Herrera, filho do falecido Sebastian Herrera. — Os olhos do homem se arregalaram. — Sei exatamente o que seu irmão Esteban fez com você, e estou aqui, exclusivamente, para te ajudar a se vingar. Você aceita ir comigo para beber do cálice da vitória?

Com o semblante anuviado, o homem rangeu os dentes na mesma hora. Seus punhos se fecharam, deixando nítido sua fúria.

— Maldito Esteban... — soprou num rosnado. — Fui traído pelo meu próprio irmão, meu sangue — expôs o que já sabíamos. — Estou esperando para beber deste cálice há muito tempo — concluiu.

Satisfeito, Angel guardou sua arma.

— Ótimo! — exclamou. — Sua hora chegou.

Meu estômago estremeceu em expectativa e ansiedade. Meu reencontro com minha garota estava cada vez mais próximo...

Espere por mim, *baby*... estou chegando para te buscar.



Capítulo 27

Rosa

Ali, olhando-me pelo espelho, comecei a observar minhas curvas. Primeiro, deslizei as mãos por meus ombros... sentindo a textura da minha pele. Dos ombros, desci para meus seios fartos, esmagando-os com minhas mãos. Eram realmente grandes. Ao continuar minha exploração, segui pela minha barriga, sentindo o excesso de carne, tanto na frente quanto nas laterais... as coxas, torneadas, faziam um lindo conjunto com meu quadril largo e traseiro avantajado.

Um sorriso orgulhoso tomou conta dos meus lábios carnudos quando, finalmente, percebi o quanto era bonita. Eu era linda exatamente do jeitinho que Deus me fez.

Uma batida na porta do banheiro chamou minha atenção, tirando-me do torpor do momento íntimo.

— Senhorita Rosa? — Era a voz da Belinda.

— Já estou saindo — avisei, pegando o roupão e me cobrindo com ele.

Ao sair, me deparei com uma Belinda atordoada.

— O que foi? — perguntei, estranhando seu olhar pálido. — Parece que viu um fantasma. E olha que nem são oito da manhã — brinquei.

Caminhei até a cama, com a intenção de pegar as roupas que eu já havia separado antes de entrar no banho.

— Temos um problema. — Afirmou, fazendo-me encarar seu rosto com preocupação. Meu coração começou a acelerar gradativamente. — Recebi ordens para ajudá-la nos preparativos do seu casamento.

Pisquei, atordoada.

— Casamento? — Minha garganta queimou.

— Foi marcado para esta noite — declarou com pesar.

Nos últimos dias, desde que fui trazida para o México, Belinda e eu acabamos criando um lindo vínculo de amizade, e decidi compartilhar com ela, alguns segredos. Dentre eles, sobre meu breve romance com Luca.

Fiquei tão desnorteada que acabei me deixando cair no colchão, sentada.

— Mas... — as palavras, simplesmente, se perderam em minha garganta — não entendo. Por quê? Por que tão cedo?

Belinda se aproximou da cama, sentando-se ao meu lado e buscando

minhas mãos.

— Não faço a menor ideia — disse, exalando a mesma tristeza que eu. — Até parece que estão acelerando tudo por medo.

— Medo? — Pisquei, sem entender.

Belinda deu de ombros.

— É, sei lá — resmungou, cabisbaixa. — Toda a sua situação é esquisita, Rosa. A começar pela prisão do seu irmão.

Suspirei, derrotada, porque compartilhava do mesmo pensamento. Mas quem era eu para fazer alguma coisa ali?

— Juro que pensei que as coisas seriam diferentes — balbuciei. — Ainda tinha esperanças de que meu irmão surgisse para me livrar desse compromisso, ou... — me calei por um segundo.

— Seu italiano? — completou o que não tive coragem de dizer. Apenas assenti, mordendo os lábios para engolir o desejo de chorar. — Por favor, não fique triste, Rosa. Não perca a esperança.

Olhei para ela com os olhos cheios de lágrimas.

— É quase impossível pensar positivo quando tudo o que visualizo ao olhar para meu futuro são dor e escuridão.

Perdi a luta contra as lágrimas e Belinda me puxou para seus braços.

Me rendi ao seu afago.

Minha vida estava virada de cabeça para baixo. A verdade era que, há muito tempo deixei de ter domínio sob mim mesma.

Depois da minha conversa com Esteban Flores, há cinco dias, minha rotina se resumiu a comer e a ficar trancada dentro do quarto.

Houve momentos em que Gael me obrigou a vê-lo, deixando claro que era meu noivo e que minha obrigação seria recebê-lo. Olhar para ele me causava todo tipo de sensação ruim... odiava a ideia de ter que compartilhar minha vida com alguém como esse homem, que não media esforços para conseguir seus objetivos, mesmo tendo que passar por cima dos outros.

— Pode me explicar como tudo vai ser? — sussurrei a pergunta e, em seguida, me afastei do abraço de Belinda. — Será um jantar?

A garota juntou as mãos sobre seu colo.

— Isso — afirmou. — A cerimônia acontecerá na presença dos membros mais importantes da organização, além de todo o conselho, claro — explicou. — A propósito, seu vestido é lindo. — Sorriu numa tentativa de me animar.

Baixei os olhos, querendo não pensar no meu irmão ou no Luca, mas era uma tarefa muito difícil. Os dois eram todo o meu coração.

— Você é uma boa amiga, Belinda. — Sorri para ela, buscando suas

mãos. — Meus últimos dias aqui teriam sido bem mais atribulados se eu não tivesse você comigo. Obrigada.

Seus olhos brilharam de emoção, e ela voltou a me abraçar.

***

Exatamente, às sete horas da noite, fui obrigada a sair do quarto e seguir para o andar de baixo. Meu vestido era em tom marfim, com brilho na barra. As alças eram largas, com decote discreto. Não estava usando a tipoia dessa vez.

Fui conduzida a uma sala fechada, onde haviam algumas pessoas de pé, outras sentadas diante de uma mesa grande. Deduzi que fossem os membros do conselho. As pessoas que estavam acima do líder.

— Está pronta? — Olhei para o lado ao som da voz que me causava náuseas. Esteban me ofereceu o seu braço.

Ainda era doloroso aceitar que aquele, que deveria ser o dia mais feliz da minha vida — o dia do meu casamento — se tornaria o mais triste.

Sem dizer uma única palavra, apenas aceitei seu braço e, lentamente, começamos a caminhar em direção à mesa. Minhas pernas estavam amolecidas conforme encurtava o espaço entre minha liberdade e meu novo inferno. Não era justo.

Eu merecia mais.

Desde que fui encontrada pelos irmãos Fratelli, senti a esperança — de uma nova vida — renascer em meu coração, entretanto, ali estava ela... se esvaindo de meus dedos. As feridas cicatrizadas, de tudo o que passei enquanto estive cativa, estavam ameaçando se abrir... não era justo.

Eu merecia mais.

Assim que me vi diante do Gael, um homem atraente por fora, mas tão tenebroso por dentro, meu peito sufocou.

Estava realmente acontecendo...

Sorrindo presunçoso, ele puxou minha mão para seu braço e, em seguida, encarou as pessoas que compunham a grande mesa em nossa frente.

Antes que o primeiro homem pudesse dar início à cerimônia, um estardalhaço ao lado de fora da sala chamou nossa atenção. O barulho parecia ser de várias motos sendo aceleradas ao mesmo tempo. Assustada, me virei para a porta quando ela foi escancarada, e vários motoqueiros entraram com suas motos, acelerando sem parar. A fumaça que saía dos pneus deixava tudo ainda mais radical e assustador.

“Mas que porra é essa?” “O que está acontecendo?” “Cadê a segurança?”

Essas e outras perguntas estavam sendo proferidas ao meu redor, porém, ignorei tudo e me mantive concentrada na entrada da porta. Vi o exato

instante em que meu irmão surgiu, seguido por Luca, um de seus irmãos e outros homens. Até mesmo Pietro estava com eles. Meu coração se alegrou na mesma hora.

— Como ousa entrar aqui, seu traidor? — Esteban se colocou na frente do meu irmão. — Enquanto estava preso, ainda tinha garantia de vida. Mas agora, sua punição será a morte. Homens! — Gesticulou, porém, ninguém se moveu.

— Angel... — soprei em pavor, preocupada com o que pudesse acontecer a ele e aos demais. Tentei dar passos em sua direção, mas Gael cravou os dedos em meu braço.

— Por que não estão me obedecendo? — Esteban se revoltou, gesticulando.

Ao contrário de mim, Angel parecia tranquilo. Cruzou os braços e encarou Esteban com arrogância.

— Talvez porque eles saibam quem é o verdadeiro líder aqui. — Indicou a si mesmo. — Além de saberem a face do verdadeiro traidor.

Vi o instante em que o homem soberbo se perdeu na própria postura.

— Do que está falando? — questionou com a voz falhando. Olhou para todos os lados, nervoso. Em determinado momento, encarou os homens atrás da mesa principal. — Vocês precisam fazer alguma coisa — apelou. — Este

homem fugiu da prisão e está se rebelando contra todos nós. Será que estão cegos?

— Não adianta se estressar tanto, *cabrón* — murmurou Angel, cercando-o como um predador. — Eles... — apontou para os homens importantes — já sabem a verdade.

Seus olhos se arregalaram de puro pavor.

Eu estava completamente perdida no meio de todo aquele cenário de mistério e pressão psicológica.

— Que verdade?

— A verdade sobre você — respondeu Angel, semicerrando os olhos em sua direção. — A verdade sobre o que você fez com seu próprio irmão.

— O que está acontecendo, pai? — Gael quis saber, nervoso. Eu podia sentir seu corpo todo tremendo.

Esteban gaguejou, balbuciando palavras incoerentes. Em desespero, tentou escapar, mas foi barrado por Luca, que o encarava como se quisesse devorá-lo vivo.

— Ora, ora... Está com pressa, *mio caro*? — Abriu um sorriso imenso, daqueles quase diabólicos.

De repente, ouvimos o som de aplausos. Alguém estava caminhando pelo corredor, batendo palmas. Era um homem.

— É impressionante a sua facilidade em tentar se livrar dos seus problemas, Esteban. Ou melhor, fugir deles — murmurou o homem desconhecido. — Foi assim quando você me sequestrou, há dez anos; na hora de me matar, não teve coragem — rosnou num sibilar. — Então preferiu me deixar preso numa casa, sendo vigiado vinte e quatro horas por dia, como um animal. Longe de tudo e todos. — Chegou mais perto, então pude ver que carregava uma pistola. — Você deveria ter me matado, irmão... — rugiu entre dentes.

— Martin... — balbuciou Esteban, dolorosamente, desesperado.

— Deveria ter me matado! — Apontou a pistola contra sua cabeça e atirou, sem nem pestanejar.

Respingos de sangue atingiram meu rosto e vestido, enquanto tudo o que eu sabia fazer era tremer da cabeça aos pés.

— PAI! — Gael gritou, apavorado.

Angel e o tal Martin olharam em nossa direção.

— Seu pai cometeu um crime dentro da organização — declarou meu irmão, com fervor. — E o resultado não poderia ser outro, além de ele pagar o mal que fez com a própria vida.

— Horas atrás, nós nos reunimos com os principais membros do Cartel, com as devidas provas sobre a traição do seu pai — rugiu Luca,

nitidamente, tentando se controlar para não atacar Gael. — Então ficou decidido que iríamos desmascará-lo durante a cerimônia, para que não tivesse como escapar.

— Querida, você está bem? — perguntou Angel, me encarando com olhos amorosos.

Contorci o rosto com novas lágrimas, enquanto assentia para ele. Não tinha a mínima condição de falar. Novamente tentei ir até ele, mas Gael continuava me segurando como se eu fosse sua propriedade.

— Ficou decidido que Rosa não será forçada a se casar. — Angel sibilou, dando alguns passos até nós. — O conselho decidiu que eu, como líder atual, tenho total autonomia para recusar um acordo que foi feito pelo meu pai, que não está mais entre nós. E, eu decido: Minha irmã é livre para escolher seu próprio marido.

— Solte ela. — Luca rugiu com olhos ferozes. — Tire suas mãos imundas da minha garota agora mesmo... — seu tom soou cavernoso.

— Não! — Gael exclamou, chorando. — Vocês mataram meu pai... mataram o meu pai. VOCÊS MATARAM ELE!

O próximo movimento foi tão rápido que até eu custei a entender o que de fato aconteceu. Só senti o choque do cano frio de uma arma contra minha têmpora. Tanto Luca quanto meu irmão arregaram os olhos, demonstrando

todo o pavor da cena.

Travei a respiração.

— Não faça isso, Gael... — Angel ergueu as mãos, dando alguns passos para frente. — Seu pai morreu, mas isso não significa que não tenha chance para você.

— Juro que se algo acontecer com a Rosa, vou caçar você até no inferno, seu pedaço de merda do caralho! — ameaçou Luca. — Solte.ela.agora — sibilou pausadamente.

— Não se aproximem! — exclamou Gael, caminhando comigo, de costas. — Não cheguem perto, ou juro que vou atirar nessa maldita gorda.

Fiquei tão possessa de raiva pela maneira ofensiva como ele se referiu a mim que acabei atingindo seu abdômen com meu cotovelo. Isso foi a deixa para que alguém se aproximasse e lutasse com Gael para pegar a arma de sua mão. Demorei para perceber que essa pessoa era Pietro.

Gritei quando meu amigo foi atingido com alguns golpes, mas conseguiu se recuperar rapidamente.

De repente, Luca se intrometeu na luta, tomando a dianteira e, praticamente, metralhando Gael com seus punhos e chutes. O lugar se tornou um verdadeiro caos quando alguns homens se rebelaram e passaram a lutar entre si; era óbvio que nem todo mundo aceitava a maneira como meu irmão

governava.

Desesperada, comecei a ficar sem ar, travada no lugar. Angel e os homens que vieram com ele se ocuparam com a nova situação desastrosa, enquanto eu, fiquei ali... a beira de um ataque de pânico.

Em determinado momento, Luca surgiu em meu campo de visão, amparando meu rosto com suas mãos cálidas.

— Ei, *baby*? Você está bem? — perguntou com preocupação. Minha respiração estava irregular, assim como o restante do meu corpo. — Rosa?

— Me tira daqui. — Implorei aos prantos. — Por favor... só... me tira daqui.

Luca sequer hesitou. Entrelaçou os dedos nos meus e me arrastou para longe de todo aquele terror.

Na verdade, ele poderia me levar para o inferno que eu iria feliz. Enquanto estivéssemos juntos, eu sabia que tudo ficaria bem.



Capítulo 28

Luca

Por mais ansioso que eu estivesse para reencontrar Rosa e livrá-la daquele maldito casamento, Angel avisou que deveríamos esperar um pouco mais para que o plano não falhasse. Ele disse que se reuniria, em segredo, com os membros mais importantes do Cartel para mostrar as provas e argumentos em sua defesa e em defesa da irmã.

Levou pelo menos mais dois dias até que tudo estivesse pronto e arquitetado. O desespero do Esteban em acelerar o casamento foi o sinal que tanto esperávamos para avançar com o plano e invadir a cerimônia.

E quando isso aconteceu tive que me segurar ao máximo para não avançar *pra* cima daquele filho da puta que estava com as garras sobre a Rosa. Todo meu sangue ferveu com um desejo insano de esmagá-lo com minhas próprias mãos. Olhar para ela e visualizar seu medo me deixou tão dolorido quanto atordoado. Minha garota não merecia passar por tanto sofrimento. Rosa não foi feita para chorar nem para sentir medo.

Foi feita para sorrir... e para me fazer sorrir.

No instante em que o maldito ameaçou feri-la com a arma, todo o meu controle se esvaiu, restando apenas trevas.

Assim que Pietro conseguiu imobilizá-lo, não fui capaz de continuar segurando a fera que habitava em mim. Gael se tornou o alvo do meu desejo vermelho... e, eu não descansaria enquanto não destruísse todos os seus ossos.

Entretanto, Pietro freou minha intenção, fazendo-me piscar, atordoado. Gael nem parecia estar mais respirando.

— Vá cuidar da Rosa. — Ditou num murmúrio, apontando para a nossa direita.

Pisquei, absorvendo a cena.

Meio aéreo, me levantei, cambaleando. Toda minha adrenalina estava correndo velozmente em minhas veias. No momento em que analisei a Rosa, percebi que parecia atônita, prestes a sofrer uma sincope.

Não, ela não estava bem.

Isso ficou claro quando, praticamente, me implorou para tirá-la de lá. Sequer pestanejei.

Segurando-a pela mão, nos levei por um caminho seguro. Embora, estivesse atento a qualquer movimento suspeito ao nosso redor.

Ao chegar no carro em que vim, destravei e abri a porta para que Rosa

entrasse. Rapidamente, dei a volta no veículo e acelerei para longe daquela casa.

***

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou ela, assim que estacionei em uma conveniência.

— Vou comprar alguma coisa para você comer, antes de irmos para algum hotel. — Respondi, abrindo a porta do carro.

— Por favor, compre pirulitos — pediu, me arrancando um sorriso.

***

— Não sei se acertei no tamanho, mas comprei uma camiseta para você usar depois que tomar um banho. — Falei, quando fechei a porta do quarto de hotel que aluguei para nós. Era um hotel cinco estrelas, extremamente reservado e, seguro.

Notei que Rosa estava um pouco receosa, talvez ainda desnorteada com tudo o que aconteceu.

— Ah, obrigada. — Pegou as sacolas de compras da minha mão.

— Como está o ombro? — perguntei, calmo. Embora, por dentro, estivesse um verdadeiro caos.

— Ainda dolorido, mas já consigo fazer alguns movimentos leves —

respondeu com a voz fraquinha. Parecia longe.

Fiquei angustiado com seu distanciamento.

— Ei?! — Toquei seu rosto assustado. — Acabou — declarei, visualizando seu lábio tremendo por causa da vontade de chorar. A abracei. — Está tudo bem agora. Eu estou aqui com você.

Seus soluços se tornaram livres nesse momento.

— Fiquei com tanto medo — choramingou. — Pensei que nunca mais voltaria a vê-lo... pensei que perderia meu irmão... — balbuciou. — *E-eu* pensei tantas coisas ruins...

Amparei-a, enquanto acariciava suas costas com delicadeza. Todo seu descontrole emocional era plausível perante tudo o que passou.

Longos minutos depois, afastei o rosto. Fixei o olhar em seus olhos molhados. Seu choro já tinha cessado. Toquei nossos lábios num beijo casto apenas.

Ainda não era o momento para matar a saudade.

— Enquanto você se ocupa no banho, vou aproveitar para ligar para meu irmão e avisar sobre nós — murmurei. — Não quero acrescentar mais um motivo para a lista enorme do seu irmão contra mim.

Ela deu uma risadinha. Fiquei feliz por ter conseguido fazê-la sorrir.

Fiquei observando-a enquanto se afastava. Em seguida, entrou no banheiro.

Antes de qualquer coisa, desci até a recepção do hotel e indaguei sobre o horário da janta, além de tirar mais algumas dúvidas a respeito da segurança do prédio. Odiaria ter uma surpresa desagradável, ainda mais com Rosa a tiracolo.

Ainda no *lobby*, peguei meu telefone e disquei o número do Fillipo.

Meu irmão atendeu no segundo toque.

— *Não acredito que você tirou a garota daqui, Luca* — resmungou sem sequer me esperar abrir a boca. — *Angel está possesso de raiva.*

Travei o maxilar.

— Rosa estava desesperada com toda aquela cena. O que queria que eu fizesse? Ela estava prestes a desmaiar. Nem todo mundo está acostumado a protagonizar esse tipo de coisa e ainda se manter são.

Ouvi seu suspiro do outro lado da linha.

— *Onde vocês estão, afinal?*

— Num hotel — respondi. — Amanhã a levo para casa — prometi.

— *Tá certo* — murmurou, com um arquejo.

— Alguma novidade sobre o *pendrive*? — indaguei, ansioso para saber

se, por acaso, Rossi ligou para ele.

Simona estava confinada na fortaleza, trabalhando, incansavelmente, nos códigos para abrir as quatro pastas de informações sigilosas sobre a máfia *Shadows*.

— *Nada* — respondeu, desanimado. — *Ainda a passos de tartaruga* — complementou.

— E como estão as coisas aí na mansão?

De repente, comecei a ouvir gritos e disparos.

Fillipo deu uma risadinha.

— *Angel está fazendo a limpa aqui. Ao que tudo indica, a noite vai ser bem longa* — contou. — *Ainda há muitos traidores dentro do seu pessoal.*

Agradeci por ter tirado a Rosa de lá, caso contrário, ela teria que presenciar tudo aquilo.

— Tá legal, irmão. — Respirei fundo, sentindo-me exausto. — Vou desligar agora, mas qualquer coisa, estarei atento ao telefone.

— *Ok. Até mais.*

Encerrei a ligação e, em seguida, retornei ao quarto.

***

Rosa estava saindo do banheiro quando entrei na suíte. Meu olhar se

arrastou para suas pernas torneadas, considerando que colocou apenas a camiseta que comprei. Os cabelos estavam amarrados num coque frouxo.

— Está com fome? — Perguntei, me aproximando. Negou com a cabeça, aceitando quando a amparei com minhas mãos ansiosas.

— Só quero me deitar, sentindo você pertinho de mim — soprou, aninhando-se ao meu peito. Beijei o topo da sua cabeça.

Queria ter o poder de apagar todos os traumas da sua memória.

Segurando seu rosto, acarinhei sua bochecha.

— Só vou passar uma água no corpo — avisei. — Depois disso serei todo seu.

Seu sorriso foi tão lindo que fui incapaz de não devolver com a mesma intensidade.

***

Pouco mais de trinta minutos depois, saí do banheiro usando apenas a cueca, já que não tinha uma muda de roupa limpa.

Rosa estava aninhada entre as cobertas, e deu uma batidinha de leve ao seu lado da cama, num convite para que eu me juntasse a ela.

Sorri, deixando as chaves, celular e arma sobre a mesinha de cabeceira.

Em seguida, me deitei ao seu lado. Rosa se aninhou ao meu peito,

apertando-me como se estivesse com medo de eu desaparecer. Puxei as cobertas para cobrir a nós dois.

Soltei um suspiro de puro alívio, enquanto arrastava minha mão em seu braço e cabeça, deslizando os dedos entre seus cabelos, que agora estavam soltos.

— Ainda não acredito que estou com você — comentou, quebrando o silêncio. — Parece até que estou sonhando.

Beijei sua cabeça, inspirando seu perfume adocicado.

— Fiquei desesperado quando você foi levada — declarei. — Foi impossível não pensar no pior, considerando que você ainda estava sendo alvo de caçada.

Rosa ergueu a cabeça, me encarando nos olhos.

— Como está seu irmão mais velho? — quis saber, preocupada. — Eu ainda consegui ver o momento em que tentaram atropelar ele... — seu corpo estremeceu — foi horrível. É agonizante se ver de mãos atadas.

— Eu sei, pois foi como me senti depois que me vi sem você. — Admiti, acariciando seu lindo rosto com meus dedos. — Não se preocupe com Rossi, ele está bem.

Ajeitando-se, Rosa apoiou a cabeça em sua mão, embora ainda estivesse debruçada em meu peitoral.

— O que está pensando? — intimei, preocupado com o vinco que tomou sua testa.

— Pensando em quantos traumas nós dois temos — confessou, com olhos baixos. — Nossa história é bem complicada, não acha?

Franzi o cenho, colocando um dos braços embaixo da minha cabeça.

— Não. Não acho complicada — falei com um suspiro. — Na verdade, é bem simples. Me apaixonei por você, e você por mim.

Sua risada vibrou meu corpo inteiro, e aqueceu meu coração.

— O que foi? — questionei, rindo. — Não falei nenhuma mentira.

— Não, não falou — retrucou, rindo também.

Voltou a aninhar o rosto em meu peitoral.

— Mas eu estava me referindo ao fato de nós dois termos um passado sombrio, sabe? Será que conseguiremos superar tudo isso?

Fiquei pensativo por alguns instantes.

— Lembra da primeira noite em que dormi na sua casa? — questionou, sem esperar por minha resposta. — Eu fiquei com medo da tempestade.

— Como ia me esquecer? Foi depois disso que entendi o quanto me sentia mexido por você — confessei, adorando a maneira como ela acariciava minha pele, brincando com meus pelos.

— Estava chovendo na noite em que fui raptada, há quase três anos — contou com a voz carregada de nostalgia. Reforcei o aperto em sua cintura. — Relampejava e trovejava muito. Eu estava voltando das aulas de karatê e...

— Aulas de Karatê? — surpreendi-me com a informação.

Com uma risadinha, ela se afastou, erguendo-se e se sentando. Resolvi me sentar também.

— Eu não fiz muito — confessou, envergonhada. — Mas na época, ansiava aprender a me defender, além de tentar perder um pouco de peso — explicou com um suspiro baixo. — Eu estava sozinha no carro, com dois seguranças. Fomos atacados na estrada, e fui levada sem qualquer chance de defesa. Desde então, todas as vezes que têm tempestades, elas me remetem a lembrança daquela noite. A noite em que fui roubada da minha família.

Segurei suas mãos e as trouxe até meus lábios.

— Eu gostaria de poder arrancar todos os seus traumas com minhas mãos, porém, isso não é possível — declarei. — Entretanto, aprendi com minha dor que nós podemos nos tornar nossos próprios monstros se deixarmos o passado nos dominar — aleguei. — Eu perdi minha única irmã quando criança, e isso marcou minha família completamente. Depois perdemos nossa mãe. Foi foda *pra* caralho, e a dor ainda esmaga meu peito. Mas isso não pode nos impedir de criar novos momentos, entende?

Momentos felizes.

Os lindos olhos, que eu tanto era fascinado, se tornaram marejados.

— E saiba que me apaixonei por você do jeitinho que é — lembrei, sorrindo cafajeste. — Suas gordurinhas a mais são a minha ruína.

Rosa gargalhou, socando meu braço, fingindo estar ofendida.

Sem resistir, a puxei para mim, avançando minha boca na sua. O encaixe dos nossos lábios foi tão perfeito que acabei suspirando de puro deleite.

— *Te amo, abusaste del italiano!* (Te amo, seu italiano abusado) — soprou contra meus lábios, arrancando-me um sorriso arrogante.

— *Te amo más, mexicana caliente!* — respondi em tom provocativo, porque ela já tinha confessado que gostava quando eu falava em espanhol.

Mordendo os lábios carnudos, Rosa se colocou em meu colo, com as pernas abertas. Em seguida, voltou a tocar nossas bocas num beijo, porém, ditando um ritmo leve, quase preguiçoso.

Na verdade, eu poderia ficar dessa forma com ela a noite toda que jamais me cansaria.



Capítulo 29

Rosa

Acordei com alguém chamando no lado de fora da porta. Era um funcionário trazendo o café da manhã. Percebi que Luca se remexeu na cama, mas não acordou. Seu cansaço era visível.

Ajeitei o carrinho, com todas as delícias, no canto do quarto e, em seguida, fui até a cama. Foi impossível controlar a maneira como meus olhos se arrastaram pelo corpo pecaminoso daquele homem.

Parei ao lado do colchão, em dúvida sobre como acordá-lo. Eu poderia, simplesmente, chamá-lo. Ou, talvez, começar beijando seu torso, descendo sem pressa pelo caminho do paraíso... era possível visualizar o volume entre suas pernas, o que me fez estremecer...

— Está em dúvida sobre como me dar bom dia, *baby*? — Me assustei com sua voz rouca e sonolenta. Fixei o olhar em seus olhos e o peguei me encarando com zombaria. O canto dos seus lábios estava repuxado num sorriso sacana. — Posso te dar algumas opções se preferir... — insinuou com malícia, deslizando a mão pelo seu peito e escondendo-a entre suas pernas,

por dentro da coberta.

O ar fugiu dos meus pulmões e senti meu rosto esquentar.

— O café chegou — avisei, ignorando sua provocação. Fui até o carrinho e o arrastei para perto da cama. Luca já havia se sentado, recostando-se contra a cabeceira. — Estou faminta.

Sorriu, satisfeito.

— E então? — O servi com café, em seguida, enchi um copo de suco para mim. — Quais são os planos para hoje?

Pegando um pedaço de bolo, Luca pensou por alguns instantes.

— Não queria, mas preciso te levar para casa. — Fez uma careta em desgosto. — Ou seu irmão vai mandar o Cartel inteiro atrás de nós dois. — Deu uma risadinha.

Achei graça da tranquilidade com que ele falou isso. Eu sabia que Angel não seria tão plausível em relação ao meu envolvimento com Luca, contudo, estava confiante de que facilitaria as coisas para nós.

— Tenho até medo de voltar — comentei, antes de tomar um gole do meu suco. — Aquilo lá deve estar fervendo. — Estremeci ao me lembrar de tudo o que aconteceu na noite passada. Foi realmente assustador.

— Acredito que Angel já tenha colocado ordem em tudo — mencionou Luca, confiante de suas palavras. — Ontem foi a noite dos esclarecimentos.

Assenti. Embora não desse a mínima importância para os negócios do meu irmão.

Permanecemos comendo em silêncio por alguns instantes.

— Vou usar o banheiro. — Avisou, jogando os pés para fora da cama. — Sabe se meu telefone tocou? — indagou, pegando o aparelho e mexendo na tela.

Neguei com a cabeça, porque ainda estava com a boca cheia.

— Se tocou, eu não ouvi. — Complementei, depois de tomar suco.

Luca apenas resmungou, enquanto seguia para o banheiro, ainda remexendo em seu celular.

Assim que fechou a porta, me ergui e coloquei tudo dentro do carrinho, batendo o colchão para limpar os farelos. Em seguida, arranquei minha camiseta, ficando apenas de lingerie. Peguei uma cadeira e a posicionei no meio do cômodo, próximo da cama.

Fui até a sacola de compras — as quais, Luca tinha feito na loja de conveniência, horas antes — e remexi no conteúdo até encontrar o que estava procurando.

Minutos depois, quando Luca saiu do banheiro, estava falando com alguém pelo telefone. Estava tão distraído em sua ligação que demorou a me ver.

— Eu sei, Fillipo... — dizia ele, enquanto fechava a porta atrás de si. — Daqui a pouco, nós sairemos daqui e... — sua voz se perdeu no instante em que se deparou comigo, sentada na cadeira, chupando um pirulito. Pigarreou, ainda embasbacado: — Preciso desligar agora, irmão! — ditou, desligando o aparelho rapidamente. — Rosa, *baby*...

— Huh, huh... — neguei com o dedo, quando ameaçou se aproximar de mim. Tirei a língua para fora, deslizando-a pelo doce e vislumbrando a maneira como seus olhos dilataram acompanhando o movimento. — Sente-se na cama — ordenei.

Sem tirar os olhos de mim, fez o que pedi.

Como ainda estava só de cueca, pude ver o quanto estava excitado. Essa mera constatação me deixou ainda mais animada e segura.

Erguendo-me da cadeira, fiz uma pose sensual, sem deixar de chupar o pirulito. Podia notar que Luca estava doido para me tocar. Arrastando a cadeira para mais perto dele, que estava sentado na beirada da cama, aproveitei para me virar com o traseiro bem para sua cara, rebolando até o chão.

— Puta que pariu, Rosa! — Trouxe as mãos para minha cintura, mas o estapeei.

— Ainda não. — Ralhei, sorrindo com perversidade.

— Você está me castigando — reclamou, contrariado.

Dei uma risadinha.

Rodopiei a cadeira, sugando o pirulito sem deixar de encarar seus olhos. De repente, me sentei, com as pernas abertas. Luca levou os olhos diretamente para minha intimidade, que ficou exposta ao seu olhar.

Esforcei-me para não demonstrar timidez.

— Por que não posso tocá-la? — perguntou em agonia, enquanto pressionava sua ereção com a mão. — Você está me torturando, mulher. — Fiquei quieta, apenas girando o pirulito na boca e deixando minha língua brincar com ele. — Por Deus, Rosa, não faça isso... — murmurou com o maxilar trincado. — Estou quase gozando nas calças apenas em vê-la chupando esse maldito pirulito.

Voltei a rir.

— No México, nós temos várias tradições a respeito de relacionamentos amorosos — comecei, calmamente. — Uma delas, é a serenata, em que o pretendente aparece na casa de seu interesse amoroso com um mariachi ou violonista para fazer uma serenata ou cantar. O homem continua a cantar até que a mulher saia de casa para encontrá-lo. Se a mulher não se interessar, ela não sairá. Tradicionalmente, mulheres jovens moram com suas famílias até o casamento. Se a família não aprova o pretendente, ela

pode jogar água nele.

Luca piscou, tentando absorver minhas palavras.

— Pode ser clara, *baby*? — pediu, com os olhos pesados de pura luxúria. — Juro que estou tentando me concentrar, mas você está dificultando as coisas com... — pigarreou, gesticulando para mim — tudo isso me chamando como a um imã.

Mordi os lábios para não rir.

— Eu quero que cante para mim. — Pedi, jogando meu corpo para trás. Com isso, abri um pouco mais as minhas pernas. Uma das minhas mãos subiu para apertar meu seio. — Se eu gostar, então me levantarei dessa cadeira e irei ao seu encontro.

Na mesma hora, comecei a ouvir sua voz rouca e sensual cantarolando a música, Just The Way You Are, de Bruno Mars.

— *Oh, her eyes, her eyes* (Oh, os olhos dela, os olhos dela) *Make the stars look like they're not shinin'* (Fazem as estrelas parecerem que não estão brilhando) *Her hair, her hair* (O cabelo dela, o cabelo dela) *Falls perfectly without her trying* (Se movimenta perfeitamente sem ela precisar fazer nada) *She's so beautiful* (Ela é tão linda) *And I tell her every day* (E eu digo isso para ela todos os dias)... — se calou por um momento, se inclinando e intensificando o olhar no meu. — *Yeah, I know, I know* (Sim, eu sei, sei)

When I compliment her, she won't believe me (Quando eu a elogio, ela não acredita) — Nesse momento, sorriu sacana, me provocando. Porque a verdade sobre nós dois estava ali... em cada frase daquela música — *And it's so, it's so* (E é tão, é tão) *Sad to think that she don't see what I see* (Triste pensar que ela não vê o que eu vejo) — Gesticulou em minha direção, sacudindo a cabeça. Mordi os lábios, sentindo todo o meu corpo quente. — *But every time she asks me: Do I look okay?* (Mas todas as vezes que ela me pergunta: Eu estou bonita?) *I say* (eu digo).

Me levantei, seguindo até ele, que me agarrou e me sentou em seu colo. Suas mãos, afundaram em minha nuca, bagunçando meus cabelos e trazendo minha cabeça para si.

— *When I see your face* (Quando eu vejo o seu rosto) *There is not a thing that I would change* (Não há nada que eu mudaria) — afirmou, acariciando minhas bochechas e lábios, com fascínio tocante. — *'Cause you're amazing (*Porque você é incrível) — Sorriu lindamente para mim. — *Just the way you are* (Do jeito que você é).

— *Owin*, tá legal. Já chega... — toquei nossas bocas, exigindo sua língua na minha — Você já ganhou a garota — brinquei, rindo contra seus lábios deliciosos.

— Eu não tinha dúvidas sobre isso, *baby* — sibilou, arrogante,

fazendo-me revirar os olhos.

Erguendo-se, comigo no colo, Luca me deitou sobre a cama. Cheguei mais para cima, querendo sentir os travesseiros contra minha cabeça. A forma como Luca me olhava me deixava com comichão, queimando de dentro para fora.

Tirando o pirulito da minha mão, ele arrastou o doce pela minha pele, lambuzando-a e chupando ao mesmo tempo.

— Já que me torturou com isso — indicou o pirulito — vou fazer a mesma coisa com você, sua safada — soprou e, em seguida, mordeu meu mamilo, arrancando-me um gemido estrangulado.

Eu já estava completamente pegajosa, esfregando uma perna na outra de modo a aplacar minha necessidade.

Conforme ia descendo com beijos molhados, Luca também ia lambuzando minha pele com o pirulito... me provocando.

Mordendo.

Sugando.

A sensação das suas mãos sob meu corpo era tão devastadora que eu temia desfalecer de puro contentamento.

Com os olhos semicerrados, olhei para baixo no instante em que Luca retirou minha calcinha, revelando minha intimidade pulsante e encharcada.

Não me preparei para sua chupada esfomeada quando ficou cara a cara com meu amontoado de nervos. Arqueei as costas, desesperada.

— Oh, Luca... — revirei os olhos, sentindo o ar abandonar meus pulmões.

Observei quando pegou o pirulito e o deslizou entre minhas pernas, em seguida, passeou a língua ali, levando-me ao delírio.

Permaneceu nessa tortura por longos minutos, me deixando de pernas moles todas as duas vezes que me fez gozar.

Eu estava toda suada e sem forças quando Luca se colocou sob mim, pairando o rosto sob o meu. A arrogância de saber que me destruiu estava expressa em seus olhos.

— Você não sabe brincar — soprei, sorrindo.

Sorriu também, abrindo minhas pernas com as suas, antes de descer a boca para me beijar.

— Nesse jogo, eu sou o mestre, *baby*... — soou presunçoso.

Em uma estocada só, ele me penetrou, tornando-nos um só.

Gememos juntos.

Por um momento, Luca pausou quando se afundou todo dentro de mim. De olhos fechados, inspirou lentamente, como se estivesse se segurando.

Quando voltou a abri-los, me deparei com seu olhar fervendo no meu.

— Não existe e nem nunca haverá lugar melhor do que este aqui... dentro de você, *baby* — declarou com fervor. — Quero você para mim agora e para sempre.

Enrolei seu pescoço com meu braço, enquanto o outro permanecia em seu ombro, pois ainda estava dolorido.

Emocionada, busquei por seus lábios.

— Estou aqui — afirmei com sofreguidão. — Eu estou aqui.

Como se ainda fosse possível, Luca arreganhou minhas pernas um pouco mais, segurando minhas coxas, por baixo, e me penetrou mais fundo. O senti pulsando dentro de mim, terminando de me deslizar cume abaixo, perdida num orgasmo aterrador.

Foi tão intenso que acabou me arrancando lágrimas.

Com mais algumas estocadas, Luca também se derramou, libertando-se com um gemido gutural que me arrepiou toda.

Quando seus olhos encontraram os meus, ele piscou.

— Está chorando... — comentou num sussurro. Se retirou de dentro de mim rapidamente, fazendo-me gemer com o movimento abrupto. — Machuquei você? — preocupou-se. — Puta que pariu, Rosa! Me perdoe. — Ameaçou sair da cama. — Fui um maldito cavalo agora.

— Não... — me apressei em segurar seu braço, e o forcei a voltar a se deitar ao meu lado. — Foi incrível — afirmei com veemência. — Estou chorando de puro êxtase e felicidade.

Ao absorver minha declaração, sua expressão preocupada deu lugar a uma satisfeita.

— Jura? — quis ter certeza, me abraçando. Embora as pernas não estivessem sobre as minhas.

Amparei seu rosto com minhas mãos.

— Você é o único que me tem — soprei com intensidade. — Você me completa.

— Ambos nos completamos — devolveu com o mesmo fervor. — *Mi angel perdido.* (Meu anjo perdido).

Sorri, emocionada.

Éramos um só.

Um só corpo. Um só coração. Uma só alma.



Capítulo 30

Luca

Eu não conseguia arrancar o maldito sorriso bobo dos meus lábios. Era tão louco que se me contassem, lá atrás, que eu acabaria me apaixonando, eu gargalharia sem pestanejar. O único compromisso que eu respeitava era com minha família.

Entretanto, ali estava eu... com o coração selado a uma garota que chegou de mansinho, mas que acabou tomando todo o espaço que lutei tanto para manter vazio. Rosa se tornou meu coração e minha felicidade.

— Espero que esteja preparado. — Comentou Fillipo, assim que desci do carro. Tinha acabado de estacionar no jardim da mansão do Angel. — O irmão dela está uma fera.

Revirei os olhos, sem demonstrar qualquer resquício de medo. Mesmo porque, eu nem o tinha.

Olhei para o outro lado do veículo, para Rosa, que nos encarava com preocupação.

— Como você está, querida? — Meu irmão foi até ela. — Espero que meu irmão idiota tenha cuidado de você direitinho. — Sorriu.

Rosa achou graça, aceitando quando Fillipo segurou suas mãos e as beijou com gentileza.

Não senti ciúmes, pois havia muito respeito dentro da nossa família.

— Luca sabe como cuidar de uma mulher — orgulhou-se ela, olhando para mim. O brilho em seus olhos aqueceu meu peito.

Meu irmão rolou os olhos, fingindo tédio.

Dei risada e me aproximei dele, esticando a mão e bagunçando seus cabelos para irritá-lo. Fillipo tinha verdadeira fascinação por seus cabelos.

— Daniel e o pessoal ainda estão aqui? — perguntei, quando começamos a caminhar em direção a entrada da casa.

Rosa grudou o braço no meu.

— Não — respondeu. — Foram embora ontem, depois da festa.

— Festa? — Rosa indagou, sem entender. — Que festa?

Fillipo e eu a encaramos. Na verdade, a festa a qual nos referimos tinha a ver com o fato de que nos divertíamos sempre que pegávamos um traidor; e foi exatamente o que aconteceu na noite passada.

Meu irmão coçou a garganta.

— Foi apenas uma forma de expressão, querida — murmurou, sem jeito.

Antes mesmo que eu tivesse a chance de abrir a boca para falar, fui barrado por Angel, que se colocou na frente da porta.

— Seu caminho termina aqui, *cabrón* — rugiu para mim. Em seguida, encarou a irmã. — Você está bem?

— É claro que estou bem — respondeu com a testa franzida. — O que é isso, Angel? O que está acontecendo?

O mexicano não tirava os olhos dos meus; eu podia ver a fúria emanando através deles.

Fillipo ameaçou se colocar na minha frente, mas estiquei meu braço, impedindo-o. Aquela luta era minha.

— Rosa, entre. Agora! — sibilou ele, sem desviar os olhos frios dos meus.

— Eu não vou entrar — rebelou-se. — Ficou louco?

— Você me desrespeitou dentro da minha casa — acusou ele, apontando o dedo na minha cara. — Desrespeitou a minha irmã.

— *Ángel, ¡detente ahora! ¡Luca no hizo nada de eso, idiota!* (Angel, pare com isso agora! Luca não fez nada disso, seu idiota!) — rosnou ela, expondo toda a sua fúria.

— ¡*Cállate, Rosa! Ahora obedéceme y haz lo que te digo. ¡Entre!* (Cale a boca, Rosa! Agora me obedeça e faça o que mandei. Entre!) — berrou com a irmã.

Uma ira avassaladora invadiu minhas células naquele momento.

— Não ouse gritar com ela na minha frente — rosnei, entre dentes, apontando o indicador e chegando mais perto dele.

Contudo, Angel aproveitou essa oportunidade para erguer a mão e a fechar em meu pescoço. Rosa gritou em desespero.

Cerrei o punho e o atingi bem no estômago, isso o fez me soltar.

— Segure-a, Fillipo — pedi, tossindo um pouco, enquanto me preparava para briga.

Me afastei, dando passos às cegas, porque estava de costas, enquanto observava Angel dobrar as mangas da sua camisa. O idiota parecia estar gostando da situação.

Sorri, atrevido.

— Por acaso pensa que está me intimidando, mexicano? — provoquei. — Você sempre foi folgado. A única parte boa de você está bem ali... — apontei para Rosa, que estava chorando nos braços do meu irmão.

— Ainda não estou convencido das suas intenções com ela — decretou, avançando *pra* cima de mim.

Me abaixei, desviando do seu golpe e o acertando novamente no estômago. Seu gemido de dor foi música para meus ouvidos.

— O que você pensa ou deixa de pensar não me interessa — ditei, sem fôlego. — Meu compromisso é com a Rosa.

Não previ seu movimento. O desgraçado ergueu o punho, atingindo meu queixo com tanta força que cheguei a cair para trás.

— É aí que você se engana, italiano — declarou, respirando com dificuldade. — A felicidade da minha irmã é um compromisso meu também. E isso significa que sou a ponte.

Eu podia ouvir os gritos desesperados da Rosa, partindo meu coração.

Angel parou em minha frente, que ainda estava no chão. Tive vontade de dar uma rasteira nele, e continuar socando sua cara feia, mas isso apenas machucaria Rosa ainda mais.

— Não percebe que isso tudo — gesticulei dele para mim — a está ferindo? — indaguei para ele, que permaneceu me encarando, sério. — Tá legal, você está certo em desconfiar de mim — joguei os braços no ar. — Meu histórico de relacionamentos faz jus a maneira como eu me comportava antigamente. Mas isso ficou para trás a partir do momento que entendi como sua irmã mexe comigo, e de uma forma única. Ela se tornou meu objetivo de vida, e não apenas porque meu *capo* fez dela minha missão. Mas porque Rosa

se transformou no meu próprio ar. — Olhei para ela, que chorava. Tentava vir até mim, mas Fillipo não permitia. — Não posso mudar meu passado, e nem quero — falei, voltando a encarar Angel. — Todos nós temos uma história, mas o que muda o caminho são nossas escolhas. E hoje, eu escolhi amar sua irmã. E é com ela que quero ficar. — Me levantei, com os punhos cerrados ao lado do corpo. — Você pode aceitar isso, ou pode lutar comigo até não aguentarmos mais. Porque não vou desistir dela. Nunca.

Com o maxilar travado, o mexicano apenas me encarava com intensidade. Parecia estar me analisando e absorvendo tudo o que acabei de falar.

De repente, sua postura amenizou um pouco.

— Está certo — murmurou, soltando um suspiro baixo. Nesse momento, Rosa conseguiu correr até mim.

— *¿Que estabas pensando? Me prometiste que lucharías por mi felicidad* ... (O que estava pensando? Você me prometeu que lutaria pela minha felicidade...) — acusou ela, com mágoa.

Angel sorriu com leveza.

— E era exatamente isso que eu estava fazendo, irmã — alegou, olhando dela para mim. Rosa me agarrou, colocando-se em minha frente como que para me proteger do irmão. Achei tão fofo. — Precisava ter certeza

do amor dele por você, querida — concluiu. — Da obstinação desse amor...

— Isso tudo foi ridículo! — rugiu ela, revoltada.

— Eu aceitarei o relacionamento de vocês — avisou. — Mas com duas condições — ditou com o semblante sério.

Com a testa franzida, enrolei o braço na cintura da Rosa.

— Quais? — perguntei.

— Você terá que se casar com ela — alertou, com os olhos intensos. — Não aceitarei que fique usando minha irmã a seu bel prazer, sem firmar um compromisso sério com ela. E não existe laço mais eterno do que o casamento.

— Angel...

— Eu aceito! — cortei as palavras da Rosa, que me encarou com os olhos arregalados, mas repletos de emoção. Sorri, feito um bobo apaixonado. — Nada me fará mais feliz do que dormir e acordar todos os dias ao seu lado, *baby*...

Sorrindo, ela se inclinou e selou meus lábios com os seus. Foi um beijo singelo.

Voltando a ficar sério, encarei Angel outra vez.

— E qual a outra condição?

Nesse instante, Angel me ofereceu uma expressão maquiavélica. Me preparei para o pior.

Fillipo chegou mais perto de nós, preparado para lutar por mim se fosse preciso. Éramos assim um com o outro.

— Está vendo aquele poste? — Apontou para além de nós. A propriedade era imensa, mas pude ver o tal poste com uma plataforma no topo.

— O que tem ele? — indaguei, confuso.

— Quando os espanhóis chegaram à costa leste do México, em 1519, o povo indígena Totonaca foi o primeiro que encontraram. Naquele mesmo ano, os Totonacas se juntaram a uma coalizão de guerreiros indígenas para lutar contra a tirania asteca. A derrota contra os astecas obrigou os Totonacas a se converterem ao cristianismo, e a abandonarem quase integralmente sua cultura. Nos anos seguintes, epidemias e doenças trazidas da Europa dizimaram sua população. Hoje, a língua totonaca é falada por cerca de duzentas e cinquenta mil pessoas, e a comunidade luta para preservar o idioma e a herança cultural. *La Danza del Volador* (A dança do voador) é um poderoso símbolo da cultura Totonaca. Quatro homens ficam pendurados de cabeça para baixo por cordas amarradas em um poste como aquele — apontou novamente — rodopiando ao som de uma flauta e de um tambor

tocados por um outro homem, naquela plataforma no topo. Eles representam a terra, o vento, o fogo e a água, voando ao redor do Sol, em louvação à felicidade e à fertilidade.

— Angel... — Rosa começou a falar, nervosa.

Mas Angel a cortou:

— Você terá que fazer a dança do voador para provar o respeito pelos meus antepassados — declarou num rugido só. — Prove que está disposto a tudo pela minha irmã.

Com o maxilar travado, me esforcei ao máximo para não socar a cara daquele infeliz. Podia ouvir a voz da Rosa, tentando convencê-lo de que aquilo tudo era uma loucura, mas de nada adiantava.

— Desafio aceito — falei de uma vez.

Rosa e Fillipo, que tentavam dialogar com Angel, olharam para mim com os rostos assustados. Porém, minha atenção estava focada no mexicano folgado.

— Se é isso que preciso fazer para conquistar o direito de ficar com sua irmã, então eu aceito. Quando?

Sorrindo abertamente, Angel encarou o relógio.

— Chame seus outros irmãos — pediu. — O ritual precisa ser feito por cinco homens — lembrou, se afastando com tranquilidade.

Mas não perdi seu sorriso zombador.

— Puta que pariu, Luca! — Fillipo resmungou quando ficamos sozinhos. — Você arruma encrenca, e nós ainda temos que nos foder junto com você? — Sacudiu a cabeça, visivelmente chateado. — Boa sorte em tentar convencer os outros *pra* essa merda.

Afastou-se resmungando.

Eu estava ferrado!

— Não se preocupe — apressou-se Rosa. — Prometo que vou conversar com meu irmão e convencê-lo de que isso é uma loucura e...

Não a deixei terminar de falar e avancei os lábios nos seus. Nada mais me importava quando estávamos juntos.

— Ainda não entendeu que sou capaz de fazer qualquer coisa para ficar com você? — soprei a pergunta contra seus lábios.

O sorriso que me ofereceu foi o combustível que me faltava.

Iríamos ficar juntos. Nem que eu precisasse passar por mil testes e mais mil desafios.



Capítulo 31

Rosa

— Eu nunca vou te perdoar pelo que está fazendo, Angel! — exclamei, assim que entrei, abruptamente, no escritório dele. Sequer me importei se ele estivesse ocupado. Minha raiva gritou mais alto.

Felizmente, ele estava sozinho.

— Mas apenas estou fazendo o que todo irmão mais velho faz, querida — se fez de bonzinho. — Protegendo você.

Sua cara de sonso inflou ainda mais a minha raiva e não consegui controlar o ímpeto de pegar minha sandália e jogar nele, que se abaixou, escondendo-se atrás da mesa.

Odiei-o ainda mais quando começou a dar risada do meu descontrole.

— Você não está me protegendo, seu infeliz — rugi, marchando até ele, que se afastou, assustado com minha explosão. — Está tentando me sabotar, é diferente.

Começamos uma disputa de cão e gato, comigo o perseguindo e ele

fugindo de mim.

Estava louca para colocar as mãos nele e encher sua cara de tapas.

— Rosa, se acalme, querida — pediu, dando a volta na mesa. Me joguei sobre o tampo numa tentativa de pegá-lo, mas gemi quando meu ombro doeu.

Na mesma hora, Angel se aproximou, preocupado.

Aproveitei para atacá-lo. Meus dedos foram parar em sua orelha, onde torci com força, ouvindo-o reclamar.

— Ah, não acredito que me enganou, sua sem vergonha — murmurou, fazendo uma expressão de desaprovação, mas não dei a mínima.

— Eu quero que retire esse desafio absurdo — rosnei contra seu rosto, enquanto continuava puxando sua orelha. — Nem mesmo somos descendentes do povo indígena Totonaca. Assume que só está fazendo isso por pura birra.

Começou a rir outra vez, então belisquei sua cintura.

— Ai! — reclamou, fazendo careta.

— Luca provou que me ama, então isso já me basta — insisti. — Ouviu bem?

Sacudindo a cabeça, ele assentiu.

Respirei fundo e soltei sua orelha.

— Uau! — exclamou, passando a mão na orelha, que ficou vermelha com meu puxão. — Não me lembrava do quanto você era brava. — Franziu o cenho, embora estivesse rindo. Não me aguentei e ri também.

— Você tinha que ter visto a sua cara quando te ataquei — zombei, aumentando a risada.

Nesse momento, Angel me puxou para seus braços, beijando o alto da minha cabeça.

— Senti sua falta, *corazón* — soprou, depois que acalmamos a risada. — Sonhei dia e noite com o seu retorno. — Afastou-me do seu peito, delicadamente, para poder me encarar nos olhos. Sua palma quente tomou meu rosto num carinho delicado. — Prometi ao nosso pai que a encontraria.

Meus olhos nublaram automaticamente com a menção ao nosso pai.

— Eu queria ter estado aqui quando ele... — engasguei com as palavras. — Se eu não tivesse...

— *Shii*... — silenciou-me com o rosto carregado. Segurou minha mão e a depositou em seu peito, sobre o coração. — A culpa não foi sua. — Seu semblante se anuviou. — Os culpados são outros.

Funguei, passando os dedos abaixo de meus olhos, limpando o resquício de lágrimas.

— Quando as coisas esfriarem um pouco, quero que me conte tudo — pedi, sentindo o bolo na minha garganta. — Inclusive, quero visitar o túmulo dele.

Segurando minhas mãos novamente, Angel entrelaçou nossos dedos; respirou fundo, como se estivesse tentando retornar da nostalgia das lembranças ruins.

— Teremos tempo para isso. — Sorriu fraco. — Um novo ciclo se iniciou em nossas vidas com seu retorno. E com a morte de Esteban e seu filho, Martin ocupou seu lugar de direito na liderança do seu grupo. Finalmente, nossa casa parece ter sido libertada dos malditos traidores.

Devolvi o sorriso, sentindo meu coração repleto de alívio. Embora fosse incapaz de não me sentir entristecida com como tudo aconteceu.

— E quanto ao seu italiano, não se preocupe. — Sorriu sacana. — Só fiz aquilo para saber até onde ele é capaz de ir por você — expôs, sério dessa vez. — Minha missão é manter sua segurança, irmã. Então quero ter certeza de que estarei te entregando para um homem que continuará honrando essa missão quando eu não estiver por perto.

Suspirei, compreendendo seu ponto.

Voltei a abraçá-lo, apertado.

— Obrigada. Obrigada por nunca ter desistido de mim — soprei. — Eu

amo você.

— Também te amo. Amarei eternamente.

***

Horas mais tarde, quando me deparei com Luigi em meu quarto, não acreditei.

— Não acredito que está aqui, *mi amor*. — Grudei seu corpo ao meu, inspirando seu cheirinho. Lembranças do quanto ele foi importante para mim, há quase três anos, quando me vi, completamente, sem rumo vieram em minha mente naquele momento. Aquele garotinho sempre teria um espaço enorme em meu coração.

— Vim te visitar, *loquita* — murmurou, chamando-me pelo apelido que inventou. Sorri, enchendo seu rosto de beijos. Olhei para Belinda, que estava ao meu lado na cama, ansiosa para saber quem era minha visita. — Este aqui é o Luigi, o menino que cuidei quando estive longe de casa.

— Oi, Luigi. Você é muito lindo — elogiou ela, tocando o rostinho dele. — Me chamo Belinda.

De repente, alguém bateu na porta. Eram Beatrice e Maya, com seu bebê rechonchudo nos braços.

— Podemos entrar? — perguntou Beatrice. A garota era linda tanto por dentro quanto por fora. Nunca conheci alguém tão doce quanto ela.

— Caramba! Luigi foi mais rápido do que nós, Beatrice — comentou Maya, sorrindo.

— A sua mãe não veio? — questionei ao Luigi, que saiu do meu colo e foi brincar com o pequeno Benjamin, pois Maya tinha colocado o menino no chão, sobre o tapete.

Me levantei para recebê-las.

— Paola não pôde vir, pois está trabalhando numa missão importante. — Foi Maya quem respondeu, enquanto me abraçava apertado. Em seguida, se sentou na cama. Beatrice me abraçou também, afirmando que estava feliz em voltar a me ver. Optou por se sentar na poltrona.

— Luigi pediu para vir junto quando soube que iria ver você. Ele estava com muitas saudades. — Disse Beatrice, sorrindo abertamente.

Aproveitei para esticar a mão e beliscá-lo, mas de modo a fazer cosquinhas. Sua risada gostosa me encheu de alegria.

— Vejo que você está com um ar mais leve — observou Maya com aqueles incríveis olhos azuis. — Seu semblante está diferente da última vez que nos vimos.

Sorri.

— Antes de qualquer coisa, quero apresentar minha amiga Belinda. — Apontei. — Ela está comigo desde que fui trazida para cá.

Ambas se cumprimentaram.

— Soubemos do que houve. — Beatrice comentou, com expressão assustada. — Eu fiquei muito preocupada com você.

Baixei os olhos.

— Foi realmente assustador. — Murmurei, torcendo as mãos. — Mas estou feliz que tudo tenha terminado da melhor maneira possível. Apesar de que meu irmão acabou inventando essa porcaria de desafio... — revirei os olhos.

Maya deu uma risadinha.

— Não acreditei quando Rossi me contou sobre o teste — falou entre risos. — Ele ficou muito puto em ter que aceitar, mas aqueles irmãos são doidos um pelo outro, então era óbvio que aceitariam. — Rolou os olhos, mas eu podia ver o orgulho em seu olhar. — Admito que estou ansiosa para ver os cinco irmãos naquele poste. — Gargalhou com vontade.

Beatrice sacudiu a cabeça, embora também estivesse rindo.

— Não ligue — comentou, gesticulando. — Maya é daquelas que adoram uma boa dose de perigo — zombou. — Se eu for te contar tudo o que ela já aprontou...

Sorri junto, sentindo-me curiosa.

A conversa perdurou por um bom tempo, até o instante em que o

pequeno Benjamim começou a chorar. Maya pediu licença, alegando que o filho estava com saudades do pai. Pedi para que Belinda a acompanhasse, e Luigi foi com elas, porque estava com fome.

Ficamos apenas Beatrice e eu.

— Você é realmente maravilhosa, sabia? — disse ela, me deixando envergonhada. — Não me admira que Luca tenha se apaixonado por você.

Com o rosto rubro, apenas sorri fraco.

— Obrigada — agradeci. — Quando nos conhecemos, eu ainda estava perdida, não somente da minha casa, mas de mim mesma, sabe? — contei, nostálgica. — É difícil compreender e aceitar que não existe um padrão único; de amor, de vida, de corpo, de cabelo, de cor de pele... e eu tinha muitas dúvidas. Mas... Luca me mostrou que o amor é o elo que nos une, independentemente, de qualquer dúvida ou diversidade. Ele me aceitou do jeitinho que sou. E essa foi a melhor prova de amor que alguém poderia me dar. — Sorri, emocionada.

O rosto da bela loira se iluminou.

— Minha história com Manuele foi parecida com a sua, mas com a diferença de que eu tive que lutar para fazê-lo entender que era merecedor do meu amor. Ele não aceitava. Todos eles possuem um coração de ouro, mas escondem muitos traumas e dores — explicou com pesar. — Rossi, por

exemplo, não acreditava que pudesse ser amado. E, consequentemente, temia ser pai um dia, pois colocou na cabeça que não merecia tal dádiva.

— Oh, meu Deus! — Cobri a boca com a mão, espantada.

Beatrice suspirou.

— Eles são bem intensos com seus sentimentos e emoções — murmurou, e percebi a maneira como suas mãos amparavam sua barriga. Era uma forma quase protetora. — Estou casada com Manuele há alguns anos, mas ainda sinto que, às vezes, as sombras tendem a puxá-lo para longe de mim, sabe? É como se eu fosse o único elo entre o vazio e a humanidade dele.

Franzi a testa, sentindo o peso de suas palavras.

— Mas isso é muito triste, Beatrice — resmunguei, empertigada. — Já tentou conversar com ele sobre isso? Talvez, ele esteja passando por alguma pressão, sei lá... Tem muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

— Sim, eu vejo que ele anda bastante atarefado. Quando nos casamos, ele tomou a frente dos negócios que herdei do meu falecido pai, então precisa se desdobrar para dar conta de tudo. — Suspirou, parecendo cansada. — Tenho medo de que ele não aguente tanta pressão.

Pisquei, analisando e absorvendo suas palavras.

De repente, peguei suas mãos nas minhas e inspirei fundo antes de

perguntar:

— É por isso que ainda não contou a ele sobre sua gravidez?

Os lindos olhos verdes se arregalaram e pude ver suas bochechas ganharem um tom rosado.

Abriu a boca diversas vezes para falar, mas acabou hesitando em todas elas.

— A maneira como você ampara sua barriga te entregou. — Sorri de forma acolhedora. — Não se preocupe, não vou contar para ninguém. Seu segredo estará seguro comigo. — Apertei suas mãos antes de soltá-las.

Respirando fundo, abraçou a si mesma.

— É tudo novo e, eu...

— Está com medo — concluí seu raciocínio, vendo-a assentir. — Além de estar apreensiva com a reação do seu marido.

Seus olhos nublaram.

— Não queria deixá-lo mais sobrecarregado, entende? E um filho é uma responsabilidade tão grande...

— Ei?! — Toquei seu queixo e ergui, exigindo seu olhar no meu. — Não encha sua cabecinha com preocupações desnecessárias. Sei que estou na família há pouco tempo, mas na primeira vez que vi vocês dois juntos,

percebi a intensidade do amor que sentem um pelo outro. Manuele não consegue ficar sem olhar para você, Beatrice. Então acredite em mim, quando ele souber que está esperando um filho dele, garota... — sorri largamente — aquele homem será o mais feliz deste mundo.

— Você acha? — Sua expressão foi tão fofa que tive vontade de apertar suas bochechas.

— Eu tenho certeza — respondi, eufórica.

Nesse momento, ela me puxou para um abraço. Nos erguemos para facilitar.

— Obrigada. — Soprou, acariciando minhas costas. — Você tranquilizou meu coração.

Deixei um beijo estalado em sua bochecha.

— Estou feliz em ter ajudado! — exclamei. — E já aviso que quero ajudar a cuidar.

Ambas rimos.

Fomos interrompidas pela chegada abrupta de alguém. Era Belinda.

— Está na hora — avisou, esbaforida.

Beatrice e eu nos entreolhamos, espelhando o mesmo nervosismo e expectativa com o que estava por vir.

***

Quando Beatrice e eu descemos, fomos direto para o lado de fora, para o local que aconteceria o tal teste. Eu ainda não acreditava que meu irmão tinha tido essa coragem, mas precisava aceitar que, como líder, eu devia obediência a ele e as suas ordens.

Ao contrário do que imaginei, os únicos presentes ali eram Angel, Luca e seus irmãos, além de suas esposas. Com exceção da Paola, que não pôde comparecer.

Quando avistei Luca, fui até ele.

— Você tem certeza disso? — perguntei pela milésima vez naquele mesmo dia. — Ainda dá tempo de desistir. — O abracei e encostei os lábios no seu ouvido. — Se quiser, eu fujo com você.

Ele deu uma risadinha.

— Não se preocupe, *baby* — murmurou, me beijando de leve. — Estou confiante no meu propósito.

Meu irmão se aproximou.

— Espere por mim — disse Luca com uma piscadela.

Fillipo, Mariano, Manuele e Rossi chegaram mais perto também. Prontos para começarem a acabarem logo com aquilo.

Mais cedo, conversei com Pietro, que pediu desculpas pela nossa última conversa. Explicou que sentiu ciúmes, e por isso foi tão infeliz nas palavras. Mas garantiu que sempre torceu e continuaria torcendo pela minha felicidade. Ele decidiu que ficaria trabalhando para meu irmão, que o convidou. Entendi sua escolha e apenas desejei que fosse feliz.

Ao lado de Angel, observei quando os quatro irmãos, que ficariam pendurados, se deitaram no chão, enquanto seus pés eram amarrados. Rossi foi escolhido para ficar na base, no topo.

Era impressionante a união desses irmãos, que sequer pestanejaram quando Luca pediu para fazerem aquilo com ele.

Prestes a serem erguidos, Angel ergueu a mão, freando seus homens que estavam ali para auxiliar.

— Já chega! — exclamou, entre risos. Luca ficou sem entender. Aliás, todos nós ficamos.

— O que foi? — Luca perguntou, preocupado que houvesse feito alguma coisa errada.

Meu irmão parou ao lado dele e estendeu a mão para ajudá-lo a ficar de pé.

— Você passou no teste, italiano. — Avisou, sorrindo orgulhoso. — Provou seu valor. — Passou a mão na cabeça do Luca, naquela típica carícia

grosseira entre homens.

Como eu estava perto deles, meu irmão me encarou.

— Ele é todo seu, irmã. — Gesticulou para Luca.

Numa mistura de euforia e choro, eu corri em direção ao meu italiano e me joguei em seus braços. Como seus pés ainda estavam amarrados, ele acabou se desequilibrando e, ambos caímos.

— Ai, porra... — gemeu, dolorido — minhas costas — reclamou, de olhos fechados, enquanto eu estava em cima dele.

— Eu acho que você destruiu o homem antes mesmo de se casar com ele, querida — brincou um de seus irmãos.

— Quer que eu chame a ambulância, Luca? — zombou Maya. Percebi que os dois adoravam se alfinetar.

Rindo, Luca ignorou todos eles e se focou somente em mim.

— Me desculpe — pedi, mordendo os lábios.

Suas mãos deslizaram para minha nuca e puxaram meu rosto para ele.

— Se eu morresse, morreria feliz com você em cima de mim, *baby* — soprou, cafajeste.

Dei risada, mas mordi seu lábio.

— Nada de morrer. — Falei, abraçando-o pelo pescoço. — Nossa

história está apenas começando.

Sorrindo, afundou a língua na minha boca e, simplesmente, me beijou como se nada mais importasse.

Toda a atmosfera parou ao nosso redor.

Sobrando somente eu, ele...

E o nosso amor.



Capítulo 32

Luca

Voltar para Palermo, com Rosa ao meu lado parecia um sonho. Eu ainda custava a acreditar que estávamos juntos.

Depois de toda pressão gerada pelo impasse com Angel — na noite anterior — finalmente, me ver livre para ficar com sua irmã era um verdadeiro paraíso.

— Será que ainda é cedo para começar a pegar no seu pé, Luca? — perguntou Maya, assim que entramos na fortaleza.

— Do que está falando, sua maluca? — revidei, impaciente.

— É porque você está com cara de *paspalhão* — zombou, arrancando risadas dos demais, inclusive da Rosa.

— *Há-há-há*, que engraçadinha. — Rolei os olhos.

O pequeno Benjamin, que estava no colo do Rossi, deu um gritinho quando viu o Thor descendo as escadas, eufórico.

— Oi, *bebezão* da mãe. — Maya se abaixou, acariciando a cabeça do

cachorro. — Sentiu saudades, hun?

Aproveitando a oportunidade, segurei a mão da Rosa, que estava ao meu lado, quietinha, e beijei seu dorso suavemente. Em seguida, chamei a atenção dos meus irmãos, antes que cada um se dispersasse.

— Eu gostaria de agradecer por terem aceitado realizar toda aquela loucura comigo. — Entrelacei meus dedos com os da Rosa. — Vocês são os melhores irmãos que eu poderia ter.

De repente, ouvi um barulho de bip. Não acreditei quando vi que Manuele estava filmando, exalando um olhar de zombaria.

— O que está fazendo, idiota? — rugi.

Ele riu feito um retardado.

— Filmando esse momento lindo, ora. — Respondeu, desligando e colocando o celular no bolso. — Nunca se sabe quando precisarei chantagear você.

— Puta que pariu! Como não pensei nisso? — indagou Fillipo, sacudindo a cabeça, fingindo estar chateado.

Mariano deu um tapa na cabeça do gêmeo, ralhando com ele, embora estivesse rindo também, assim como os outros.

— Idiotas! — resmunguei, revirando os olhos.

Rossi se aproximou de nós dois, Rosa e eu. Benjamin estava agarrado ao seu pescoço. Ambos eram muito parecidos.

— Você é nosso irmão — declarou com fervor. Sua expressão era leve. — Então é claro que iríamos te ajudar. Somos uma família. — Depositou a mão atrás da minha cabeça e uniu nossas testas. Era a nossa forma de expressar o amor um pelo outro.

Em seguida, olhou para Rosa.

— Seja bem vinda a família, minha querida. — Sorriu para ela.

Maya logo se aproximou também, com Thor aos seus pés.

— Se precisar que, de vez em quando, eu soque a carinha de neném do Luca, é só falar, viu? — debochou ela, encarando a Rosa.

Respirei fundo, num esforço para não a xingar.

— Será que você não se cansa de ser inconveniente, garota? — rosnei, visualizando seu sorriso satisfeito. Ela adorava quando conseguia me irritar.

— Os psicopatas não se cansam, Luca — provocou Manuele.

Dei risada.

— Olha aqui...

— Por Deus, mulher, já chega! — Rossi a interrompeu, segurando-a pela cintura quando ela ameaçou atacar Manuele. — Se comporta.

Nesse momento, Benjamin começou a dar gritinhos e a balbuciar sem parar, alegrando a todos nós. O rosto do Rossi se iluminou quando olhou para o menino; era sempre assim.

Meu coração se alegrava sempre que eu enxergava a felicidade dos meus irmãos.

Olhei para Rosa, que estava encantada com a cena.

— Quero te mostrar um lugar — murmurei.

Tentei arrastá-la da sala de fininho, mas acabamos sendo parados por Luigi, que me encarou com os olhos semicerrados.

Respirei fundo, compreendendo que eu e ele precisávamos ter aquela conversa.

Ficando da altura dele ao me inclinar, eu falei:

— Olha só, garoto... — cocei a garganta, procurando as palavras certas para dizer — sei o quanto você gosta da Rosa, e é por isso que se preocupa tanto com a felicidade dela. Quero que saiba que minha missão nesta Terra, a partir de hoje, é fazer essa garota feliz. — Apontei para ela, que sorriu. — Entendo que eu e você começamos com o pé esquerdo, mas garanto que vou conquistar sua confiança se me der uma chance, garoto. — Terminando de falar, estendi minha mão para ele.

Como que fazendo um suspense, ele demorou alguns segundos até

aceitar. O aperto foi firme.

— Fique sabendo que vou cobrar — garantiu, ainda sério. — Mas acredito em você quando afirma que a fará feliz — acrescentou, sorrindo —, porque consigo ver isso nos olhos dela.

Inclinando-se para ele, Rosa o apertou em seus braços.

— Amo você, meu menino — murmurou, enchendo a cabeça dele de beijos.

— Também amo, Rosa. Demais.

Depois disso, observamos o garoto se afastar, correndo atrás do Thor, escada acima.

Voltei a entrelaçar os dedos nos da Rosa e continuei a levá-la para o lugar que eu queria.

***

— Ah, que lindo, Luca! — Rosa exclamou no instante em que entrei com ela na sala com teto de vidro.

— Sabia que você ia gostar. — Sorri, levando-a para a sacada, ansiando o ar fresco da noite. — Eu adoro vir aqui em noites estreladas.

Gesticulei para nos deitarmos no chão, onde haviam algumas almofadas. A visão do céu era magnífica.

— Uau! — espantou-se com o esplendor da visão das estrelas. — Essa sala é um verdadeiro paraíso.

Dei uma risadinha, virando a cabeça para ela. Estávamos deitados um ao lado do outro, com as mãos unidas.

— Como está se sentindo? — perguntei num sussurro, depois de alguns minutos em silêncio.

Ela me olhou, virando-se de lado.

— Muito feliz — respondeu. — Ainda me sinto anestesiada, na verdade.

Toquei seu rosto, levando uma mexa de cabelo para trás da sua orelha.

— Tenho um presente *pra* você. — Avisei, me sentando. Rosa fez o mesmo, parecendo ansiosa.

Afundei a mão dentro do meu bolso e retirei de lá uma caixinha de veludo. Minhas mãos estavam, estranhamente, trêmulas quando abri diante dos seus olhos.

— Oh, meu Deus, Luca... — cobriu a boca com as mãos — Isso é...

— Quer se tornar minha esposa? — pedi, olhando diretamente em seus olhos.

Com os olhos cheios de lágrimas, ela segurou meu rosto e me beijou.

— É claro que eu quero — murmurou contra meus lábios, enquanto eu enrolava sua cintura com meu braço. — Sim. Mil vezes sim!

Meu peito inflou de alegria.

Afastando-se, voltou sua atenção para o anel.

— Eu mandei lapidar uma pedra de Jade para colocar no centro da aliança — expliquei. Na verdade, fiz a encomenda antes mesmo do Angel me intimar a casar com ela. Esse desejo já ardia em meu coração há muito tempo.

— Algum motivo em especial? — quis saber, enquanto eu deslizava a linda peça em seu dedo.

— Descobri que dentre todas as propriedades da pedra de jade, o que se destaca é seu poder para atrair o amor. Isso, porque ela está relacionada com o chakra do coração.

— Uau! — Surpreendeu-se. — Então acabei de ficar noiva de um homem romântico?

Achei graça.

— Meu romantismo se resume apenas a você, *baby*. — Pisquei, maroto.

***

Ver Rosa de noiva, e caminhando em minha direção seria algo que eu

jamais esqueceria.

Foi extasiante.

Naquele momento, muitos pensamentos vieram à minha cabeça, desde a primeira vez que nos vimos até o instante em que ouvi o “sim” da sua boca quando a pedi em casamento, duas semanas atrás.

O mistério que cercava o vestido de noiva nas últimas semanas, com todos os preparativos, foi inevitável, então foi diferente vê-la pela primeira vez. Aquela mulher com quem eu já havia passado tantos momentos estava ali na minha frente, extremamente, exuberante. Os sentimentos se misturaram todos: ansiedade, amor, felicidade, admiração, nervosismo. Um êxtase de emoções.

Desde o início daquela manhã, quando me preparava para o dia mais feliz da minha vida, eu não conseguia parar de sorrir. Dentro do meu peito havia uma emoção que não cabia em palavras. Uma emoção que, nitidamente, transbordou do coração.

Assim que recebi minha garota das mãos do seu irmão, eu tive certeza de que fui presenteado pelos deuses. Não havia nem haveria mulher mais linda do que a minha.

Depois de todo o discurso de praxe, o reverendo pediu para falarmos as promessas.

— A partir deste dia, você se tornará carne da minha carne, e sangue do meu sangue.

Terminando de pronunciar, deslizei a aliança em seu dedo. Em seguida, beijei sua mão.

Rosa estava muito emocionada. Minha garota era muito emotiva.

— A partir deste dia, eu me torno carne da sua carne, e sangue do seu sangue.

Foi minha vez de receber a aliança.

Assim que fomos declarados marido e mulher, não esperei mais nenhum segundo para beijar aqueles lábios que eu tanto amava.

— PUTA QUE PARIU! — gritei, incapaz de controlar a felicidade. — Essa mulher é minha, *caralho*! — Gesticulei para ela, que ria envergonhada.

— Controle essa boca... — resmungou, vermelha de vergonha

Sorrindo, enrolei sua cintura e colei nossos corpos, enchendo sua boca e rosto de beijos, adorando ouvir sua risada.

Jamais me cansaria de fazê-la sorrir.

***

— Então, ela ainda não conseguiu nada? — indaguei ao Fillipo pelo telefone.

— *Está quase conseguindo concluir o código para abertura da primeira pasta* — avisou. — *Mas não entendo muito dessas coisas, você sabe. E a garota não gosta quando estou por perto. Juro que tento, mas não consigo entender qual é a dela.*

— Talvez, você lembre alguém do passado dela, irmão. Alguém ruim. — Dei risada.

— *Há-há-há* — murmurou, irritado. — *Bem engraçadinho* — Bufou, indignado. — *E então? Como está indo a lua-de-mel?*

Um sorriso enorme despontou em meus lábios.

De onde eu estava, na espreguiçadeira, podia observar Rosa saindo da água da praia e caminhando até mim, rebolando aquela bunda gostosa, o qual eu era fascinado.

— Nem vou responder, porque já sei que você está precisando transar, irmão — respondi, voltando a ouvir sua bufada do outro lado da linha. — Mas garanto que Rosa e eu estamos curtindo muito. Estamos em Cancún agora, mas teremos mais alguns lugares para ir antes de voltar.

— *Está certo, irmão. Estou muito feliz por você* — falou e senti sua sinceridade. — *Aliás, já ficou sabendo da novidade?*

— Não. — Franzi a testa. — O que foi?

— *Manuele vai ser papai.*

Espanto abrilhantou meu rosto.

Nesse momento, Rosa chegou até onde eu estava, toda molhada da água da praia.

— Puta que pariu! Ele deve estar eufórico — comentei, ainda tentando me recuperar do choque da revelação. Como vi que Rosa estava curiosa para saber do que falávamos, contei a novidade para ela, que não fez cara de surpresa, o que estranhei.

Conversei com Fillipo por mais alguns instantes e, em seguida, desliguei.

— Você já sabia da gravidez da Beatrice? Percebi que não ficou surpresa.

Me sentei quando ela pegou o protetor solar. Peguei o produto da sua mão, ansioso para tocá-la. Eu nunca perdia a chance de estar com minhas mãos sob ela.

— Ah, descobri sem querer — contou, se deitando de costas. — Na ocasião, vi que a pobrezinha estava temerosa, pois o momento era bem tenso. Não contei a você, porque não era um segredo meu para contar. Me desculpa.

Sorri, orgulhoso dela.

— Não se preocupe, querida — passei o produto em suas costas, massageando delicadamente. — Não estou chateado com você.

Aproveitei para lambuzar as mãos com o creme branco e, em seguida, deslizei em sua pele até chegar ao seu bumbum avantajado, onde não resisti a tentação e apertei com vontade.

— Luca, olha os modos — resmungou ela, escondendo o rosto na toalha, mas eu podia ouvir sua risadinha. — As pessoas já estão olhando para nós.

Estávamos hospedados em um resort luxuoso. Rosa e eu preferimos iniciar nossa lua-de-mel pelo seu país natal, considerando que ela ansiava me mostrar tudo a respeito das suas origens.

— Deixe que olhem — aleguei, continuando minha exploração. — Quero que vejam e invejem nossa felicidade, *baby*. — Inclinei-me para cheirar seus cabelos. Dei uma mordidinha em sua orelha, em seguida, sussurrei: — Esse seu biquini minúsculo está acabando comigo, sabia?

A princípio, ela se recusava a usar — com frequência — roupas que marcassem seu corpo, o que de certa forma, começou a me incomodar. Não um incômodo relacionado a mim, mas ao fato de eu saber que isso a entristecia. Comecei a inflar seu ego dia e noite, expondo o quanto a achava sexy e sensual em qualquer roupa, sobretudo, nas curtas e atrevidas. Rosa era a mulher mais linda que já vi com todas aquelas curvas... era sexy sem esforço algum, até mesmo usando uma camiseta minha, ou sentada toda

desajeitada e descabelada assistindo TV.

— Isso é golpe baixo... — soprou de volta — Você sabe que eu me derreto toda quando você sussurra no meu ouvido.

Sorri presunçoso.

— Então vamos para o quarto, hun? — convidei, sentindo meu pau endurecer apenas em olhar para ela.

Sentando-se, me encarou com aquele olhar maroto, enquanto mordia os lábios.

— Tenho um presente para você — avisei, visualizando o brilho curioso em seus olhos. — Mas está lá no quarto — instiguei, malino.

Pegando sua canga, ela se levantou.

— Então vamos lá, *espertinho*.

***

Quando chegamos ao quarto, Rosa foi direto para a cama, onde eu havia deixado a pequena caixa.

Sentando-se na beirada, pegou a caixa nas mãos e me olhou, pedindo permissão para abrir.

Gesticulei que sim, ansioso para ver sua reação.

Fiquei em sua frente, observando o instante em que retirou a tampa da

caixa. Sua risada foi instantânea quando visualizou o conteúdo.

— Você é tão cafajeste, Luca. — Sacudiu a cabeça, ainda rindo.

Deixou a caixinha de lado e se colocou de pé, ficando cara a cara comigo.

— Apenas com você, *baby*, que me deixa ensandecido com esse corpo delicioso... — escondi o rosto em seu pescoço, mordendo e lambendo sua pele salgada pela água do mar.

— Só sei de uma coisa... — murmurou ela, afastando o rosto para poder me olhar. Vi que já estava chupando o pirulito que pegou de dentro da pequena caixa. De repente, trocou de lugar comigo e me empurrou contra o colchão. — Adorei o presente...

Dizendo isso, simplesmente, se colocou sobre mim disposta a me queimar com seu fogo.

Ah... e eu estava mais do que disposto a ser queimado.



Epílogo

Rosa

— Você precisa se movimentar constantemente, Rosa, pois a movimentação constante permite uma maior resistência, mais ritmo e mais velocidade. Além de mais imprevisibilidade e reflexo rápido — alertou Paola, concentrada em meus movimentos.

Estávamos em sua sala de treinos, na fortaleza do Rossi; Paola se ofereceu para me ensinar técnicas de luta depois que descobriu que, no passado, comecei a fazer aulas de Karatê.

— Mas estou cansada — reclamei, sem fôlego.

— A forma que os lutadores se movimentam influenciam o resultado, pois o adversário se baseia na movimentação para dar os golpes — explicou ela. — Se o lutador não protege o rosto, ele está propenso a receber um soco nessa região.

Dizendo isso, ela, simplesmente, acertou meu nariz com um golpe de mão fechada.

— Ai! *¡Qué carajo!* — resmunguei, parando e levando a mão ao rosto na mesma hora. — Ficou doida? — perguntei, sem acreditar.

Beatrice se aproximou, preocupada.

— Deixe-me ver — pediu com sua doçura tocante. — Oh, céus, está sangrando — avisou, nervosa.

As lágrimas logo brilharam em seus olhos, o que me lembrou quão emotiva ela estava com a gravidez.

— Você a machucou, Paola. — Gesticulou, com as mãos na cintura. — Por que fez isso? Por que é assim... tão malvada? — As palavras se perdiam em meio ao seu pranto.

No fim das contas, Paola se mostrou espantada e vi sua expressão se tornar culpada.

Do jeito que eu estava — pressionando um papel no nariz — me aproximei da Beatrice, que chorava com desespero.

— Não foi nada grave, *Bea* — declarei, agoniada com seu sofrimento. Olhei para Paola, e fiz sinal para que se aproximasse também. — Isso tudo faz parte do aprendizado, entendeu? Paola não teve a intenção de me machucar.

Paola a abraçou por trás, beijando sua cabeça.

— Eu sinto muito — soprou. — Me perdoe, querida.

Nesse momento, Maya surgiu, pronta para seu treino.

— O que aconteceu? — quis saber, preocupada com a cena.

— Paola acertou meu nariz, e Beatrice ficou impressionada quando viu o sangue — contei, me afastando da pobrezinha, que já estava sendo amparada pela Paola. — Mas está tudo bem.

Maya chegou perto de mim, segurando meu rosto e examinando meu nariz.

— Tem certeza? — quis saber. De repente, desviou o olhar para Paola. — Já examinou o nariz dela? Às vezes, você sabe ser estúpida.

— Que merda aconteceu aqui? — rugiu Luca, com sua voz de trovão. Maya se afastou na mesma hora, considerando que meu marido já chegou tomando o espaço para si. — Foi você quem fez isso, Paola? — intimou, revoltado. — O Rossi não se importava com o fato de Maya apanhar de você, mas saiba que não vou permitir que isso aconteça com minha mulher.

— Ei?! — Maya se eriçou. — Nunca apanhei da Paola, garoto!

Luca apenas lançou um olhar de poucos amigos para ela, que revirou os olhos, cruzando os braços.

Amparei o rosto dele, chamando sua atenção para mim.

— Está tudo bem — garanti. — Ainda estou aprendendo, é normal.

— Sua cara feia não me assusta, Luca — ralhou Paola, tranquila.

Beatrice saiu correndo, avisando que vomitaria a qualquer momento. Paola e Maya foram junto com ela, dispersando a discussão.

— *Argh*! Isso não está certo. — Luca resmungou, me puxando para fora da sala. — Ela poderia ter quebrado seu nariz.

— Mas não quebrou — afirmei, ansiando que ele se acalmasse. Como ele ainda parecia chateado, puxei outro assunto: — Pretende me levar para casa?

— Sim — respondeu. — Preciso ir para uma das casas noturnas.

Assenti.

— Posso ir junto essa noite? — perguntei quando chegamos no carro.

Olhando-me com um sorriso nos lábios, respondeu:

— Sabe que adoro quando você vai comigo, *baby*. — Deu uma piscadela marota.

***

Desde que retornamos da nossa lua-de-mel, a pouco mais de um mês, Luca e eu decidimos que moraríamos em Palermo, Itália. Eu já sabia que teria que abrir mão de estar ao lado do meu irmão, então não sofri tanto. Além do mais, Angel e eu éramos livres para nos visitarmos sempre que a saudade

apertasse.

Minha rotina consistia em estudar, — optei por fazer Gastronomia — e treinar com a Paola. Eu passava a maior parte do tempo livre na Fortaleza do Rossi, ao lado das garotas e do Luigi.

Quando chegava a noite, Luca precisava ir para as boates, considerando que ele e Fillipo cuidavam dessa parte dos negócios, então, frequentemente, eu ia junto. Precisava admitir que, no começo, senti certa intimidação com todas aquelas garotas lindas e magras ao redor dele... eu ainda vinha trabalhando em minha autoestima — com a ajuda de uma terapeuta — então foi meio estranho perceber que Luca tinha tanta facilidade para ter qualquer mulher que quisesse e num estalar de dedos.

Entretanto, entendi que era eu quem ele queria.

Era meu nome que ele chamava quando estávamos juntos... na cama, no chão, sobre a mesa do jantar, do escritório... não havia mais nenhum resquício de dúvida em minha mente nem em meu coração sobre o amor e desejo dele por mim.

E isso me fazia a mulher mais realizada do mundo.

Depois que passamos em casa, tomei um banho rápido.

— Vem cá — pediu, assim que terminei de me enxugar. Estávamos dentro do banheiro. — Me deixa ver seu nariz.

Vesti o roupão e passei a toalha nos cabelos molhados.

— Ainda está chateado? — questionei. Encostei-me no balcão da pia e fiquei observando sua expressão zangada, enquanto verificava meu nariz. Não estava mais sangrando, embora ainda estivesse um pouco dolorido.

— Paola é muito estúpida — ralhou. — Não acho boa ideia você continuar treinando com ela, *baby*. É muito perigoso *pra* você. — Declarou, pressionando uma bolsa de gelo em meu nariz. — Se quiser aprender a lutar, eu te ensino.

Achei graça.

— Você? — desdenhei, fazendo-o me encarar com as sobrancelhas arqueadas. Depositou a bolsa de gelo sobre o balcão.

— Qual o problema? — perguntou, firmando as mãos ao meu redor, em seguida, as levou até o laço do meu roupão.

— O problema é que você não consegue ficar perto de mim sem querer transar — respondi, arrogante, enquanto mordia os lábios para esconder um gemido quando o safado fechou a mão em um dos meus seios.

— E isso é ruim? — Inclinou a boca para beijar meu queixo, mordendo-o em seguida.

Neguei com a cabeça rapidamente.

— De forma alguma — afirmei com veemência. — Mas eu realmente

quero aprender defesa pessoal. Além disso, esses exercícios farão eu perder um pouco de peso também.

Nesse momento, seus olhos me encontraram e enxerguei confusão neles. E uma emoção a qual eu não soube identificar.

— Perder peso? Por quê?

Pisquei, sem entender sua pergunta.

— Como assim, por quê?

Arrastando uma das mãos para minhas costas — por dentro do roupão — grudou nossos corpos. Não resisti a um gemido.

— Gosto do seu corpo do jeitinho que ele é, *baby* — afirmou com fervor. — Não admito que perca suas gordurinhas a mais, porque sou louco por cada uma delas. — Escondeu o rosto na dobra do meu pescoço, lambendo minha pele. — Para mim, você sempre será a mulher mais linda da face desta Terra.

Foi impossível não sentir meu peito inflar de amor por esse homem. Luca sempre dava um jeito de elevar meu moral.

— Perder peso por causa da saúde então... — insisti, embora minha voz estivesse falhando devido às suas carícias provocantes.

— É uma recomendação médica? — retrucou, teimoso.

Gargalhei, desistindo daquela batalha.

Seus beijos continuaram, e me vi sendo arrastada para fora do banheiro.

No quarto, quando olhei para cama, percebi que ele já tinha escolhido uma peça de roupa para mim.

— Quer que eu use aquele vestido? — Apontei para a peça sobre o colchão, surpresa. — Ele é bem curto — lembrei.

Jogando-me sobre a cama, pairou sob mim, oferecendo-me aquele olhar selvagem. Desesperada, arranquei o roupão de uma vez.

— Por isso mesmo que eu quero que use — admitiu, antes de me virar de bruços. — Adoro como seu traseiro fica com ele. — Estapeou minha nádega, arrancando-me um gritinho.

— Safado! — exclamei, desejosa.

— Apenas para você, *baby*... — ergueu meu quadril, ajeitando-me de quatro. Em seguida, enfiou o rosto entre minhas pernas, parecendo esfomeado. — Mulher da minha vida... — soprou, fazendo-me vibrar.

Não somente meu corpo, mas meu coração também.

***

Um tempo mais tarde, chegamos à boate. As batidas da música

eletrônica estavam altas, mas bastou chegarmos ao andar de cima, na sala privada, para que o som ficasse para trás ao fechar a porta. Fillipo estava conversando com alguém ao telefone.

— Está certo — disse ele para a pessoa do outro lado da linha. — Sim, acabaram de chegar. — Olhou para nós.

Momentos depois, desligou e suspirou. Guardou o aparelho no bolso da jaqueta.

— O que foi? — Luca quis saber, curioso.

— Era o Rossi — respondeu. — Ele quer uma reunião com todos nós. Manuele e Mariano já estão lá.

— Mas por quê? — perguntou, receoso. Também fiquei preocupada. — O que houve?

— Simona conseguiu abrir mais uma pasta. — Minhas sobrancelhas se arquearam. — Agora temos duas pastas para explorar.

Virei a cabeça e encarei o rosto eufórico do meu marido. Ele já tinha me contado a respeito da máfia *Shadows*, e sobre o que fizeram com a pequena Bianca. Então eu sabia exatamente o que todos estavam sentindo naquele momento.

Expectativa.

Ansiedade.

Emoção.

Finalmente, aqueles irmãos tinham uma chance de destruir essa máfia, definitivamente.

E eu não poderia me sentir mais feliz em estar junto com eles, como parte dessa família.

FIM

Prólogo de Anjo Ferido

Fillipo

De todos os meus irmãos, eu me considerava o mais reservado. Não gostava de explanar minha privacidade a olhos curiosos, porque sempre curti me manter nas sombras.

E esse meu jeito, silencioso, me fazia observar mais.

Descobrir mais...

Desde a primeira vez que coloquei meus olhos sobre a Simona — garota que fazia parte da equipe da Paola — algo dentro de mim se acendeu. Não uma chama qualquer, mas um fogo quase visceral. E, eu não deveria, porque me conhecia o suficiente para saber que não conseguiria segurar meus instintos selvagens.

Mas como resistir àquela bela garota, estonteantemente, negra?

Em meus vinte e um anos, podia considerar meu histórico de mulheres farto, contudo, jamais me senti tão sedento por uma mulher como me via pela Simona. Talvez fosse pelo fato de ela me ignorar completamente, fingindo que eu não passava de um mero objeto enfeitando aquela sala. Ou talvez, fosse por algo dentro dela que me puxava, mesmo eu me esforçando para esquecer tal obsessão.

Era esquisito.

— Você poderia fumar lá fora. — Ouvi sua voz rouca, chamando minha atenção e me forçando a dispersar meus pensamentos. Estávamos apenas eu e ela na sala que Rossi mandou equipar na fortaleza.

Prensando meu baseado, lentamente, soltei a fumaça pela boca e nariz, chispando meus olhos nos seus. Simona tinha olhos negros e lábios cheios, que quase me lembravam o formato de um coração.

— Por quê? — indaguei, observando-a.

Eu estava sentado perto da porta, enquanto ela estava em frente a alguns computadores.

— Porque não gosto — respondeu, ríspida. — Me incomoda.

— Mas você nunca me disse isso.

Fixando o olhar no meu, fez uma careta.

— Porque você nunca perguntou — sibilou, deixando nítido sua irritação. Foi a primeira vez, desde que a conheci, meses atrás, que ela realmente olhou para mim.

Dando mais uma bola no meu *beck*, permaneci pensativo, enquanto a fumaça da erva se dissipava no ambiente fechado. Não fazia muito tempo desde que ficamos sozinhos na sala, visto que Paola e meus irmãos estavam sempre circulando pelo local, expectantes com as novas descobertas.

Recentemente, duas, das quatro pastas, foram abertas. A primeira

continha o nome de todos os aliados, membros e parceiros da máfia *Shadows*; a segunda, o nome e endereço de todas as contas bancárias e seus respectivos gerentes.

— Qual o seu problema comigo, afinal? — Pisquei quando voltei a ouvir sua voz.

Decidi apagar o baseado, abandonando a *baga* no cinzeiro.

— Por que acha que tenho um problema com você?

Franzindo a testa, ela desviou os olhos, parecendo empertigada. Notei seus ombros tensos.

— Porque vive me observando pelos cantos — respondeu no fim. — Pode parecer que não, mas noto o seu olhar. Eu sinto os seus olhos sob mim.

Meu corpo todo se arrepiou com a maneira como ela explanou a situação. Simona não fazia ideia da força do meu desejo por ela.

— E isso te incomoda?

— Sim — a resposta veio rápida. — Não me sinto confortável.

Deitei a cabeça de lado, tentando raciocinar.

— Por acaso tem namorado?

O som da sua risada foi tão abrupto que, por um momento, pensei ter imaginado, visto que nunca sequer tinha presenciado um sorriso dela, quem

dirá uma risada.

— Você acha que o fato de eu não gostar dos seus olhares, só pode significar que tenho namorado?! — zombou, sacudindo a cabeça. — Não chegou a cogitar que não estou interessada em você? — Encarou-me por um segundo.

Os cabelos, de tranças compridas, estavam amarrados num coque alto.

— Tem, ou não tem? — insisti, ignorando seus questionamentos idiotas.

Impaciente, ela bufou.

— Não que seja da sua conta, mas não. Eu não tenho namorado.

— Então posso me considerar um cara de sorte — testei.

Visualizei a maneira como seu corpo se retesou na cadeira em que estava sentada. De repente, se ergueu.

Fiz a mesma coisa, confuso.

— O que foi? — perguntei, vendo que começou a desligar tudo. — Já está indo embora?

Nada.

— Simona?

Percebi que seu peito passou a subir e descer numa velocidade

anormal, deixando-me preocupado.

— Foi alguma coisa que eu falei? — persisti, ainda me mantendo longe, enquanto a observava guardar suas coisas.

— Você... — falou ofegante, como se tivesse acabado de chegar de uma longa corrida — não pode... chegar... perto de mim — avisou. Me encarou por um segundo, me fazendo enxergar um medo exorbitante brilhando em seus olhos. — Nunca.

Dizendo isso, pegou sua bolsa e marchou em direção a saída. Entretanto, eu não estava convencido. Então, fui atrás e a segurei pelo braço.

Na mesma hora, seu corpo estremeceu e seus olhos me encontraram, cheios de terror, raiva e mágoa. Podia ver sua pele brilhando de suor e sua nítida falta de ar.

Me vi sem palavras.

Mal tive tempo de segurá-la quando seu corpo, simplesmente, desfaleceu em meus braços.

Desesperado, me preocupei em deitá-la no chão mesmo, já que ali não tinha nenhum sofá.

Pressionei os dedos em sua jugular, ansiando sentir a pulsação de seus batimentos cardíacos. Alívio brotou de minhas veias, quando senti a vibração da vida.

— Mas o que... Simona! — Me assustei com a chegada abrupta da Paola. Me coloquei de pé, quando ela me empurrou para longe da amiga. — O que aconteceu? — Preocupação emanava de seus poros.

— *E-eu* não sei — respondi, nervoso. — Ela só... desmaiou.

Os olhos claros de Paola se detiveram nos meus.

— Você a tocou?

Pisquei, tentando entender o sentido de sua pergunta.

— O tocar que você diz é...

— É, Fillipo, estou perguntando se você chegou perto dela e a tocou. — Me interrompeu, impaciente, enquanto pressionava a mão no rosto da Simona.

— Acho que sim. — Dei de ombros, confuso e angustiado.

Nesse momento, Mariano e Manuele surgiram na sala.

— O que houve aqui? — perguntaram, preocupados.

Paola explicou a situação rapidamente e, em seguida, pediu a ajuda deles para levar Simona a um dos quartos.

Ameacei ir junto, mas ela me barrou, apontando o dedo em minha direção.

— Não, você não — declarou, séria. — Se você foi o causador do

desmaio dela, certamente, será o último que ela vai querer ver quando acordar.

— Mas eu não... — as palavras se perderam em minha garganta — sei nem o que fiz — concluí, embora já estivesse sozinho na sala.

Minha mente se tornou um turbilhão de pensamentos, enquanto repassava o episódio inusitado de minutos atrás.

De todas as sensações e emoções presentes dentro de mim, a curiosidade se sobressaía a todas elas.

Se antes, eu já queria conhecer Simona intimamente... naquele momento, desvendá-la se tornou uma questão de honra.

CONHEÇA OUTROS TRABALHOS

Disponíveis no site: https://amz.run/3cyZ

(SÉRIE EM BUSCA DO AMOR)

Eu sou a amante do meu marido — 1

Em busca do perdão da minha mulher — 2

Uma chance para recomeçar — 1,5

Eu sou dela — 3

Depois da Despedida — 4

Eu sou seu menino mau — 5

BOX com todos os cinco livros

(SÉRIE CAFAJESTE)

Um Cafajeste em Apuros — 1

Um Cafajeste no meu pé — 2

(TRILOGIA PECAMINOSO)

Pecaminoso — da inocência a luxúria

Pecaminoso — da luxúria ao perdão

Pecaminoso — do perdão ao amor

Conto Valentine’s Day

BOX com os três livros juntos

(IRMÃOS GONZÁLEZ)

A paixão do CEO — 1

A obsessão do CEO — 2

A redenção do CEO — 3

A proibida do CEO — 4

BOX com todos os quatro livros juntos

(LINHAGEM GONZÁLEZ)

Protetor — 1

Libertino — 2

(CONTOS)

Identidade G

Ela não pode saber — As aventuras de um noivo atrapalhado

Envolvida

(HISTÓRIAS ÚNICAS)

A Luz dos teus olhos

Insolente

De repente Casados

(DUOLOGIA SOMBRIOS)

Amarga solidão — 1

Doce libertação — 2

Box da duologia + conto fofo

(SÉRIE MÁFIA FRATELLI)

Anjo negro — 1

Anjo indomado — 2

Anjo selvagem — 3

(PARCERIA COM A AUTORA BABI DAMETO)

Rendido pelo amor — 1

Rendida pelo perdão — 2

Rendido por ela — 3

Box com os três livros juntos.

Série Backstage (livro 1) — Dean

SIGA A AUTORA EM SUAS REDES SOCIAIS

Facebook — /SaraEster

Instagram: @autorasaraester

Wattpad: @SaradoJonas